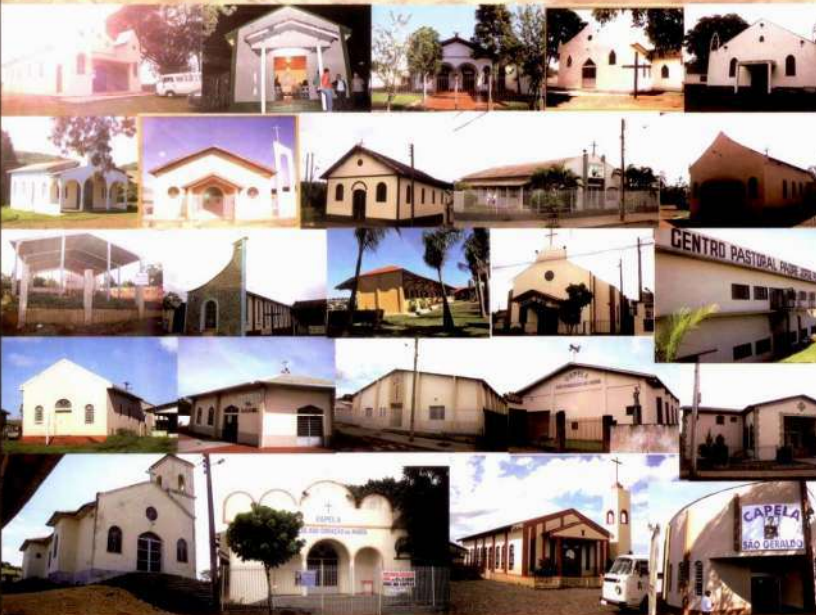


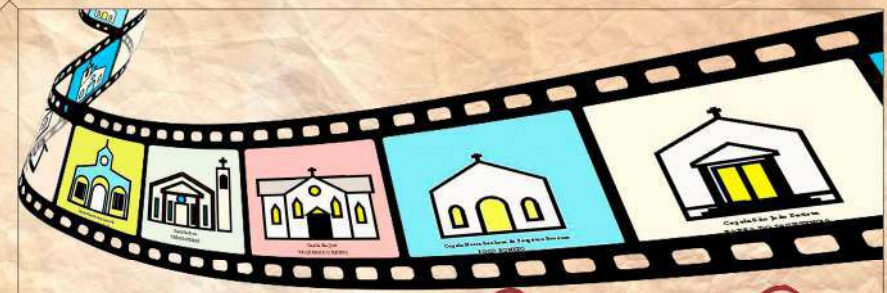
Circuito das Capelas



PROJETO DE RECUPERAÇÃO DA MEMÓRIA DE IBIPORÃ



idealização: Julio César Dutra
coordenação e edição: Jaime dos Santos Kaster
edição audiovisual e arte: Vradson Castro



Circuito das Capelas

PROJETO DE RECUPERAÇÃO DA MEMÓRIA DE IBIPORÃ



*Quando chegaram a Ibiporã, nas décadas de 30 e 40, a maior parte das famílias que vieram começar aqui uma nova vida e novos sonhos foram se instalando nos sítios e fazendas distantes da cidade. Nestes locais, foram formando as comunidades, firmando raízes e as capelas eram o ponto de encontro das famílias. Ali celebravam a vida, faziam as festas e se mantinham unidos, trabalhando... Com o objetivo de recuperar a história dessas comunidades, preservar a memória, promover o turismo e divulgar aos que não conhecem a riqueza de detalhes das nossas capelas, a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Ibiporã criou o projeto **Circuito das Capelas**.*





idealização: **Julio César Dutra**
coordenação e edição: **Jaime dos Santos Kaster**
edição audiovisual e arte: **Vradson Castro**

Prefeitura Municipal de Ibiporã
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo/ Fundação Cultural de Ibiporã
Museu Histórico e de Artes de Ibiporã (MHAI)

Ibiporã - 2016

Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da
Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

C578 Circuito das capelas : projeto de recuperação da memória de Ibiporã / Jaime dos Santos Kaster (coord.) ; edição audiovisual e arte: Vradson Castro ; idealizador do projeto: Julio César Dutra. – Ibiporã : Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 2016.
268 p. : il. + 4 DVD.

Vários colaboradores.
Acompanha 4 DVD.
Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-5784-000-3

1. Ibiporã (PR) – História. 2. Capelas – Ibiporã (PR).
3. Igreja Católica – Ibiporã (PR). I. Kaster, Jaime dos Santos.
II. Castro, Vradson. III. Dutra, Julio César. IV. Fundação Cultural de Ibiporã. V. Prefeitura Municipal de Ibiporã.
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo. VI. Museu Histórico e de Artes de Ibiporã.

CDU 981.622

Todos os direitos reservados a:
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo/ Prefeitura Municipal de Ibiporã -
Av. Dom Pedro II, 368 – Cep. 86200-000 – Ibiporã (PR). Site oficial: www.fcibipora.com.br



Circuito das Capelas

Quando chegaram a Ibioporã, nas décadas de 30 e 40, a maior parte das famílias que vieram começar aqui uma nova vida e novos sonhos foram se instalando nos sítios e fazendas distantes da cidade.

Afinal, a promessa de riqueza e a esperança do sustento da família estavam no café. Nestes locais, foram formando as comunidades, firmando raízes e as capelas eram o ponto de encontro das famílias. Ali celebravam a vida, faziam as festas e se mantinham unidos, trabalhando... Com o objetivo de recuperar a

*história dessas comunidades, preservar a memória, promover o turismo e divulgar aos que não conhecem a riqueza de detalhes das nossas capelas, a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Ibioporã criou em 2014 o projeto **Circuito das Capelas**, que se materializa inicialmente com a edição deste livro e dos quatro*

DVDs. Desenvolvido pelo Governo Municipal de Ibioporã, por meio da Secretaria de Cultura e Turismo e Museu Histórico e de Artes de Ibioporã, o projeto contou com a colaboração de lideranças e pioneiros das comunidades, dos padres, e continuará vivo, com a sua divulgação por parte dos apoiadores e a criação de roteiros de visitaçào.



coordenação do projeto, textos e edição do livro:
Jaime dos Santos Kaster

edição dos DVDs, arte e finalização:
Vradson Castro

idealizador do projeto Circuito das Capelas:
Júlio César Dutra

entrevistas:
Jaime Kaster e Larissa Mariano

imagens/ cinegrafia:
Vradson Castro e Roberto Carvalho

fotografia:
Julio Dutra, Jaime Kaster e Larissa Mariano

fotografias históricas:
**Arquivo dos entrevistados e das capelas
Acervo do Museu Histórico e de Artes de Ibioporã (MHAI)**

arte do book e impressão:
**Wagner Almeida da Silva
Gráfica e Editora MYCK**

colaboração:
**Larissa Mariano
Karina Oliveira Vassoler
Maria Aparecida Ribeiro
Midiã Olak Martins
Marlene Zuchelli
Equipe da Fundação Cultural de Ibioporã
Representantes das capelas**

realização:
**Museu Histórico e de Artes de Ibioporã
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo / Fundação Cultural de Ibioporã
Prefeitura Municipal de Ibioporã**

Circuito das Capelas

PROJETO DE RECUPERAÇÃO DA MEMÓRIA DE IBIPORÃ



Agradecimentos

*À diretoria das capelas rurais e urbanas de Ibiporã,
Às Paróquias Nossa Senhora da Paz, San Rafael e Nossa Senhora das Graças;*

*Aos padres André Luis Oliveira, Antônio Acir Squarcini, João Batista Giomo,
Giovanni Pontarolo, Wagner Rodrigues Pereira, Paulo Alencar, Domenico Rotunno,
Severino Crimella, Carlos Antonio da Silva (Carlinhos), Jovenes Galton Elson,
Mauro Batista Pedrinelli, Gabriel Than Win Aung e à Irmã Marcela Paez;*

*Ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN),
À Prefeitura Municipal de Ibiporã, a toda a equipe da Secretaria Municipal de
Cultura e Turismo, à Fundação Cultural de Ibiporã e ao Museu do Café de Ibiporã;*

*E a todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste
projeto.*

O 'Circuito das Capelas' é um projeto divulgação turística e cultural, e de valorização histórica e arquitetônica das capelas rurais e urbanas de Ibiporã. É parte do Projeto de Recuperação da Memória do Município de Ibiporã, desenvolvido desde 2010 pelo Governo Municipal, por meio da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, Fundação Cultural de Ibiporã e Museu Histórico e de Artes de Ibiporã, com o apoio da SETI-PR e do IPHAN.

José Maria Ferreira
Prefeito Municipal de Ibiporã

Julio César Dutra
Secretário Municipal de Cultura e Turismo

Jaime dos Santos Kaster
Jornalista responsável pelo projeto

Gestão 2013-2016

Ibiporã – 2016



Preservando a nossa história para as gerações futuras

O projeto **'Circuito das Capelas'** do nosso município é de extrema importância porque ele faz um resgate da nossa história, que é a história da colonização a partir do final da década de 1920, processo que se deu mais intensamente a partir das décadas de 1940, 1950.

Ibiporã teve a sua ocupação muito mais pela cultura do café, com as pequenas propriedades, onde todos os familiares ali se reuniam para a produção. E como pequenas propriedades, em virtude da ocupação delas e do trabalho das famílias, o adensamento populacional foi muito grande na zonal rural, fazendo com que tivéssemos que ter pontos de encontro. Porque o município, mesmo pequeno em extensão territorial, tinha estradas que não favoreciam. Chovia muito mais do que chove hoje e com essas estradas difíceis para o deslocamento até a cidade, os pioneiros tinham que ter um ponto de encontro que fosse mais próximo possível de suas propriedades.

E esse local eram as capelas, era onde havia uma igreja, uma escola, o campo de futebol, o jogo de bocha, enfim, e esses pontos de encontro faziam com que as capelas fossem um núcleo de concentração da população.

E quando você faz ação pró-ativa por parte do poder público municipal, no sentido de resgatar o valor histórico, o valor cultural dessas capelas, transforma isso na manutenção e na preservação da história.

E é o que estamos fazendo em Ibiporã: preservando a nossa história para a geração futura, porque aquele que não tem história, não consegue ligar o passado, presente e futuro. Afinal, é a história que nos liga, que nos sedimenta em termos de cultura, de hábito, de valores éticos e de ocupação territorial.

E em Ibiporã, isso está sendo feito através desse projeto. Nós estaremos estendendo depois a outras religiões e povos que também tiveram importância histórica no nosso município, aos evangélicos, que tiveram importância fundamental, inclusive estiveram entre os primeiros a ocupar o nosso município, como é o caso dos búlgaros [também chamados bulgareses], que tiveram grande importância, assentada na religião.

Isso fará com que, resgatando a cultura religiosa, nós acabaremos recuperando o início da nossa colonização. Pois antes, muito mais do que hoje, a religião era o centro de convergência de todos os fatores da vida social, econômica, política e também cultural.

José Maria Ferreira
Prefeito Municipal de Ibiporã



Sumário

** Para facilitar a compreensão da formação das comunidades ao longo da história de Ibioporã, as capelas são apresentadas no livro por ordem cronológica, de acordo com o seu surgimento. Lembrando que o ano anotado após o nome da capela refere-se à primeira celebração no local, ou seja, o primeiro ato religioso, e não necessariamente à data de fundação ou inauguração da igreja, que normalmente é posterior.*

Recuperação da memória e valorização a cultura.....	10
Espaços que traduzem a forma de viver das comunidades	11
Comunidade apoiou o projeto	12
Mapa ilustrativo e turístico	14
Onde ficam as capelas?	16
Divisão por paróquia	17
Como localizar as capelas nos DVDs	17
Calendário anual de festividades e atos religiosos	18
Procedimentos de pesquisa e coleta dos depoimentos	20

AS CAPELAS

Tudo começou com a Matriz – 1938 (Centro)	23
Capela São Pedro – 1938 (Água das Abóboras)	29
Capela São Sebastião – 1943 (Guarani)	41
Capela Bom Pastor - 1947 (Jardim Bom Pastor)	55
Capela N. S. Aparecida – 1948 (Engenho de Ferro)	67
Capela São Pedro de Alcântara – 1948 (Jacutinga)	77
Capela São José – 1948 (Taquara do Reino)	89
Capela N. S. do Perpétuo Socorro – 1950 (Poço Bonito)	99
Capela São Bento – 1956 (Três Figueiras)	111
Capela São João Batista – 1957 (Barra do Jacutinga)	123
Capela N. S. da Consolação – 1958 (Amâncio/ Saltinho)	133
Capela N. S. de Esperança – 1958 (Boa Esperança)	145
Capela N. S. Aparecida – déc. de 1960 (Água dos Cágados)	155
Fazendas Diamante e Santa Rosa – 1964 (Diamante) - desativada	163
Capela São Geraldo – 1975 (Vila Esperança)	167
Capela N. S. de Fátima – 1978 (Jardim John Kennedy)	177
Capela São Francisco de Assis – Déc. de 1980 (Vila Semprebom)	187
Capela Imaculado Coração de Maria – 1981 (Conj. H. Alves Pereira)	195
Capela Santa Cruz – 1984 (Conj. José Pires de Godoy)	205
Capela N. S. de Guadalupe – 1987 (Conj. Antônio Frederico)	211
Paróquia São Rafael – 1988 (Jardim San Rafael)	223
Capela Santo Alberico Crescitelli – 1991 (Jardim Éden)	233
Capela Santa Maria Crucifixa di Rosa – 1994 (Jardim Pinheiro)	245
Capela Santa Paula – 1999 (Jardim Santa Paula)	255
Paróquia N. S. das Graças – 2005 (Jardim Kaluana)	261

Recuperação da memória, valorização da cultura e criação de roteiros

Você sabia que a capela do Jardim Bom Pastor, de Ibioporã, em razão de devoção antiga dos primeiros moradores a santos de grande popularidade no Brasil, já foi denominada São Sebastião até 1948 e depois, Bom Jesus de Pirapora (o 'Bom Jesus' muito querido entre os mineiros) até 1981?

Sabia também que três das nossas capelas (Guarani, Bom Pastor e Guadalupe) guardam belas obras sacras e têm detalhes, ornatos e esculturas feitas pelo nosso renomado artista plástico Henrique de Aragão (falecido em 2015)?

Sabia que há uma capela rural em formato de vela de barco, desenhada também por Henrique em referência às pequenas capelas do início da Idade Média? E que este desenho homenageou os padres do PIME (Pontifício Instituto das Missões Exteriores) que atuaram em Ibioporã e têm como carisma o serviço “além-fronteiras”?

Sabia que há outra capela em formato de um olho, o “olho de Deus”, mas que também se assemelha à proa de um barco? E que essa comunidade guarda uma grande imagem de São Geraldo, vinda da Itália?

Sabia que há capelas mais antigas que a atual Igreja Matriz, construída no início da década de 50?

Sabia que a mais antiga delas tem celebrações desde 1938, quando o povoado Ibioporã tinha apenas dois anos de existência?

Você faz ideia de que elas eram o principal ponto de encontro, namoros, jogos de futebol, comícios e festas em uma época em que a maioria da população de Ibioporã vivia na zona rural?

Sabia que havia capelas e missas nas fazendas de café?

Sabia que várias delas são hoje belos locais de visitaç o, turismo e memória pelo fato de guardarem riquezas arquitet nicas, históricas e artsticas?

*  esse panorama de curiosidades, revela es, descobertas e belas imagens de cantos e recantos pouco conhecidos de Ibioporã que buscamos trazer até você por meio deste livro e dos quatro DVDs que compõem o material editado do **Circuito das Capelas** – Projeto de Recupera o da Memória de Ibioporã.*

Esperamos que se delicie com as imagens, paisagens, sons e depoimentos dos filmes e com a riqueza de informa es deste livro, que busca documentar uma parte importante da história de Ibioporã e do Norte do Paraná.

Jaime Kaster

jornalista responsável pelo projeto e editor do livro

Espaços que traduzem a forma de viver das comunidades, as festividades, seus 'contos e causos'

Em 2005 iniciamos, com o aval e o apoio da administração municipal, um trabalho de recuperação da histórica e memória de Ibiporã, por meio da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo e a Fundação Cultural.

Foram realizados os projetos 'Nossa Gente - Nossa História', publicados os dois volumes do 'Compêndio Histórico de Ibiporã' (2008), foram realizados os projetos 'Álbuns Urbanos', Modernização do Museu Histórico e de Artes de Ibiporã, a reforma e restauração da Estação Ferroviária, que se transformou no Museu do Café, além do projeto 'Contos e Causos - História Viva de Ibiporã', que resultou na produção de oito DVD-books que trazem histórias dos nossos pioneiros.

Agora completamos o ciclo com o 'Círculo das Capelas', que é uma forma de recuperarmos a nossa história a partir dos pontos onde os pioneiros que aqui chegaram, se instalaram para iniciar o trabalho nas lavouras.

São várias comunidades que, ao longo do desenvolvimento do município, contribuíram muito com o trabalho na agricultura. Por estarem em regiões diferentes, mas dentro do município, criaram seus próprios espaços de convívio e lugares religiosos. São dezenas de comunidades e capelas existentes em Ibiporã. Muitas não pertencem ao centro urbano, mas a zonas rurais. Espaços que traduzem a forma de viverem e conviverem entre famílias. Cada local tem sua história, suas especificidades, festividades e seus 'contos e causos'.

O trabalho de pesquisa resultou na produção deste book e os DVDs, que estampam imagens, depoimentos e relatos destes locais, agenda da programação anual de festividades e atos religiosos, além de um mapa turístico. Também fará parte de um projeto da Secretaria de Cultura e Turismo de Ibiporã, de visitação a esses espaços, afinal, algumas capelas, além da história, também agregam valor artístico ou arquitetônico.

Retorno ao passado

As cidades crescem, com uma progressiva perda e descaracterização do patrimônio histórico. Cidades não são simplesmente prédios frios. Nelas vivem seres humanos que possuem sua memória e são parte integrante da nossa história. Por esse motivo, não passa despercebido pelos habitantes das cidades a destruição de patrimônios dos seus antepassados e de seus prédios históricos.

Passada a euforia do moderno, do novo, o homem se volta ao seu passado, suas memórias. Uma espécie de saudade da época em que nossas cidades eram mais humanas, em que as pessoas tinham mais tempo para refletir sobre seu destino. Nossas capelas, com certeza, nos trarão muitas histórias que farão delas um grande 'quebra-cabeças' e irão compor, com a história urbana, a cultura da nossa terra bonita.

Julio Dutra

Idealizador do projeto e secretário municipal de Cultura e Turismo de Ibiporã

Comunidade apoiou o projeto



"É muito importante esse trabalho que está sendo feito, este resgate da história, justamente pelo fato de que a história de um povo está justamente na sua fé. Recuperar a história das capelas do nosso município e de todas as comunidades de zonas rurais e urbanas é resgatar a história de fé da nossa comunidade, é resgatar a memória da língua, a memória de um povo, dos pioneiros. É passar para as gerações futuras aquilo que nós temos de melhor, aquilo que construímos, aquilo que os nossos antepassados, os pioneiros, nos deixaram como testamento." (Padre André Luis Oliveira, pároco da Paróquia Nossa Senhora da Paz - Matriz de Ibiporã)

"Naquele tempo, o pessoal me chamava de Padre João. Cheguei aqui em 1966, inicialmente em Sertãoópolis, e todo mês visitava as capelas rurais. Havia o café, as estradas eram estreitas, de terra e como não tinham pedra, o jipe escorregava. O povo era bom, me acolhia. Quando vínhamos aos domingos, rezávamos a missa de dia e éramos em dois padres. Então, a gente vinha e visitava uma capela de manhã e outra à tarde. E quando tinha festa eu vinha à noite. Passava a noite confessando, o povo rezava o terço e fazia novena. No dia seguinte tinha a missa solene, procissão, almoço e leilão." (Padre Giovanni Pontarollo, do PIME e ex-pároco da Paróquia San Rafael)



"Tem algumas capelas em que eu celebro que são mais antigas do que a própria Matriz. Faz muito tempo que elas existem. Recuperar, então, e lembrar dos pioneiros que passaram por aqui é muito importante. Veja o Engenho de Ferro, por exemplo: quantos deles já morreram, né? E quantos são filhos e hoje estão trabalhando, ajudando a igreja. O Poço Bonito também é muito antigo e ainda tem uma boa participação. Mostrar que isso está vivo, que é nosso! Saber que aquilo que os nossos pais construíram está vivo." (Padre Antônio Acir Squarcini, pároco da Paróquia Nossa Senhora das Graças, Jardim Kaluana)

Círculo das Capelas

"De todas as capelas eu tenho boas lembranças. Eu lembro das famílias... A família Fosquiani no Poço Bonito, os Ferrari, os Cestari e os Menegon lá na São Pedro [Água das Abóboras], os Frederico no Amâncio, os Brugim e os Bianchini na Boa Esperança, as famílias Salgado e Bueno na São Pedro de Alcântara, os Pelisson e os Bilmaia no Guarani, os Maggi na Fartura, que rodeavam ali a região do Guarani, os Magri e a família do Miro na Taquara [do Reino], tinha um outro pessoal nas Três Figueiras, tinha a Fazenda Diamante [Ana Rosa], que era um lugar muito bonito, lembro da Capela Bom Pastor, que construí na minha época, e ainda o Engenho de Ferro, onde rezávamos numa escolinha." **(Padre João Batista Giomo, do PIME, atuou em Ibiporã entre os anos de 1966 e 1990)**

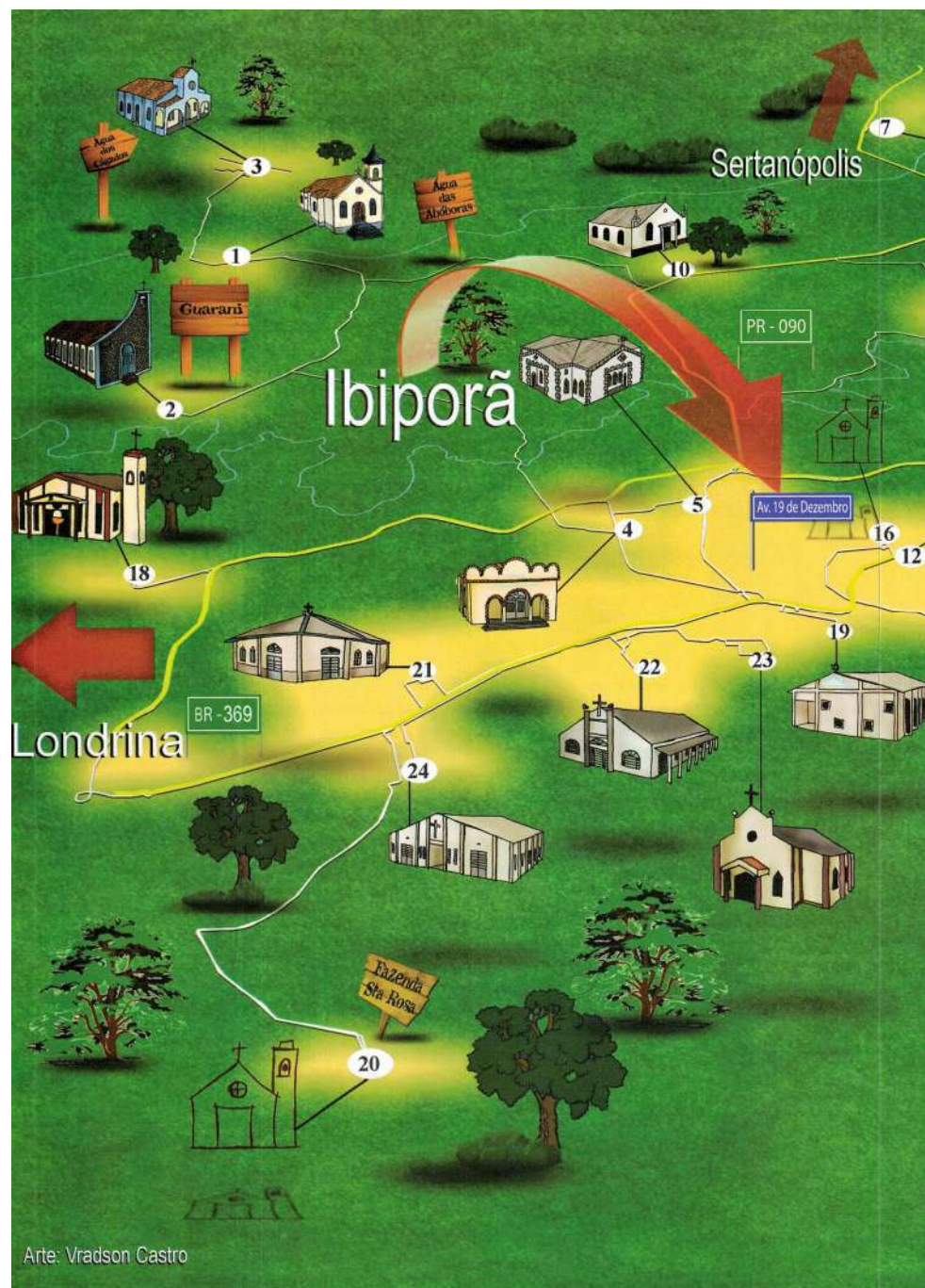


"Não existe cultura sem religião, como também não existe religião sem cultura. Vocês sabem bem da história dessa cidade, das pessoas que por aqui passaram e construíram essa caminhada. Não tem como não lembrarmos dos padres do PIME, que muito bem fizeram por essa população. Este ano [2015] tive a oportunidade de celebrar em todas as capelas atendidas pela Matriz, e nas visitas a gente sente como é gostoso poder recordar a história de um povo. Essa história foi sendo construída pelas comunidades e eu me agreguei a ela. E não é só a celebração eucarística, mas a convivência com o dia-a-dia do povo, que fala com alegria e carinho da sua história." **(Padre Wagner Rodrigues Pereira, vigário da Matriz em 2015)**

"Essa cultura que vemos nas áreas rurais é um marco para nossa história. Nós, que agora vivemos uma cultura urbana, não podemos nos esquecer dessa ponte. Quando a gente vê essa relação entre fé e cultura, a fé e a vida do povo, são coisas que estão muito ligadas. Na verdade, a questão religiosa não tinha apenas uma função religiosa. Tinha a função de agregar as pessoas, torná-las mais próximas. Essa solidariedade de um saber a dificuldade do outro, de partilhar. Eu não tenho um chapéu aqui, mas se tivesse, gostaria de tirar para todo esse trabalho prestado pela Prefeitura de Ibiporã, através da Fundação Cultural, de buscar resgatar a história desse povo." **(Padre Paulo Alencar, vigário da Matriz em 2014)**



"Eu penso que é de fundamental importância recuperar a caminhada que fizeram as primeiras pessoas quando começaram as capelas, os sacrifícios que fizeram para construí-las, pedra por pedra, o suor delas, muitas vezes frutos do seu trabalho. Talvez, muitas vezes eles chegavam cansados do trabalho, mas queriam ter o templo físico, a igreja, para ir fortalecendo o templo espiritual. Então, este trabalho que vocês, da Secretaria da Cultura, estão fazendo é de um valor incalculável, porque vamos poder ter consciência do sacrifício e do valor das primeiras famílias. São esses pequenos detalhes que constroem a história de uma pessoa e de uma cidade. Só tenho que agradecer por esse maravilhoso trabalho e tomara que muitos também valorizem." **(Irmã Marcela Paez, Congregação das Irmãs de Santa Marta)**



Arte: Vradson Castro



Onde ficam as capelas?

Região Norte/ Noroeste

1. *Capela São Pedro* - Estrada da Água das Abóboras, com acesso pela PR-090
2. *Capela São Sebastião* - Estrada do Guarani, próxima ao Morro do Guarani
3. *Capela N. S. Aparecida* - Estrada da Água das Abóboras em direção a Sertanópolis, na Água dos Cágados.
4. *Capela Imaculado Coração de Maria* - Av. Souza Naves, Conj. Henrique Alves Pereira
5. *Capela N. S. de Guadalupe* - Rua Alcides Tonon, esquina com Rua 19 de Dezembro, Conj. Antônio Frederico

Região Nordeste/ Leste

6. *Capela São Pedro de Alcântara* - na Água do Jacutinga, com acesso pela PR-090
7. *Capela São José* - PR-090, Km 15, distrito da Taquara do Reino
8. *Capela São João Batista* - Estrada da Barra do Jacutinga, com acesso pela BR-369, às margens do Rio Tibagi
9. *Capela N. S. da Consolação* - Sítio do Amâncio, na região do Saltinho, com acesso pela PR-090
10. *Capela N. S. da Esperança* - PR-090, Km 3, Comunidade da Boa Esperança
11. *Capela N. S. de Fátima* - Av. Brasil, Jardim John Kennedy

Região Sul/ Sudeste

12. *Capela Bom Pastor* - Rua Cândido Martins Bandeira, Jardim Bom Pastor, saída para Jataizinho
13. *Capela N. S. Aparecida* - Estrada do Engenho de Ferro
14. *Capela N. S. do Perpétuo Socorro* - Estrada do Poço Bonito, após o Engenho de Ferro, nas proximidades do Rio Tibagi
15. *Capela São Geraldo* - Rua Lindóia, ao lado do ginásio da Vila Esperança
16. *Capela Santa Cruz* - Rua Aparecido Antonio de Deus, 29, Conj. José Pires de Godoy
17. *Paróquia N. S. das Graças* - Rua Ibrahim Prudente da Silva, Jardim Kaluana.

Região Central e Oeste

18. *Capela São Bento* - Estrada das Três Figueiras, às margens do Contorno Norte de Iporã - PR-862
19. *Capela São Francisco de Assis* - Rua Claudina Rios Gomes, ao lado do Lar Padre Leone, Vila Semprebom
20. *Fazenda Santa Rosa* - Água do Diamante, na estrada para o Ribeirão Limoeiro (desativada em 2014)
21. *Paróquia São Rafael* - Rua Jaguapitã, 40, Jardim San Rafael
22. *Capela Santo Alberico Crescitelli* - Rua Jasmin, esquina com Rua Primavera, Jardim Éden
23. *Capela Santa Maria Crucifixa di Rosa* - Rua Sebastião Freitas, quadra 41, lote 8, Jardim Pinheiro
24. *Capela Santa Paula* - Rua Santa Luzia, lotes 4 e 5, Jardim Santa Paula
25. *Comunidade Jesus Misericordioso* - Av. dos Estudantes, Jardim Terra Bonita

Divisão das capelas por paróquia

Paróquia Nossa Senhora da Paz (Matriz) – capelas Nossa Senhora de Guadalupe, Imaculado Coração de Maria, São Francisco de Assis, Santo Alberico Crescitelli, Nossa Senhora de Fátima, Santa Cruz, Nossa Senhora da Consolação, Nossa Senhora da Esperança, São João Batista, São Pedro de Alcântara e São José.

Paróquia San Rafael – capelas Santa Paula, São Pedro/ Abóboras, São Bento, Nossa Senhora Aparecida/ Cágados, São Sebastião/ Guarani, Fazenda Santa Rosa / Fazenda Santa Rosa (desativada) e Comunidade Jesus Misericordiosos/ Terra Bonita.

Paróquia Nossa Senhora das Graças – capelas Bom Pastor, Santa Maria Crucifixa di Rosa, São Geraldo, Nossa Senhora Aparecida/ Engenho de Ferro e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Como localizar as capelas nos DVDs

** Nos filmes, reunimos as comunidades pela região em que se localizam no município. Em cada DVD optamos por iniciar pelas mais antigas, terminando pelas mais recentes. O ano anotado em cada capela se refere à primeira celebração no local, não necessariamente à data de fundação. Importante lembrar que só constam nos filmes as que estavam ativas até o final de 2014, quando foi feito o levantamento e a captação de imagens. Por esse, motivo, não foram incluídas as capelas Diamante/Santa Rosa (desativada) e Jesus Misericordioso (que iniciou em 2015).*

DVD 1

1 - Capela São Pedro, 2 - São Sebastião, 3 - Capela N. S. Aparecida (Cágados), 4 - Imaculado Coração de Maria e 5 - N. S. de Guadalupe.

DVD 2

6 - Capela São Pedro de Alcântara, 7 - São José, 8 - São João Batista, 9 - N. S. da Consolação, 10 - N. S. da Esperança e 11 - N. S. de Fátima.

DVD 3

12 - Capela Bom Pastor, 13 - N. S. Aparecida (Engenho de Ferro), 14 - N. S. do Perpétuo Socorro, 15 - São Geraldo, 16 - Santa Cruz e 17 - N. S. das Graças.

DVD 4

18 - Capela São Bento, 19 - São Francisco de Assis, 21 - Paróquia São Rafael, 22 - Capela Santo Alberico Crescitelli, 23 - Santa Maria Crucifixa di Rosa e 24 - Santa Paula.

Calendário anual de festividades e atos religiosos

MÊS	DIA	FESTIVIDADE	CAPELA	LOCAL
JANEIRO	06	Terço - Dia de Santos Reis, às 20h	N. S. do Perpétuo Socorro	Poço Bonito
	20	Procissão e missa de São Sebastião	São Sebastião	Guarani
FEVEREIRO		Na Quaresma - Via Sacra às sextas-feiras, às 20h	N. S. de Guadalupe	Conj. Ant. Frederico
		Na Quaresma - Via Sacra (sextas-feiras)	N. S. da Consolação	Amâncio / Saltinho
MARÇO	19/3	Dia do Padroeiro - São José	São José	Taquara do Reino
ABRIL		Na Quaresma, procissão ao Pico Guarani, saindo da cidade às 7h e missa no alto do morro	São Sebastião	Guarani
		Na Sexta-Feira Santa - Procissão às 8h, com via-sacra e missa	São Sebastião	Guarani
		Sexta-Feira Santa - Tradicional Via Sacra às 9h	N. S. do Perpétuo Socorro	Poço Bonito
MAIO	18	Coroação de Nossa Senhora	Santo Alberico Crescitelli	Jardim Éden
	13	Coroação de Nossa Senhora de Fátima	São José	Taquara do Reino
		Última missa do mês: Coroação de N. Senhora	N. S. do Perpétuo Socorro	Poço Bonito
JUNHO	11	Dia da padroeira - Santa Paula Frassinetti	Santa Paula	Jardim Santa Paula
		Festa Junina e levantamento do mastro - no sábado que antecede o dia 24	N. S. Perpétuo Socorro	Poço Bonito
	24	Festa de São João (padroeiro)	São João Batista	Barra do Jacutinga
	29	Festa de São Pedro (padroeiro)	São Pedro	Água das Abóboras
		Coroação de N. Senhora (num sábado, às 20h)	Imaculado Coração de Maria	Conj. Serraia

Calendário anual de festividades e atos religiosos

MÊS	DIA	FESTIVIDADE	CAPELA	LOCAL
JULHO		Festa Julina	N. S. Aparecida	Água dos Cágados
AGOSTO	15	Festa da padroeira - N. S. da Consolação	N. S. da Consolação	Amâncio / Saltinho
	16	Festa de São Roque	Paróquia São Rafael	Jardim San Rafael
	16	Festa de São Roque	São Pedro	Água das Abóboras
SETEMBRO	14	Missa da Exaltação da Santa Cruz	Santa Cruz	Conj. José Pires de Godoy
	29	Festa de São Rafael (padroeiro)	Paróquia São Rafael	Jardim San Rafael
OUTUBRO	04	Dia de São Francisco (padroeiro) e bênção dos animais	São Francisco de Assis	Vila Semprebom
	12	Missa a N. S. Aparecida e Festa das Crianças	São José	Taquara do Reino
	12	Terço das crianças e Dia da Padroeira	N. S. Aparecida	Água dos Cágados
	12	Queima de fogos e terço (às 12h)	São Pedro de Alcântara	Jacutinga
	12	Tradicional procissão dos cavaleiros	N. S. Aparecida	Engenho de Ferro
	12	Celebração de N. S. Aparecida Almoço num domingo (a N. S. Aparecida)	N. S. da Consolação N. S. Aparecida	Amâncio / Saltinho Engenho de Ferro
	18	Dia de São Pedro de Alcântara	São Pedro de Alcântara	Água do Jacutinga
NOVEMBRO	27	Dia da padroeira - N. Sra. Graças	N. Sra. das Graças	Kaluana
DEZEMBRO	10, 11, 12	Tríduo luminoso com a reza do terço	N. S. de Guadalupe	Conj. Ant. Frederico
	12	Missa/ Coroação de N. S. de Guadalupe	N. S. de Guadalupe	Conj. Ant. Frederico
	13	Festa de Santa Luzia	Paróquia São Rafael	Jardim San Rafael
	13	Dia de Santa Luzia	São Pedro	Água das Abóboras
	18	Festa da padroeira - N. S. da Esperança	N. S. da Esperança	Boa Esperança
	25	Noite natalina com troca de presentes	São José	Taquara do Reino
		Novena de Natal e festividades	N. S. do Perpétuo Socorro	Poço Bonito
		Confraternização de fim de ano Novena de Natal	N. S. Aparecida N. S. da Consolação	Água dos Cágados Amâncio / Saltinho

Procedimentos de pesquisa e coleta dos depoimentos

Durante a realização das mais de 160 entrevistas do projeto *Contos e Causos – História Viva de Ibiporã* (entre 2011 e 2015), que resultou na produção de oito DVD-Books, notou-se que grande parte dos relatos dos participantes eram relativos a lugares e personagens urbanos de Ibiporã.

No caso das celebrações, a maior parte das lembranças se referiam à Igreja Matriz. Recordações de quando ela era uma capelinha de madeira, a construção da Matriz atual (entre 1950 e 1959), as festas e procissões. Sentíamos que faltava a história das comunidades mais afastadas, principalmente as rurais, para onde foram a maior parte das famílias que chegaram a Ibiporã entre as décadas de 1930 e 1950.

Observando esse panorama, o secretário municipal de Cultura e Turismo, Julio Dutra, propôs a realização de um projeto que preenchesse essa lacuna. Surgia então o *Circuito das Capelas – projeto de recuperação da memória de Ibiporã*, que teria também a missão de fomentar o turismo e promover a cultura local, revelando espaços pouco conhecidos do público e criando roteiros de visitação.

Verificamos que para reconstruir esses traços da história local, tínhamos que romper as barreiras das informações oficiais e dos relatos tradicionais e fotografias já existentes no Museu Histórico e de Artes de Ibiporã (MHAI), chamado “Espaço de Memória”. Afinal, estes eram mais voltados à cidade e aos personagens mais conhecidos do público local.

Seria necessário ouvir novas pessoas, ir às comunidades. Recuperar a história desses locais e preservar a sua memória viva, por meio da coleta de depoimentos em vídeo e o registro das celebrações e festas.

História oral

A técnica utilizada, mesmo sem o rigor acadêmico, foi a da “*história oral temática*”, que procura direcionar as entrevistas num determinado tema. A história oral vem sendo utilizada com ótimos resultados em cidades de colonização recente, como é o caso de Ibiporã, pelo fato de que muitos de seus pioneiros ainda estão vivos. “Procuramos, por meio dos nossos projetos audiovisuais, registrar e divulgar a história viva, os causos e fatos daqueles que ainda estão entre nós”, enfatiza Julio Dutra. Por esse motivo, o slogan do *Contos e Causos* é “história viva de Ibiporã”.

A história oral, conforme define José Carlos Sebe Bom Meihy, no livro *Manual de História Oral* (2002), “é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos” (p.13). Para ele, isso implica enxergar o passado como algo que não está acabado, mas que tem continuidade no presente. “A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral. Nessa medida ela (...) garante sentido social à vida dos depoentes e leitores, que passam a entender a sequência histórica e se sentem parte do contexto em que vivem”, afirma Meihy (2002, p.15).

Outro teórico da área, Paul Thompson, em *A voz do passado* (1992), diz que um dos méritos da história oral é a capacidade que a palavra falada tem de “insuflar” vida na história.

O pesquisador da área de fotografia e memória e professor do Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina, Paulo César Boni, no livro *O papel do Paraná Norte na construção da Santa Casa e o esporte nas ondas do rádio* (2010, p.120), diz que a história oral “é especialmente valiosa em pesquisas de âmbito local” (como é o caso de Ibioporã). Neste caso, “quando se dá voz aos idosos que viveram os acontecimentos – e que nem sempre são ouvidos pela historiografia oficial –, [isso] gera neles ‘um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época’”, diz Boni (p. 120), citando Paul Thompson (1992, p. 44).

Equipe enxuta

Uma vez definida a meta, o projeto *Circuito das Capelas* foi iniciado em março de 2014 e realizado até o final sempre por uma pequena equipe da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, que se dividia com as suas demais tarefas de cada setor: um jornalista (Jaime Kaster), um editor de audiovisual e de arte (Vradson Castro), uma estagiária de jornalismo (Larissa Mariano), o secretário municipal de Cultura (Julio Dutra) e o apoio de uma funcionária do Museu Histórico nos agendamentos e checagem de informações. Fora algumas colaborações eventuais da condutora de turismo Marlene Zuchelli e do cinegrafista Roberto Carvalho.

Iniciamos o trabalho com as primeiras visitas às 24 capelas (são 12 rurais e 12 urbanas), nas quais foram entregues formulários, contendo várias perguntas. Também foram solicitadas na ocasião fotografias antigas e documentos que pudessem enriquecer a história de cada comunidade. Após preenchidos, os formulários foram recolhidos e as fotografias digitalizadas e devolvidas aos seus donos.

Gravações, redação e checagem dos dados

Passamos à segunda fase, que foi o agendamento das visitas para realizarmos as entrevistas em vídeo e colhermos imagens atuais. Lembrando que as visitas foram marcadas pelos representantes das comunidades, normalmente em dias de missa ou de festa do padroeiro.

Agendadas, as datas foram divulgadas a toda a população por meio dos veículos de comunicação locais, pelo site da Fundação Cultural de Ibioporã, pela lista de contatos e pelas redes sociais da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo. E os dirigentes das capelas ficaram de convidar os pioneiros para que viessem à celebração dar o seu depoimento.

Nos dias marcados, gravamos entrevistas com os pioneiros e as lideranças presentes e aproveitamos para expor os propósitos do projeto, que teve a aceitação esperada e ótima receptividade em todas as comunidades. Essa fase durou todo o segundo semestre de 2014 e foi concluída em março de 2015.

Gravadas as entrevistas, foi sendo feita a degravação (*todas as entrevistas brutas e redigidas ficarão arquivadas no acervo do MHAI*), depois a seleção do material bruto, tratamento de imagens, sonorização, edição, redação, arte e finalização, tanto do material escrito, quando do audiovisual.

Sem contar o trabalho de checagem das informações a partir de materiais já existentes no acervo do MHAI, no livro *Compêndio Histórico de Ibioporã - Vol. I* (2008), no Livro Tombo e nos livros-ata da Matriz, consulta aos padres mais antigos da cidade, confirmação de dados com as lideranças das capelas e comparação de entrevistas.

Referências

Importante informar aqui que as referências bibliográficas e documentais foram feitas no livro ao longo do próprio texto, visando assim facilitar a leitura, utilizando-se uma redação jornalística.

Trabalho gratificante

Todo sacrifício foi recompensado. No decorrer desse trabalho, pudemos testemunhar nas capelas rurais o charme das construções, detalhes históricos, confessionários antigos, esculturas e quadros que não sabíamos que lá estavam, os barracões de festas, os campos de futebol, escolas que funcionavam ao redor da capela (hoje desativadas), além de todo o encantamento que se tem quando se retorna às origens de um povo.

Já nas urbanas, verificamos a luta das comunidades em prol da construção da igreja, muitas vezes feita em regime de mutirão. Homens e mulheres de caráter e abnegação, que doavam o seu tempo e iam levantando paredes e transformando sonhos em realidade. Observou-se nas urbanas que o processo de surgimento das capelas acompanhou a criação e as transformações dos bairros. Esses e outros detalhes você poderá agora conferir neste material impresso e nos quatro DVDs que são parte integrante deste projeto.

Boa leitura!

Jaime Kaster
coordenador do projeto e editor



Tudo começou com a Matriz



A primeira igrejinha, construída em 1939. Fotografia é das missões de 1949

Embora o propósito deste livro tenha sido trazer o histórico e divulgar somente as capelas, consideramos necessário – para melhor situar o leitor – trazer também uma linha do tempo da Igreja Matriz de Iporã, desde 1938. Afinal, aquela primeira “igrejinha de madeira” foi a que os pioneiros frequentaram inicialmente. Também porque nas décadas seguintes o atendimento às capelas era feito pela Matriz.

Estes dados têm como base um pequeno histórico da Paróquia Nossa Senhora da Paz, redigido e impresso em 1993, pelo **padre Antônio Palermo**, pároco na época, para ser distribuído durante os festejos do Cinquentenário da Matriz, comemorado dia 24 de novembro de 1993. No folheto, ele relacionou os párocos e vigários da Matriz e destacou alguns pontos.

Incluimos neste texto dados obtidos no Livro Tombo da Matriz, volumes I e II, e outros do 'Compêndio Histórico de Iporã', publicado em 2008, pela Fundação Cultural de Iporã – primeira publicação que trouxe de forma sistematizada a história de Iporã, dividida em dois volumes.

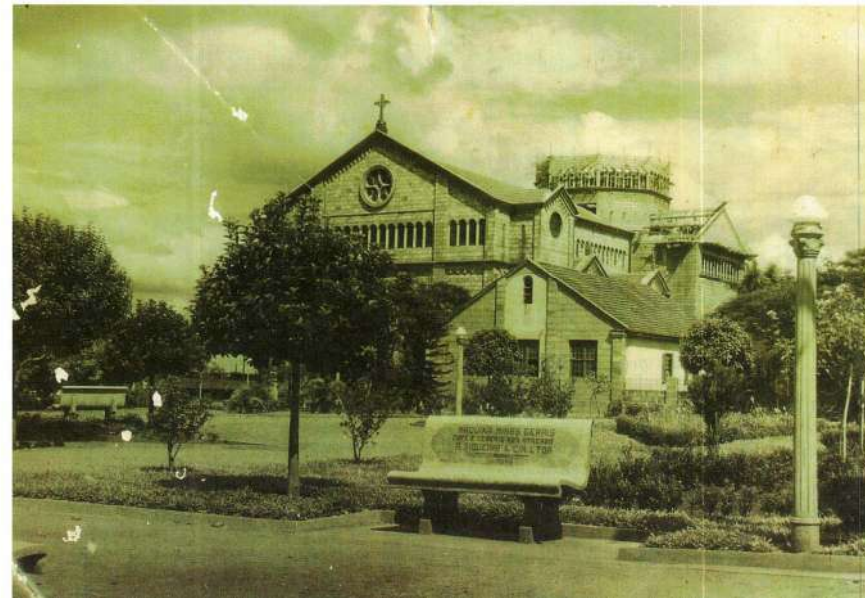
Cronologia

1938 - O 1º cruzeiro levantado em Iporã foi colocado no dia 2 fevereiro de 1938 onde hoje é a Praça Pio XII, por um grupo de pioneiros locais, entre eles José Pelisson, Sebastião Luiz de Oliveira, Primo Melão, Antônio Frederico (*Compêndio Histórico de Iporã*, vol. I, p. 10). De acordo com relato do pioneiro Eugênio Fernandes (no DVD *Cantos e Causos - Histórico Viva de Iporã*, vol. 5, lançado em 2015), que também estava presente neste dia, foi celebrada ali a primeira missa em Iporã, por um padre de Londrina.

1938 - Em 20 de março de 1938 foi celebrada outra missa, em frente ao comércio e residência de José Uilli, na atual Avenida Paraná, nº 168. Outras missas foram celebradas no ano de 1938 antes de ser construída a igreja.

1939 - No dia 1º de janeiro de 1939 há o registro de mais uma missa em frente à casa de José Uilli, conforme fotografia do acervo do Museu Histórico e de Artes de Iporã (MHAI). A mesma imagem consta em um calendário da Paróquia Nossa Senhora da Paz, publicado em 2012, informando que o padre celebrante foi o palotino José Kandziora, de Londrina.

1939 - A 19 de setembro de 1939, foi inaugurada a primeira igrejinha de madeira, data que foi rezada uma missa pelo padre José Kandziora, o então vigário da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, a matriz de Londrina.



Matriz na sua fase final de construção - 1957

1940 - Em maio de 1940 foi doada pelo engenheiro Alexandre Gutierrez Beltrão, fundador da cidade, uma imagem da virgem Imaculada Conceição.

1940 - Entre os sacerdotes que contribuíram no início de Iporã, destaca-se o padre palotino Carlos Probst, que fez sua primeira visita à cidade em 28 de janeiro de 1940, preparou depois a fundação da Paróquia e ficou conhecido por suas andanças missionárias, montando numa mula ou num cavalo.

1943 - Em 8 de dezembro de 1943, Dom Ernesto de Paula, bispo diocesano de Jacarezinho, emitiu decreto da criação da Paróquia Imaculada Conceição e nomeou o padre Vitoriano Carvalho Valente como vigário. (informação do Livro Tombo I da Matriz, 1943, p. 3).

1944 - A 1ª procissão da Matriz, em Iporã, aconteceu numa Sexta-Feira Santa, em 1944, sob a luz da lua. A “Verônica”, representada pela mesma pessoa até hoje (a sra. Aparecida Peretti Pelisson), parava em cada esquina e cantava sobre um banco.

1950 - No dia 19 de junho de 1950, conforme registro do Livro Tombo II, inicia-se o processo de construção da Matriz atual, liderado pelo padre Leone Gervasoni, que havia assumido a paróquia em novembro de 1948.

1955 - Em 1955 é feita a coloração da Via-Sacra da igreja, pelo artista plástico Alfonso Di Carlo. Outro destaque da igreja são os vitrais, vindos da Itália.

1956 - Mudança da Diocese de Jacarezinho para a nova Diocese de Londrina, criada 1º de fevereiro de 1956, à qual a paróquia de Ibioporã passou a pertencer.

1957 - O novo bispo de Londrina, Dom Geraldo Fernandes Bijos, que assumiu no dia 17 de fevereiro de 1957, pediu a mudança de nome da paróquia e da padroeira de Ibioporã, de Imaculada Conceição, para Nossa Senhora da Paz.

1959 - No dia 31 de julho de 1959 é dada como concluída a obra da Matriz, informa padre Leone no Livro Tombo.

1965 - Em 4 de abril de 1965, momento importante para a comunidade católica de Ibioporã: a ordenação do padre Reinaldo Semprebom. Outros “filhos de Ibioporã” ordenados padres foram: Ernesto Rodríguez (PIME), Antonio Fiori (palotino), Darci Alvs (PIME), Julio da Silva (diocesano), Célio Cardoso (Oblatos) Pedro Zilli (PIME, hoje bispo de Bafatá, na Guiné-Bissau - África) e José Pereira da Silva (Cristo Ressuscitado).

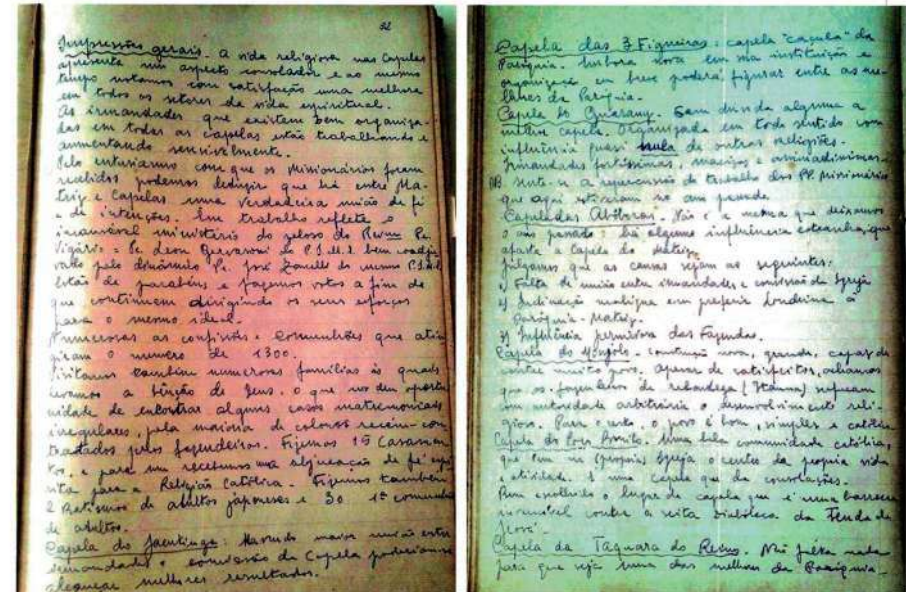
1965 - As demais obras sacras expressivas da Matriz foram pintadas ou esculpidas pelo artista paraibano Henrique de Aragão. A primeira foi a cúpula, na década de 60. Depois que se mudou para a cidade, em 1965, Henrique teve uma vasta produção para a Matriz (o sacrário, pia batismal, altar de Nossa Senhora Aparecida, ornatos, capitéis, lustres, medalhões e outras pinturas). Mas deixou também obras nas capelas (como será detalhado nos capítulos dedicados às capelas do Guarani, Bom Pastor e Guadalupe).

1993 - Quando o padre Antônio Palermo escreveu o histórico, em 1993, Ibioporã contava com 15 capelas (hoje são 24). Na zona rural eram dez: Água das Abóboras, Taquara do Reino, Boa Esperança, Poço Bonito, Jacutinga, Barra da Jacutinga, Amâncio, Guarani, Três Figueiras e Engenho de Ferro. E mais cinco na cidade: Henrique Alves Pereira, Bom Pastor, San Rafael, Vila Esperança e São Francisco de Assis.

O atendimento às capelas

Algumas informações dos padres da época sobre o trabalho realizado nas capelas e o desenvolvimento das comunidades foram localizadas no Livro Tombo II da Matriz, cedidos para consulta pela paróquia. São registros históricos que trazem dados das capelas, apontam quais as mais numerosas, as mais atuantes e ainda que havia missas, confissões e atendimento nas fazendas. Selecionamos alguns momentos para ilustrar o trabalho que era feito:

1957 - “Missão suplementar nas capelas, de 25/12/1956 a 05-01-1957” (imagem a seguir), feita pelos padres do PIME, José Contini e Aldo Da Tofori. “Impressões gerais” - “Capela do Jacutinga: havendo maior união entre irmandades e comissão da capela poderão alcançar melhores resultados. Capela das 3 Figueiras: capela ‘caçula’ de Ibioporã. Embora nova em organização, em breve poderá figurar entre as melhores da paróquia. Capela do Guarany: sem dúvida a melhor capela, organizada em todos os sentidos. Capela das Abóboras: há alguma influência estranha que afasta a capela da Matriz (...), inclinação a preferir Londrina e uma influência perniciosas das fazendas. Capela do Monjolo: construção nova, grande, capaz de receber muito povo. Apesar de satisfeitos, achamos que os fazendeiros da redondeza (Itaúna) sufocam com autoridade arbitrária o desenvolvimento religioso. Capela do Poço Bonito: uma bela comunidade católica que tem na Igreja o centro da própria vida. Bem escolhido o lugar da capela. Taquara do Reino: não falta nada para que seja uma das melhores da paróquia. O que falta é uma digna casa de Deus. Dissemos ao povo da urgência de construir nova capela mais bonita e capaz de abrigar o povo. Vida religiosa ativa e organização quase perfeita.” (Livro Tombo II, p. 33).



Missão nas capelas, 1956-1957

1962 - “Missões nas Capelas - 1 a 6 de março: Abóboras, Taquara do Reino, Guarany e Três Figueiras; 7 a 12 de março - Bôa Esperança, Amâncio e Poço Bonito, Jacutinga, Barra da Jacutinga e Monjolo.” (p. 59).

1964 - Durante as “Santas Missões” de 1964, há um panfleto (ver cópia) que informa as visitas dos padres a comunidades afastadas e a cinco fazendas. Atendiam como se fossem capelas e permaneciam três dias na fazenda. O cronograma de visitas: “Jacutinga – dias 13 a 15 de maio, Barra do Jacutinga – dias 15 a 17, D.E.R. – 17 a 19, Fazenda Itaúna – 20 a 22, Fazenda Ana Rosa e Fazenda Diamante – 22 a 24, Fazenda Santa Rosa – 26 a 28 (Festa do Corpo de Deus) e Fazenda Otávio Pozzi – 29 a 31.” O mesmo folheto anunciava as missões nas capelas maiores: “De 6 e 11 de maio: Abóboras, Taquara do Reino, Guarany e Três Figueiras; De 13 a 18 de maio: Bôa Esperança, Amâncio e Poço Bonito.” (p. 79).

1964 - “Relatório da missão nas capelas, 6 a 31 de maio de 1964 - Confissões: Boa Esperança (800 pessoas) Taquara (524), Abóboras (485), Guarany (321), Três Figueiras (600), Amâncio (316), Poço Bonito (320), Água do Jacutinga (146), Barra do Jacutinga (109), D.E.R. (109), Fazenda Itaúna (86), Diamante (22), Ana Rosa (24), Santa Rosa (34) e Fazenda Otávio Pozzi (38). Total: 3.851; Comunhão: Boa Esperança (1.500 pessoas) Taquara (936), Abóboras (1.567), Guarany (570), Três Figueiras (800), Amâncio (632), Poço Bonito (580), Água do Jacutinga (185), Barra do Jacutinga (142), D.E.R. (157), Fazenda Itaúna (125), Diamante (13), Ana Rosa (35), Santa Rosa (58) e Fazenda Otávio Pozzi (57). Total: 7.357” (Livro Tombo II, p. 80)

Capelas da Paróquia	
De 6 a 11 de maio:	
Abóboras	Taquara do Reino
Guarany	Três Figueiras
Dia 6 de maio, de 17 horas, Procissão para o santuário dos Padres Missionários em todas as capelas. Aviso aos Padres Missionários e publicação dos horários. Dia 11, segunda-feira, pela manhã cedo, Santa Missa de encerramento e despedida.	
De 13 a 18 de maio:	
Bôa Esperança	Amâncio
Poço Bonito	
Dia 13 de maio, de 17 horas, Procissão para o santuário dos Padres Missionários em todas as capelas. Aviso aos Padres Missionários e publicação dos horários. Dia 18, segunda-feira, pela manhã cedo, Santa Missa de encerramento e despedida.	
SANTA MISSÃO VOLANTE	
Jacutinga – tarde do dia 13 a 15 de manhã.	
Barra da Jacutinga – tarde do dia 15 a 17 de manhã (domingo).	
D. E. R. – tarde dia 17 a 19 de manhã.	
Fazenda Itaúna – tarde do dia 20 a 22 de manhã.	
Fazendas Ana Rosa e Diamante – tarde do dia 22 a 24 de manhã.	
Fazenda Santa Rosa – tarde do dia 25 a 27 de manhã (Festa do Corpo de Deus).	
Fazenda Otávio Pozzi – tarde do dia 29 a 31 de manhã (domingo).	

Informe de 1964 sobre as missões

Párocos da Matriz

De 1938 a 1943 quem atendia Ibiporã eram os padres palotinos da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, de Londrina, primeiro o padre José Kandziora e depois, Carlos Probst, que vinha a cavalo ou montado numa mula. A relação dos párocos da Matriz de Ibiporã de 1944 a 1993 é do padre Antônio Palermo:

1º – padre Vitoriano Valente – chegou dia 11 de janeiro de 1944.

Foi o primeiro pároco da Paróquia da Imaculada Conceição, responsável pela construção da primeira casa paroquial, a criação da Congregação Mariana e do Apostolado da Oração. Era um padre jovem e alegre. Ficou apenas um ano. Devido à saúde frágil, faleceu no dia 17/02/1945.

2º – padre Roberto Wanke – chegou dia 10 de maio de 1945.

Palotino, foi muito auxiliado na atividade pastoral por sua irmã Rita. De personalidade forte, enfrentou dificuldade com lideranças locais. Ficou como pároco até 1948, ano em que chegaram os dois primeiros padres do PIME: Leone e Zanelli.

3º – padre Leone Gervasoni – chegou em 22 de novembro de 1948.

Toma posse como pároco em 1º de dezembro de 1948. Chega da Itália, vindo da China. Em 1949 traz o projeto e inicia a construção da Matriz atual. Trouxe as irmãs missionárias de Maria Imaculada. Um missionário dedicado ao trabalho de concluir a Matriz, obra de grande arte e beleza. Destacou-se pelo amor às crianças, pelo olhar manso e voz enérgica.

Vigário cooperador – padre José Zanelli – chegou dia 15 de dezembro de 1948.

Vindo da Itália, assume como cooperador do padre Leone. Marca a sua presença como pioneiro da cultura da cidade, através de atividades esportivas e artísticas (teatro, cinema, banda de música e operetas). Conquista os jovens para a igreja e o seu trabalho também é marcado pelas visitas às capelas rurais.

4º – padre Vicente Mariani – assumiu dia 19 de fevereiro de 1961.

Deu início à construção do Colégio Maria Imaculada, ampliou o Hospital Cristo Rei. Trouxe as irmãs Servas da Caridade, que atuam no asilo. Era enérgico, batalhador e empreendedor.

5º – padre Rino Nogaroto – assumiu dia 1º de janeiro de 1965.

Trabalhou na construção do asilo (Lar Padre Leone) e pelo acabamento da Igreja. Entre seus auxiliares estiveram os padres Antonio Alborgheti, Domenico Rotunno e João Batista Giomo. Padre Rino caracterizou-se por ser uma pessoa dinâmica, acolhedora, positiva e de grande apoio às famílias. Era chamado de “pai espiritual” pela comunidade.

6º – padre João Giomo – assumiu dia 31 de maio de 1981.

Já estava em Ibiporã como auxiliar do padre Rino desde 1966. Como vigário, deu continuidade às obras da Matriz, à ampliação do Hospital Cristo Rei e à criação do ambulatório. Construção das salas de catequese, reconstruiu a antiga capela do “DER”, denominada Capela Bom Pastor. Trouxe para Ibiporã as irmãs do Colégio Santa Marta. Padre carismático, admirador da artes e da música, empreendedor, desprendido de si, compartilhador e amado por todo o povo.

7º – padre Antônio Palermo – assumiu dia 15 de agosto de 1990.

Apoia e incentiva a construção de novas capelas e locais de encontro das comunidades católicas. Em pouco tempo conquista a comunidade por sua sabedoria e bom senso. Incentivador da fé e da doutrina.

8º – padre Claudio Romano – assumiu dia 27 de abril de 2003.

Inicia a construção do novo Centro de Catequese, dando mais conforto aos paroquianos e aos vários movimentos da comunidade. Sua rápida passagem por Ibiporã foi interrompida pela trágica morte, com infarto fulminante no dia da Festa Missionária, em 26 de agosto de 2007. Sua atuação foi marcada pela organização e pelo amor e cuidado com a paróquia e as capelas.

9º – padre Jorge Pecorari – assumiu dia 18 de dezembro de 2007.

Vigário – padre Severino Crimella

10º – padre Giancarlo Vecchiato – assumiu dia 21 de dezembro de 2008.

Vigário – padre Severino Crimella

11º – padre Delcídes de Souza – assumiu dia 12 de fevereiro de 2012.

12º – padre Andre Luis Oliveira – assumiu dia 14 de fevereiro de 2014.

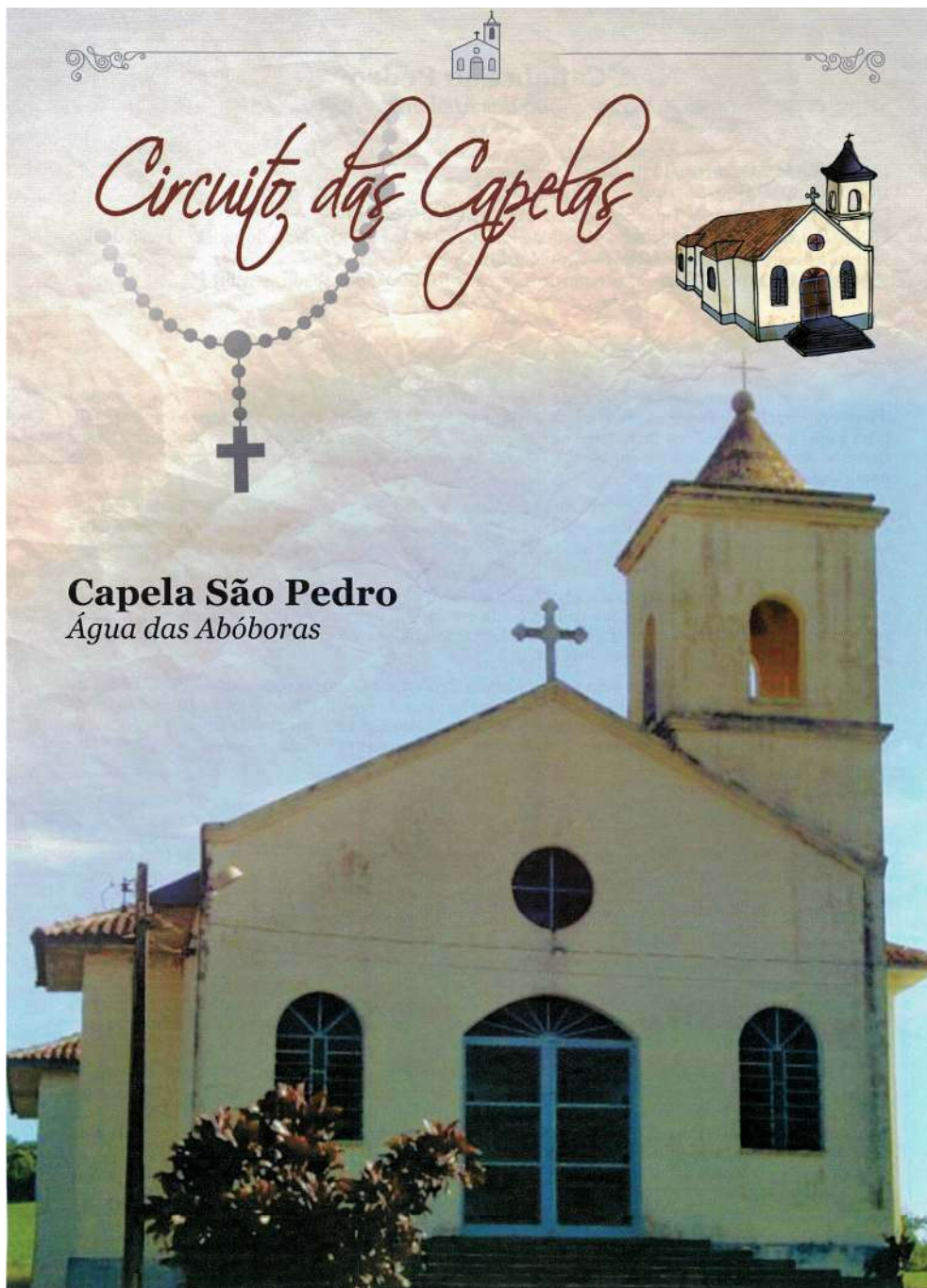
Vigários – padres Paulo Alencar (2014) e Wagner Rodrigues Pereira (2015)

Parte desta cronologia dos párocos está disponível no link:

http://www.movimentoschoenstatt.org.br/hp/noticias_result.php?not_id=41



Matriz em 2014



Capela São Pedro
Água das Abóboras

Capela São Pedro

Água das Abóboras

1ª CELEBRAÇÃO: 29/06/1938

INAUGURAÇÃO: 29/06/1938

LOCALIZAÇÃO: Sítio de Tatusua Yoyama - Água das Abóboras

FESTIVIDADES: Dia 29 de junho - Festa do Padroeiro (São Pedro); dia 16 de agosto - Festa de São Roque; e dia 13 de dezembro - Dia de Santa Luzia.

HORÁRIO DE MISSAS: todo 3º sábado do mês, às 20h (culto todo sábado, às 20h)

Histórico

De acordo com o pioneiro **Florindo Menegon** (já falecido), autor de um memorial que compõe o interior da Capela São Pedro, ela foi fundada em junho de 1938, pelos srs. **Pedro Volponi** e **Proencio de Carvalho**, junto com outros moradores da comunidade. Proencio de Carvalho é pai da professora Nelice Carvalho Marques, que nasceu em 1946, na Água das Abóboras, e trabalhou por 50 anos na educação municipal de Ibiporã.

“A primeira igreja era uma construção pequena, de madeira, próxima à antiga venda da Água das Abóboras”, escreveu Menegon. Ficava a cerca de 500 metros da igreja atual. A Água das Abóboras é das localidades mais antigas do Município, mais até que a vila de Ibiporã, que surgiu em 1936. A região das Abóboras pertencia a Sertanópolis.

O terreno da primeira capela das Abóboras foi doado pelo sr. **José Agustineli**. A inauguração foi no dia **29 de junho de 1938** (dia de São Pedro), com a reza de um terço. É, portanto, a capela mais antiga e cujas celebrações iniciaram no mesmo ano da Matriz. A igreja da cidade teve como marco inicial a colocação do cruzeiro no dia 2 de fevereiro de 1938.

As missas eram celebradas pelo **padre Carlos Probst**, de Londrina, que visitava os povoados da região montado numa mula ou vinha a cavalo. A primeira visita de Probst a Ibiporã foi no dia 28 janeiro de 1940, conforme consta no *Compêndio Histórico de Ibiporã* (2008, p. 22). “Ele vinha a cavalo para celebrar as missas. Aqui era mata fechada na época”, diz Florindo Menegon no memorial.

Capela maior

Em 1948, a comunidade da Água das Abóboras decidiu construir uma capela maior (*fotografia a seguir*) para poder abrigar os fiéis, que ficavam do lado de fora. Porém, observa-se na imagem que, mesmo com a ampliação, não caberiam na igreja as pessoas que aparecem na fotografia. Um reflexo da população rural na época, pelo fato de as fazendas de café empregarem muita mão-de-obra.

“Naquele tempo a comunidade era muito grande, porque as pessoas moravam no sítio”, recorda **Florisvaldo Menegon**, que hoje coordena a comunidade junto com sua esposa **Maria Aparecida Cortez Menegon**. “Isso aqui superlotava de gente. Esses dias nós estávamos saindo da capela, eu, minha esposa, a futura nora, e a minha mulher disse para o meu menino: ‘olha, isso aqui lotava de gente, lá de baixo até aqui em cima, invadia tudo de carros’. Isso aqui era a coisa mais maravilhosa”, rememora ele, com saudosismo.

Esta segunda igreja, de 1948, foi construída na mesma propriedade onde está a atual, em terreno doado pelo sr. **Antonio Petronillo**, conforme está descrito do Livro Tombo II da Matriz (p. 27), com data de 04/12/1955. A grafia de seu sobrenome varia de um documento para outro. Encontramos também como **Antônio Petrolines** e **Petrollino**. Na próxima fotografia, uma imagem da escola rural que ficava ao lado da capela, no sítio de Petrolines. Foi a segunda escola primária da Água das Abóboras, da década de 1940.



Capela São Pedro, em dia de grande celebração, entre 1951 e 1954



Crianças da capela frequentavam essa escolinha ao lado, no sítio de Antônio Petrolines



Coroação de Nossa Senhora na capela de madeira – maio de 1957

* Colaboração com dados para o histórico: Florisvaldo Menegon

Construção da igreja de alvenaria

Em 1955 inicia-se o processo de construção da capela de alvenaria, que existe até hoje. O Livro Tombo Vol. II da Matriz, na página 27, traz o seguinte dado: “Levantamento do cruzeiro no novo terreno destinado à capela São Pedro, nas Abóboras – 15/08/1955.”

No dia 26 de novembro de 1957 o bispo de Londrina, **Dom Geraldo Fernandes**, autoriza a construção da nova capela, que levou sete anos. Os “capelões” na época eram: presidente - **José Ferrari**, tesoureiro - **Alberto Volponi**, secretário - **Florindo Menegon**, conselheiros - **Santa Volponi**, **Nazareno Volponi** e **Atilio Feltrin**. Essa comissão de construção ficou à frente da capela São Pedro por dez anos. O construtor da igreja foi o sr. **Antônio Lourenço da Silva**.

Além das famílias já citadas, outras que muito contribuíram com as atividades na capela foram a **Cestari**, **Cortez** e **Canova** (donos da antiga venda das Abóboras).

Festa de inauguração

No Livro Tombo II (p. 82) encontramos uma relíquia que informa a data de inauguração da nova capela, justamente numa festa de São Pedro, em 29 de junho de 1964. Um folheto do padre coadjutor José Guerini (*ver reprodução*), convidando a comunidade para os festejos.

Traz os benfeitores da época, os nomes das famílias envolvidas e os “festeiros”: Arlindo Capaci, Irineu Teodoro, Albino Geraldo, Tomás Parra Veiga, Marcílio Milanio, Flori Menegon, Pedro Mariano (de Camargo), Avelino Giroto, Carlos Frigeri, Antônio Gonçalves, Durvalino de Oliveira, José Sabião, Milton Moura, Deide Carvalho, Komizo Nazima, Julio Jacozara, Miguel Leibante, José Pin, Otto Zuqui, Alberto Salgado, Antônio Giroto, Manoel Teixeira, Armando Cestari e o leiloeiro, José Monarin.

Indicava também a programação de inauguração: procissão, missas, crisma, quermesse, barracas no pátio, baile, leilões e o concurso “Rainha da Torre” (porque a nova igreja passou a ter um campanário).

“Todos, pois, colaborarão generosamente com sua ajuda e participação para que essa festa marque verdadeiramente o ponto final de liquidação das pesadas despesas que a capela enfrentou em sua construção”, dizia o folheto.

Conclamava ainda a comunidade a participar, lembrando da presença do bispo, Dom Geraldo, do padre Carlos Probst, “o primeiro que incentivou a vida católica nas Abóboras, com seu incansável trabalho apostólico”, além do Coral da Matriz.

DIAS 27 - 28 - 29 DE JUNHO DE 1964
SOLENISSIMA FESTA DE S. PEDRO
Inauguração da nova Capela
Nas Abóboras - Ibiporã

A Comissão da Capela, as Diretorias das Irmandades e os festeiros têm a grata satisfação de convidar a todo o povo das Abóboras e bairros vizinhos para assistirem e tomarem parte na empolgante inauguração da Nova Capela, a realizar-se no dia 29 de junho, festa de seu Padroeiro, SÃO PEDRO.

Pela ocasião, será realizado um extraordinário programa de festejos, com a participação de S. Excia. Revma. DOM GERALDO FERNANDES, Bispo Diocesano; do Revmo. PE. CARLOS PROBST, o primeiro Padre que incentivou a vida católica no bairro das Abóboras, com seu incansável trabalho apostólico; e do CORAL DA MATRIZ DE IBIPORÃ.

PROGRAMA

DIA 19 DE JUNHO a seguir: Novena em preparação à Festa; todas as noites, REZA SOLENE a cargo das Irmandades.

DIA 28, DOMINGO — 8 horas, Chegada do Padre — Confissões.
 9:30 horas — Santa Missa, pelo Revmo. Pe. Carlos Probst, Vigário Geral de Diocese.
 À Noite — Raza Solene em louvor de São Pedro, a queima da Tradicional FOGUEIRA.

DIA 29, Festa de São Pedro — INAUGURAÇÃO DA NOVA CAPELA.
 9 horas — Solene Recepção de S. Excia. Revma. Dom Geraldo Fernandes no pátio da Capela.

Pode-se pois o comparecimento de todo o povo, e em especial, de todos os membros das Irmandades, uniformizadas e com seus estandartes e bandeiras, e fim de homenagear o Pai espiritual da Igreja, que em nome de Deus, vem visitar e abençoar a seus filhos. — A seguir, Bênção da Nova Capela, a Santa Missa solene, por S. Excia. Dom Geraldo. — O Coral da Matriz contribuirá com sua participação nesta solenidade de inauguração.

14 horas — SANTA CRUZADA — 17 horas — Grande Procissão de encerramento.

No dia 27, 28 e 29 de junho, realizam-se também, no largo da Capela, animadíssimas Quermesses, fustigando grande Leilão de prendas, e diversas brincadeiras de diversões. Todos pela colaboração generosamente com sua ajuda e participação, para que esta Festa marque verdadeiramente o ponto final na liquidação das pesadas despesas, que a capela enfrentou em sua construção.

No dia 29 de junho, depois da procissão, encerra-se a grande CONCURSO RAINHA DA TORRE, que está sendo realizado pelas senhoras Mercedes Carvalho Grande e Aparecida Cecília Mariano do Cernego, em prol da Capela. Haverá então a apuração final das votações das candidatas e a COROÇÃO DA RAINHA.

Que Deus, Nosso Senhor, pela intercessão de São Pedro, abençoe a todos os que, com sua colaboração, tiverem ajudado na construção desta nova e bellissima Capela, e na realização deste programa da Festa de Inauguração.

FESTEIROS

Adriado Capaci	Pedro Mariano	LEILOEIRO, José Mariano	José Fin
Alcides Teodoro	Arvaldo Giroto	Milton Moura	Cito Zappi
Albino Geraldo	Carlos Figuei	Mário Cervellin	Albino Salgado
Tamara Faria Veiga	Antonio Guecelvas	Antonio Maximo	Antonio Giroto
Marcílio Milani	Durvaldo da Oliveira	Júlio Jakovara	Manoel Teixeira
Franz Marapan	José Saliba	Miguel Leblanc	Antonio Cesar

Assinado:
 A COMISSÃO DA CAPELA
 AS DIRETORIAS DAS IRMANDADES

VISTO
 pelo Vigário: PE. JOSÉ GUERINI - Vig. Coop.

Livro da Matriz tem o registro da inauguração da capela, em 1964

Imagens atuais



Capela atual foi construída entre 1958 e 1964



Vista que se tem da porta da igreja



O mastro de São Pedro, levantado na festa do santo, em 2014

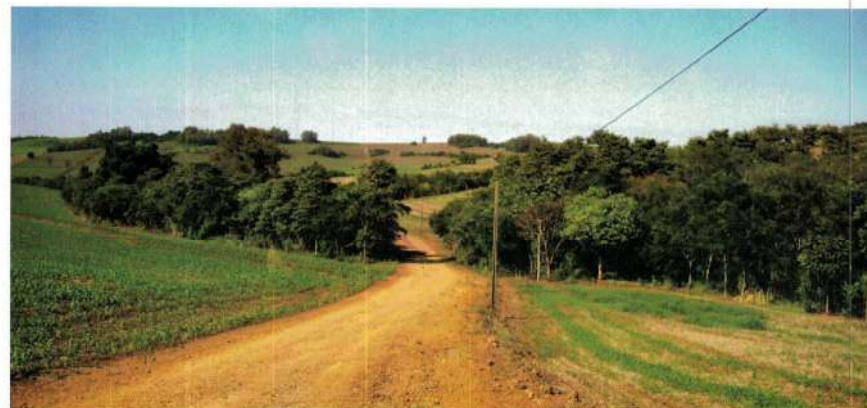


Imagens de Santo Antônio, São José e São Pedro (à dir.), o padroeiro



A 1ª igrejinha ficava ao lado dessa bela casa, onde Claudinei Pinto (dir.) mora desde 1969

Em uma das visitas à Água das Abóboras encontramos o sr. Claudinei Pinto, filho de **José Pinto** e **Josina de Moraes Pinto**. Ele e a família moram desde 1969 em uma charmosa casa no sítio ao lado de onde foi levantada a primeira igrejinha da localidade, em 1938, nas terras de **José Agustineli**. Hoje o sítio pertence a Sumio Matsubara. “Aqui em frente à minha casa funcionava a venda e também o posto telefônico das Abóboras”, relatou Pinto.



Estrada das Água das Abóboras, em direção a Ibioporã



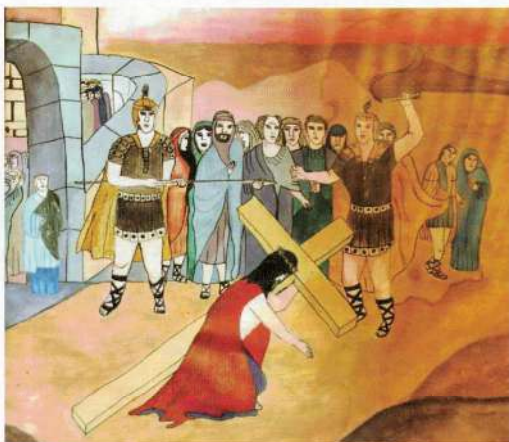
Coreto e o pátio da capela, vistos de onde ficava o campo de futebol



A sombra do lado de fora: convite ao descanso

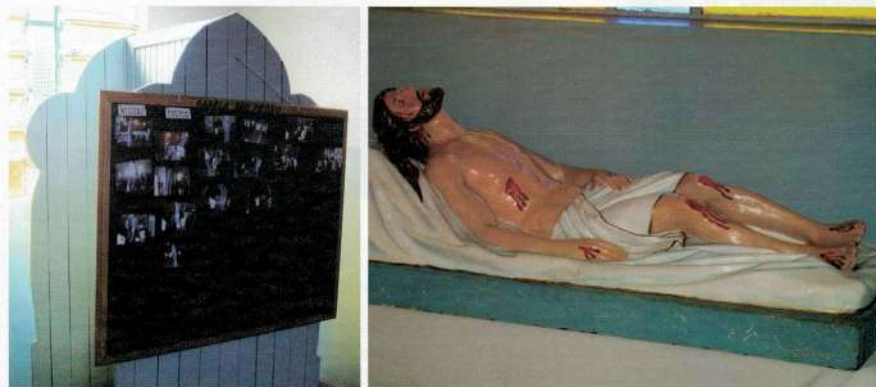
Interior da capela

Em outro dia de visita, o secretário de Cultura e Turismo de Ibioporã, Julio Dutra, deparou-se – nas paredes da capela atual – com quadros da via-sacra (*foto a seguir*) pintados em aquarela pelo artista plástico de Ibioporã Walmir Takaki Rocha (já falecido). “São muitas histórias e lembranças que fazem deste projeto das capelas, um registro do orgulho e da fé do nosso povo”, afirmou o secretário. As pinturas da via-sacra, assinadas pelo artista, são de 1988.



No interior da igreja, quadros da via-sacra de Walmir Takaki Rocha

O interior da capela, aliás, guarda objetos interessantes, como um confessionário à antiga, um andor, imagens de santos populares e os vitrais. O cenário é completado pelo campanário que suspende o sino que até hoje chama as famílias para a missa e a reza dos terços.



Ainda é mantido na capela um confessionário de madeira

... e uma imagem do Senhor Morto. Tradições preservadas



Comunidade em 2014, após a missa de São Pedro



Interior da capela, em dia de celebração

Depoimentos

**no dia da visita à comunidade: 29/06/2014*

No dia da gravação, em 29 de junho de 2014 (dia de São Pedro), foram entrevistados: Florisvaldo Menegon, filho de Aquiles Menegon e Catarina Batistella Menegon; Maria Aparecida Cortez Menegon, filha de Antônio Cortez e Maria Lita Gozzi Cortez; Vergínia da Silva Ferrari, nora do pioneiro José Ferrari e esposa de Laertes Ferrari, ex-presidente da capela; Sebastião Lourenço da Silva, filho de Iracema Belinelli da Silva e Antônio Lourenço da Silva; Adelino Lopes, conhecido como “Carabina”, que ajudou na obra e jogava bola no campo ao lado da igreja; além de Claudinei Pinto, filho de José Pinto e Josina de Moraes Pinto.



"Aqui nessa capela de São Pedro que está em pé até hoje eu ajudei a colocar tijolinho. Tinha uns 14, 15 anos. E ajudo até hoje, graças a Deus. Aqui quase ninguém me conhece por Adelino, mas por 'Carabina'. É o meu apelido de futebol. Jogava como zagueiro central, quarto zagueiro aqui do time do São

Pedro. E joguei também lá na Estrela do Norte."
(Adelino Lopes, o "Carabina")



"A festa de São Pedro aqui era um colosso, isso aqui parecia uma 'cidadona'. Não tinha nem onde colocar os carros. À noite começava o serviço de alto-falante, que dedicava as músicas para a moçada. Aqui faziam dois cordões de homens, um de cada lado, e as moças

desciam e subiam, desciam e subiam... Faziam uma 'ginástica' que você não imagina... Daí todo mundo era magrinho. Era ginástica na roça e depois aqui."
(Sebastião Lourenço da Silva)



"Meu sogro, José Ferrari, ajudou a fazer essa igreja, a primeira que teve, de madeira. Depois dele, o Laertes Ferrari, meu marido, foi o presidente da capela bastante tempo. Aqui de primeiro tinha festa de São Pedro, festa de Santa Luzia, e também a coroação. E o povo freqüentava bastante. Trabalhava durante o

dia e à noite fazia festa. Eu ajudei muito aqui nas festas."
(Vergínia da Silva Ferrari)



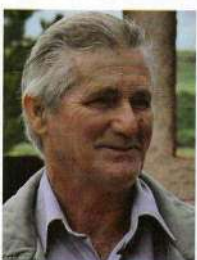
"Eu me sinto um pouco responsável por essa igreja e peço a Deus que no dia que eu sair, que fique alguém com tanto amor como eu tenho por ela. A gente faz parte da faxina, da coroação, fui catequista nove anos. Aqui é a minha vida, eu não sei fazer outra coisa, senão zelar, cuidar dessa igreja. Queria ter mais

poder pra não deixar morrer essa coisa tão linda, que é nossa capela e a festa que se fazia no dia de São Pedro."
(Maria Aparecida Cortez Menegon)



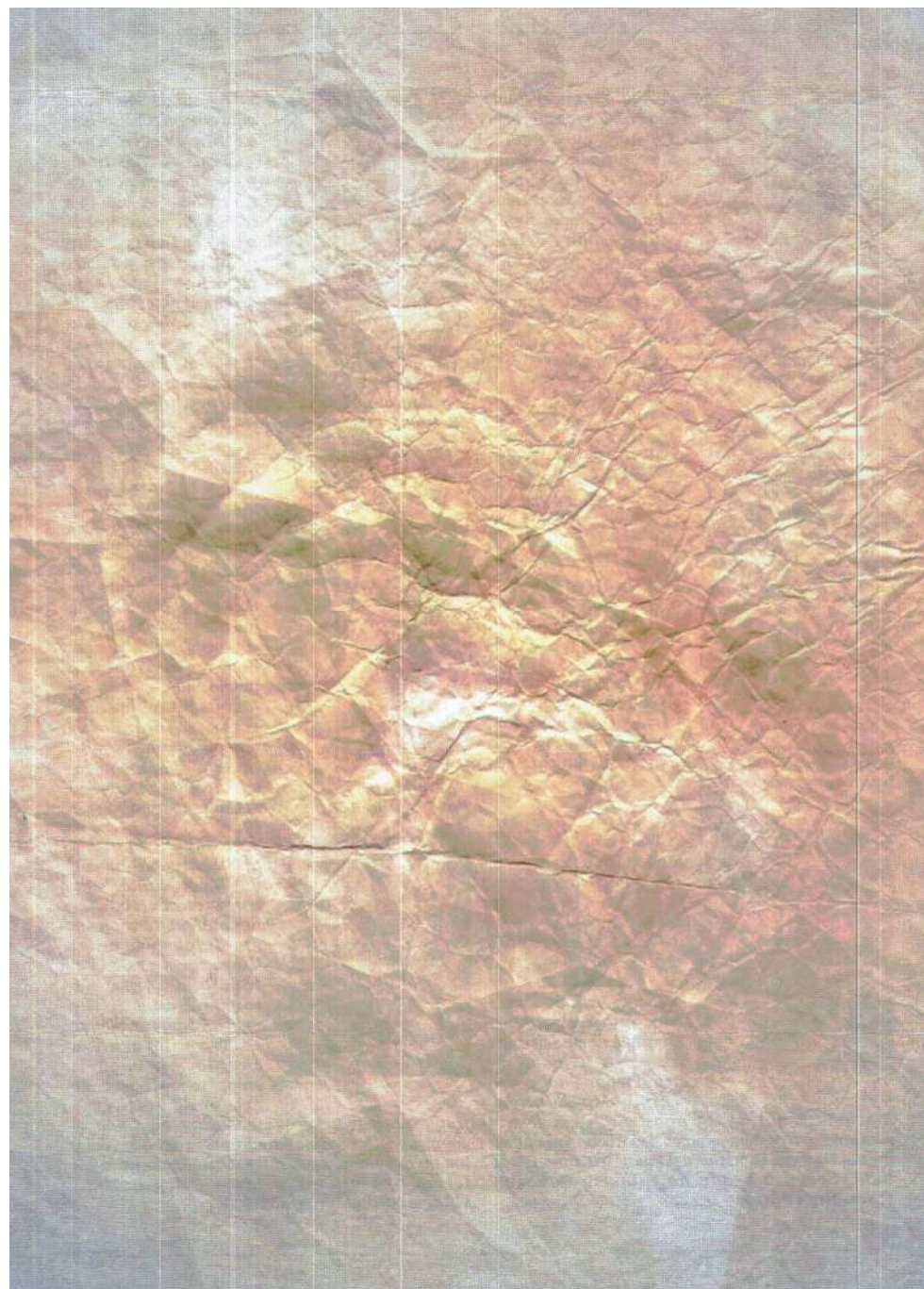
"Vim com um ano de idade para o Paraná, em 1950. Da primeira vez, moramos aqui na fazenda do Furquim. Saímos e voltamos depois, em 1969, para essa casa onde eu estou até hoje. Aqui ao lado é onde ficava a primeira igrejinha de madeira das Abóboras. O dono da propriedade hoje é o Sumio Matsubara.

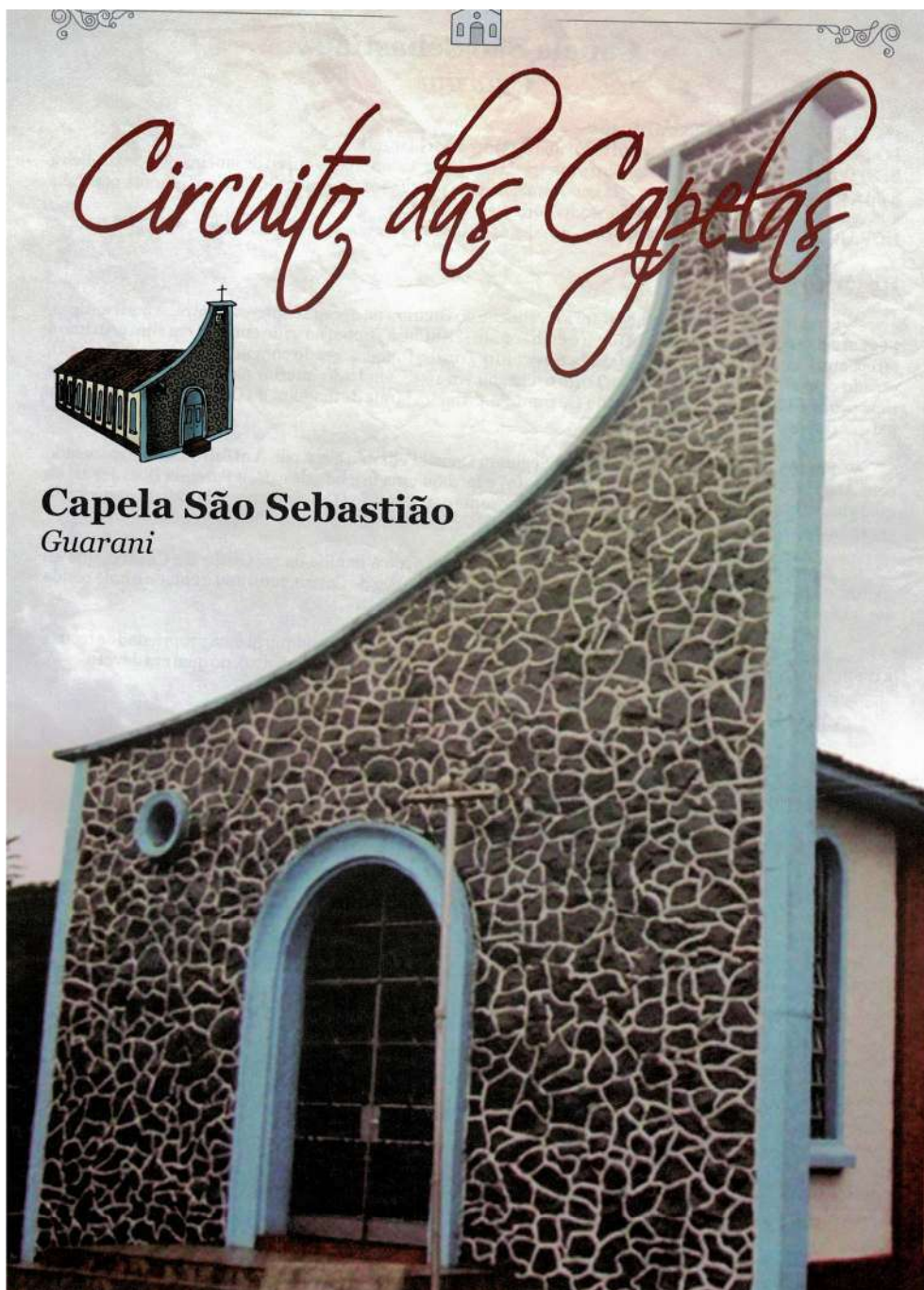
Moramos aqui há 45 anos. Aqui em frente funcionava o posto telefônico das Abóboras, onde a minha mulher (Edna Cestari Pinto) trabalhou. E do lado, ficava a venda do Gilberto Canova."
(Claudinei Pinto)



"Naquela época a gente era uma família, um lugar muito bom, uma comunidade famosa. Uma pessoa um dia falou pra mim: 'Lugar igual a esse, com baile, bola e festa, não teve e não vai ter nunca!' Naquele tempo, dava muita gente a cavalo, carroça, e embaixo do barracão era onde soltava o

frango, a leitoa. Porque naquele tempo não se comprava. Um dava o frango, outra dava um bolo, um pudim, um terceiro dava a leitoa, e se fazia um leilão pra ajudar a igreja. Era assim."
(Florisvaldo Menegon)





Capela São Sebastião Guarani

1ª CELEBRAÇÃO/ PROCISSÃO: 1943

LOCALIZAÇÃO: **Água do Guarani** (próxima ao Morro do Guarani)

FESTIVIDADES: Dia de São Sebastião (protetor da lavoura e dos animais - dia 20 de janeiro). Na Sexta-Feira Santa, procissão, terço e via-sacra. Na Quaresma, há uma procissão tradicional ao Pico do Guarani, com fiéis que vêm da cidade e se encontram com moradores da localidade.

HORÁRIO DE MISSAS: 3º domingo de cada mês, às 10 horas.

Histórico

Os primeiros pioneiros chegaram à localidade do Guarani na década de 1930. Dentre as mais antigas, podem ser destacadas as famílias Tonon e Pelisson. José Antônio Tonon, nascido em 1951 em sítio próximo à igreja atual, conta que o seu pai, **Alcides Severino Tonon** (homenageado com nome de rua em Ibiporã), casado com **Rosa Maria Beraldo Tonon**, chegou em 1932, vindo do interior paulista, e se instalou em uma propriedade próxima ao Morro do Guarani. "A primeira igreja de madeira do Guarani foi o finado meu pai que construiu", afirma José Antônio.

Em 1934 chegava a família Pelisson. Segundo Leonel Pelisson, o seu pai, **Antônio Pelisson**, casado com **Ângela Vanzo Pelisson**, veio "abrir mato" e formou uma fazenda de café, a Fazenda Bom Jesus, na qual viviam 40 famílias. Leonel nasceu ali mesmo, em 1950, e reside até hoje na fazenda. Sempre envolvido com o trabalho na igreja, foi presidente da capela do Guarani por 25 anos.

A propriedade onde fica a igreja inicialmente pertenceu à família do sr. **Gildo de Castro**, que ali morou entre 1939 e 1941, mudando-se para Uraí. Seu filho, Anísio de Castro, retornou à cidade e hoje reside em Ibiporã.

Em 1943, o sr. **Jobes Rodriguez**, vindo do Estado de São Paulo, adquiriu essa propriedade e trouxe a tradição de promover uma festa por ocasião do dia **São Sebastião** (20 de janeiro), do qual era devoto.



Procissão de São Sebastião, dia 20/01/1946, na Água da Fartura, próxima ao Guarani (foto: Acervo do MHAI)

São Sebastião: santo popular e mártir



São Sebastião alvejado por flechas.

A da esquerda é uma escultura de Henrique de Aragão, localizada na Casa de Artes e Ofícios, em Ibioporã

São Sebastião, padroeiro do Rio de Janeiro, é muito popular no Brasil. Diz a tradição que no dia da festa do padroeiro, em 1565, ocorreu a batalha final que expulsou os franceses que ocupavam o Rio de Janeiro. “E São Sebastião foi visto de espada na mão entre os portugueses, mamelucos e índios, lutando contra os invasores” (descrição do portal *Canção Nova* – www.cancaonova.com).

A reprodução do martírio de São Sebastião, amarrado a uma árvore e atravessado por flechas é uma imagem centenas de vezes retratada em quadros, pinturas e esculturas, por artistas de diferentes épocas. Acima, duas representações do martírio: uma clássica e a outra, escultura em latão de Henrique de Aragão, que se encontra na Casa de Artes e Ofícios Paulo VI, onde funcionava o ateliê do artista, em Ibioporã.

Entretanto, muitos não sabem que o destemido São Sebastião não morreu daquela maneira. O suplício das flechas não lhe tirou a vida, que fora resguardada por sua fé em Cristo. Ele morreu mais tarde, após se apresentar ao imperador de Roma, Diocleciano, mantendo o seu testemunho, numa época em que os cristãos eram perseguidos. O imperador entregou-o então à guarda pretoriana após condená-lo, desta vez, ao martírio no Circo. Sebastião foi executado então com pauladas e boladas de chumbo, sendo açoitado até a morte, no dia 20 de janeiro do ano 288.

Tradição da festa

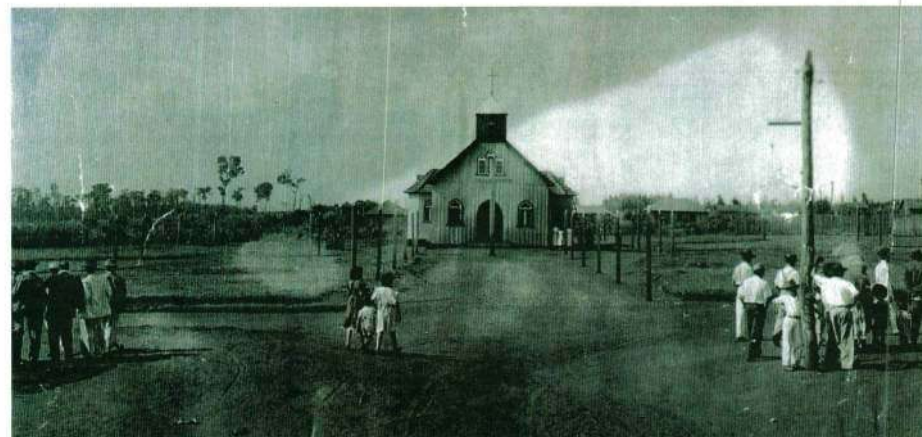
De acordo com a pioneira **Dirce Tonon Pelisson**, a história da capela do Guarani iniciou-se com a chegada de **Jobs Rodriguez**, que tinha como promessa doar um boi todos os anos na festa de São Sebastião, tido como o “protetor da lavoura e dos animais e que livra o povo da fome e das pestes”.

Mudando-se para Ibioporã, manteve a promessa e a festa, que ocorria sempre após uma procissão (foto da página anterior), e foi realizada na comunidade por mais de 20 anos, sempre dia 20 de janeiro.

A fotografia registra uma procissão em 1946, partindo de uma fazenda de café na Água da Fartura, como se pode observar atrás dos personagens. A legenda da imagem, do Acervo do MHAJ, traz a seguinte descrição: “A senhora Anastácia tinha o costume de preparar uma procissão em honra a São Sebastião, no dia 20 de janeiro. Após a procissão, ela e sua família ofereciam almoço a todas as crianças da redondeza. Foto cedida pela família Borsato”.

Doação do terreno para capela

Assim que chegou a Ibioporã, Jobs Rodriguez construiu uma pequena capela em seu sítio. Comprou uma imagem de São Sebastião e doou também o lote de terra onde foi construída a igreja. “Por sinal, era um terreno plano e o melhor da sua propriedade”, conta Dirce Tonon. Mesmo assim doou-o à Igreja – a topografia do terreno pode ser observada na fotografia a seguir, que mostra a igreja e o grande pátio, no fim da década de 40.



O pátio em volta da capela: “Foi doado um terreno plano e o melhor da propriedade do sr. Jobs Rodriguez”

Os moradores antigos contam que nos primeiros anos havia um coreto no qual eram leiloadas as “prendas” e com isso foi-se arrecadando dinheiro para construir uma capela maior, de tábuas (imagem ao lado).



Essa 2ª capela é do fim da década de 1940

Os anos se passaram e começou a haver missas todos os meses, com os **padres Leone Gervasoni e José Zanelli**, da Paróquia de Ibiporã. Havia também as irmandades: Filhas de Maria, Marianos e Cruzadas. Cada grupo realizava as suas reuniões e rezava durante a Quaresma todas as quartas-feiras. No sábado havia ainda a via-sacra. Anos mais tarde o sr. **Jobes** foi “abençoado por Deus, graças à intercessão de São Sebastião”, segundo ele, e teve um filho ordenado sacerdote: **Ernesto Rodriguez**.

“Milagre”

Dirce Tonon conta que num dia de sábado o sr. **Antônio Pelisson** e um filho seu estavam beneficiando arroz para a comunidade do Guarani. Na época, utilizavam barbantes para amarrar os sacos, com fósforos. Após terminarem o serviço, foram à cidade comprar o forro para a capela. Ao voltarem, viram que havia pegado fogo no local, “mas pelas mãos de Deus e a intercessão de São Sebastião o fogo queimou somente o rolo de barbante e três tábuas. E se apagou sozinho”, conta a sra. Dirce no relato escrito para o projeto.

Foram muitos os que ajudaram a capela, destacando-se alguns presidentes como **Francisco (“Fraquito”) Parra, Alcides Bilmaia, Mário Maggi** (a família Maggi era tradicional na Água da Fartura) e **João Alves**, entre outros.

O Livro Tombo da Matriz traz observações interessantes dos padres sobre a capela do Guarani. Em um relato do dia 5 de janeiro de 1957, assinado pelos padres missionários do PIME, José Contini e Aldo da Tofori, após missões em todas as capelas em dezembro de 1956, a Capela do Guarani é elogiada:

“Sem dúvida a melhor capela. Organizada em todos os sentidos, com influência quase nula de outras religiões. Irmandades fortíssimas, maciças e animadas. Sente-se a repercussão do trabalho dos padres missionários que aqui estiveram ano passado.” (Livro Tombo II, p. 33-1957).

* Colaboração para o histórico: Dirce Maria Tonon Pelisson

Protetor das lavouras

Um registro interessante da devoção em Ibiporã a São Sebastião como o “protetor das lavouras e das criações” eram os dizeres dos folhetos da Festa de São Sebastião, redigidos pelo padre Vicente Mariani, pároco de Ibiporã de 1961 a 1965. Um deles, convidando para a festa 1963, na Matriz – que, assim como a Capela do Guarani, também promovia todos os anos a festa em louvor ao santo – dizia o seguinte:

“Povo da lavoura e criadores de gado: a festa de São Sebastião deve ser a vossa festa, a fim de invocarmos juntos a proteção do santo sobre vossas lavouras, vossas criações e merecermos sua valiosa proteção sobre nossas famílias. Todos ofereçam a São Sebastião suas prendas (...) Que o leilão de gado em louvor a São Sebastião seja digno das tradições de Ibiporã, a benefício do acabamento da Matriz...” (Livro Tombo II, p. 68 -1963).



Festa em louvor ao santo, “protetor das lavouras”, em 1963

Nova capela de alvenaria

Em 1965 foi iniciada e em 1968 foi concluída uma nova capela, “de material”, no mesmo lugar da de madeira, aproveitando-se o piso em mosaico (de cerâmica) da anterior. Importante ressaltar que na época não havia energia elétrica na localidade. Porém, o sr. **Antônio Tonon**, proprietário de um sítio vizinho, possuía um gerador de energia e fornecia luz para a capela.

A igreja de alvenaria ficou pronta, porém não havia dinheiro para forrar o teto. Então o sr. **Antônio Pelisson** (citado anteriormente), que já havia doado a areia, doou também o teto. O recurso, segundo ele, veio de uma “providência divina”.

Em formato de vela

O desenho da nova capela, com a frente em formato de vela e em mosaico de pedra, é do artista plástico **Henrique de Aragão**, que tem obras espalhadas por várias comunidades, como veremos ao longo deste livro. Porém, a cor original da fachada era a cor de pedra, sem pintura.



Desenho em formato de vela é de Henrique de Aragão

De acordo com o site “Artes na Web” (www.artesnaweb.com.br), o projeto desta capela é de 1965, ano em que Aragão chegou a Ibiporã. O site informa também a data da confecção do sacrário e do altar da capela (entalhado em madeira), ambos de 1979.

Em entrevista à equipe do projeto, Aragão contou que o desenho da igreja foi solicitado por padre **José Guerini**, que percorria as capelas entre as décadas de 60 e 70, como o coadjutor da Matriz, na época dos padres **Vicente Mariani** e **Rino Nogarotto**. Outro vigário da época, **Domenico Rotunno**, lembra dessa fachada no Guarani quando chegou à cidade, em 1974.

“Uma lembrança que eu tive esses dias, encontrando com pessoas da capela do Guarani, foi de quando fizemos um chaveiro de São Sebastião e foram distribuídos ao povo na festa do santo. As pessoas gostaram tanto que ainda têm o chaveiro. E isso foi nos anos 70”, disse padre Domenico.

Sobre a fachada, Aragão contou que o padre José Guerini lhe pediu um desenho e Henrique escolheu a vela “por haver uma ligação com a antiguidade românica”. “No início da Idade Média faziam as igrejas pequenas em formato de vela. Chamavam de ‘capela a vela’. Sugeriu uma vela de barco para representar os missionários do PIME, que viajam a outros continentes para evangelizar”, relatou.

Pinturas na Matriz

Nas entrevistas, Henrique demonstrou predileção pelas capelas do Guarani e do Bom Pastor, as que foi incumbido de desenhar e de decorar com obras. Tanto que, ao pintar na década de 70 os elementos agrícolas da região, no alto da Igreja Matriz – a pedido do padre João Giomo – escolheu desenhar essas duas capelas (*abaixo*), acima de ramos de café e algodão.



Henrique na Matriz, falando sobre as capelas pintadas próximas à cúpula

“É importante as pessoas saberem que nesse caso o algodão e o café não têm relação com a produção agrícola de uma ou de outra capela. Eu só quis representar os produtos da terra e duas capelas que foram importantes”, disse o artista.



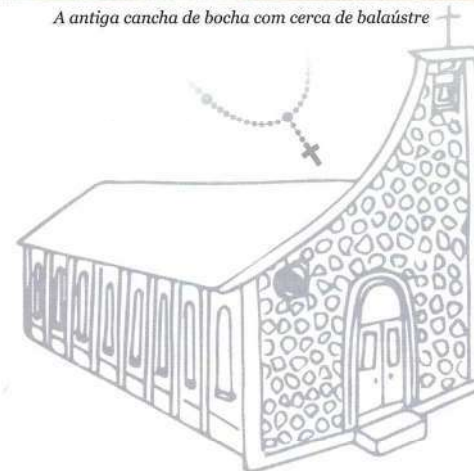
A capela do Guarani (esq.), desenhada na Matriz, acima da representação do algodão

Visita e gravação

Num domingo de chuva, dia 15 de fevereiro de 2015, a equipe do *Circuito das Capelas* esteve no Guarani ouvindo pioneiros, moradores e registrando imagens da comunidade, que teve grande importância para a história do Município. Foi a segunda capela de Ibiporã (depois da São Pedro), construída na década de 40, e uma das primeiras áreas de povoamento rural do município, junto com a Água das Abóboras. Ainda há o pátio amplo, barracão de festas e cancha de bocha, embora hoje com poucos frequentadores.

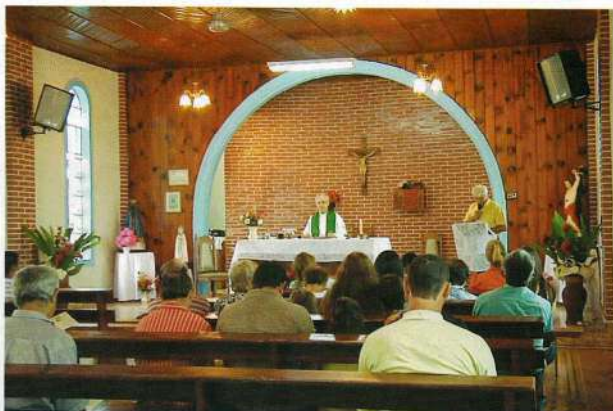


A antiga cancha de bocha com cerca de balaústre



Obras de Henrique de Aragão

Internamente, a capela é aconchegante e há harmonia entre a arquitetura e a decoração religiosa, com forro em madeira, piso colonial, vitrais arredondados.



Interior aconchegante, com forro em madeira e piso colonial

O altar da capela é todo em madeira entalhada, outra obra sacra de **Henrique de Aragão**. Os entalhes são uma atração à parte. Além da representação tradicional do trigo e da uva, que remetem ao pão e o vinho da Eucaristia, Aragão colocou elementos da agricultura regional, como o café, que foi a base da economia de Ibiporã até os anos 70, e os cereais, como feijão e milho, que eram o sustento das famílias.



O altar e o sacrário tiveram a 'mão' de Henrique Aragão

Henrique também esculpiu o sacrário da igreja, em latão. A peça traz de um lado o peixe – elemento que identificava os primeiros cristãos – e de outro, o trigo. No centro, as iniciais, em grego, da inscrição "Jesus Cristo, Filho de Deus Salvador", conforme se pode observar na grafia:

Ιησους
Χριστος
Θεου
Υιός
Σωτήρ



O sacrário e ao lado a inscrição em grego

Procissão ao pico na Quaresma

Uma família com um grande número de crianças e adolescentes morava próxima ao Pico do Guarani – o ponto mais alto de Ibiporã, também chamado Morro do Guarani. Em uma Sexta-Feira Santa as crianças queriam brincar e comer o dia todo, porém a mãe explicou que era dia de jejuar e as chamou para subirem até o morro e rezarem um terço. A partir daquela data tornou-se tradição a procissão e o terço, realizados até hoje, com uma via-sacra, às Sextas-Feiras Santas.

Há também, na Quaresma, uma missa com procissão até o Morro do Guarani. Um grupo vem a pé da cidade (foto) e se encontra com outro que vem da capela, também em procissão.



Procissão se mantém até hoje, durante a Quaresma

Para reforçar essa devoção e haver um local para celebrações, foi construída uma capelinha de alvenaria no alto do pico (foto a seguir). Sabe-se que capelinha existiu até 2011, ano em que foi registrada a fotografia. Porém, recentemente ela foi demolida.



Missa no alto do morro, em 2011: essa capelinha não existe mais

Também há todos os anos a procissão e missa do padroeiro, São Sebastião, dia 20 de janeiro. A comunidade se encontra às 8 horas no morro e sai em procissão carregando uma cruz. Na capela, há a celebração, coordenada pelo atual ministro, **sr. Pedro Gumiero**, e sua esposa **Margarete Nunes Gumiero**, cuja família se dedica há 25 anos ao cuidado desta capela. A comunidade teve sacrário com o Santíssimo (Eucaristia) por muitos anos. Porém, como a população local diminuiu e a maioria se mudou para a cidade, os padres decidiram levá-lo. As missas, porém, continuam, todo 3º domingo do mês, às 10h.

Depoimentos

*no dia da visita à comunidade: 15/02/2015

Entrevistamos pessoas que fizeram parte da história da comunidade: José Antônio Tonon (filho do casal Alcides Severino Tonon e Rosa Maria Beraldo Tonon, que chegaram ao Guarani em 1932); Leonel Pelisson (filho de Antônio Pelisson e Ângela Vanzo Pelisson, que se fixaram em 1934 e tinham uma fazenda de café, "Bom Jesus", na qual viviam 40 famílias). Quem hoje mantém a fazenda é Leonel; Rosilene Pelisson (filha dos pioneiros Albino Pelisson e Dirce Maria Tonon Pelisson); o casal Ciro Paulo Alicio e Leonilda Tonon Alicio, além de Aparecido Magioli de Lima. O padre Giovanni Pontarolo esteve no local acompanhado da irmã Marcela Paez, das Irmãs de Santa Marta, que parabenizou este trabalho de recuperação da memória.

"Quando meu pai chegou no Guarani, em 1932, não existia nada aqui. Se precisasse de algum remédio ou algo diferente tinha que ir até Londrina por picada, atravessando o Rio Lindóia ou o Jacutinga no peito, porque não tinha estrada. Depois construíram a capelinha e o povo se reunia. Faziam procissão, rezavam o terço, molhavam o cruzeiro e aí chovia. A igreja do Guarani, de madeira, foi o finado meu pai, Alcides Tonon, que construiu. Naquele tempo o povo era muito unido, crente, muito justo. Não tinha malandragem, roubo, existia a confiança. Ninguém precisava de contrato. O contrato era a palavra do homem. Ali, junto da capela, tinha um campo de futebol, uma venda, do meu tio Antônio Tonon, e o pátio onde o povo ficava em dia de festa. Nossa família plantava café, eram 22 mil pés de café. Outros irmãos do pai eram Francisco Tonon, Vicente Tonon, já falecidos, e tem o Pedro Tonon, que mora em Ibiporã. No Guarani tinha uma escola, onde estudei até o 4º ano primário. Meu professor era o Biludino e a mulher dele se chamava Esmeralda, a escola ficava a 100 metros da capelinha." **(José Antônio Tonon)**



"Meu pai chegou aqui em 1934. Era tudo mato. Ele começou a abrir e plantar café. Faz 64 anos que eu moro aqui. Eu nasci nessa fazenda. Nela viviam 40 famílias, que tocavam café a 40% [de arrendamento]. Tínhamos também o campo de futebol e um time muito bom. Eu jogava. Quando criança, brincava e estudava aqui perto. Lembro da capela de madeira e das procissões. Tinha uma procissão que vinha do Pico do Guarani, no dia 20 de janeiro, que é o dia do nosso padroeiro, e terminava aqui. As festas eram todas aqui no pátio. Teve ano que de acontecer três dias de festa. Numa delas, lembro que foram doados seis bois e tinha ainda bingo e jogo de baralho. Os leilões eram todos no coreto... Nos dias de chuva era terrível, mas era bom. Fiquei 25 anos como presidente dessa capela." **(Leonel Pelisson)**

"Aqui não tinha nada, só um cruzeiro. Depois arrumaram uma igreja de tábuas, juntaram um dinheiro e fizeram o cruzeiro e a igreja. Tinha a festa de São Sebastião que sempre juntava bastante gente. Eu ajudava no coreto, no leilão para a igreja. Era animado, tocavam discos e tinha o alto-falante. Morávamos no Jacutinga no ano 40 [1940]. A capelinha era menor e eu ajudei aqui como pedreiro, carpinteiro. Sempre ajudamos." **(Ciro Paulo Alicio)**



"Nasci no Guarani, na Fazenda Bom Jesus. Na época, era só café e umas 38 famílias moravam lá. Eram muitas crianças. Nossa rotina de criança era muito boa. Quando tinha uma brincadeira eu liderava. Saía pelas colônias onde moravam as outras para pedir para as mães deixarem elas brincar com a gente no terrão em frente à casa. Foi uma infância muito sadia, não tinha inimizade, concorrência, era todo mundo igual, embora os meus pais e tios fossem donos da fazenda. Todos eram iguais. A escola em que estudamos ficava a 1,5 km da fazenda, mas era pertinho da capela - Escola Municipal Saldanha Marinho. Eram duas escolas de madeira, sistema seriado, e vinham duas professoras de Ibiporã: Dona Emilia Ribeiro e Dona Alexandrina, e tinha a Lourdes Betiati. Na capela, minhas primas maiores eram catequistas, filhas do meu tio Clodomiro Pelisson: a Iraci, a Cidinha e o Valdecir, que ajudava na igreja também. Fiz a primeira comunhão na capelinha, depois participamos do grupo de jovens, elas se casaram e nós continuamos, ajudando e arrecadando o dízimo. Passaram-se anos e hoje quem faz esse trabalho é meu tio Leonel Pelisson. Minha mãe, na época de solteira, quase morou no pátio da igreja. Havia um campo e ao lado uma venda. Minha minha mãe morava lá, o sítio pertencia ao pai dela." **(Rosilene Pelisson)**

"A gente tinha muito amor no que fazia. Eu e a minha sobrinha, a gente limpava e cuidava da igreja. Tinha muito barro que traziam de fora, nossa! Então a gente precisava lavar toda a igreja e os bancos e tirava água de um poço ali perto. Não tinha energia elétrica... então para rezar o terço à noite era 'na vela'. Já a missa tinha que ser de dia. O padre vinha só uma vez por mês [nos anos 50] e a gente participava. Quando chovia em domingo de festa aí tinha que prorrogar a festa para o domingo seguinte. Daí a gente tinha que lavar a igreja de novo. Sempre aquele barro... Lembro que tinha um barracão menor e nós trabalhávamos ali; tinha um forno a lenha, assávamos os frangos, pedíamos para a comunidade e a minha filha ajudava a pedir. Eu batizei a minha filha aqui, no ano de 1959. O coreto era de madeira, redondo, eles subiam lá em cima e gritavam. Um dava uma oferta, outro dava mais... Era animado. Tinha muita amizade, o povo muito humilde, as pessoas ficavam passeando e conversando no pátio." **(Leonilda Tonon Alicio)**

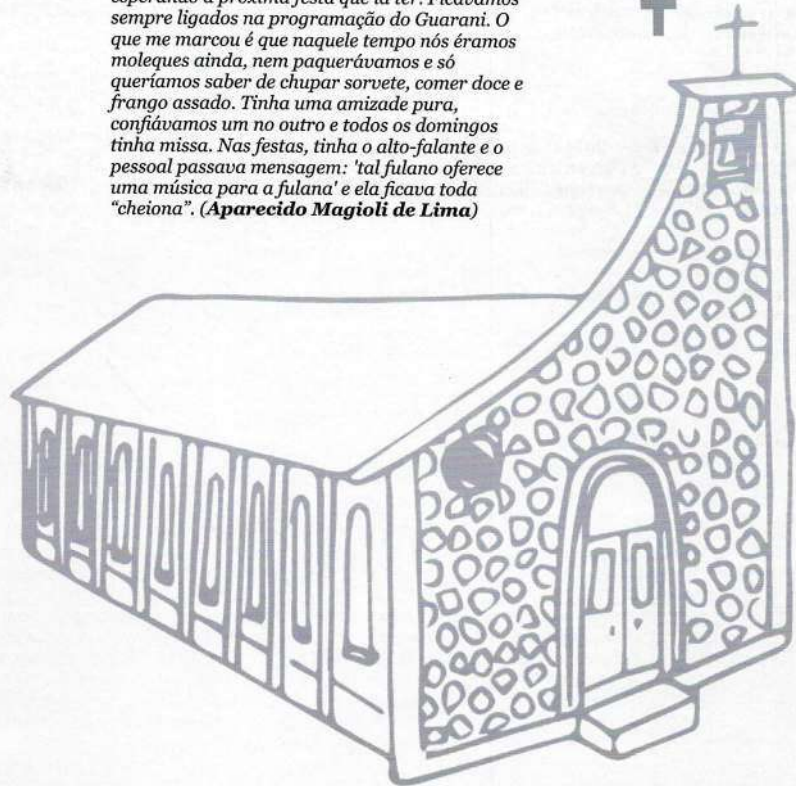


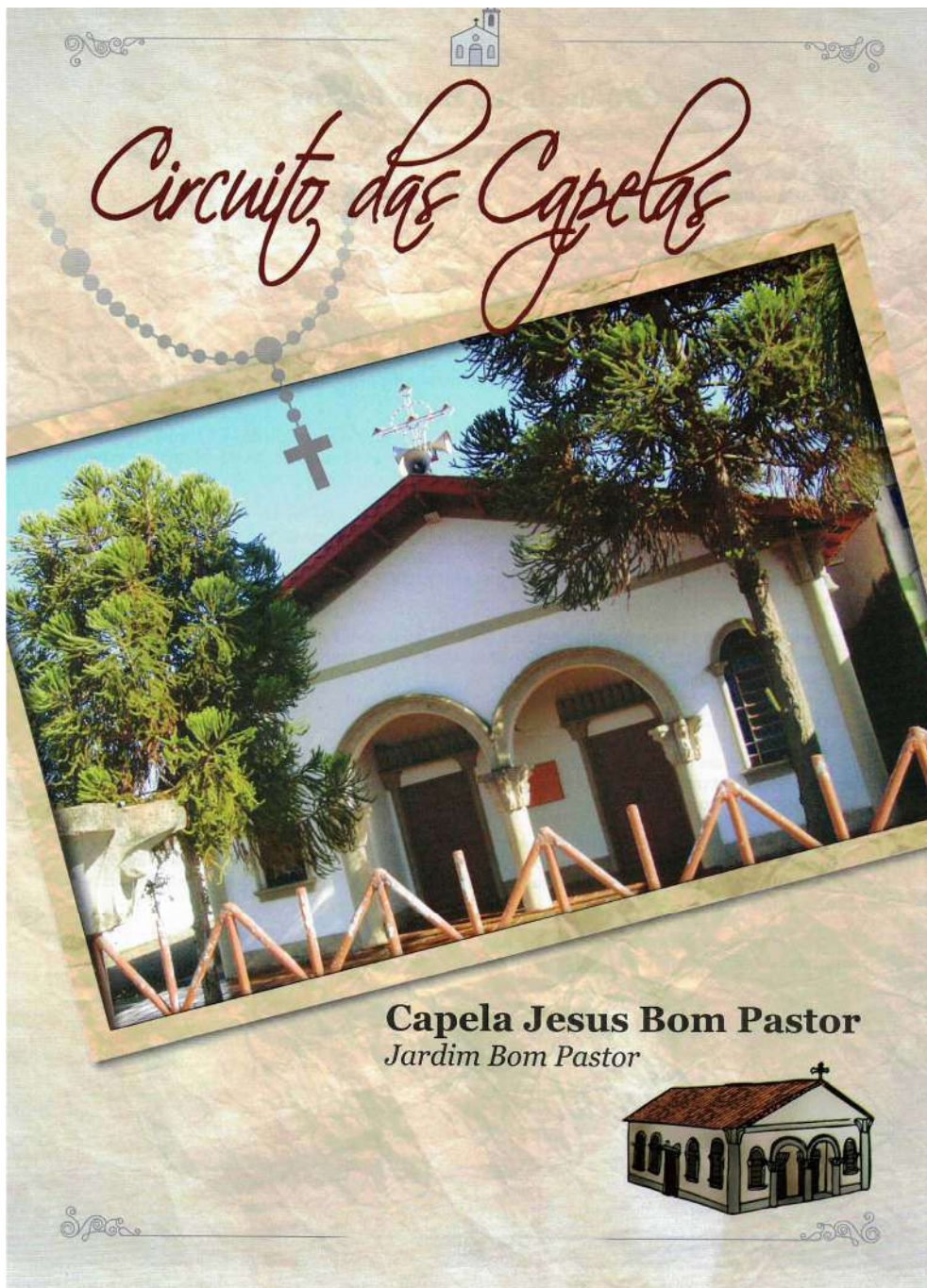
"Trabalhei com o padre Rino de 23 de fevereiro de 1974 até os primeiros meses de 1978. Essas capelas eram rodeadas de plantações de café, por isso a maior parte do povo morava no sítio. Nós íamos em todas as capelas e era grande o número de pessoas que trabalhava colhendo o café. Mas em 1975, quando queimou o café, esse povo veio para as cidades, porque no sítio não tinha mais trabalho... Uma lembrança que eu tive esses dias, encontrando uma pessoa da capela do Guarani, foi de quando fizemos um chaveiro de São Sebastião e foram distribuídos para o povo na festa do santo. As pessoas gostaram tanto que dizem que ainda têm o chaveiro. Em 1974 essa capela atual já estava construída. Ao lado, tinha um bar, que depois fechou porque a população diminuiu." **(padre Domenico Rotunno, do PIME)**



"Comecei a frequentar essa capela por volta de 1974. A gente morava lá na Água dos Cágados. Vínhamos de caminhão, outras vezes a cavalo e também de trator. Tinha torneio de futebol sempre à tarde, era muito gostoso, muita gente. Quando chovia, não

podíamos vir e ficávamos arrepiados lá longe, esperando a próxima festa que ia ter. Ficávamos sempre ligados na programação do Guarani. O que me marcou é que naquele tempo nós éramos moleques ainda, nem paquerávamos e só queríamos saber de chupar sorvete, comer doce e frango assado. Tinha uma amizade pura, confiávamos um no outro e todos os domingos tinha missa. Nas festas, tinha o alto-falante e o pessoal passava mensagem: 'tal fulano oferece uma música para a fulana' e ela ficava toda "cheiona". (Aparecido Magioli de Lima)





Capela Jesus Bom Pastor
Jardim Bom Pastor



Capela Jesus Bom Pastor *Jardim Bom Pastor*

1ª CELEBRAÇÃO: 1947

LOCALIZAÇÃO: Rua Cândido Martins Bandeira – **Jardim Bom Pastor**

FESTIVIDADES: Coroação de Nossa Senhora, em maio. Dia do padroeiro (Bom Pastor), no 4º domingo da Páscoa.

HORÁRIO DE MISSAS: Aos domingos, às 19h.

Histórico

De acordo com levantamento feito com pioneiros por Gumercindo Fonseca e Neuza Gubani, essa capela existe no local atual desde **1947**, em terreno adquirido pelos srs. **Manoel Peixoto Soares e Américo Betteto**.

Sua história, porém, se inicia com a construção de uma capelinha no sítio do sr. Manoel Peixoto, no começo da década de 1940. Ele era devoto de São Sebastião e todos os anos, no dia 20 de janeiro, rezava o terço em família e fazia uma festa em louvor ao santo. A celebração era no seu sítio, na **Água do Monjolino** ou "**Monjolo**", com acesso pela Estrada do Barreirão.

Peixoto contou que certa noite, após a sua família ter ido se deitar, as velas acesas durante a oração se derreteram e pegou fogo no altar que havia na casa. O retrato de São Sebastião, porém, queimou apenas em um canto, fortificando assim a fé do sr. Manoel, que prometeu, em razão disso, construir uma capela em louvor ao padroeiro.

Construiu então a capela no sítio e com o passar dos anos, com a arrecadação de festas e donativos, pôde aumentar o tamanho. Porém, ao redor do sítio havia poucos moradores, a distância da cidade era grande e as estradas, ruins.

Mudança para o D.E.R.

Em razão dessas dificuldades e do êxodo rural, sr. **Manoel Peixoto** e o pároco da época, **padre Roberto Wanke**, propuseram transferir a capela para outro local, no atual Jardim Bom Pastor. Em **1947** foi colocado um cruzeiro no local.

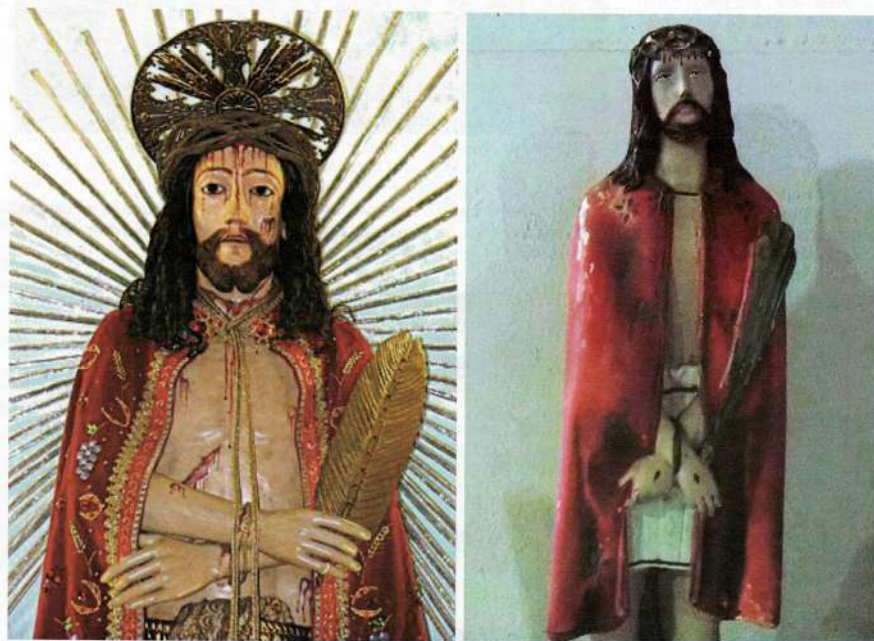
No final de **1948**, com a chegada do **padre Leone Gervasoni** a Ibioporã, a capela de madeira foi transferida do sítio do sr. Manoel para o novo local, mantendo-se o padroeiro, **São Sebastião**. Foram retiradas partes inteiras das paredes e reutilizadas na nova construção. Com a ajuda dos moradores e festas, a obra foi concluída.

O novo local, no início dos anos 50, já contava com algumas famílias. Era chamado de D.E.R., em razão do pátio de máquinas do órgão estadual, situado no local até hoje.

Circuito das Capelas

De São Sebastião a Bom Jesus de Pirapora

Naquela época “tudo era difícil”, relatam os pioneiros. A região não dispunha de energia e as missas eram celebradas à luz de vela, apenas duas vezes ao ano. Uma no dia de São Sebastião (20 de Janeiro) e outra no dia do “Bom Jesus” ou “Bom Jesus de Pirapora” (6 de agosto). Em homenagem ao novo bairro, padre Leone decidiu mudar o nome do padroeiro, de São Sebastião para **Bom Jesus de Pirapora**.



A imagem clássica do Bom Jesus de Pirapora (à esq.), presente em muitas igrejas mineiras. À direita, o Bom Jesus que decora a Capela Nossa Senhora da Consolação, no Amâncio, em Ibitiporã

Em 1951 a capela foi ampliada e a partir de 1954 as missas passaram a ser em meses alternados. O terço era rezado todos os sábados à noite e havia um barzinho, cujo encarregado era o próprio sr. Manoel Peixoto. Parte do lucro ia para a Matriz e outra parte ficava para a capela.

Até 1963, conforme se pôde observar no Livro Tombo II, da Matriz (com registros de 1949 a 1985), os padres do PIME ainda se referiam à capela como “**Monjolo**”, onde atendiam confissões e celebravam missas. É o que se verificou, por exemplo, em “Estatísticas das Capelas”, de 1959, do padre Leone, quando havia nove comunidades. O nome prosseguiu com padre Vicente Mariani em anotações de 1962 e 1963. Somente em 1964 é que passaram a nominar a capela como D.E.R..

Festas na década de 1960

Todos os anos eram escalados “festeiros” encarregados de arrecadar donativos nos sítios e no comércio local para festejar São Sebastião. Em 1963, como havia prestações do terreno da igreja em atraso, foi realizada uma grande quermesse para angariar fundos e saldar dívidas.



Festa de São José dia 21 de março de 1965, quando foi realizada 1ª Comunhão na capela

No dia 21 de março de 1965, juntamente com a festa de São José (19 de março), foi realizada uma procissão e a primeira celebração de 1ª Comunhão na capela, com 21 crianças preparadas pelo catequista da época, sr. **Genésio Ponciano da Silva** (fotografia acima). Genésio aparece no alto da imagem, de óculos.



1ª Comunhão em 1971, com padre Rino e o catequista, sr. Rozendo Borges Santana

Nos dias 19 e 20 de março de 1966, foi realizada outra festa em louvor a São José Operário com a presença do **padre José Guerini**, do PIME, que se tornou conselheiro espiritual da comunidade. Todos os anos eram realizadas duas quermesses em prol de benfeitorias. A partir de 1970, **padre Rino Nogaroto** assumiu a capela e o sr. **Genésio Ponciano**, que rezava diariamente o terço ali, era o presidente.



Grupo de jovens na capela antiga. Início da década de 1970

Construção da igreja atual

Em 13 agosto de 1978 foi colocada a pedra fundamental para a construção de uma nova igreja, de alvenaria. A primeira parte foi terminada em julho de 1979, graças à ajuda financeira da família do padre João Giomo, que era o auxiliar na época.

“Lembro que o sr. Genésio Ponciano, que era ministro fiel, toda noite ia puxar o rosário e queria uma capelinha de alvenaria. Eu me entusiasmei e pedi um recurso à minha família. Como os meus irmãos tinham uma firma de móveis na Itália, me ajudaram. Mas num certo momento me apurei e tive que recorrer ao pároco, padre Rino. Foi uma aventura a construção dessa capela”, relembra padre Giomo.

O presidente na época era o sr. Genésio Ponciano, o tesoureiro e secretário era **Marcílio José da Silva**, e o construtor, **Antonio Ponciano da Silva** (Toninho). Na imagem a seguir, membros da comissão de construção.



A partir da esq., em pé: Genésio Ponciano, Jair Teles, Aparecida Teles, Nica Camargo, Lourdes Belinato, Alberto Mortean e Marcílio Silva

Terminada a construção, faltavam os detalhes artísticos e arquitetônicos para ela ganhar “cara” de igreja. Padre Giomo pediu então a colaboração de Henrique de Aragão. “Para que ele desse um acabamento à capela, com detalhes e algumas obras (veja box). Ele me atendeu e, no fim, ficou uma bela capela”, orgulha-se o padre. Em 1981, após muitas quermesses e doações, foi inaugurada a nova capela. No dia da inauguração (imagem abaixo), os pais e uma tia do padre João Giomo vieram da Itália especialmente para a celebração.



Inauguração da igreja atual em 1981, com os padres João e Rino

Obras de Henrique de Aragão



Henrique mostrando no computador a fachada da capela



Capitéis e a fachada, com os arcos e o átrio

Em entrevista ao projeto, Henrique de Aragão falou sobre a arquitetura e as obras que concebeu para a capela Bom Pastor. O presbitério e a fachada, com os arcos que se assemelham aos arcos da Matriz, foram feitos em 1979. Depois foram confeccionadas outras obras.

“Essa igreja é tipicamente de inspiração clássica ou barroca. Acima dos arcos há um tímpano, feito para se colocar uma escultura contando alguma história. Os arcos se repetem e são típicos da arquitetura sacra românica. Acima, a linha horizontal é uma cornija, para dividir os espaços. Daí o artista tem um retângulo para poder trabalhar acima dos arcos de acordo com as características da arquitetura ou de uma interpretação pessoal. Porque, em geral, nenhum artista de boa qualidade é levado a copiar.”



Limpeza na capela. Na foto, Lourdes Belinato, que há mais de 20 anos ajuda neste serviço

Os capitéis (colunas que sustentam os arcos), segundo ele, são derivados do românico ou do gótico, mudando-se a figuração. "São típicos das arquiteturas feitas em pedra. Tudo isso eu fiz em concreto. Foram feitas as formas da Matriz e aproveitadas nessa capela. Ela é dividida de modo harmônico para haver beleza na construção. Você pode dizer o que quiser, mas isso é bonito, algo que você gosta de olhar, agradável à vista. E a parte mais profunda é o átrio", explicou.

Internamente, a capela é aconchegante e toda decorada com obras de Aragão sobre a madeira: o sacrário e o altar de Nossa Senhora Aparecida, feitos em latão e aço, as luminárias e também as molduras, com ornatos nas janelas.



Arte no sacrário (esq.) e no altar de Nossa Senhora

Anos depois, já com a nova denominação da capela, padre João Giomo solicitou ao artista paulista Claudio Pastro para pintar um painel com a imagem do Bom Pastor atrás do altar (foto).



Interior da igreja com as esculturas no altar - 2014

Novo padroeiro: o 'Bom Pastor'

Após o término da nova capela, em 1981, padre Giomo mudou o nome para "**Bom Pastor**", em virtude do nome do bairro. O padroeiro a partir daí mudou de Bom Jesus de Pirapora para **Jesus Bom Pastor**. Confira alguns momentos da comunidade:



1ª Comunhão com padre Rino, 1983



Coroação de Nossa Senhora, 1987



Frei Toni Coletti em missões, setembro de 1990



Coral Sertanejo, década de 90



Missas com padre Antonio Palermo, 1999



Coral Bom Pastor, que anima as missas desde 2003



1ª Comunhão com padre Cláudio e catequista Marilda, 2004



Semana da Família, em 2006



Celebração com o arcebispo Dom Orlando Brandes, 2008

Em 1º de março de 2014 a Capela passou a pertencer à nova Paróquia Nossa Senhora das Graças, do Jardim Kaluana. A comunidade é bastante atuante e todos os anos no mês de maio acontece a coroação de Nossa Senhora.

Coordenação atual

Grupos e pastorais em atividade: catequese, vicentinos, Pastoral da Criança, Cristma (apoio a dependentes químicos), terço dos homens, grupo de oração da RCC, grupos de reflexão, Dia da Palavra, terço das mulheres, Legião de Maria. Cordenação atual: Gumercindo da Fonseca – presidente, Carlos Sérgio dos Santos – vice presidente, Osvaldo Silvestre – tesoureiro, José Carlos Menezes – vice tesoureiro, Ângela Bonin Rodrigues – secretária, e Alzira Fiori – vice-tesoureira.

* Colaboração com fotos: Neuza Gubani e Gumercindo Fonseca

Depoimentos

*no dia da visita à comunidade: 19/10/2014



“Lecionei no Jacutinga até 1952. Depois comecei a namorar um rapaz que trabalhava no Departamento de Rodagem (DER). Casamos e viemos aqui para o DER em 1952. Tinha poucas casas. Como o meu marido era muito estimado no serviço, o engenheiro me transferiu para o DER. Mas como no DER não tinha verba para professor, me nomearam como auxiliar administrativa. Daí trabalhei até aposentar, em 1980. Sobre a história dessa capela, começou com o Seo Manoel Peixoto, lá num sítio no Monjolo. Ai ele veio para a cidade e fez uma capelinha aqui.” (Elvira Bueno Straviski)

“Cheguei aqui na vila em 1970 e sempre ajudava na capela de madeira, no tempo do sr. Genésio, que foi o ministro e já faleceu. Era uma igreja que veio de um sítio, do sr. Manoel, e ela se chamava São Sebastião. Quando veio pra cá, mudaram o nome pra Bom Pastor, mas no documento era 'Bom Jesus de Pirapora'. Eu ajudava nas leituras, na limpeza... Quando foi para construir esta capela nova trabalhei muito nas festas. Fazíamos também lá na quadra, para arrecadar dinheiro. Mas o grosso mesmo veio da família do padre João Giomo. Na inauguração, vieram até os pais dele, da Itália, veio também o bispo, Dom Geraldo Fernandes, e o padre Rino. Fiquei 12 anos limpando essa igreja quase sozinha. Eu lavava as toalhas e quando o padre chegava, eu arrumava o altar. A Dona Luzia e a Ana Maria [Camargo] me ajudavam também.” (Lourdes Belinato Guilherme)



“Essa capela veio lá do sítio, não tinha energia elétrica e se chamava São Sebastião, que era o padroeiro. Tinha a imagem do santo aqui. Já essa igreja de material foi inaugurada no dia 29 de julho de 1979. Eu lembro porque aconteceu um acidente com o meu filho cinco dias depois da inauguração. O Sr. Genésio Ponciano, que era o ministro, estava para começar o terço e veio uma senhora pedir para alguém chamar o padre para outra pessoa que estava doente. Meu filho saiu pra chamar, foi atravessar o asfalto (BR-369) de bicicleta e o carro o atropelou.” (Livino Rodrigues da Silva)

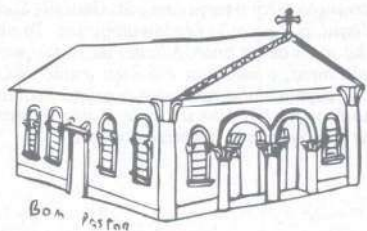
“Tem algumas capelas em que eu celebro que são mais antigas que a Matriz. Essa é uma. Então, recuperar e lembrar dos pioneiros que passaram por aqui é muito importante. Veja o Engenho de Ferro: quantos deles já morreram? E quantos filhos que hoje estão trabalhando, ajudando a igreja. O Poço Bonito também é muito antigo e ainda tem uma boa participação. Então, mostrar que isso está vivo, que é nosso, é muito importante!” (padre Antônio Acir Squarcini)





"Cheguei aqui em 1972 e eu trabalhava no que podia. Os anos em que pararam as zeladoras, ajudei a limpar a igreja e prepará-la para a missa. Na construção da capela, pedíamos nas ruas, não tinha outro jeito. E quando já estava adiantada, os pais do padre João mandaram uma verba boa e acabamos de construir. Mas faltava o resto das coisas para celebrar as missas. Então passamos a fazer quermesses na quadra. Reunimos todas as legionárias da paróquia e eu cedia a minha casa para fazer bolo, quentão, coxinha, salgadinhos. Todas as legionárias trabalharam para conseguirmos dinheiro. O que mais me marcou foi isso, todos os irmãos trabalhando. Depois o padre João comprou o que precisava para a missa e nos chamou para mostrar o resultado do nosso trabalho." **(Ana Maria Vieira Camargo, 'Nica')**

"Deu trabalho construir essa capela, mas Deus dá jeito pra tudo, né. Hoje infelizmente a participação é pouca. Faz nove anos que eu participo do terço dos homens e para a vila grande que é o Bom Pastor era para lotar essa igreja. Mas tem dia que só tem dez homens aqui." **(Henrique Soares de Araújo)**



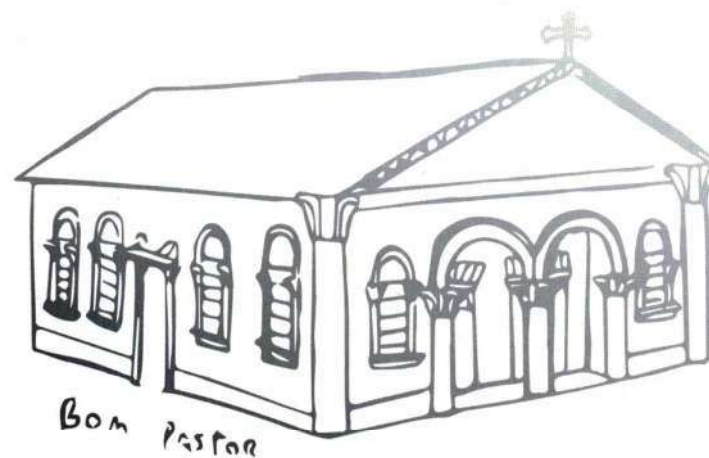
"A gente participa aqui desde 1965. A comunidade era participativa, até mais do que agora, porque naquele tempo não tinham muitas capelas. Essa aqui era de madeira e o padre João ajudou a construir a igreja nova. Veio dinheiro dos pais dele, que vieram na inauguração. Para a construção, fazíamos quermesses. A gente fechava a rua, fazia as barracas e tinha pastel, frango assado. Era uma luta!" **(Inês da Silva Araújo)**

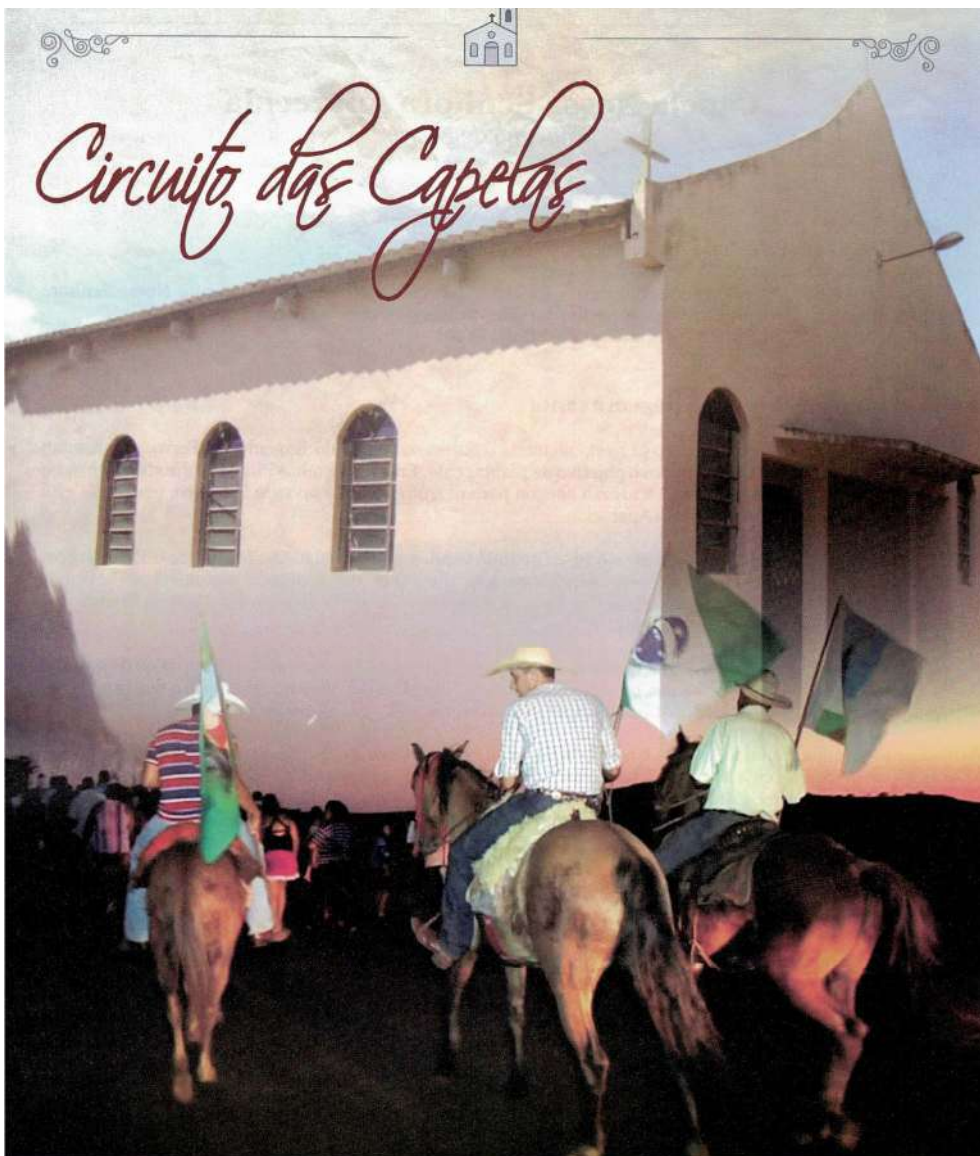
"Aqui tinha o coreto e nas quermesses eu era o locutor. Recebia os recadinhos para mandar para a namorada, para as colegas, os amigos e eu falava no alto-falante. Tinha propaganda das Pernambucanas e fazíamos também o concurso da rainha da festa. Naquele tempo tinha muita amizade e não saía confusão. Todo mundo animado. Comia, bebia e não tinha problemas. A capelinha era simples de tudo e o coreto ficava atrás. Fazíamos a festa e fechávamos a rua. Os homens gritavam o leilão com as coisas que a gente arrecadava nos sítios. Ganhávamos frango, leitoa, cabrito, até bezerro. Lembro de uma procissão, eu tenho a fotografia até hoje em casa, da turma que andava por aqui." **(José Caetano Moreira)**



"Essa comunidade tem um passado muito bonito, de pessoas que trabalharam, que fizeram acontecer para que essa realidade seja vivida hoje. É muito gratificante, pois estamos contribuindo um pouco, fazendo parte dessa história. Sinto o peso da responsabilidade de estar cuidando hoje da capela. Gosto de história e fiquei encantado com esse trabalho que vocês estão fazendo de resgatar a história das comunidades, das pessoas. A graça maior é ver que está continuando. Começou com o Sr. Manoel Peixoto, que se sacrificou para a construção lá atrás e hoje estamos levando isso à frente, preservando, cuidando, não só do prédio, mas também da vida da comunidade." **(Gumercindo Fonseca)**

"Sou filha de Ignacio e Helena Gubani. Mudamos para Ibiporã em 1975 e em 1976 moramos numa casa do lado da capela, que era de madeira, bem velhinha. Vinha eu e mais cinco crianças rezar o terço com o Sr. Genésio. Com 15 anos, comecei a dar catequese aqui, porque não havia catequista. Também preparo a coroação na capela há mais de 25 anos. No ano de 1979, quando começou a construção da capela nova, o meu pai e o meu irmão Nelson, falecido, ajudaram no alicerce. A capela tinha na época o grupo Legião de Maria dos jovens. Ele se reuniam no sábado à tarde e participavam ativamente, mesmo sendo só uma missa por mês." **(Neuza Gubani)**





Circuito das Capelas



**Capela Nossa Senhora
Aparecida**
Engenho de Ferro

Capela Nossa Senhora Aparecida

Engenho de Ferro

1ª CELEBRAÇÃO: 1948 (na capelinha do sítio)

INAUGURAÇÃO: 12/10/1992 (igreja atual)

LOCALIZAÇÃO: **Água do Engenho de Ferro**

FESTIVIDADES: Dia 11 ou 12 de outubro – Procissão dos cavaleiros em homenagem a Nossa Senhora Aparecida; Festa da padroeira (almoço em um domingo próximo ao 12 de outubro)

HORÁRIO DE MISSAS: toda 4ª segunda-feira do mês, às 20h

Uma capelinha em homenagem à santa

No início da década de 40 já havia algumas famílias na região do Engenho de Ferro, que haviam chegado para derrubar o mato, com o objetivo de plantar café. Eram as famílias Pimenta, Pinate e Vitoriano Silveira. Em 1942, o sr. **Arcanjo Valério** chegou para derrubar o mato no sítio São José, onde hoje está situada a Capela de Nossa Senhora Aparecida.

O sr. Arcanjo permaneceu ali até 1954, quando vendeu a propriedade ao Sr. **Afonso Domingos**, cujo filho, **Valdemar**, foi servir ao Exército em Curitiba. Quando retornou, juntou-se aos vizinhos (Eurípedes, Baiano Fidelcino e amigos das famílias Pimenta e Pinate) e formou um time de futebol que percorria a região, disputando torneios.

Por volta de 1948, Valdemar quebrou a perna jogando futebol. Durante muito tempo ficou de muletas e diante da gravidade do problema, o médico Mauro Feu Filgueiras lhe disse que não teria o que fazer e que precisariam buscar ajuda em Curitiba ou amputar-lhe a perna.

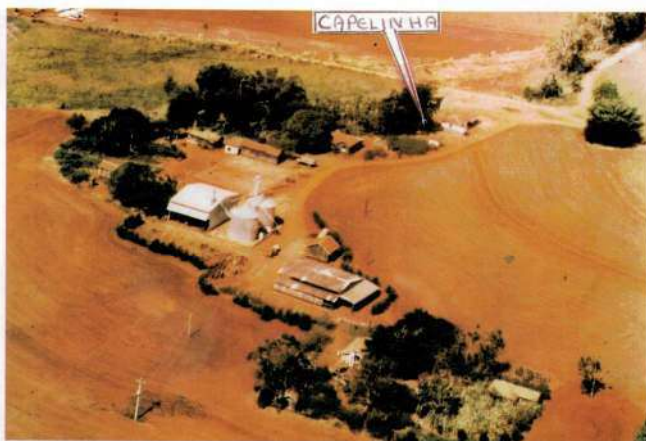
A família viajou a Curitiba e nesta viagem a sua mãe, Tereza Domingos, fez uma promessa a Nossa Senhora Aparecida, cuja imagem tinha em casa. Pediu à santa que se o seu filho fosse curado e não precisasse mais usar muletas, faria uma cruz e ao pé da cruz colocaria a imagem da santa e depositaria ali as muletas do filho. A graça foi alcançada e tudo o que ela havia prometido, cumpriu.

Local onde graças eram alcançadas

Afonso Domingos vendeu a propriedade (Fazenda Paulista) e o novo dono desmanchou a antiga casa, construiu a capelinha sobre quatro tocos e ali depositou as muletas. Era uma capelinha em que cabiam apenas dez pessoas.

Porém, tornou-se um local abençoado, procurado por muitos e muitas graças eram alcançadas. “Quando faltava chuva, levavam a imagem de Nossa Senhora no rio para molhar, faziam novenas e a chuva abençoada caía para a alegria de todos”, relatam os pioneiros. A capelinha ficava fechada, mas não trancada, por isso o povo a visitava e a respeitava.





Vista aérea da antiga capelinha na Fazenda Paulista – foto de 1987

Na década de 50, quando estavam em Ibiporã os padres **José Zanelli** e **Leone Gervasoni**, uma vez ou outra celebravam em um domingo à tarde para dez pessoas em pé, dentro da capela, e o restante ficava do lado de fora.

Para algumas celebrações com mais gente, às vezes era utilizada a Escola Municipal Vicente Machado, construída em 1967. A comunidade guarda uma fotografia de 1982, com o padre João Giomo celebrando no local.



Escola Vicente Machado, onde aconteciam missas 1967 (foto MHAJ)



1ª Comunhão na escola com o padre João Giomo 1982

Essa carência de uma igreja maior se manteve até 1990, quando aconteceram as Missões Populares no Engenho de Ferro e no Poço Bonito. Os freis capuchinhos rezavam de casa em casa e levavam aquela imagem, acompanhados das líderes Cleide de Oliveira, Olga, Dona Joaninha e outras mulheres. Certo dia, o **frei Toni Colleti** celebrou uma missa em uma escola próxima [pois não havia mais a capelinha] e sugeriu ali a construção de uma capela de alvenaria. Na imagem a seguir pode-se ver o frei celebrando no Poço Bonito, durante as missões daquele ano.



Missas no Poço Bonito, quando foi sugerida a construção de nova capela - 1990

Rodeios e desfile de cavaleiros

Duas vezes por ano passaram a ser realizados rodeios para angariar fundos para a obra da igreja, iniciada em 1991. Apesar de não saberem nada sobre rodeios (somente o que assistiam pela TV), os líderes da capela se movimentaram e construíram uma arena no sítio dos srs. **Oswaldo de Oliveira** (o Vardo) e **João Batista de Oliveira**, onde chegavam a reunir mais de 2 mil pessoas nas festas. Participavam peões do Paraná e do Mato Grosso e muitos voluntários ajudavam, além dos diretores e seus familiares. Podemos citar entre essas pessoas Oswaldo, Elaine, Sebastião, Maria, Roberto, Dionízio, Edgar, Miro, Edna, Alcino, Lucas, Josefina, Helena, Cecília, Dona Helena, Sebastião, Rosa e Angelita.

“Depois de um ano e meio promovendo esses rodeios, começaram a levantar a capela. Normalmente eram pessoas que vinham trabalhar aos finais de semana em troca do almoço. As mulheres trabalhavam muito, faziam almoço e café manhã para esse pessoal e vinha gente até de Jataizinho. Foi uma luta! Trabalhavam de sol a sol, com garra e união”, destaca a líder atual, Florisa Satie Hoshino.

Segundo ela, o primeiro presidente, Pedro Rodrigues, já falecido, “contava umas histórias muito bonitas. Uma era que a madeira principal dessa capela atual era um cerne de um eucalipto de 20 metros, muito resistente, que havia caído num brejo. Eles arrastaram com um trator até a madeireira e a maior parte da madeira da capela é daquele cerne, que foi doado pelo sr. José Vitor”, diz ela. “Esse sr. Pedro Rodrigues foi um dos que batalharam muito, ele foi o presidente na época dos rodeios. E como o local ficava afastado daqui, era um brejo, à noite ele dormia na arena para cuidar das coisas, porque havia pessoas que roubavam cerveja”, conta Florisa.



Peões que participavam dos rodeios para angariar fundos – 1991

Começa a construção da capela

A comunidade concordou e, após as missões, elegeu uma diretoria, formada por **Pedro Rodrigues** (presidente), Fernando Hoshi, Carlos e Cleide Batista de Oliveira. Durante a construção, as missas voltaram a ser realizadas na Escola Vicente Machado. Com a arrecadação e doações, iniciaram a construção, recebendo ajuda da comunidade e de voluntários de Jataizinho, principalmente aos finais de semana feriadados.

No dia 12 de outubro de **1992** foi realizada a 1ª procissão e missa, saindo do Poço Bonito com a imagem doada por Rosa Foschiani, em cima de um bote puxado por trator por Pedro Rodrigues, acompanhado de cavaleiros e carros. A missa foi celebrada pelo padre Antonio Palermo, com a presença do coral da Vila Kennedy. Esta procissão vinda do Poço Bonito prosseguiu até 2006.



Construção da capela, com voluntários de Jataizinho 1992



Homens que ajudaram a construir a capela – 1992



Procissão vindo do Poço Bonito, acompanhada por cavaleiros - 1992



Construção do salão em 2005



Imagem de Nossa Senhora Aparecida trazida à cidade em dia de festa

Após alguns anos, foi colocado piso e em 1998 foram construídos os bancos. Durante algum tempo, as reuniões aconteceram numa barraca de lona. Derrubou-se então a parede da escola local, que já estava desativada desde 1994, e foi doada à comunidade para atividades.

Em 2001 foi forrada a capela e em 2002 foi iniciada a construção de duas salas de catequese. “Em 2003 começamos a promover leilões, apoiados por Israel Fernando e outros parceiros, e continuamos com a festa da padroeira em 12 de outubro, visando fazer doações para o Hospital Cristo Rei, Instituto do Câncer de Londrina, para as famílias carentes e o restante fica para as reformas”, relata Florisa Hoshino.

Vários voluntários já fizeram parte do conselho e os que ainda participam são os srs. Edson, Barbieri, Jorge e Luiz. A missa é celebrada sempre na 4ª segunda-feira de cada mês, às 20h. E uma quermesse acontece em outubro (próxima ao dia da Padroeira).

** Colaboração com dados e fotos: Florisa Hoshino e José Bonfim Ledo*

Procissão dos cavaleiros em homenagem a N. Sra. Aparecida

A gravação na capela ocorreu dia 11 de outubro de 2014, véspera da festa de Nossa Senhora Aparecida, por ocasião da tradicional procissão dos cavaleiros em homenagem à padroeira. Todos os anos a comunidade convoca os sitiantes e moradores para a romaria, que agora sai da capela do Jardim Kaluana em direção ao Engenho de Ferro. À frente marcham os cavaleiros e junto ao povo, o barco com as crianças levando a imagem de Nossa Senhora Aparecida. As crianças representam os pescadores que encontraram a imagem no fundo do Rio Paraíba do Sul (SP), no século XVIII, o que deu origem à devoção à padroeira do Brasil. Chegando à capela, o padre Acir Squarcini celebrou missa, houve confraternização e foram entrevistados alguns moradores antigos, como Tomé Soares Neto, José Bonfim Ledo, Sebastião Andreilino e Fernando Hoshi.



Saída da procissão em frente à igreja do Jd. Kaluana



Mantendo a tradição, os cavaleiros puxam a procissão



O povo vem atrás em romaria, em direção à capela Engenho de Ferro



Empunham as bandeiras de Ipirorã, do Paraná e de N. Sra. Aparecida



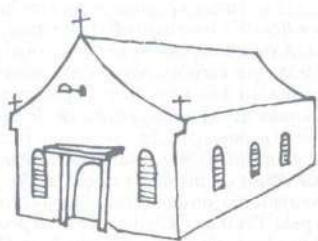
Padre Acir e o povo acompanhando, com as luzes da cidade ao fundo

Depoimentos

*no dia da visita à comunidade: 11/10/2014



"Tenho tanta lembrança bonita disso daqui. Eu morava lá perto do Caetano Semprebom, nessa estrada [de terra] que vai para Jataizinho. Aqui onde estamos era tudo as minhas roça, eu tocava essa parte. Daí a Prefeitura foi comprando e hoje estou numa chácara. Na época em que cheguei aqui, isso já faz 58 anos, o sacrifício era muito grande para irmos até a cidade. Dia de chuva então, era muito complicado fazer esse trecho do Engenho de Ferro até Ibioporã. Depois as coisas foram melhorando, passamos a ir a cavalo, empedraram as estradas, começamos a comprar tratores e foi melhorando. Desde a época que morávamos aqui, trabalhei na igreja do Poço Bonito. Depois, no Engenho de Ferro e em uma escolinha de Jataizinho, onde fazíamos os terços. Viemos depois para a Vila do Sapo, que tinha esse nome porque lá só existia brejo. Atualmente chamam de Vila Beatriz. Foi ali onde começamos a Capela São Geraldo (na Vila Esperança). (Tomé Soares Neto)



"Isso aqui era café, nós vínhamos trabalhar e brincar. Ninguém via ninguém roubar e brigar naquele tempo. Era sempre naquela honestidade, respeito, consideramos muito o pessoal que morava aqui, que já morreu, mas têm os filhos vivos. Desse lugar aqui até a capela do Engenho de Ferro era tudo café, tudo lavoura. Eu morava ali atrás, na Água da Forquilha, no Sítio São José. Vivíamos do café, do leite e de verduras. Compramos depois um sítio aqui pra baixo. Toda a vida teve celebração aqui. Antes a propriedade era do Seo Arcanjo Valério. Depois ele vendeu para o Seo Afonso e surgiu a capelinha, porque a mulher dele fez uma promessa após um acidente com o filho deles. O pessoal visitava uma imagem que essa família doou e que sempre ficou ali. Ela ficava numa caixinha de madeira. É onde hoje está construída a capela. Mas tudo começou com a promessa daquela mulher." (José Bonfim Ledo)



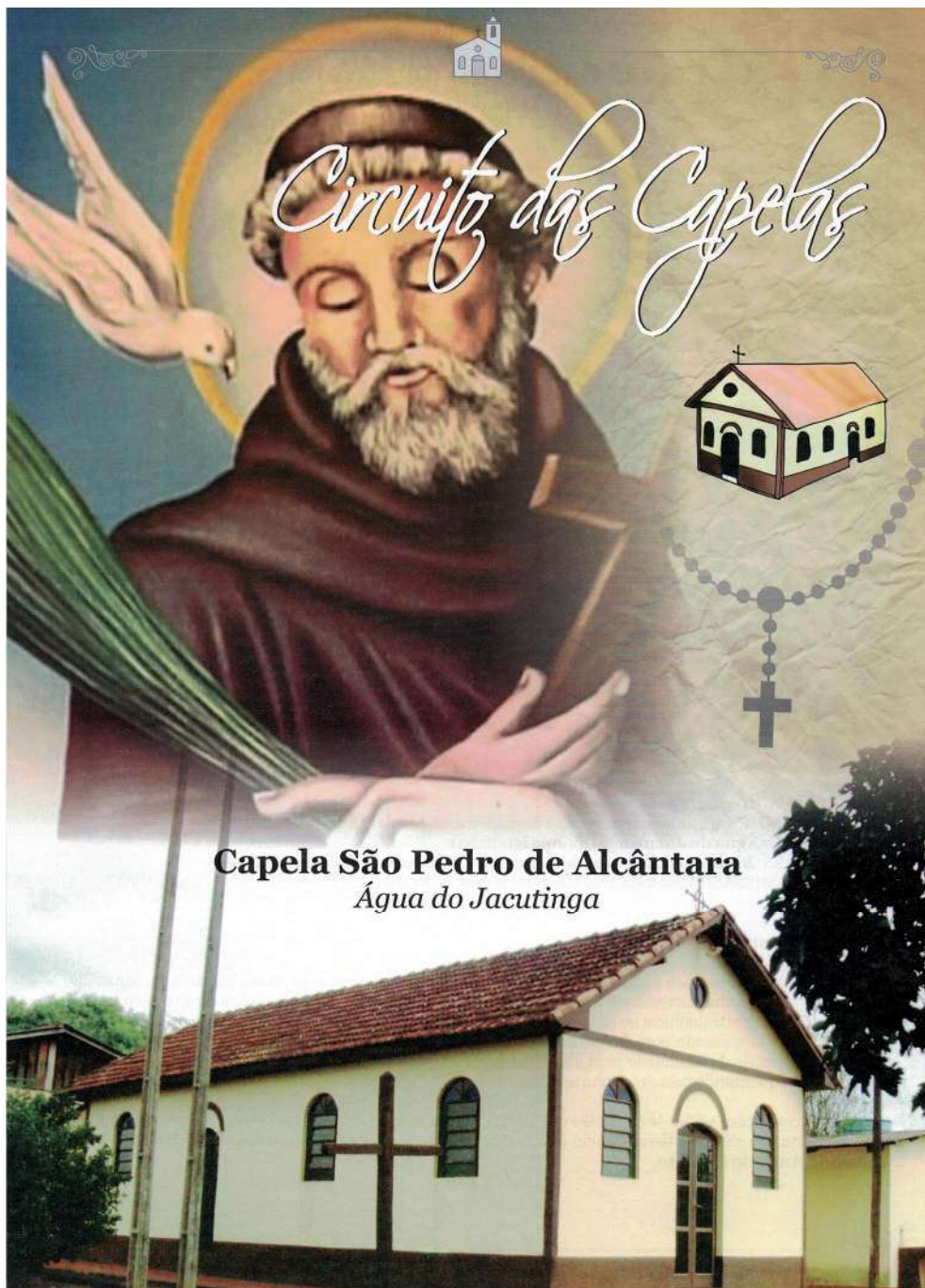
"Foi com muita união da comunidade, todos se uniram e por isso temos a capela hoje. Se não fosse essa união, não teríamos nada. Quando eu cheguei já tinham começado a fazer essa capela. Tinha rodeio e eu fazia parte. O cabeça da comunidade era o senhor Pedrinho. O rodeio era no campo aqui em baixo e tinha o Seo Osvaldo, que organizava os cavaleiros. Ele iniciou com o rodeio em homenagem a Nossa Senhora Aparecida para levantar dinheiro para construir a igreja. Vinha gente de todo lugar para montar os animais e assistir, pois tinha premiação. Todos gostavam da festa. O povo era unido e nada de mal acontecia. Eu era o presidente daqui, fiquei por seis anos. (Sebastião José Andreilino)



"Está com 56 anos que estamos aqui no Engenho de Ferro. Nossa propriedade é aqui pertinho. Meus irmãos que vieram para cá foram o Jorge, Eduardo (Akikazu Hoshi), Florisa e Eliza. A gente conheceu a igreja quando só tinha o alicerce. Fizemos uma reunião então para levantar essa igreja e fui falar com o finado padre Antonio [Palermo], que me disse: 'Fernando, se vocês estão a fim de levantar, têm que começar a pedir doações. Eu respondi: 'É por isso que eu estou aqui hoje. Preciso de uma lista para sair arrecadando'. A secretária fez a lista e começamos a trabalhar. Na 1ª diretoria fui convidado para ser presidente, mas como eu trabalhava fiquei como voluntário. É com a força da comunidade que essa igreja está de pé.' (Fernando Yoshiharu Hoshi)

"Lembro que no ano de 1990 teve as missões populares aqui em Ibioporã e os freis capuchinhos ficaram no Poço Bonito. Como aqui não tinha mais capela, eles celebraram em uma escolinha. A capelinha que havia antes aqui era de madeira, aquela que existe no histórico, que surgiu a partir da promessa feita por aquela mulher que pedia a cura do filho. Mas os pioneiros infelizmente não conseguiram encontrá-la. Retornando às missões populares de 1990, os capuchinhos vieram no Poço Bonito e as pessoas daqui começaram a participar das missões e os acolheram aqui também. O frei Toni sugeriu então que construíssem uma capela aqui, por causa da distância daqui até lá. Então, começaram a angariar fundos para a construção da capela. E começaram com os rodeios. Todos só tinham visto pela TV, mas eles começaram a promover esses rodeios, uns 300 metros aqui pra baixo da capela, no sítio do sr. Osvaldo Batista de Oliveira e de João Batista de Oliveira, dois irmãos que cederam o terreno. Vinham peões do Mato Grosso e conseguiram reunir mais ou menos 2 mil pessoas em cada rodeio, promoviam o almoço e muitas outras coisas e a comunidade colaborando. Depois que construíram a capela, não foram feitos mais rodeios, mas até hoje os cavaleiros vêm à procissão porque eles fizeram parte para a construção dessa igreja." (Florisa Satie Hoshino)

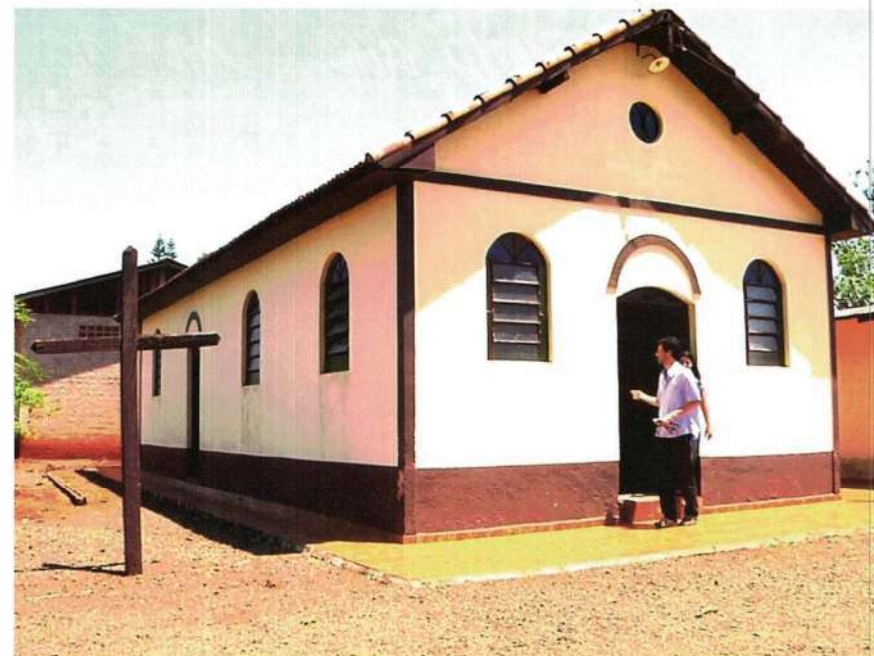




Capela São Pedro de Alcântara
Água do Jacutinga

Capela São Pedro de Alcântara

Água do Jacutinga



1ª CELEBRAÇÃO: 03/09/1948
 INAUGURAÇÃO: 1ª capelinha foi em 1948 e a de madeira, ampliada, foi dia 22/06/1952
 LOCALIZAÇÃO: **Água do Jacutinga** (Sítio da Igrejinha)
 FESTIVIDADES: Dia 18 de outubro (Dia do Padroeiro) e terço sempre no dia 12 de outubro.
 HORÁRIO DE MISSAS: Missa toda 3ª sexta-feira do mês, às 20 horas.

No início, um oratório

Entre os anos de 1946 e 1947, o pioneiro **João Leme** pediu permissão ao seu patrão para construir um pequeno oratório nas terras onde trabalhava, na Água do Jacutinga, referência ao ribeirão que corre aos fundos da capela. Ele trabalhava no sítio do sr. **Sebastião de Oliveira Bueno** (conhecido na região como 'Sebastião Camilo'), casado com **Sebastiana Bueno Salgado**. Seria um local onde pudesse chamar a atenção das pessoas da localidade para ali se reunirem e fazer as suas orações. Assim tudo começou, com muitos fiéis frequentando essa capelinha no sítio.

De acordo com a filha de Sebastião de Oliveira Bueno, a sra. **Luzia Bueno Leme**, 77 anos, além de seu pai, outros quatro sitiantes deram início à primeira capelinha: **Miguel Sinópolis, João Burke, José Borsato e Antonio Borsato**.



Família de Sebastião Camilo e Sebastiana Salgado. Nas suas terras foi construída a capela

Em 1948, no dia 3 de setembro, realizou-se a primeira missa campal em frente à capelinha (imagem a seguir). Foi celebrada provavelmente por padre Carlos Probst, palotino de Londrina que percorria as capelas rurais, ou pelo padre Roberto Wanke, pároco de Ibiporã entre 1945 e 1948. A fotografia (cedida ao Museu Histórico e de Artes de Ibiporã por Maurício Fernandes Leonardo) traz no verso a seguinte anotação: "Festa em homenagem a São Gregório Magno".



Primeira missa na capelinha da Água do Jacutinga

Meses mais tarde, dia 22 de novembro de 1948, chegava a Ibiporã como novo pároco o padre Leone Gervasoni, do PIME. Numa visita à igreja do Jacutinga, no ano seguinte, ele teria se emocionado com a fé do povo durante a celebração. "Ficou comovido com o grande número de pessoas, já que não havia como acomodá-las, mas estavam ali reunidas", diz o relato histórico da capela.

Padre Leone propôs então a construção de uma capela maior, que pudesse acolher a todos. O proprietário do sítio, **Sebastião Camilo**, doou um pedaço de terra para a construção dessa capela maior e contou com a ajuda de muitas pessoas.



Sebastião Camilo (esq.) em foto com padre Vicente Mariani, e a 1ª capela de madeira

Nasceu no dia da inauguração

A segunda capela finalmente ficou pronta, bem maior, como fora planejada, para acolher mais fiéis. Foi inaugurada **dia 22 de junho de 1952**, recebendo como padroeiro **São Pedro de Alcântara**. Pedro de Alcântara foi um frei franciscano que viveu na Espanha, entre 1499 a 1562.

Alice Salgado, filha dos pioneiros **Sebastião** e **Olézia Salgado**, recorda que a inauguração da capela se deu no dia exato do nascimento do seu irmão Pedro Antônio Salgado, hoje com 64 anos e frequentador da comunidade. "Minha mãe conta que estava acontecendo a missa e a minha madrinha foi chamada na porta da igreja para ajudar no meu parto. E como era o dia da inauguração, com o nome São Pedro de Alcântara, minha mãe falou: 'esse aí então vai ter que se chamar Pedro', disse Pedro Salgado.



Pedro Salgado, que nasceu na hora da missa inaugural, em 1952



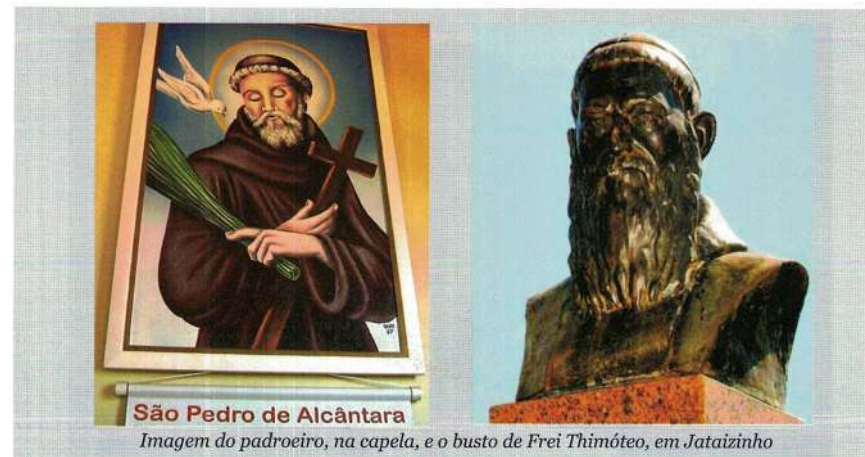
Pioneiros e a capela de madeira depois de ter sido ampliada, atrás

O Aldeamento de São Pedro de Alcântara

A escolha do nome para a capela do Jacutinga, em 1952, tem relação com o Aldeamento de São Pedro de Alcântara, localizado na margem esquerda do Rio Tibagi, que foi o primeiro registro histórico de Ibioporã. Criado em 1855, foi o local onde trabalhou o frei capuchinho italiano Thimóteo de Castelnuevo, conforme consta no *Compêndio Histórico de Ibioporã*, Vol. I (2008, p. 16). Frei Thimóteo ficou conhecido na região e é nome de uma praça em Jataizinho, onde há o seu busto (foto a seguir).

O aldeamento ficava no atual território de Ibioporã e reunia indígenas de três tribos, além de brancos e negros. O livro *O povo que fez e faz Londrina*, de 2004, editado pelo Museu Histórico de Londrina, diz o seguinte sobre o local: “O Aldeamento de São Pedro de Alcântara, margem esquerda do Tibagi, atualmente Município de Ibioporã, não era restrito a índios. Abrigava uma ‘mescla de nacionalidades’. Em 1880, lá estavam identificados 134 da ‘raça portuguesa ou mistos’, 1 italiano, 210 coroados (kaingangues), 191 caiguás, 185 guaranis e 43 africanos.” (p. 12).

Dona Luzia Bueno Leme, 77 anos, pioneira da Água do Jacutinga, diz que o nome da capela foi escolhido pelo padre Leone. “Quando ele chegou aqui em Ibioporã, olhando os arquivos, verificou que existiu à margem do Tibagi uma capelinha São Pedro de Alcântara, mas ele encontrou apenas os pilares. Foi tudo demolido na guerra do Paraguai [1864-1970]. E como os moradores desejavam levantar uma capela no Jacutinga, ele incentivou que fosse São Pedro de Alcântara, lembrança da que existiu na beira do rio Tibagi”, relata.



São Pedro de Alcântara

Imagem do padroeiro, na capela, e o busto de Frei Thimóteo, em Jataizinho

No ano da inauguração, 1952, aconteceram dois eventos importantes. Foi realizada pela primeira vez uma 1ª Comunhão na capela e houve uma procissão com grande número de devotos (foto abaixo). A fotografia mostra, além da capela, outras construções que ficavam no sítio de Sebastião Camilo, entre elas Escola Municipal Emílio de Menezes, onde Dona **Luzia Bueno Leme**, filha de Camilo, deu aula por cerca de 20 anos.



Procissão na igreja do Jacutinga, 1952. Podem-se ver as casas do sítio de Sebastião Camilo e ao fundo a escolinha municipal (hoje desativada). A igreja de madeira também ficava na propriedade

Escolinha ao lado da igreja

“De 1952 a 1973 a minha vida foi ligada à capela e à escolinha que havia no sítio do papai. A nossa casa ficava no meio das duas e eu era professora e também catequista. Depois viemos para a cidade e eu fui lembrada como a 1ª catequista da Paróquia de Ibiporã, pois dei aula de catequese 53 anos sem parar”, ressalta Dona Luzia. Ela foi catequista primeiro no Jacutinga (1952-1973), depois no Jardim Bom Pastor (1973-1985) e por fim na Igreja Matriz (1973-2005). Hoje é ministra da Eucaristia na Capela Nossa Senhora de Guadalupe.



As irmãs Maria da Glória, Elvira e Luzia Bueno, pioneiras da capela do Jacutinga

Dois irmãs de Luzia (**Maria da Glória Bueno Chiari** e **Elvira Bueno Straviski**) também contaram suas histórias relacionadas à capela do Jacutinga. Elvira Bueno foi a primeira professora da comunidade e dava aulas na casa dos pais, pois não havia ainda a escola quando a sua família chegou, em 1944. “Como no sítio o pessoal era analfabeto e eu já tinha o 4º ano, dava aula para eles na sala da nossa casa. Em 1946 é que foi construída a escola e saiu a minha nomeação como professora”, conta Elvira, hoje aos 87 anos.



Escola Emílio de Menezes, ao lado da capela, onde Elvira e Luzia foram professoras

Construção da capela de alvenaria

Em 1979, foi construída no mesmo sítio uma outra capela, de alvenaria, que permanece até hoje.



A capela de alvenaria, concluída em 1979

Padre **Domenico Rotunno**, como auxiliar da Matriz, lembra de dois momentos seus na comunidade: uma 1ª Comunhão em 1983 e outra em 1989. “Comecei a trabalhar em Ibiporã com o padre Rino [Nogarotto] dia 23 fevereiro de 1974 e depois fiquei com o padre João [Giomo]. Iamos em todas as capelas, que tinham muita gente por conta do café”, recordou padre Domenico, em entrevista à equipe do *Circuito das Capelas*, no Seminário do PIME, dia 25 de outubro de 2014.



Dia de 1ª comunhão, agosto de 1983

Em 1990 a comunidade se motivou com a vinda do **frei Guilherme** (foto), em missões. Outra data importante foi dia 18 de maio de 2001, quando o **padre Daniel Belussi**, do PIME, celebrou missa da última turma de 1ª Comunhão na capela. Depois disso, não houve mais crianças fazendo catequese na comunidade, devido à migração das famílias para a cidade.

Hoje as atividades são poucas, mas as lideranças lutam para manter as tradições: "Fazemos festa junina todo mês de julho, em louvor a Santo Antônio, São João e São Pedro. E até dois anos atrás tínhamos a missa mensal, Dia da Palavra e o culto todos os sábados. Porém, desde 2014 está sendo celebrada somente a missa, na **3ª sexta-feira do mês**, às 20 horas", informa a coordenadora Vânia Vaz Salgado.

Uma das tradições que não acabará é o **terço anual** em louvor a Nossa Senhora Aparecida, sempre no **dia 12 de outubro**, ao meio-dia, horário em que os homens também fazem a queima de fogos.



Missões em 1990, com frei Guilherme



Famílias entrando para o terço, sempre ao meio-dia, após a queima de fogos, dia 12 de outubro



Interior da capela e a reza do terço a N. Sra. Aparecida

* Colaboração com dados e fotos: Vânia Aparecida Vaz Salgado

Depoimentos

*no dia da visita à comunidade: 12/10/2014



"Quando mudamos de Itapira (SP) para Ibioporã, em 1944, o papai [Sebastião Camilo] comprou o sítio no Jacutinga e havia os vizinhos, com filhos adultos analfabetos. Como ficaram sabendo que eu tinha diploma de 4º ano, pediram para eu dar aula. Eu dava aula na sala de casa mesmo. E tinha um vereador de Ibioporã que vinha na nossa casa e um dia falou pro papai: 'Ó, Sebastião, que dó dessa menina. Dar aula sem ganhar nada'. Daí disse que iria a Curitiba trazer a minha nomeação pelo Estado e meu pai deu risada. Mas não é que em 15 dias, veio a nomeação? Daí a Prefeitura construiu essa escola [Emílio de Menezes] para eu lecionar. Isso foi em 1946. Lecionei no Jacutinga até 1952." (Elvira Bueno Straviski)



"A capela fica no sítio que era do papai. Trabalhei aqui como catequista e professora de 1952 até 1973. Eu tinha apenas 14 anos quando levei a minha primeira turma para receber a 1ª Eucaristia. A catequese para as crianças eu dava três vezes na semana e eram 15 minutos antes da aula. Já aos domingos era a catequese em geral, para os adultos e toda a comunidade. É uma grande recordação que eu tenho, porque toda a comunidade se reunia, a mamãe oferecia lanche para as pessoas e todos os domingos eram quase domingos de festa. O quintal era todo unido: da minha casa, da capela, da escola, a casa dos meus pais e dos meus irmãos. Fazíamos as novenas, a mamãe organizava a festa de São Pedro... E missa era uma vez só por mês." (Luzia Bueno Leme)



"Meu pai ajudou a construir essa capela, porque ele chegou aqui primeiro que os Salgado e os Bueno. O meu pai é José Fernandes Faria e a minha mãe, Sebastiana Severina dos Reis. Meus pais vinham na igreja e quando fomos crescendo, eles foram colocando a gente à frente das atividades. Lembro da finada Sebastiana Bueno. Eu devia ter uns quatro anos quando ela faleceu, lembro que eles tocaram o sino até que o velório tivesse subido o morro. A cada pessoa que falecia eles tocavam o sino, isso ficou marcado para as crianças. Essa Dona Sebastiana todos chamavam ela de mãe, porque ela era a vó mais velha. Fazia o terço, as festas para as crianças, então, até hoje o pessoal lembra dela. Foi uma das fundadoras. Aqui era muito povoado antigamente. Todos os vizinhos tinham família grande e se reuniam nas festas da igreja. Lembro que quando faltava chuva, Dona Sebastiana fazia terço e uma procissão de ir até no cruzeiro, que é lá em cima. As crianças iam cada um com uma santa e vela, garrafas de água para aguar o cruzeiro. Muitas vezes voltavam com chuva... Aquela mulher tinha uma fé muito viva." (Neide Aparecida Faria)



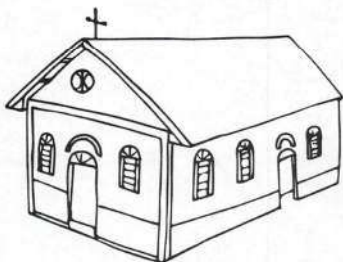
"Eu lembro de outra igreja, onde tem aquele barracão. Ela era de madeira. Depois juntaram os moradores e ergueram essa atual. Nós viemos para cá para apanhar algodão, o café era pouquinho. Em abril, fez 49 anos que eu mudei para cá. Luiz Vaz é o meu esposo e faz 16 anos que ele morreu. Ele e os pais ajudaram a construir essa igreja de material. Dos padres, lembro do padre João [Giomo] e do Antonio Alborghetti." (Maria Aparecida Peres Vaz)



"Meus pais, Sebastião da Silva Salgado e Olézia Tupã Salgado, foram pioneiros aqui da Jacutinga. Meu pai foi um dos primeiros a chegar. Era tudo mato, nós nascemos num ranchinho no meio do mato. Não era aberto como é hoje. Não tinha nada e a igreja foi feita cinco anos depois que eu nasci. A gente viveu a vida inteira aqui, sempre ajudando a cuidar da capela. Aqui eram muitas pessoas e tinha a escolinha aqui do lado, onde estudei." **(Alice Salgado Ferreira)**



"Eles contavam que na inauguração da capela (1952), na primeira missa, quando iam batizar ela de São Pedro de Alcântara, meu pai pegou a minha madrinha na porta da igreja para ir fazer o meu parto. Então a mãe disse: 'esse aqui vai se chamar Pedro, por causa da igreja'. Esse lugar marcou a minha vida. Nasci aqui, num ranchinho de madeira, coberto de tábuas e somos em oito irmãos. Meus filhos também nasceram aqui e foram crismados aqui. Aqui vinha o padre João Giomo, um padre José que morreu há pouco tempo, padre Antonio Alborghetti e muitos outros." **(Pedro Antonio Salgado)**

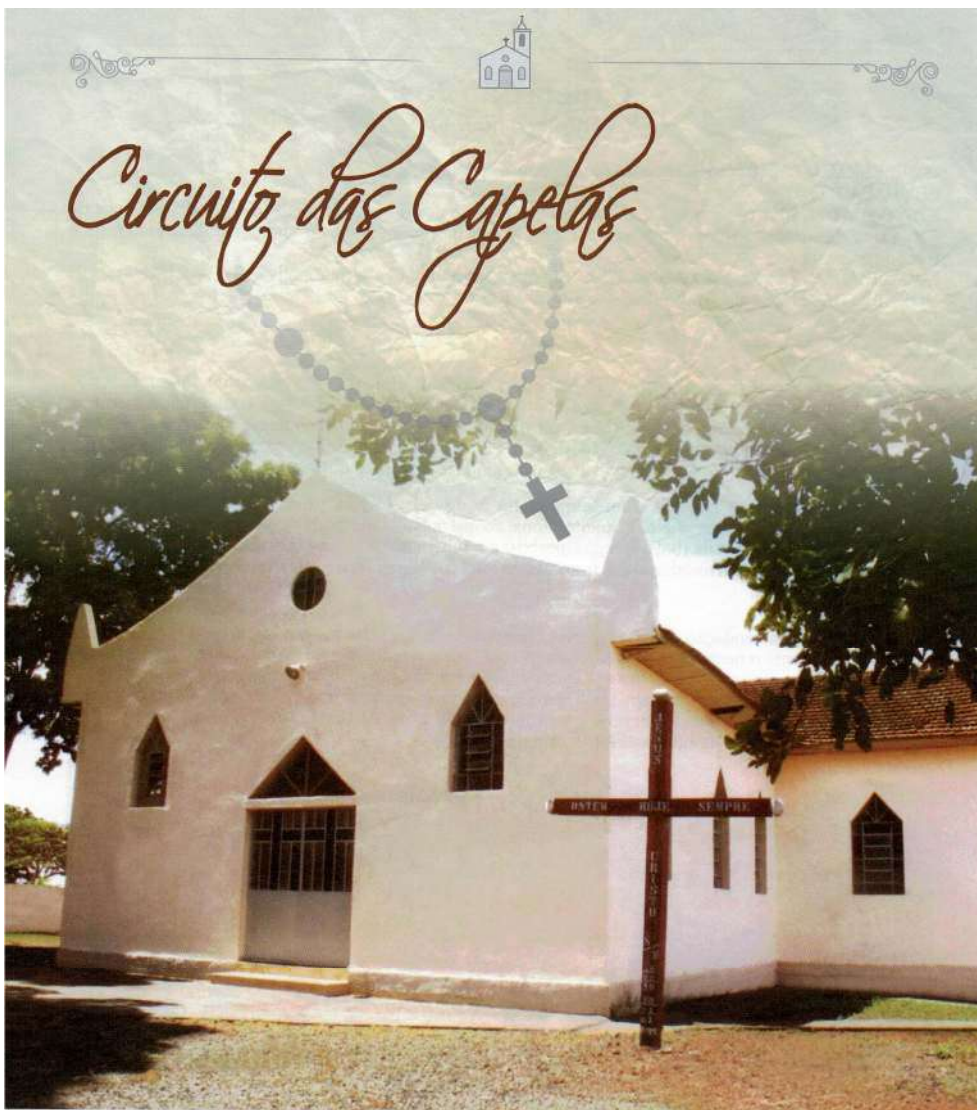


"Com muito sacrifício o pessoal foi promovendo festa, "isso e aquilo", fomos conseguimos um pouco de arrecadações, a Paróquia também ajudou e conseguimos levantar essa igreja atual. Era o tempo do padre Rino. O salão de festa nem era salão. Fazíamos barracas de bambu, do jeito tradicional, antigo. A gente participava todo o mês da missa, era sagrado." **(Orelino Pródomo)**



"Hoje fazemos festa junina em todo mês de julho, em louvor a Santo Antônio, São João e São Pedro. É uma tradição que não deixamos morrer e vamos manter: é o terço e a queima de fogos em louvor a Nossa Senhora Aparecida dia 12 de outubro. E é sempre ao meio-dia." **(Vânia Aparecida Vaz Salgado)**





Capela São José
Taquara do Reino



Capela São José

Taquara do Reino

1ª CELEBRAÇÃO: 1948 (ano da chegada do padre José Zanelli)

FUNDAÇÃO: 1950

FESTIVIDADES: Dia 19 de março - dia do padroeiro (São José); maio - coroação de Nossa Senhora de Fátima; 12 de outubro - Nossa Senhora Aparecida e festa das crianças; Natal - noite natalina, com festa e troca de presentes

LOCALIZAÇÃO: Taquara do Reino, PR-090, Km 15, entre Iporã e Sertanópolis

HORÁRIO DAS MISSAS: 2ª e 4ª quinta-feira do mês, às 19h

O início

A Capela São José, no distrito da Taquara do Reino (entre Iporã e Sertanópolis), foi fundada por volta de 1950 pelos padres da paróquia de Iporã. Quem começou a celebrar na comunidade foram os padres do PIME, **José Zanelli** e **Leone Gervasoni**, que haviam chegado à cidade em 1948. A pioneira Ana Rodrigues da Silva e seu marido Geraldo Rodrigues da Silva chegaram em 1952, para trabalhar na Fazenda São José. Dos fundadores vivos, ela é a mais antiga que ainda frequenta as missas.

As festividades na Taquara eram semelhantes às de hoje. Missas, procissões, batizados, jogos de futebol e festas no pátio da igreja. Nos primeiros anos, a construção era de madeira e havia um coreto, no qual eram feitos leilões de animais (bois, frangos, porcos) e também de produtos agrícolas, como arroz, feijão, milho, trigo e soja. Com a arrecadação das festas, eram feitas melhorias na capela e também no patrimônio – hoje distrito de Iporã.

Na época da fundação da capela havia apenas oito casas, além da venda, na qual os moradores compravam somente o necessário para a sobrevivência (secos e molhados). Havia também uma farmácia (*foto*) que auxiliava muito os moradores e sítiantes das redondezas, pois não havia meio de transporte rápido até a cidade e a estrada era ruim. Na imagem abaixo, com a farmácia ao fundo e algumas autoridades, entre elas o então prefeito Mário de Menezes e o ex-prefeito José Pires de Godoy, um padre dá a bênção em solenidade de inauguração da água potável na Taquara, em 1956.



Padre dá a bênção na inauguração da água potável na Taquara - 1956





Vilarejo da Taquara na década de 60. Cercas e casas de tábua e ruas de chão batido

Na vila, não havia asfalto, eletricidade ou água encanada. O que atraiu os migrantes para o local foram as lavouras de café, que na época eram a principal fonte de renda do município. Em 1957 era inaugurada a primeira escola da localidade, chamada Olavo Bilac.

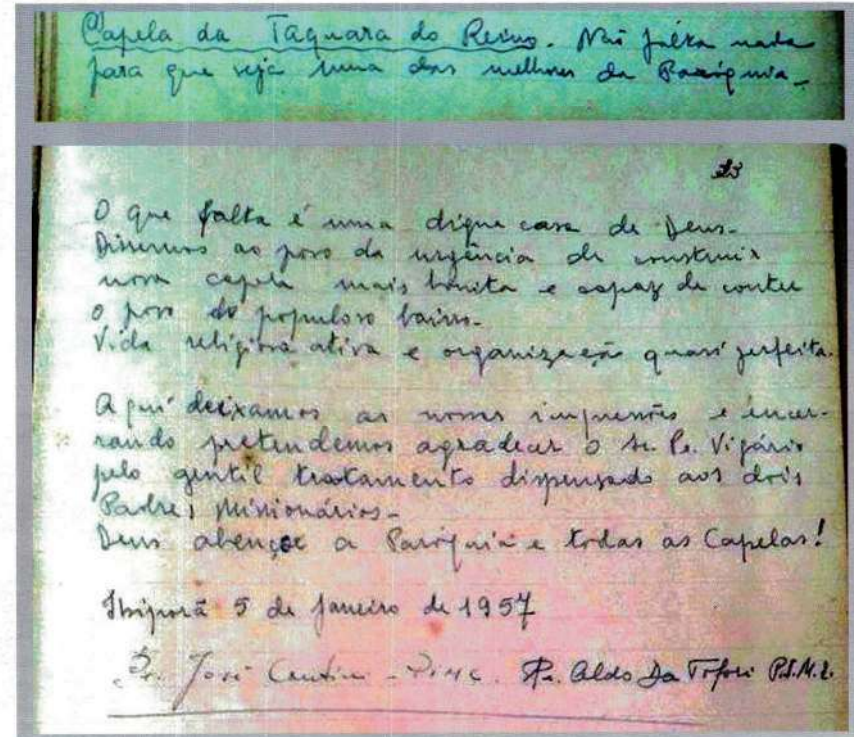


Inauguração da 1ª escola da Taquara, chamada Olavo Bilac - 1957

Ao longo das décadas, a capela contou com diversos diretores, destacando-se os srs. **Manoel Javolb** (falecido), **João Falopa** (que se mudou para São Paulo), **Antonio Motta** (mora em Londrina), **Otacílio Pereira** (falecido) e **Geraldo Rodrigues da Silva** (falecido). A família **Magri** também teve participação importante.

Registros históricos

Um registro encontrado sobre a capela da Taquara, no volume II do Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Paz, é de 1957. Foram as impressões dos padres missionários José Contini e Aldo Tofoři, do PIME, ao visitarem as 10 capelas de Ibioporã no final de 1956 e início de 1957 (reprodução a seguir).



Anotações no Livro Tombo II da Matriz, p. 33, 1957

A capela era pequena e de madeira, insuficiente para abrigar a leva de agricultores e migrantes que vieram de várias regiões do país para trabalhar nos sítios de café das redondezas. Escreveram os padres: "Não falta nada para que seja uma das melhores da paróquia. O que falta é uma digna casa de Deus. Dissemos ao povo da urgência de construir nova capela mais bonita e capaz de abrigar o povo. Vida religiosa ativa e organização quase perfeita." (Livro Tombo II, p. 33).

O que também demonstrava ser uma capela numerosa e participativa eram os relatórios após as missões que ocorriam de tempos em tempos nas comunidades, quando os padres aproveitavam as visitas para celebrar batizados, crismas, casamentos, atender confissões e dar aula de catequese. Nas missões realizadas de 6 a 18 de maio de 1964 nas sete principais capelas de Ibioporã, a da Taquara do Reino só perdia em número de atendimentos para a das Abóboras e da Boa Esperança: "Distribuição de Comunhão: Boa Esperança (1.500) Taquara do Reino (936), Abóboras (1.567)" - (Livro Tombo II, p. 80).

Igreja de alvenaria

Na década seguinte o pedido dos padres missionários foi atendido e a comunidade conseguiu construir uma capela mais ampla, de alvenaria.



Fachada antiga da Capela São José, década de 1980

Na fotografia acima, a igreja concluída (ainda com a antiga fachada) e em frente um cruzeiro com data de 18 de agosto de 1990, ano em que os freis capuchinhos fizeram missões em várias comunidades de Ibiporã e deixaram essa marca em outras capelas onde passaram. Não se sabe se a data do cruzeiro é referente à missão ou ao ano de conclusão da igreja atual.



Pátio da capela em dia de chuva

Um destaque da comunidade nos últimos anos foi a presença do Grupo Arcanjo, que fez um trabalho social importante tanto na Taquara, quanto na Vila Rural. No tempo em que se dedicaram, foram diversas as visitas às famílias, casamentos comunitários, emissão de documentos para os que necessitavam, oficinas de beleza, de crochê, artes manuais e bordados, festas e bazar de roupas usadas. E todas as atividades aconteciam na capela.

* colaboração com dados e fotos antigas: Maria Aparecida da Silva Mariano



Homens carregando o andor no dia de São José, com padre Cláudio Romano

Entre os anos 70 e 90, os padres que se destacaram no trabalho na Taquara foram **Rino Nogarotto, Pedro Facci e Cláudio Romano** (foto abaixo).



Padre Cláudio celebrando na comunidade



Apresentação de Natal para as mães

Recados pelo alto-falante

Em 2014 o dirigente da capela da Taquara era **Valdomiro Rodrigues da Silva, o Miro**, que mora na Vila Rural. É o responsável pelo serviço de alto-falante que dá os avisos à comunidade, informações de utilidade pública e anima o patrimônio com música.



Lideranças: Miro, no serviço de alto-falante, e a professora Maria Aparecida Mariano

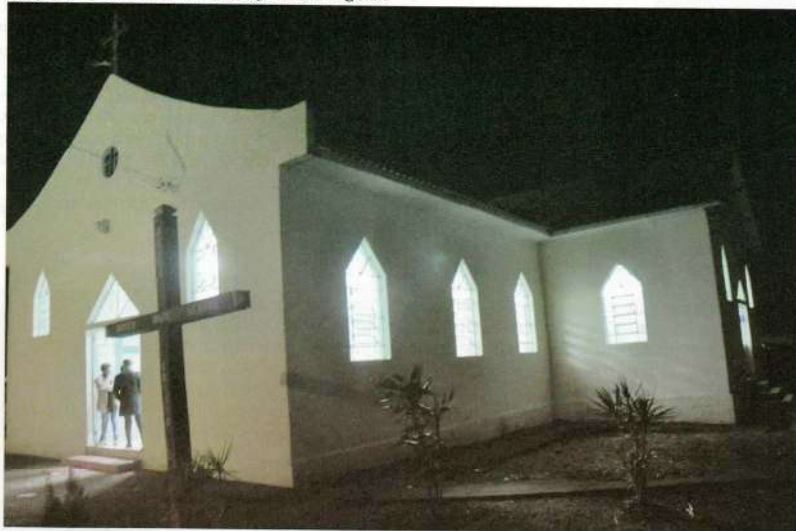
A igreja está reformada, com salas de catequese e barracão com cozinha. São celebradas duas missas por mês e as crianças frequentam catequese. A capela é atendida pelos padres da Matriz e as festividades são durante o dia. As principais são: novena a São José nas casas (em março), jantar das mães (maio), jantar dos pais (agosto) e festa do Dia da Criança (outubro).



As festas das mães e dos pais são tradicionais

Visita da equipe

A gravação da equipe do *Circuito das Capelas* na Taquara aconteceu dia 14 de agosto de 2014. Chegando a noite, a igreja estava cheia e era dia de missa especial, celebrada por Paulo Alencar, com participação do coro infantil. Veja algumas imagens:



Depoimentos

**no dia da visita à comunidade: 14/08/2014*



“Nós somos de Minas e viemos aqui para a Taquara em 1952. Levamos seis dias para chegar aqui. Viemos de trem. Nós ‘apiemo’ lá na estação e o fazendeiro trouxe a gente para trabalhar aqui, na Fazenda São José. No começo foi difícil. A gente dormia tudo no chão. Foi muito sofrimento, muito frio, muita geada. Tínhamos pouco agasalho. Mas trabalhando, em pouco tempo nós ‘arribemo’ a vida [melhorou]. Meu véio era muito trabalhador. Essa capela era bem pequeninha, de madeira, tinha o padre Leão [Leone], ele que era o chefe daqui. Cabia umas 50 pessoas dentro da igreja, era um cômodo só. Mas ficava lotada... Vinha muita gente do sítio e naquela época todos vinham na missa. Era aquele povão fazendo festa, era aquela ‘frangiada’ assada pra vender... O meu marido Geraldo Rodrigues da Silva hoje é falecido. Ele tomou conta dessa capela por muitos anos. Só depois é que formou essa igreja de material.” (Ana Rodrigues da Silva)

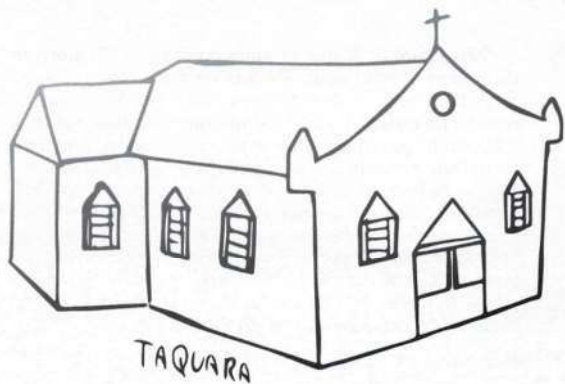
“Faz 46 anos que estou aqui. Eu vim com 15 anos de Amaporã, no município de Paranavaí. Vim primeiro num sítio na Água dos Cágados e a minha primeira comunhão foi na igreja de tábuas. Aqui na Taquara tinha farmácia, açougue, tinha lugares onde comprar as coisas. A gente estudava aqui mas morava no sítio. Só depois é que mudei para a Taquara [para a sede do distrito]. Em dia de festa tinha muita gente aqui e era duas vezes no ano. Naquele tempo, como dizem... a gente era “meio bobo”, não era como os jovens de agora. Tocava o alto-falante e ficávamos andando de mão dada. Pegava da avenida aqui e ia até lá em cima. Ia e voltava, ia e voltava... Da capelinha, eu lembro que era de tábuas, bem pequena e tinha um cara que tomava conta, o Antonio Matos. As pessoas vinham do sítio e antigamente o pessoal gostava de rezar. Eu, por exemplo, andava sete quilômetros para vir na missa. Por isso nós falamos hoje para os jovens continuarem, frequentarem a igreja, pra não deixar acabar. Dos meus cinco filhos, três nasceram aqui.” (Terezinha Francisco da Silva)



“Quando cheguei aqui era mais animado, bem diferente, eu dançava até baile. O Miro fazia bastante brincadeira com a gente, com as crianças e havia mais pessoas na igreja. O alto-falante sempre foi uma coisa boa, porque avisa quando vai ter missa ou reunião. De antigamente, lembro das coroações, quando vestiam uma menina de Nossa Senhora. E eu vinha aqui rezar a ‘vi-sacra, o terço nas famílias, tinha procissão...” (Rosaria Aparecida Aurora)

“Moro na vila rural há 19 anos e trabalhei muito nas festas aqui. Eram muito animadas... Eu trabalhava na cozinha e todo mundo ajudava, com uma coisa ou com outra. Da igreja, lembro das festas em homenagem a São José, em março. Duas vezes por ano tinha festa.” (Maria Isabel)



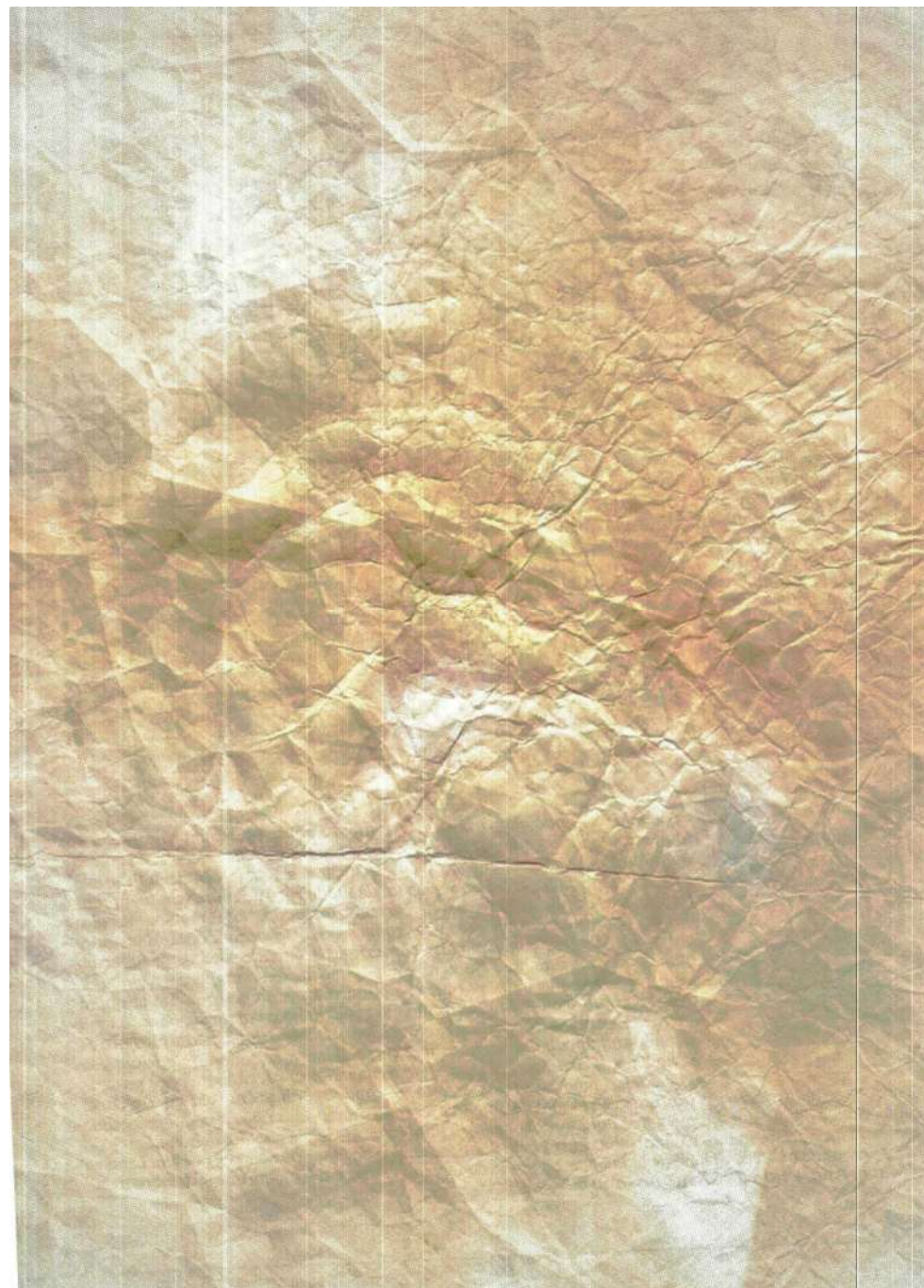


“Nasci aqui em Taquara do Reino há 53 anos. Comecei aqui com 17 anos e vamos ficar até quando Deus quiser. Faço parte da diretoria e trabalho na divulgação pelo alto-falante. Tudo que tem aqui, seja futebol, missa, culto, festas, aniversários, quando alguém precisa de gente para trabalhar ou quando perde um ente querido, nós divulgamos. Estamos sempre deixando a comunidade a par das coisas que acontecem, seja notícia triste ou alegre. É uma rádio ao ar livre. Aqui nós falamos e o povo ouve. (Valdomiro Rodrigues da Silva, o 'Miro')”



“Quando meus pais chegaram aqui, eu tinha 2 anos. Aqui tinha poucas casas, uma escolhinha em que eu estudei e o nome era Olavo Bilac. Depois, na gestão do Mauro José Pierro, em 1977, foi construída a Escola Municipal Castelo Branco. A igrejainha era bem modesta, de madeira. Tinha um coreto, muitas festas, jogos de futebol... Era um tempo muito animado. Nós tínhamos o serviço do alto-falante e eu trabalhava nele, como secretária, porque desde de sempre gostei de trabalhar com o público, com crianças, adolescentes. As festas eram aos sábados e domingos. Tinha as equipes que faziam a limpeza e o clima de festa era a semana toda, porque era o único lazer do pessoal. Tinha muita prenda, muitos bailes, muito casamento e não tinha o barracão. Faziam uma barraca com bambu e cobriam ela com a lona. Lembro dos jogos de futebol e as meninas tinham o hábito de assistir. Já ir em Ibiporã, só quando falecia alguém ou na Sexta-Feira Santa. Era quando as meninas aproveitavam para passear na cidade. Como não tinha asfalto, se chovesse, ninguém saía da Taquara,

porque era muita terra. As professoras vinham de Toyota e quando chovia, elas não conseguiam chegar aqui. E meu pai foi um dos pioneiros aqui, praticamente o fundador. Me lembro muito dele cuidando do pátio da igreja. Hoje temos esse carinho pela Capela São José devido ao amor do meu pai por ela. Lembro dele pregando as “cerquinhas” de balaústre. Eu vinha da escola e essa era a imagem que eu lembro dele.”
(Maria Aparecida da Silva Mariano)





Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro Poço Bonito



Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro Poço Bonito

1ª MISSA CAMPAL: 15/07/1950

INAUGURAÇÃO DA CAPELA: 05/10/1952

LOCALIZAÇÃO: Água do Poço Bonito

FESTIVIDADES: Dia 6 de janeiro: Terço dos Santos Reis, às 20h; Sexta-Feira Santa: Via-Sacra às 9h; Última missa de maio: Coroação de Nossa Senhora; Sábado que antecede o dia 24 de junho: Tradicional Festa Junina, com levantamento dos mastros (partilha comunitária); Dezembro – Novena e Festividades de Natal

HORÁRIO DE MISSAS: 1ª e 3ª quarta-feira de cada mês às 20h. Nas demais quartas-feiras, Grupo Bíblico de Reflexão.

1ª missa foi numa barraca de lona

Antes da inauguração da Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na Água do Poço Bonito, as atividades religiosas já haviam sido iniciadas pela sra. **Carolina Gonçalves Capucho**, a “Dona Iáia”, esposa de **José Alves Capucho**, conhecido como “Seu Juca”, que dava aulas de catecismo na sua casa, no Sítio Três Pinheiros.

Em 1950, **padre Leone Gervasoni** celebrou a primeira missa no local destinado à construção da capela, na qual ministrou a Primeira Comunhão para inúmeros filhos dos colonos e sitiantes da região. A celebração ocorreu em uma barraca de lona ladeada por palmitos em um descampado em meio à mata virgem e plantações de café (foto).



1ª missa celebrada no local, em 1950, pelo padre Leone (foto: Acervo da capela)





Famílias presentes a essa 1ª missa, em meio aos palmitos, com o cafezal ao fundo

Após essa celebração foram lançadas várias listas de arrecadação para a construção da primeira igreja e em 3 de maio de 1952 foi iniciado o Registro Administrativo e Financeiro da Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, sendo a 1ª comissão da capela formada pelos srs. **Antonio Brum, Joaquim Lopes, Pedro Anastácio e Aurélio Semprebom.**

A capela de madeira foi inaugurada no dia 5 de outubro de **1952** e o carpinteiro responsável foi o sr. **José do Carmo.** Os primeiros “festeiros” que tinham as listas de arrecadação para a construção da capela, eram Pedro Anastácio, Antonio Brum, Joaquim Lopes e José Alves Capucho (já citados), **Richieri Comim, Antonio Ferreira, João Olímpio, Marlene Alves de Souza, Luiz Feres e Anacleto Semprebom.** E em 28 de março de 1953 foi instalado o sino, o mesmo que até hoje anuncia as celebrações na localidade.

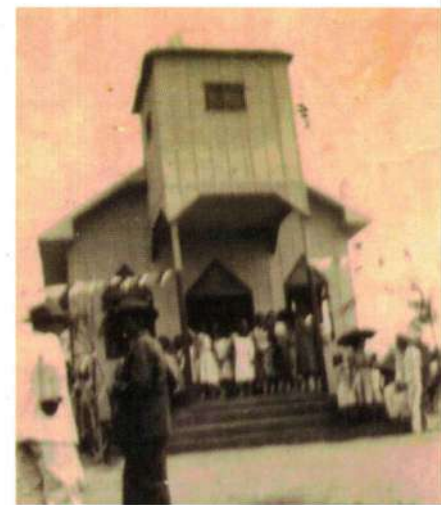


“Em 5 de outubro de 1952, com muita alegria e grande concurso de povo, inaugurou-se a nova Capela do Poço Bonito – Padroeira Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e co-padroeiros: Santa Maria Goretti e São Valentim.” (Livro Tombo II da Paróquia Nossa Senhora da Paz)

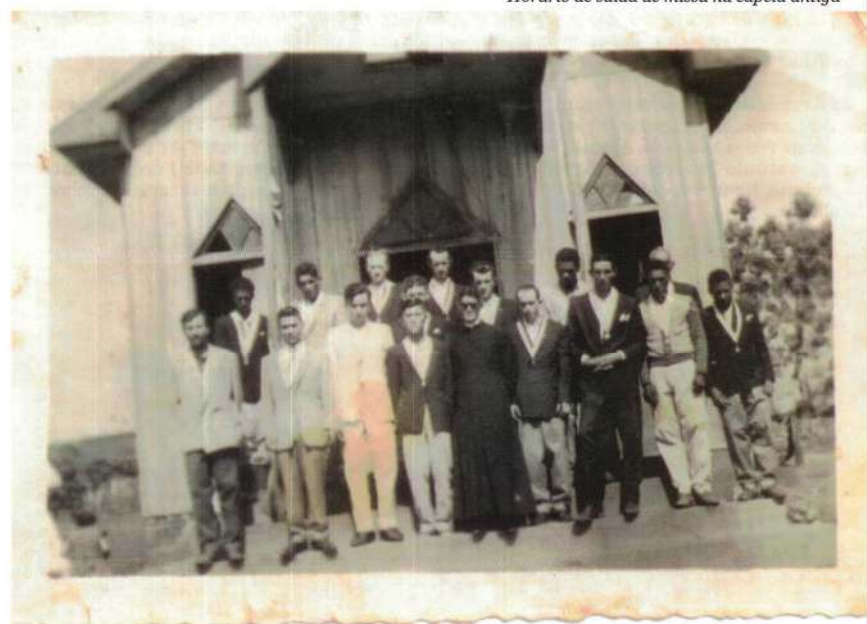
Capela era o centro das atividades

Em 28 de maio de 1955 foi adquirida a via-sacra para a capela. Nessa época, vale ressaltar que as atividades eram muito frequentadas, pois havia muitos moradores nas fazendas e sítios próximos, que praticavam a cafeicultura tradicional, que exigia muita mão-de-obra.

Além das missas mensais, terços semanais, procissões, quermesses, reuniões das irmandades (Congregados Marianos, Filhas de Maria e os Cruzados), ocorriam ainda leilões, touradas, a eleição da rainha e princesas da festa. O pátio em frente à capela recebia os antigos circos, show sertanejos e até comícios em época de eleição. E ao lado funciona uma escola municipal, Carlos Cavalcante. Ou seja, a igreja era o lugar onde também aconteciam as atividades sociais da comunidade.



Horário de saída de missa na capela antiga



Congregados Marianos com o padre José Zanelli - década de 60. Na fotografia, pode-se observar descendentes dos vários povos que formaram Ihiporã: italianos, japoneses, negros, eslavos, entre outros

De 7 a 22 de janeiro de 1956 ocorreram as Santas Missões com o lema “Salva a tua alma”. Em 12 de dezembro de 1958 ocorreu a visita pastoral de Dom Geraldo Fernandes, 1º bispo da recém criada, na época, Diocese de Londrina. Ele veio ao Poço Bonito ministrar a Crisma para 120 pessoas e deixou a seguinte mensagem no Livro Administrativo da Capela: “Deixamos aqui um voto de louvor ao povo, às Irmandades e à comissão desta Capela. Deus abençoe a todos. Dom Geraldo Fernandes, bispo de Londrina - Poço Bonito 12/12/58.”

Em 17 de novembro de 1960 iniciaram as obras de ampliação da capela, que consistiu na construção do altar e da sacristia em alvenaria – o restante permaneceu de madeira. Entre os dias 7 a 12 de março de 1962, e de 13 a 18 de maio de 1964, conforme registros do Livro Tombo II da Matriz, ocorreram novamente missões na capela, com boa participação do povo, catequese para as crianças, jovens e adultos, várias celebrações, visitas, procissões, atendimento de confissão. A participação era grande, pois até essa época Iporã ainda tinha mais moradores área rural que na cidade.

Construção da igreja de alvenaria: 1970



Capela de alvenaria foi inaugurada em 1970



Procissão na nova capela – início dos anos 70



1ª Eucaristia no início dos anos 70, com padre Antonio Alborghetti (esq.) e Irmã Ana Maria Fornasiero

Anos 1990 e 2000

Em agosto de 1990 ocorreram Santas Missões (foto) com o lema “Unidos em Cristo” e em 1999 desenvolveu-se o projeto arquidiocesano Missões Populares para preparar a comemoração do “Ano Santo de 2000” (Jubileu do Novo Milênio). Em 15 de julho de 2000, o padre Daniel Belucci, vigário da Paróquia de Iporã, celebrou uma missa em comemoração aos 50 anos da presença da igreja no Poço Bonito. A celebração foi animada pelo coral Santa Cecília, da Matriz.



Missões em 1990. Entre os fiéis, Frei Toni Coletti

De acordo com o Livro Tombo II da Matriz de Iporã, “no ano de 1970 foi ampliada a Capela do Poço Bonito, com a ajuda material e financeira do coadjutor, padre Antonio Alborghetti, e cooperação dos moradores daquela Água.”

A década de 1970 foi marcada por essa nova capela de alvenaria e por várias geadas, principalmente a “geada negra” de 1975, sendo um período de mudanças na área rural, com a alteração de culturas e o início do êxodo para a cidade. As atividades continuaram, porém algumas irmandades começaram a perder força, como a Congregação Mariana, Filhas de Maria e os Cruzados, a ponto de serem extintas. Devido à crise financeira que atingiu a maior parte dos sítiantes, a capela perdeu muitos moradores e a participação diminuiu.

Em 23 de novembro de 1979 houve nova visita pastoral, mas do bispo auxiliar de Londrina, Dom Luiz Colussi.

De 2005 a 2011 a capela passou a ter apenas uma missa mensal, com os padres do PIME, devido à pequena quantidade de moradores.

Em 23 de junho de 2010 retomou-se uma tradição importante, a da **Festa Junina**, com direito a fogueira, comidas típicas, baile caipira e o levantamento da bandeira dos santos (fotos a seguir). A festa era tradição no sítio da família Foschiani. Com a venda da propriedade, acharam por bem continuá-la na capela. A comunidade apoiou e vem reforçando-a a cada ano.



A festa junina, que voltou a ser realizada em 2010, e o levantamento da bandeira dos santos

No ano seguinte, um problema: infestação de cupins no telhado da igreja. Como os cupins estavam comprometendo a estrutura mais antiga do madeiramento, o padre Giancarlo Vecchiato convocou, em janeiro de 2011, as responsáveis pela capela para verificar o que poderia ser feito. Acharam por bem retirar todo o telhado e foi aproveitada a parte não comprometida. Com isso, decidiram diminuir o tamanho da capela para facilitar seu cuidado, deixando-a num tamanho suficiente para a demanda atual de fiéis.

A partir daquela data, a capela passou a ser administrada por **Vilma Foschiani Sawada, Maria das Neves Messias, Marilda da Silveira e Rodrigo Fernandes da Costa**. “Esse relato é apenas uma parte da história desse povo de Deus aqui no Poço Bonito, que já passou por uma série de crises e dificuldades, mas, com a graça divina, vai seguindo adiante”, conclui Rodrigo Fernandes, que colaborou de forma decisiva para o levantamento histórico da capela, como dados e fotografias.

A capela hoje

Em 2012 os padres diocesanos assumiram a Paróquia de Ibioporã e, por consequência a capela, e padre Delcídes de Souza incentivou a comunidade a se reunir no Grupo Bíblico de Reflexão nas semanas em que não haveria missa. Outra mudança é que desde o dia 1º de março de 2014 a capela a pertence à nova Paróquia Nossa Senhora das Graças, do Jardim Kaluana, sob os cuidados do padre Antônio Acir Squarini, e passou a contar com duas missas mensais, na 1ª e na 3ª quarta-feira de cada mês. Uma curiosidade da capela é que apesar de ser denominada Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, ela possui outros dois co-padroeiros: São Valentim e Santa Maria Goretti, cujas imagens também compõem o interior da igreja.



Capela tem três padroeiros: N. S. do Perpétuo Socorro (e), São Valentim, Santa Maria Goretti



A capela em 2014, reformada, com a escola (à esq.) e o barracão

Uma festa junina daquelas!

Uma das tradições mantidas com zelo pelas lideranças do Poço Bonito é a festa junina, realizada sempre no sábado que antecede o dia de São João, 24 de junho. A festa resgata as tradições dos festejos que antes aconteciam nas fazendas e nos sítios. A primeira começou na propriedade do pioneiro João Foschiani (falecido) e desde 2010 é realizada no pátio da capela.

“Meu finado pai era muito fogueteiro. Como o nome dele era João, me deu o nome de Pedro e do meu irmão de Antônio. Daí já deu os três santos para fazer a festa. E nós continuamos depois que ele morreu. Mudamos para a cidade, mas tem o Rodrigo, que é meu sobrinho, que ajuda a reunir o pessoal, deixando viva a festa na capela”, diz Pedro Fosquiani.

Apesar de haver poucas famílias hoje morando nos sítios da redondeza, a festa cresce a cada ano, pois vem gente da cidade e também de Londrina prestigiar a folia e dançar quadrilha ao som da sanfona e dos fogos de São João.

Para deixar essa importante manifestação cultural registrada no livro e nos DVDs que compõem o volume do *Círculo das Capelas*, nossa equipe esteve no dia 21 de junho de 2014 e gravou imagens da festa (*fotos a seguir*) e depoimentos dos fundadores. Depois da missa, documentamos a famosa reza do terço em procissão, em torno do cruzeiro, depois a passagem de cada um por baixo das fitas, culminando com o levantamento do mastro com as imagens de Santo Antônio, São João e São Pedro. Ali cada um faz o seu pedido e deixa a vela ao pé do mastro.

Depois vieram os fogos e a festa seguiu com fogueira, quadrilha, baile, bingo e os pratos que cada um traz de casa: milho verde, canjica, bolo, cachorro quente, pipoca, paçoca e todo tipo de doce da roça. “É uma festa antiga que a comunidade voltou a celebrar em 2010 para manter viva a tradição e trazer de novo o povo para a capela”, ressalta Rodrigo Fernandes, um dos organizadores e neto do criador da festa, João Foschiani.



Imagens da festa em 2014

Depoimentos

*na visita à comunidade: 21/06/2014

Foram entrevistados na ocasião a sra. **Natália Maria Moura Silva**, 83 anos, que 'puxava' os cantos devocionais e recitou para a equipe de gravação alguns trechos das ladainhas a Santo Antônio; **Pedro Fosquiani** – filho do pioneiro João Foschiani, que falou sobre os comícios, a vinda de circos, leilões no coreto e grandes festas nas décadas de 60 e 70; **Antônio Fernandes Filho**, “Tinho” – pedreiro que recentemente consertou a igreja e fala sobre os antigos jogos de futebol; **Rosângela Foschiani** – neta de Aurélio Semprebom, membro da 1ª diretoria da capela, de 1950; **Vilma Foschiani Sawada** e **Rodrigo Fernandes da Costa** – filhos de pioneiros e colaboradores atuais.



“Frequentávamos muito essa igreja aqui, meu marido tomava conta dela. A gente rezava o terço, participava das missas e no período que a gente morou aqui, frequentamos todas as festas de São João. A gente tomava conta de tudo. Meu esposo se chama Nicolau Gomes da Silva e cantávamos na capela. A gente cantava aqueles cantos antigos do Nordeste, quando fazia a fogueira e rezava o terço. Um deles era assim: ‘Ô que alegria, ô que prazer, de ver Santo Antônio resplandecer...’ Hoje em dia, não temos mais condições de tocar a lavoura, por isso mudamos para Ibioporã faz 25 anos.
(Natália Maria Moura Silva)

“Nasci em 1947, em Nova Europa (SP), e viemos para o Poço Bonito quando eu tinha uns 6 anos. Moramos aqui 45 anos. Hoje está muito triste, porque o pessoal que está hoje na festa, a maioria morou aqui e foi embora. Há uns 40 anos atrás vinha circo aqui e também faziam uma toreada [tourada] de dá gosto! Liz Filina vinha cantar no circo e essa festa era enorme. Nas eleições, os políticos vinham também fazer comício aqui. É que naquele tempo tinha o café, o algodão... Depois, com a chegada da soja e do milho, o povo foi indo embora e foi caindo a participação. Mas a igreja nunca se acaba. Olha só que festona! A gente também mudou para a cidade e como a minha irmã mais nova, Vilma, mora aqui pertinho, nós entregamos a chave da igreja para ela. Hoje, por exemplo, estamos aqui desde as 2 da tarde trabalhando para organizar essa festa.” (Pedro Fosquiani)



“Antigamente a entrada da escola era por baixo e a gente não vinha na frente da igreja. E desse lado aqui tinha um campinho de futebol, onde faziam os torneios. E para assistir ou pra jogar bocha, o pessoal estacionava os carros na rua de café, porque não tinha onde largar o carro, era tudo café... Tinham as fazendas aqui em volta e era o finado meu pai, meu avô e o finado pai do Pedro [Fosquiani] que tomavam conta daqui. Tinha terço duas vezes por semana e quem rezava era o Pedro. E sábado e domingo a diversão da molecada era vir pra igreja, pois ficávamos nos dois campos fazendo torneios de futebol. O padre rezava a missa e depois falava para a gente se divertir. Entrei em 1962 aqui no Poço Bonito e hoje moramos na cidade, mas estou sempre aqui. Não faz muito tempo eu reformei toda essa igreja, porque o padre Giancarlo [Vecchiato] queria derrubar, por causa de cupim. Sei que o Rodrigo, que é mais novo, foi falar com o padre, e disse para ele que não podia acabar. É algo antigo e esperamos que nunca acabe, precisamos conservar para os nossos filhos que vêm vindo.” (Antônio Fernandes Filho, “Tinho”)



"Para a gente, é uma alegria muito grande fazer essa festa e ver que a comunidade abraçou, porque quando o sítio do meu avô João foi vendido, achei que não íamos continuar mais. Meu avô era sanfoneiro, gaiteiro, ele se vestia de Papai Noel e adorava uma folia de reis. Acho que a gente traz isso no sangue e acaba ficando. Mas quando era pequeno eu tinha muito medo dos 'santos reis', medo de Papai Noel e também medo dos fogos de São João. Mas hoje estamos aqui comemorando o São João, agora na capela, porque a comunidade abraçou a festa. É o quinto ano que ela acontece [2014].

É ótimo também que vocês estão participando e divulgando. É com muita alegria que a gente recebe os novos moradores e também os antigos, que voltam para matar a saudade, além dos amigos, que acabam vindo por achar isso curioso o levantamento do mastro. A devoção em si é muito interessante. Cada santo tem uma história e as fitas da bandeira representam os sentimentos, de

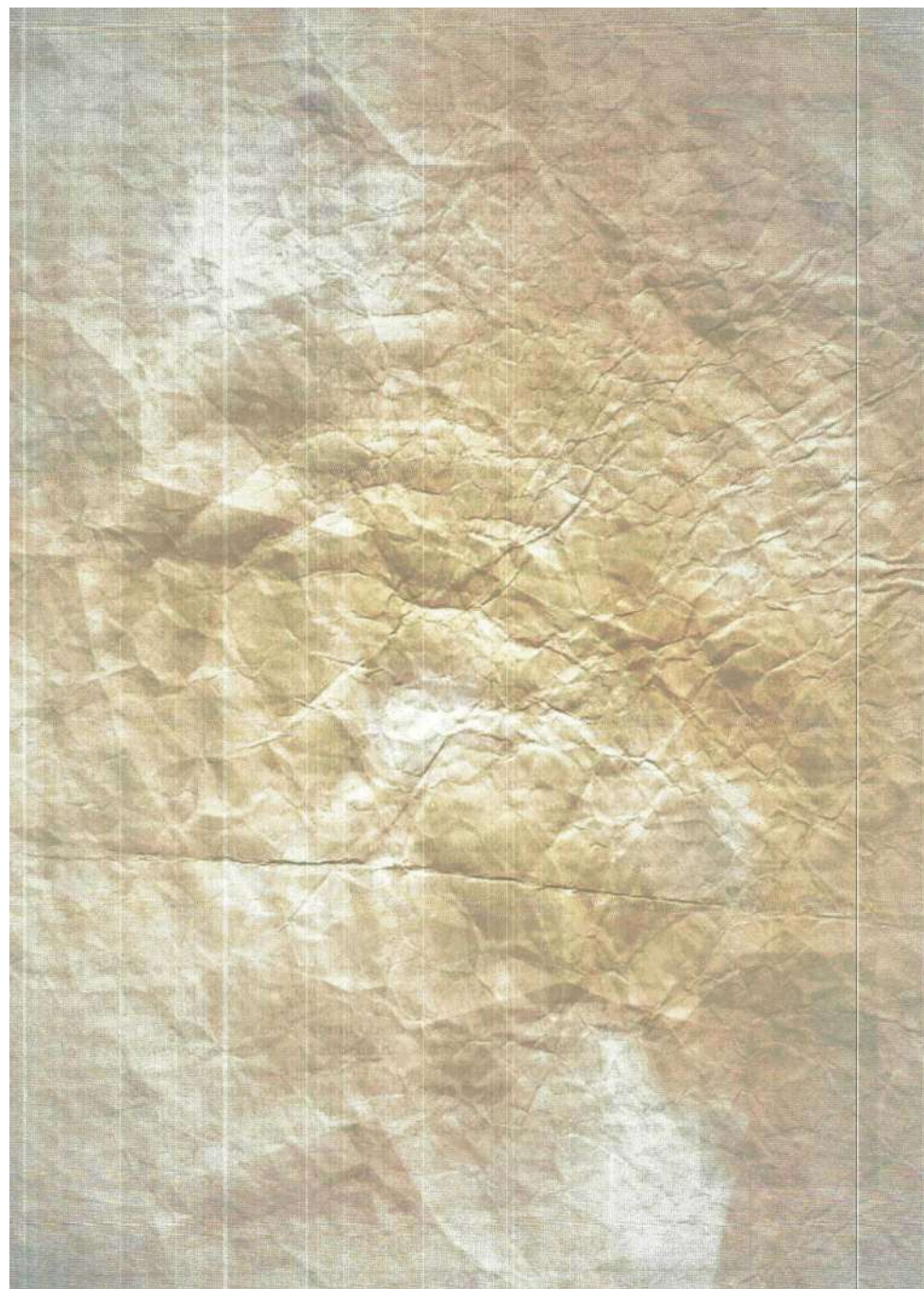
alegria, tristeza, aquilo que a pessoa sente... E o fato de dar a volta na bandeira também representa um sinal de união com Jesus, com os santos. E a vela acesa representa o nosso Batismo.

Meu avô, como era muito devoto, deu os nomes dos santos aos filhos. A festa junina tem toda essa tradição porque são pessoas muito importantes na Igreja. Santo Antonio é invocado como casamenteiro, mas na realidade era um santo muito pautado pela questão da justiça, ele não queria os dotes, não queria os casamentos arranjados, era um pregador muito firme da Palavra de Deus. Existia até uma briga na Europa entre Pádua (Itália) e Lisboa (Portugal), para saber onde ele nasceu. São João Batista, que a gente comemora o seu nascimento em 24 de junho, no início do inverno no hemisfério Sul, é marcado principalmente por ser precursor de Jesus. E tem a tradição da fogueira de São João: segundo essa tradição, Isabel teria acendido para avisar Maria que o seu filho João Batista tinha nascido. Já São Pedro é um dos santos muito invocados na Igreja, o primeiro papa." (Rodrigo Fernandes da Costa)

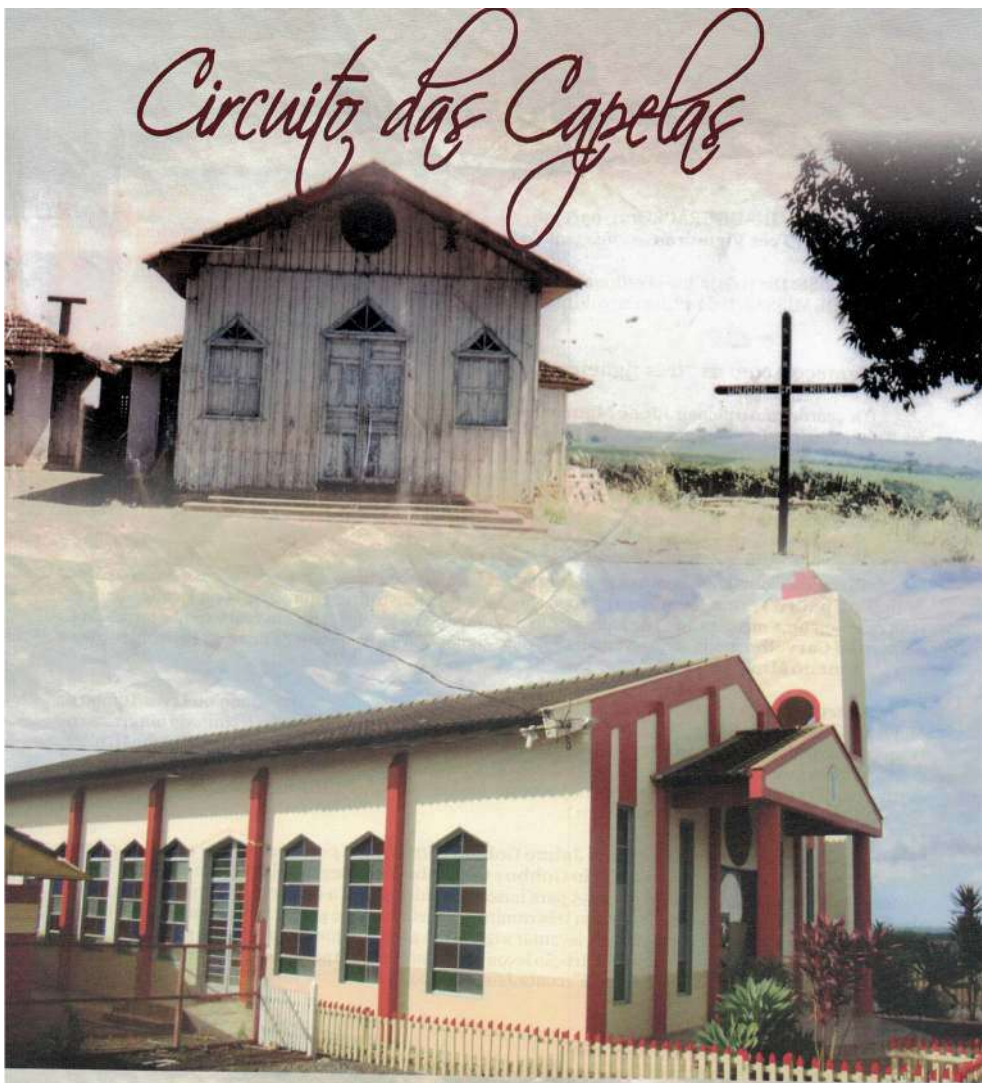
"Nasci em 1960 e viemos para cá quando eu tinha 8 anos. A gente morava no Sítio Nossa Senhora Aparecida, a 2 km daqui, na beira do Tibagi. Vivemos 41 anos ali. A minha vida foi toda aqui, a minha escolinha foi essa aí do lado da igreja. Estudei só até a 4ª série, porque naquele tempo não tinha outra coisa. Sabe que eu e o meu marido Koiti, a gente se conheceu aqui no Batismo... Ele já era adulto, descendente de japonês e nosso namoro nosso foi ao redor da igreja, nas festinhas, nas missas. A gente se encontrava e naquele tempo era paquera. Mas meu pai ficava de olho, cuidando. Sei que era muito bom. Tinha festas que iam até as 2 ou 3 horas da madrugada e não acontecia nada de mal. Os antigos gostavam demais! Às vezes tinha circo e vinha bastante gente. Tinha cancha de bocha, um coreto onde o pessoal pedia música, mandava correio-elegante... Hoje estou aqui ajudando a fazer essa festa para manter viva a tradição dos meus pais, João Foschiani e Margarida Lana Foschiani." (Vilma Foschiani Savada)



"Sou neta de Aurélio Semprebom, da 1ª diretoria da capela, e filha de Rosa Semprebom Foschiani, que foi a coordenadora por muito tempo. Minha mãe nasceu aqui, se criou, casou e continuou aqui. Eu fiz 1ª Comunhão e Crisma na capela e fiquei até os 17 anos, quando mudei para o Engenho de Ferro. Essa escolinha aqui ao lado [Carlos Cavalcante] foi muito importante na minha vida. Minha professora de 1º ano se chamava Eda e depois tive a professora Elineia Gomes Rodrigues até o 4º ano. Vinha uma Kombi da cidade trazer a professora e depois buscava. A gente vinha tudo a pé, era chuva ou sol, estávamos sempre aqui." (Rosângela Foschiani)



Circuito das Capelas



Capela São Bento
Três Figueiras



Capela São Bento

Três Figueiras

1ª CELEBRAÇÃO/ INAUGURAÇÃO: 21/03/1956

LOCALIZAÇÃO: **Três Figueiras** (Às margens do Contorno Norte de Ibiporã -PR-862), próxima à divisa com Londrina)

FESTIVIDADES: Dia 11 de julho – Festa em Louvor São Bento (padroeiro)

HORÁRIO DE MISSAS: todo 4º domingo do mês, às 10h

Tudo começou com as “três figueiras”

De acordo com o pioneiro **José Maurício da Costa**, 80 anos, da família **Barroso**, das mais antigas das Três Figueiras (chegou em 1941), os sitiantes dessa região do município frequentavam missas em fazendas, na Capela do Guarani (São Sebastião) ou na Matriz de Ibiporã, pois demorou para haver uma igreja no local. No início da década de 1940, segundo ele, só havia as três figueiras, “enormes e pujantes”, embaixo das quais os moradores se reuniam aos finais de semana para piqueniques com a família. Havia ainda um campo de futebol e ao lado uma escola que pertencia a Londrina: Escola Municipal Miguel Blasi (*a capela fica na divisa dos dois municípios*).

Passados alguns anos, com a chegada de muitas famílias para trabalhar nas lavouras de café, o pároco de Ibiporã, **padre Leone Gervasoni**, propôs aos sitiantes construir uma capela na localidade. E em 1955 celebrou uma missa campal de lançamento da campanha e foi colocado um cruzeiro nas terras do sr. **Sebastião Carvalho**, onde seria levantada a igreja – hoje o local é propriedade do casal **Koiti Minowa e Eurica Amano Minowa**.

O **cruzeiro** foi colocado dia 4 de dezembro de 1955, conforme está registrado no Livro Tombo da Matriz de Ibiporã: “*Na Gleba Três Figueiras, no terreno de Sebastião Carvalho, foi levantado um cruzeiro e rezada uma S. Missa campal com o fim de iniciar uma capela dedicada a S. Bento.*” (Livro Tombo II, p. 27). Outro registro no mesmo livro, datado de fevereiro de 1956, afirma: “*Está se construindo a nova capela de S. Bento, nas Três Figueiras. Os mais esforçados no assunto são João Mário Gobbo, João Pozzobom e Sebastião Carvalho.*” (Livro Tombo II, p. 31).

Um dos pioneiros daquela época é **Jaime Gobbo** (*entrevistado por nossa equipe em 2014, quando estava com 83 anos*). Filho de **João Mário Gobbo** e **Colomba Rui**, chegou a Ibiporã em 1935 e foi um dos motoristas que viajou a Paranavaí em 1955 para buscar a madeira para a construção da primeira igreja das Três Figueiras. “Lembro que fomos em três caminhões meio velhos e graças a Deus correu tudo bem na viagem”, relembra. “Depois começamos a levantar a igreja devagar, porque como era tudo gente da roça não tínhamos muito tempo de vir aqui. A construção levou uns meses ou um ano, não me lembro. O que lembro é de quando isso aqui não tinha nada, só café”, conta Jaime Gobbo.

Inauguração em 1956

Segundo José Maurício da Costa, a celebração de inauguração da Capela São Bento, nome escolhido pelo padre Leone, ocorreu dia 21 de março de 1956.

“Lembro-me perfeitamente da data em que foi inaugurada essa capela de madeira [ainda em pé], porque essa construção tem a idade da minha irmã”, afirma José Maurício. “A minha mãe estava de ‘dieta’ e por isso não pôde ir à missa de inauguração. Ela havia ganhado a minha irmã Vera uns dias antes, no dia 10 de março de 1956. E na semana seguinte aconteceu essa primeira missa”, relata ele.

No final de 1956 houve missões nas capelas e a das Três Figueiras era mencionada como a “caçula de Ibiporã”: “*Embora nova em organização, em breve poderá figurar entre as melhores da paróquia*”, escreveram os padres do PIME no relatório de 5 de janeiro de 1957 (Livro Tombo II, p. 33).



A primeira capelinha de madeira ainda está em pé. Foto da década de 1980

A partir de 1957 os moradores passaram a celebrar uma festa anual por ocasião do aniversário da capela. O pátio ficava cheio e vinha muita gente das fazendas ao redor e de outras localidades. Na fotografia a seguir – que segundo José Maurício, é do dia 21 de março de 1957 – aparece um político da região, o deputado estadual Renato Bueno. “Naquela época a gente não celebrava a festa do padroeiro no dia 11 de julho, que é o dia de São Bento. Fazíamos a festa de aniversário, em março”, recorda.



Pioneiros em frente ao coreto da capela, dia 21/03/1957. Na foto, a partir da esquerda, Baltazar Quezada, Juquinha Barroso, Luiz Quezada, Ermirino Porto, Sinval Mendes, Irineu Barroso, Ângelo Rodrigues, o deputado estadual Renato Bueno, Análberto Maurício, José Maurício da Costa (de perna levantada), o garoto Paulinho Paganelli, Juca Barroso, Moisés Perin e Vicente Quezada



Primeira turma de 1ª Eucaristia na capela, com padre José Guerini (esq.), 1958-1959



Grupo das Filhas de Maria. Início da década de 1960

** Colaboração com dados e fotos antigas: José Maurício da Costa*

Participação das irmãs na catequese

Nas próximas imagens há fotografias de Primeira Comunhão nas Três Figueiras e da presença das irmãs e leigos que davam catequese para as crianças e adultos nas capelas de Ibiporã.

Registros do Livro-ata nº 1 do CPP (Conselho de Pastoral Paroquial) da Paróquia Nossa Senhora da Paz, que traz dados e relatos de 1974 a 1989, informam os nomes de algumas irmãs que cuidavam da catequese nas capelas entre 1970 e 1975, quando o pároco era padre Rino Nogarotto: irmãs Cléia Pereira, Verônica Ulthchak, Conceição Cordeiro, Tarsila Tedesco, Marionette Linardi [ou Dinardi], Ignez Burigenstab e Eugênia Zandonade (citadas em diferentes atas de reuniões de 1975).



Irmãs que ministravam catequese em 1ª Comunhão nas Três Figueiras – fim da década de 1970

Outro registro informava que em razão de problemas de saúde com algumas freiras, o Irmão Franco Bernareggi (que mais tarde seria ordenado sacerdote, pelo PIME) ficaria encarregado de substituí-las durante alguns meses na catequese das capelas.

Uma ata do dia 25 de fevereiro de 1975 (Livro-ata nº 1) informava que em razão do grande número de comunidades para as irmãs, um grupo de leigos, os Congregados Marianos, ficariam encarregados da catequese nas Três Figueiras e no Poço Bonito. “A catequese ficou assim distribuída: Taquara, Boa Esperança, Amâncio, Guarani e Abóboras a cargo das irmãs; Três Figueiras e Poço Bonito a cargo dos marianos; D.E.R. a cargo dos vicentinos; e Barra do Jacutinga somente aos domingos, a estudar” (livro-ata nº 1 do CPP, 1975, pág. 7).



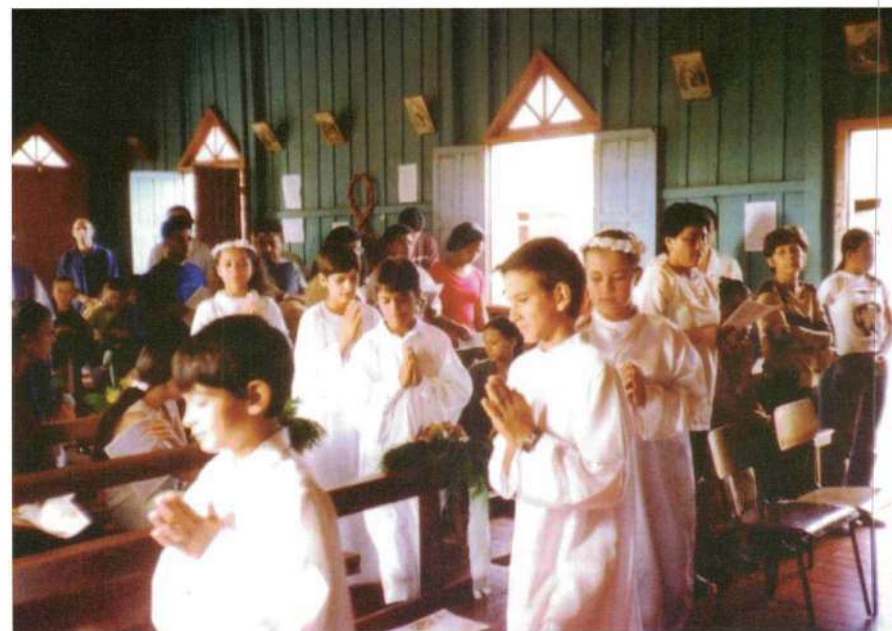
Padre João Giomo, em dia de 1ª Comunhão - 1977



A catequista Marisa Zambaldi e o garoto (no centro) Luis Carlos Chierotti



Padre Antônio Palermo e catequistas Marisa e Márcia Minowa



1ª Eucaristia na capela de madeira – década de 90

José Mauricio da Costa hoje mora em Londrina, como outros moradores antigos da localidade. Porém, nas missas mensais ou em outras datas durante o ano eles se reencontram na capela para matar a saudade. “Dia desses recordamos de quando fomos a Paranavaí, em três caminhões, buscar a madeira para a construção da primeira capelinha. Os que dirigiram os caminhões na época também lembram dessa história”, disse.

Anos 90: Construção da nova igreja



Começa a construção da igreja de alvenaria – 1994

As famílias foram se mudando para a cidade e diminuiu a frequência nas missas. Com isso, a capelinha de madeira foi ficando descuidada. “Até que em 1994, o padre Antônio Palermo nos deu um ultimato. Ou vocês constroem uma igreja nova ou terei que parar de celebrar aqui”, conta o sr. Koiti Minowa. “Foi quando iniciamos uma grande campanha para a construção dessa nova igreja de alvenaria. Passamos a promover vários almoços, até seis por ano, que recebiam gente de toda a região. Um desses almoços era no dia de São Bento [11 de julho]”, diz ele.



Nova capela sendo erguida ao lado da antiga

Comunidade mantém um painel no interior da capela documentando as fases da obra

Koiti Minowa fez questão de frisar que um grande colaborador nesta época foi o sr. **Cláudio Bertolucci** e sua esposa **Jacira Bertolucci**. “Ele tinha um frigorífico em Londrina [Vale Verde] e foi um dos alicerces das nossas festas. Graças a Deus toda a comunidade ajudou. Eram famílias de Ibioporã, de Londrina e recebemos também muitas doações. Em questão de dois anos conseguimos concluir a obra (*imagens a seguir*)”, comemora Koiti.



A tradicional costela fogo de chão, que era liderada por Cláudio Bertolucci

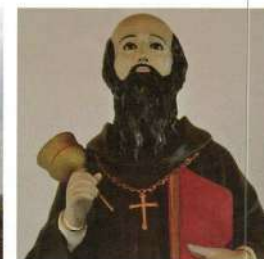


Cobertura improvisada para receber os visitantes



Dia de festa: famílias que se dedicavam aos almoços e churrascos

Fiéis chegando para a missa de domingo e a imagem de São Bento no interior da capela

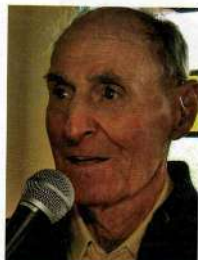


A capelinha de madeira de 1956 está preservada. No detalhe, o sino

Depoimentos

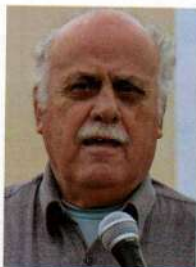
*no dia da visita à comunidade: 27/07/2014

Entre as várias famílias que tiveram participação ativa na vida da capela, as que estiveram no dia da gravação da equipe foram as famílias **Gobbo, Barroso, Chierotti, Paviotti, Antunes Pereira e Minowa.**



"Viemos de Quatá (SP) e chegamos aqui em Ibiporã no ano de 1935. Por isso conhecíamos as figueiras quando ainda estavam em pé. Éramos Congregados Marianos e antes de ter a capela freqüentávamos as missas em Ibiporã, na época dos padres 'barbichinha' [do PIME]. Íamos de carroça ou a pé. Morávamos aqui mesmo, dois sítios pra cima da igreja. Meu pai era Mario Gobo e minha mãe, Colomba Rui. Lembro que fomos buscar a madeira lá em Paranavaí para a primeira capelinha. Fomos em três caminhões meio velhos e conseguimos voltar, graças a Deus. Nós que começamos a construção quando não tinha nada aqui. A gente vinha só de final de semana porque todos trabalhavam na roça, não tinham tempo." (Jaime Gobbo)

"Esse nome Três Figueiras é tradicional porque existiam aqui três figueiras enormes que faziam uma cobertura e embaixo era um gramado. Vimos as figueiras em pé. Daí, com o crescimento da economia cafeeira e a fixação das famílias no início da década de 50, o então pároco de Ibiporã, padre Leone achou por bem fixar uma capela aqui e foi na casas dos moradores mais antigos. E esses moradores tinham uma certa relação com Santa Escolástica, que foi irmã de São Bento. Então o padre sugeriu que puséssemos o nome da capela de São Bento. O movimento cresceu e houve uma grande missa nesse gramado em 1955, e nessa época já não havia mais as figueiras, quando colocaram o cruzeiro para começar a construção. Em 1956 foi inaugurada a primeira capelinha de madeira, de que temos muita saudade. Ali nós vivemos os primeiros passos da comunidade religiosa das Três Figueiras. Mais tarde, com as geadas e o êxodo da população rural, ficamos meio desamparados aqui na capela e ela começou a se deteriorar. Mas um grupo de pessoas, e temos que fazer uma homenagem ao sr. Koiti Minowa e ao Claudio Bertolucci, que tinha uma propriedade aqui, tomou a iniciativa de fazer essa igreja nova e a comunidade está respirando. E temos que louvar essa iniciativa da Prefeitura de Ibiporã de levantar essas memórias, pois isso faz parte da vida do cidadão e das pessoas. Tenho comentado que a gente vai em velórios de pessoas que se radicaram aqui, mas eu reclamo: Chega de encontrar as pessoas em velórios! Queremos encontrar nas festas e nas missas que temos aqui uma vez por mês, para recordar daqueles momentos de confraternização, de bailes, casamentos e de festas principalmente aqui na velha capelinha." (José Maurício da Costa)



"Meu pai, Pascoal Paviotti, foi presidente aqui da capela, era ministro da Eucaristia, rezava os terços e quando não tinha missa, fazia as celebrações. Ficamos muitos anos aqui. Nós morávamos a 1 quilômetro da capela, então meu pai ajudava no que precisava. Frequentei muitos anos essa capela; como eu vim com 7 anos, fiz aqui 1ª Comunhão e o sr. José Maurício foi o meu catequista, depois fiz Crisma e fui catequista. É muito bom voltar aqui, uma emoção muito grande estar nessa capela onde eu vivi toda a minha infância." (Maria Aparecida Paviotti)

"Fui catequista aqui 40 anos atrás. Cheguei ali no Lindóia, vim morar em uma chácara, então começamos a participar da igreja das Três Figueiras. Participávamos da comunidade, eu ajudava na catequese e a capela era para nós um local de passeio. Vinhamos nas missas e tinha terço toda quarta-feira. Fazíamos ensaios para a coroação, que era nos altares lá fora. Quando comecei a namorar o Nelson [Antunes] nós já participávamos daqui. Nos casamos e continuamos ajudando o meu sogro, que foi um dos fundadores da capela, o José Antunes Pereira. As festinhas de antigamente eram com as pessoas do sítio mesmo, a lavoura tinha muitos colonos e alguns sítios tinham várias casas, então morava muita gente! Lembro que a arrecadação para as festas era engraçado, a gente saía a pedir nos sítios e arrecadava leitoa e frango para matar, limpar e depois assar. Às vezes aparecia também um carneiro. Tinha que ter doações para acontecerem as festas. Lembro que o padre Antonio Palermo, já falecido, reuniu a associação de agricultores que nós criamos e quis que tomássemos conta de construir uma nova capela, que montássemos uma nova diretoria. Então assumimos. Para começar essa igreja [de alvenaria], nós começamos do nada. Sei que foi uma batalha, muita luta, muita doação para as festas... Tivemos grande ajuda de gente de fora e do sr. Cláudio Bertolucci e da família dele." (Rita de Cássia da Silva Pereira)



"Nasci aqui nas Três Figueiras em 1948 e quando teve a primeira celebração aqui eu tinha um mês de nascido. Depois fui crescendo, fiz a 1ª Comunhão aqui com o José Maurício [da Costa], estudei ao lado nessa escola Miguel Blasi e a minha professora era Geni Costa Jandre. Quando as missas eram nessa igrejinha, cabia umas 50 pessoas. Curtimos muito isso aqui durante a nossa juventude. Nós éramos em uns 20 rapazes, de 16, 18, 20 anos. Vivíamos por aqui e todos os que casaram foi aqui mesmo na capela que se conheceram. Eu, por exemplo, conheci a minha esposa aqui. As paqueras eram no coreto, onde ficava o alto-falante. Andávamos pela estradinha, daqui até ali em cima, todo sábado e domingo à tarde. E ajudávamos o meu pai, que era o presidente da capela. Quando ele faleceu, nos reunimos com o sr. Koiti Minowa para iniciarmos a construção, pois trabalhávamos para ele. Eu ajudava fazer o fogo no chão, a assar leitoa, assar frango e a minha esposa fazia doces e pudins. Tudo para ajudar a igreja." (Nelson Antunes)

"Me casei e vim para as Três Figueiras em 1960, onde moramos até hoje. A gente sempre ajudou nas festas e o meu marido era tesoureiro da igreja. Nossos filhos fizeram a 1ª Comunhão aqui e estamos por aí. No que precisar de colaboração nós ajudamos. Meu marido pintou a igreja e ajudou a fazer essa 'cerquinha' [em frente à capela]. Nas festas, eu trabalhava na cozinha, fazia a comida. A capela e o povo que hoje vem aqui são importantes para nós. Não perdemos as missas nos quartos domingos do mês." (Alice Emília Chierotti)





“Ajudei aqui desde descarregar os primeiros tijolos e as madeiras, quando fizeram a primeira capela. Fui tesoureiro uns 10 anos, sempre convivendo com o povo, sempre participando das celebrações, das festas. O tempo antigo era muito difícil, porque o pessoal não tinha dinheiro para contribuir e as famílias eram muito grandes. Mas o povo era unido e ajudava. Os frangos, por exemplo, eram matados quase todos lá em casa. Hoje em dia melhorou bastante em vista do que era. Pena que o pessoal mudou quase todo para a cidade. Só nós que ainda estamos aqui. O pessoal que vem à missa é de Londrina e Ibiporã.”
(Jaime Chierotti)

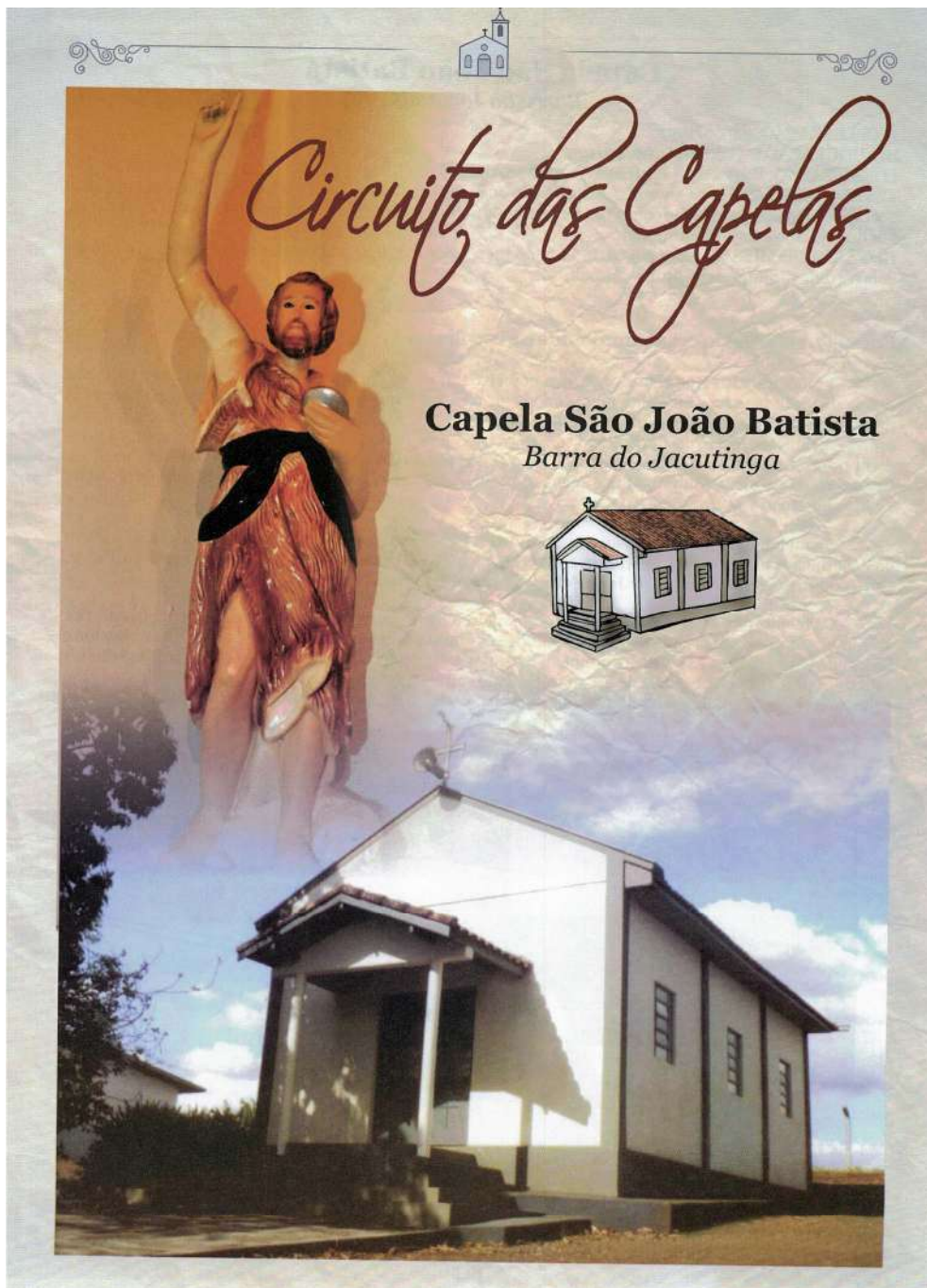
“Faz 21 anos que eu cheguei aqui no sítio e quando eu vim, esse pedaço onde está a capela estava num total abandono. O padre Palermo naquela época reuniu o pessoal da comunidade aqui dentro da capela velha e deu um ultimato: 'Ou vocês reformam essa capela ou nós vamos parar de fazer missa aqui, porque é um perigo a capela desabar na minha cabeça'. Falou desse jeito. Então decidimos fazer festas para arrecadar dinheiro e contamos com a colaboração do nosso irmão Cláudio Bertolucci. Ele foi um alicerce para começarmos essa obra. Trazia todo o equipamento, toda a costela temperada e começamos fazer o fogo de chão. Mas não tínhamos o barracão para fazer a festa. Então trazíamos bambu, cobríamos com lona, era muito trabalhoso... Mas graças a Deus muita gente ajudou e hoje temos essa igreja. O que tem dentro da capela – os bancos, portas, janelas – foi tudo doação e está gravado em uma chapa o nome da pessoa que doou. Já a cobertura, a telha e o madeiramento foi a Matriz de Ibiporã que nos doou.”
(Koiti Minowa)



“Nosso objetivo de levantar essa igreja nova foi alcançado, graças a Deus e à colaboração de todos e também do engenheiro Elcio Verceze, que fez o projeto, juntamente com a arquiteta Denise Salton. Hoje temos um lugar apropriado. Antigamente era tudo mais difícil. Não havia água e as antigas moradoras carregavam água de balde para limpar a capelinha. A nossa amiga Cida Mendes, a Flor de Liz, ela é que tem história. A parte mais difícil foi ela quem fez, de limpar e encerrar a capela antiga, limpar aquela poeira, era estrada de chão. E antigamente ninguém tinha carro, todos tinham que vir a pé. As minhas filhas Andréia, Marisa e Márcia todas fizeram catequese aqui e a filha do meio foi catequista. Elas já têm uma história, cresceram dentro da capela, sentem orgulho e toca o coração delas ouvirem: 'Três Figueiras, Capela São Bento'.”
(Eurica Minowa)

“Sou padre do PIME há 11 anos. Vim da Índia e já trabalhei em várias paróquias, mas agora eu estou em Ibiporã [2014]. Gosto muito do povo daqui, que é muito simples de coração e de vida. Gosto deste aspecto nas pessoas, de terem uma fé verdadeira. Eu gosto de celebrar a missa sempre, seja nas cidades ou nos sítios. É bom estar no meio do povo.”
(padre Jovenes Galton Elson, PIME)





Capela São João Batista
Barra do Jacutinga

1ª CELEBRAÇÃO: 24/06/1957
 INAUGURAÇÃO DA CAPELA: 06/07/1958
 LOCALIZAÇÃO: **Barra do Jacutinga** – região próxima ao Rio Tibagi
 FESTIVIDADES: Todos os anos há a festa de São João Batista (padroeiro), dia 24 de junho. Inicia-se com procissão, depois a celebração com a bênção dos quadros dos santos (Santo Antonio, São João e São Pedro), finalizando com a festa no pátio.
 HORÁRIO DE MISSAS: toda 4ª quarta-feira do mês, às 20h; grupo de reflexão às terças-feiras e Dia da Palavra toda 1ª quinta-feira do mês, às 20h,

Em 1957, referência eram uma venda e a escolinha

A pioneira **Rita Rosa Schiasse**, que nasceu na Barra do Jacutinga em 1952, conta que a primeira capela da localidade foi construída no mesmo lugar da atual e que foi escolhido aquele terreno porque já havia ali uma venda, do sr. **Chico Carvalho**, além de um campo de futebol e uma escola municipal, que estava em funcionamento desde o início da década de 50. "Estudei naquela escolhinha", diz Dona Rita. Quem doou o terreno para se construir a capela foi o sr. **Arnaldo Dantas**, com incentivo do 'vendedor', sr. **Francisco Carvalho**, e muitos ajudaram na construção, feita aos finais de semana, em regime de mutirão, e concluída em 1957.

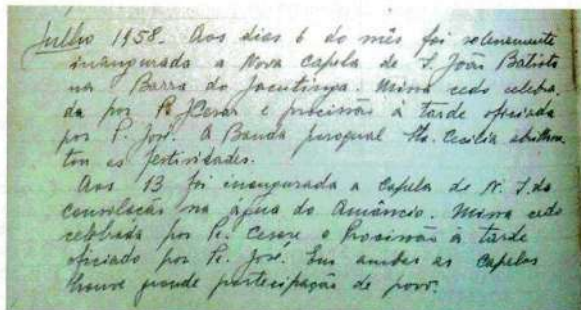
Quem liderou a construção foi o sr. **Armando Schiasse** (foto), um dos primeiros a chegar à Barra do Jacutinga – o nome é em referência ao local onde o Rio Jacutinga se alarga para desaguar no Tibagi. Armando era sogro de Rita e pai de **José Schiasse**, que hoje moram em Ibioporã.

Os membros da família Schiasse viveram na localidade cerca de 60 anos. José e Rita Schiasse, por exemplo, nasceram ali, casaram-se e criaram todos os filhos no sítio da família. Os filhos foram se casando e mudando para a cidade. Até que eles também, recentemente, decidiram vir para a zona urbana. "Os Schiasse cuidaram dessa capela por mais de 40 anos. Quando saíram e foram para a cidade sentimos muito a falta deles, mas os visitamos frequentemente", diz a atual coordenadora, **Aparecida Sônia Pozenato**.

O construtor da capela, sr. Armando Schiasse, e sua esposa Maria Gouwea Schiasse

Procissão e a primeira missa

De acordo com o histórico reunido pelos moradores, a primeira celebração na capela ocorreu quando ela ficou pronta, em 24/06/1957. Porém, o Livro Tombo da Igreja Matriz de Ibioporã traz o registro da inauguração oficial pelos padres somente um ano depois, em 06/07/1958, mencionando também a Capela do Amâncio (v. reprodução).



Anotação no Livro Tombo II da Paróquia de Ibioporã, p. 38, do dia 06/07/1958

A anotação diz o seguinte: *“Aos dias 6 do mês foi solenemente inaugurada a nova capela de S. João Batista, na Barra do Jacutinga. Missa cedo celebrada por Pe. Cesare e procissão à tarde oficiada por Pe. José [Zanelli, que ficou em Ibioporã até 1959]. A banda paroquial Sta. Cecília abrilhantou as festividades. Dia 13 foi inaugurada a capela de N. Sra. da Consolação, na Água do Amâncio (...). Em ambas as capelas houve grande participação do povo”*. (Livro Tombo da Paróquia de Ibioporã, vol. II, p. 38, julho de 1958).

A moradora **Maria José Ribeiro Sartori** diz que nessa primeira missa o seu pai, João Ferreira da Silva, auxiliou o padre. “Tinha também na época o meu tio Afonso, que andava com uma santinha, pois antigamente se fazia muita procissão de casa em casa e ele carregava a santinha”, diz ela.

Maria José é neta de um dos pioneiros da capela, um senhor conhecido como **José Herculano**, que visitava as famílias e convidava as pessoas a participarem das atividades da igreja: terços a Nossa Senhora, as missas, festas juninas e a celebração de São João Batista, em comemoração ao padroeiro. “Meu avô na verdade se chamava **José Alves Ferreira**, mas todos conheciam ele como José Herculano, não sei o porquê do apelido. Já a minha avó era **Maria Benedita Ferreira**”, relata Maria José.



Maria José Ribeiro Sartori, neta do sr. José Herculano, pioneiro que andava com sino e megafone puxando as procissões

Maria Sartori conta que fez o seu primeiro ano de catequese na comunidade São João Batista, em 1958: “Eu tinha 7 anos. A primeira igreja já era de alvenaria, mas com o tempo foi estragando e aí decidiram construir essa, no mesmo local [a segunda é de 1984].”

A moradora diz não saber “se é providência ou coincidência”, mas, depois de morar décadas fora, retornou e hoje está dando sequência à missão iniciada pelo avô José Herculano na Barra do Jacutinga. “Meu vô morava aqui e puxava as procissões indo de casa em casa e eu participava junto quando criança. Casei, fui embora, morei 38 anos em Londrina, acabei voltando e comprei uma chácara aqui perto. Um dia me aparece a Rita [Schiassel], que tomava conta da capela, e me entregou todas as coisas que eram da comunidade, coisas que eram do tempo do meu avô: um sino e um megafone que andava nas procissões... Daí já me veio a lembrança do meu avô e pensei: ‘Meu Deus, será que ele começou e eu vou terminar?’, porque hoje eu e a Sonia [Pozenato] estamos tomando a frente da comunidade. É uma história bonita de se contar”, diz Maria José Sartori.

Procissão saiu da Cerâmica de Alberto Negro

A sra. **Ana Casado Mardegan**, 87 anos, morou seis anos em uma fazenda na Barra do Jacutinga, é pioneira da capela e lembra do dia da inauguração, em 1958, no dia de São João Batista.

“Teve uma procissão saindo da cerâmica do seo Alberto Negro, que ficava na beira do Jacutinga e terminou na igreja. Daí teve a missa e lembro que o meu filho Valdir Ilídio Mardegan [hoje com 59 anos] foi crismado nesta primeira missa celebrada na capela. Depois teve uma grande festa, com churrasco, bingo e leilão, que durou a tarde toda. Naquele tempo, as festas enchiam de gente, porque morava muita gente na roça. Eu lembro que o seo Alberto Negro e a sua esposa é que doaram a imagem de São João Batista que acho que está até hoje na capela”, comentou Dona Ana.

Sete anos depois a sua família mudou-se para Ibioporã e Ana morou por 43 anos na Rua José Bonifácio, perto da Estação Ferroviária. Hoje reside em Londrina, mas lembra com saudade dos bons tempos das missas e festas na Barra do Jacutinga.



1ª capela foi construída em 1957, já em alvenaria (essa foto é de 1978)

Vida da comunidade

A festa junina sempre foi marcante e teve a presença dos moradores da região. Havia também outras festas, quermesses, almoços familiares e porco no tacho. Outro destaque era a Coroação de Nossa Senhora, realizada sempre no mês de maio. Em 2014 **Aparecida Sônia Pozenato** e Maria José Ribeiro Sartori dividiam a coordenação: "É algo que fazemos com muito carinho e amor". A comunidade mantém uma missa mensal, toda 4ª quarta-feira do mês, e se reúne no grupo de reflexão às terças-feiras e no Dia da Palavra toda a 1ª quinta-feira do mês.



Padre João Giomo com crianças em 1ª Eucaristia – set/1983; almoço comunitário na capela – anos 2000



Coroação de Nossa Senhora das Graças na capela atual - 1984



Prédio da capela atual é de 1984

"Faz 2 anos que eu assumi para tomar conta dessa capela junto com a Maria Sartori. Com muita alegria, porque toda a vida eu trabalhei para a igreja. Em Londrina participei 45 anos, fui catequista 32 anos e ministra da Eucaristia por 17 anos. E resolvi vir pra cá, no meio do mato. Olha, que beleza! Deus me trouxe para cá, para cuidar dessa capelinha de São João Batista. E com muita alegria a gente vai visitar os doentes e leva o padre para dar a unção dos enfermos. E essa celebração hoje foi linda. Nossa, você nem imagina o tanto que eu telefonei para esse povo vir aqui hoje na gravação e por ser o Dia do Padroeiro. Umás três famílias que nunca vieram, participaram hoje. Normalmente vêm umas 20 pessoas e hoje tinha mais de 50. Foi muito gratificante, não só para mim, mas também para a comunidade, que relembra de um passado que não acabou. Você pode saber que no ano que vem, se Deus quiser, vamos suspender o mastro de São João Batista, como os antigos faziam, mas já faz uns 10 anos que deixaram de fazer." (Aparecida Sônia Pozenato)



Famílias pioneiras

Muitas famílias foram ativas na capela ao longo de quase 60 anos de existência. Para deixar registrado na memória do local o nome de alguns dos que construíram essa história, a diretoria colocou os **nomes nos quadros da via-sacra**, que decoram as paredes.

Entre os pioneiros da Barra do Jacutinga podem ser mencionados: Armando Schiasse e Maria Gouvea Schiasse, José e Rita Schiasse, João Batista Schiasse, Claudinei Aparecido Schiasse, Ana Casado Mardegan, Ângelo Caus e Amélia Batistella Caus, Adalton Caus, Paulo e Augusta Caus, Manoel Garcia Roldan, Humberto Maccagnan, Claudemir e Cirene Schiasse, Álvaro e Maria Moreno, Sumiô Yamauchi, José Alves Ferreira (conhecido como José Herculano) e Maria Benedita Ferreira, José Casagrande e Terezinha Casagrande (pais de Vander e José Renato Casagrande), e as famílias de José Gonçalves, Humberto João, Felisberto Volponi, Sebastião Salomão, José Cassemiro de Souza e José Gonçalves Valente.

* Colaboração com dados e fotos: Sônia Pozenato, José Schiasse e Rita Schiasse

Visita no dia de São João – 24 de junho

Nossa equipe de gravação esteve na capela dia 24 de junho de 2014, quando houve missa e uma festa comunitária com fogueira para lembrar o padroeiro (*ver fotos*). Ouvimos moradores mais antigos e outros que relataram a contribuição dos seus pais para a construção e a manutenção da igreja. Paulo Caus Neto, filho de Ângelo Caus e Amélia Batistela Caus, falou sobre as festas no início e como era a vida na lavoura. Ouvimos também moradores mais novos.

Durante a celebração, **padre Paulo Alencar** destacou a figura de João Batista, mártir e precursor de Jesus Cristo, e a importância de se valorizar a história dos antepassados. Elogiou “esse trabalho de recuperação da memória das comunidades de Ibiporã, que vem sendo feito pela Prefeitura, através da Fundação Cultural e da Secretaria Municipal de Cultura”. E enfatizou a fé e a determinação que moviam os pioneiros: “Os homens e mulheres que desbravaram essa região e aqui construíram essa capela, formaram essa comunidade, não desbravaram apenas com facões e picaretas, mas acima de tudo com a sua fé. A fé de construir uma nova vida nesta Terra Bonita, que é Ibiporã”, disse padre Paulo.



Imagem do padroeiro São João Batista e o padre Paulo Alencar, destacando o trabalho de preservação da memória feito pela Secretaria de Cultura



A fogueira de São João e a entrada da capela





Depoimentos

* no dia da visita à comunidade: 24/06/2014

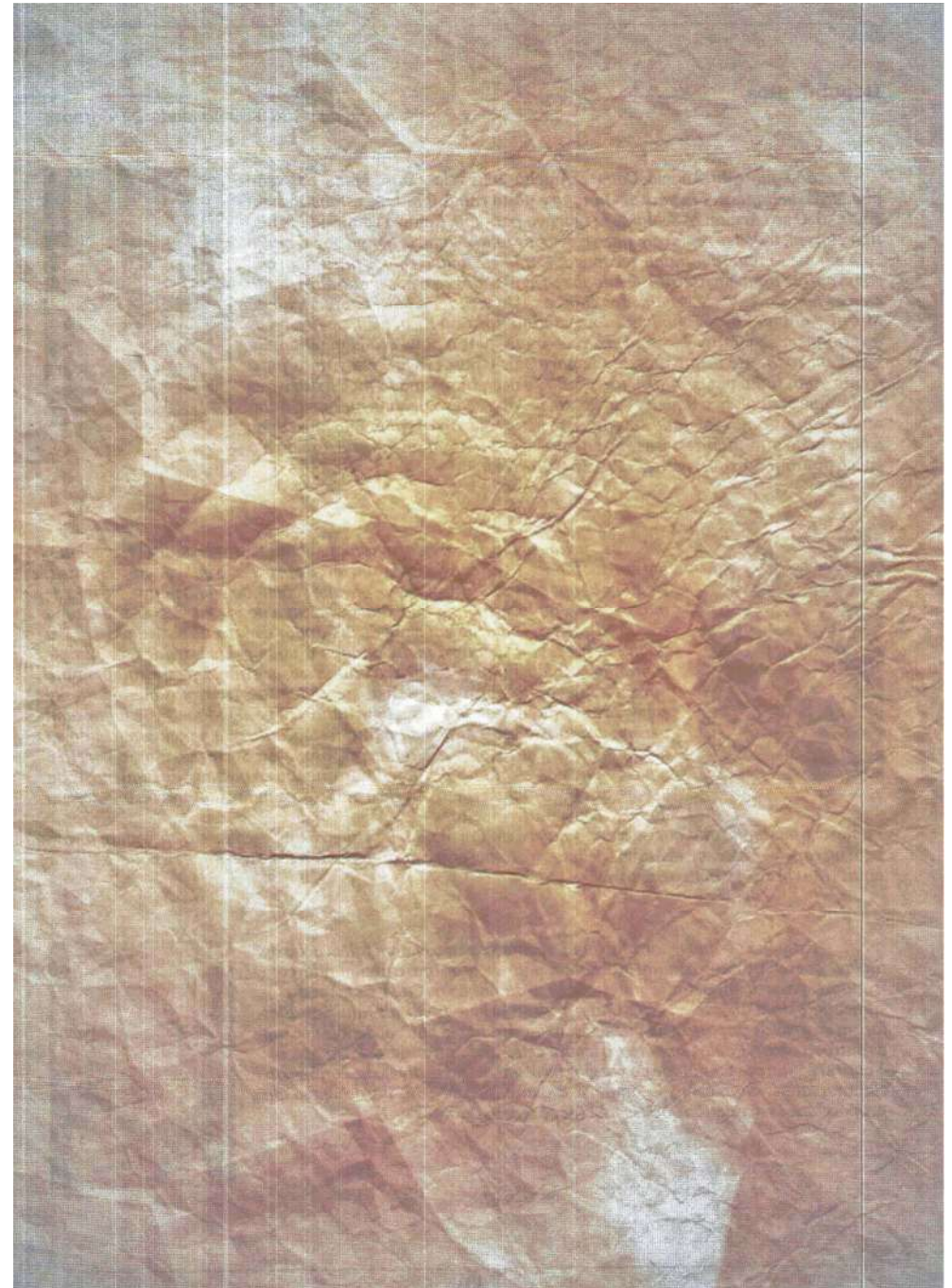
“Sou filho de Ângelo Caus e Amélia Batistela Caus. Meus pais são pioneiros de Ibioporã. Chegaram em 1939 e nesta comunidade se estabeleceram em 1956. O seo Armando Schiasse já morava por aqui. Como a comunidade não tinha igreja, todos se reuniram para construir uma. Naquele tempo havia muito café e o meu nono tinha uma cerâmica. Então ele doava tijolos para a igreja, como outros também fizeram. O finado seo Armando era o mestre de obra, junto com os filhos dele, e ele era um dos cabeças. Ajudaram na obra os srs. Orlando Murgi, Antonio Rosa, Toninho Ledo, Quintino Rosa e a Rita, além de tios meus que também são Caus. Por aqui era tudo mato, mas o povo era bem unido. Eu nasci em 1958. Até pegar uma idade para sair e passear foi com 7 anos para frente. Aqui tinha um coreto de fazer leilão e acendiam uma fogueira dez vezes maior que essa aí. Era aqueles “tocão” de peroba, coisa grande mesmo e tinha muita gente. Como não tinha energia, o meu tio colocava o caminhão para ligar a bateria do alto-falante. Isso tudo eu apreciei e muitos aqui apreciaram. Era a época do lampião a querosene.” **(Paulo Caus Neto)**



“Meu avô era José Alves Ferreira, mas todos chamavam ele de José Herculano. Foi um dos pioneiros da capela e puxava terço e procissão indo de casa em casa. Naquele tempo se rezava muito terço, porque quase não vinha padre. No mês de maio, por exemplo, era terço todo dia. Começava na igreja, depois tinha uma santinha que era colocada em cima de um andor e ela ia de casa em casa. E a turma ia atrás. Eu sei que a gente andava à noite pelas estradas, rezando e cantando... Cada noite o terço era numa casa. Antigamente tinha muito morador por aqui, porque o pessoal sobrevivia da terra e o que plantava, colhia. Se plantava de tudo e tinha aqui muito café e algodão. Nesse lugar aqui mesmo era um cafezal. Aqui saía muita festa, tanto que o meu namorado eu arrumei na capela. Hoje ele é o meu esposo, José Sartori. Tinha o coreto e aqueles correios-elegantes para mandar quando se gostava de alguém. Toda árvore que você olhava tinha um casalzinho de namorados, mas era tudo sem malícia, com muito respeito...”

Eu nasci num lugar alto que se chama Bairro da Coruja. Meu primeiro ano escolar e a catequese foram aqui na capela. Me casei na Matriz de Ibioporã, tomei outro destino e agora faz 4 anos que eu voltei a morar aqui.” **(Maria José Ribeiro Sartori)**

“Estou há 20 anos morando aqui e comecei a mexer com fabricação de tijolos, que era muito comum na época, mas hoje estou trabalhando com frango. O pessoal importante que eu conheço daqui são os Caus. Essa igreja foi edificada pelo o avô deles, Luiz Caus, e a escola que tinha ali também. Eles foram de grande importância para desenvolver o nosso bairro, depois vieram os outros, como o Paulo Contiero e o irmão dele, Moacir Contiero. Para nós, vir à capela é uma oportunidade de vermos os vizinhos, de se abraçar, conversar, contar piadas. Hoje a igreja ampara a gente, de um jeito ou de outro ela proporciona essa reunião do pessoal.” **(José Maria Campos)**





Circuito das Capelas



Capela Nossa Senhora da Consolação 'Capela do Amâncio' / Saltinho



Capela Nossa Senhora da Consolação 'Capela do Amâncio' / Saltinho

1ª CELEBRAÇÃO / INAUGURAÇÃO: : 13 de julho de 1958
LOCALIZAÇÃO: **Sítio do Amâncio** (região do Saltinho)
FESTIVIDADES: Dia 15 de agosto: Nossa Senhora da Consolação (padroeira); 12 de outubro: Nossa Senhora Aparecida; Novena de Natal; via-sacra semanal durante a Quaresma.
HORÁRIO DE MISSAS: toda 2ª quarta-feira de cada mês.

Era uma reserva do Estado

Localizada na Água do Amâncio, a Capela Nossa Senhora da Consolação foi construída nas terras que faziam divisa com o sítio de **Antônio Emílio Pereira**, também conhecido entre os mais antigos como Antônio Emílio Amâncio, daí o nome "Capela do Amâncio".

É também chamada "Capela do Saltinho", devido ao nome daquela área rural, próxima ao Rio Tibagi. O acesso à capela é pela PR-090, do lado direito de quem vai de Iporã para Sertãoópolis.

Os primeiros moradores contam que antes da construção da igreja, em 1958, só havia um campo de futebol, a escola primária e uma venda, de **Antônio Sorgi**. "O resto era mato", afirma **Basilides Inácio Pinto**, entrevistado aos 90 anos, da 1ª diretoria da capela e o mais velho dos pioneiros vivos até então.

Basilides chegou ao local em 1940 e conta que seu pai, Sebastião Inácio Pinto, adquiriu naquele ano uma área de 10 alqueires de mato, próxima à igreja atual.

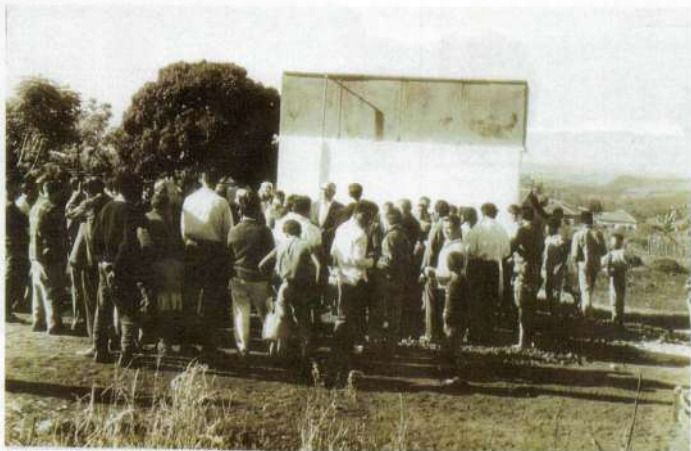
"Esse terreno onde está a Igreja, era uma reserva do Estado", relata. A área foi demarcada em 1940 para que pudessem ser vendidos os primeiros lotes – de 10 alqueires em média – às novas famílias que viriam para plantar café. "E o Seo Antônio Emílio Pereira, que era o nosso líder por aqui, determinou para o engenheiro contratado, que deixasse uma área reservada pro campo de futebol, outra para a escola e outra para a igreja. Porque ele dizia: 'depois que tiver café plantado ninguém vai querer arrancar um pé de café para construir a igreja'. Ele falava e o engenheiro obedecia", conta Basilides Pinto.



Capela atual, construída em 1978 (foto de 2006)



Celebração na fazenda de Antônio Emílio Pereira (1951), um dos primeiros habitantes da localidade. Ao lado dessas terras foi construída a capela. Na imagem, próximos a ele e à esposa, o prefeito de Iporã na época, Alberto Spiaci (1947-1951), os ex-prefeitos José Pires de Godoy e Mário de Menezes, além de pioneiros, como Pedro Pelizer



Sítio da família Frederico, também pioneira, próximo à capela. Cerimônia de ampliação da rede de água - 1954

1ª Diretoria

Segundo Basíledes, em 1958 padre Leone Gervasoni veio à localidade e sugeriu a construção de uma capela. “Ele disse para nós criarmos uma diretoria. Eu, que tinha um certo conhecimento por aqui, porque era inspetor de polícia, fiquei de vice-presidente. E coloquei o Antônio Sorgi de presidente. O Sorgi tinha um boteco aqui, era o ‘vendeiro’ aqui. Com ele e mais dois – o Aparecido de tesoureiro e Rubens Biscaro de secretário – fundamos a 1ª diretoria”, relembra. No histórico entregue pelas lideranças da comunidade, constavam ainda nessa 1ª diretoria **Angelo Biscaro, Juventino e Otacílio Costa**.

A capela foi levantada em **1958**, com base em doações e festas. Foram muitos os que ajudaram na construção da primeira igreja, “bem rústica no início”, conforme relato dos mais antigos. “Como prezamos por todas as famílias fundadoras, não gostaríamos de nominá-las para não correr o risco de esquecer alguma, pois eram muitos os colaboradores”, diz a atual catequista da comunidade, Marisa Zambaldi Frederico. Seu sogro, Getúlio Frederico, que havia chegado em 1956, acompanhou as primeiras movimentações dos sítiantes para a construção dessa capela.

No ano em que a capela foi fundada, a comunidade era atendida pelos padres **Leone e José Zanelli**. Depois vieram outros do PIME: Rino Nogarotto, Antônio Alborghetti, Domenico Rotunno, João Giomo, José Marchesi, Domenico Cizerani, Pedro Facci, Luciano Morandin, Daniel Belussi e Cláudio Romano.

De acordo com o histórico, “os primeiros catequistas foram **Orlando, Francisco, Miguel e Victor**”. Depois viriam as mulheres. A primeira foi **Maria Helena Biscaro Pinto**, que também era a professora da escolinha da localidade.

Escola e o campo de futebol

No mesmo terreno onde ficava a igreja, havia também – como era comum na maioria das capelas rurais – outros espaços de convivência das famílias nos finais de semana. Ou seja: a comunidade se reunia para rezar e depois fazia festa no pátio ou no barracão, assava carne, bolos e os rapazes jogavam futebol. Era o time do Saltinho E.C., que fez grandes campeonatos em 1950, segundo relato do sr. Basíledes.



Imagem atual do campo do Saltinho, com o vestiário à direita

Boa parte dos que frequentavam a capela também estudaram na escolinha ao lado, que no início era de tábua e conhecida como ‘Escola da Água do Amâncio’ ou ‘Grupo Escolar do Saltinho’. Na fotografia a seguir, já é o prédio de alvenaria, denominado Escola Municipal Padre Vicente Mariani, em homenagem ao pároco anterior de Iporã, que falecera em 1965. A imagem é do dia da sua inauguração, em 1967, com a faixa “saúdamos o nosso prefeito”, na época **Ciro Ibirá de Barros**. A escola está em pé até hoje, porém desativada.



Inauguração da Escola Padre Vicente Mariani, em 1967



Alunos e autoridades na festa de inauguração - 1967

Ampliação da capela – 1970

Com as doações, arrecadações, festas e o trabalho dos moradores, foi construída uma segunda capela de madeira, maior, por volta de 1970 (foto), para abrigar as novas famílias que chegavam para o cultivo do café.



A 2ª capela de madeira, em 1970. No centro da fotografia, Marisa Zambaldi e Ivanildes

Além da ajuda material, entre os anos de 1967 e 1975 a capela também teve o apoio das irmãs missionárias, responsáveis pela formação religiosa dos jovens. As pioneiras foram as **irmãs Maria Augusta, Conceição e Jacomina**. “Fizeram um belo trabalho e deixaram boas sementes espalhadas por aqui”, afirma Marisa Zambaldi.

A capela foi seguindo o seu curso normal e, sempre contando com doações e festas, as diretorias foram construindo outras estruturas ao redor, como o forno, o barracão e o coreto.

Igreja de alvenaria – 1978

Em **1978** a capela foi reconstruída em alvenaria, com a colaboração dos moradores e a realização de novas promoções pelas diretorias. Na ocasião, padre **Domenico Rotunno** ganhou as janelas de uma capela no município de Primeiro de Maio, que seria desativada em razão da construção da Represa Capivara, e as aproveitou no novo prédio.

Com a derrocada do café, após a geadas de 1975, houve a substituição por outras culturas, mecanização da lavoura e a maioria das famílias migrou para a cidade. Hoje poucas frequentam a capela – cerca de 20 famílias, segundo Marisa.

A capela, o campo de futebol, o barracão de festa e a escolinha ficam atualmente na propriedade da família Barbieri. Por esse motivo, durante muitos anos a capela foi dirigida por **Demétrio Silvío Barbieri** e sua esposa, **Maria Helena Pavanelli Barbieri** (fotografia a seguir). Demétrio faleceu em 2014, em um acidente de carro na PR-090.



Bodas de Prata de Demétrio e Maria Helena Barbieri. Celebrante é o padre Daniel Belussi



Marisa Zambaldi e Hélio Frederico com um dos filhos

Marisa Zambaldi é quem cuida assiduamente das atividades religiosas, como catequista. A diretoria atual é formada pelos srs. **Dirceu Cirino, Zelindo Fernandes, Adalberto e Hélio Frederico.**

As atividades principais hoje são a missa, o terço, uma via-sacra semanal durante a Quaresma, novenas de Natal e a catequese. Lembrando que em 2014, a capela foi pintada e restaurada.



1ª Eucaristia, 1992, com padre José Marchesi



1ª Eucaristia em 2003, com padre Cláudio Romano

* Colaboração para o histórico e fotos: Marisa Helena Zambaldi Frederico

Famílias tradicionais

Durante a visita da equipe do *Circuito das Capelas*, em 13 de agosto de 2014, foram homenageadas algumas famílias pioneiras e as que frequentavam a comunidade na década de 60. Fernando Otávio da Mota, o locutor de festas na época, relacionou os seguintes nomes: famílias Antunes, Baccarin, Barbieri, Barreiro, Batista, Batistella, Binate, Breta, Caires, Camargo, Carmo, Carneiro, Conceição, Chagas, Crispim, Delgado, Domingues, Duarte, Estêvão, Felipes, Fernandes, Figueiredo, Frederico, Guilhermino, Gonçalvéz, Honório, Kazaki, Lino, Longhi, Marcolino, Marquezett, Martins, Meneguetti, Morais, Mota, Moura, Nunes, Pardim, Passos, Paulino, Pavanelli, Pereira, Pinto, Pires, Reis, Rocha, Sartori, Sanches, Santos, Silvério, Simonelli, Thomás, Utida, Vieira, Vitor, Zambaldi, Zanchin e Zaria.



Pioneiras na procissão de entrada com a imagem de Nossa Senhora da Consolação (ampliada à direita)



A igreja, o campo e o barracão ficam no sítio da família Barbieri



Missa na ocasião da visita à comunidade



Grupo de homens na missa da padroeira

Depoimentos

* no dia da visita à comunidade: 13/08/2014

Foram entrevistados Basíledes Inácio Pinto (da primeira diretoria da capela, de 1958), Helena Biscaro Pinto (professora por 20 anos na Escola Vicente Mariani e que morou 30 anos na casa da escola); o casal Getúlio e Lúcia Grana Frederico (pioneiros), Francisco Zambaldi (ex-presidente da capela), o casal Antônio Cassemiro Zambaldi e Mercedes Rando Zambaldi (pioneiros), Maria Helena Barbieri (esposa de Demétrio Barbieri e em cuja propriedade fica a igreja), Márcio Moisés Barbieri (filho de Demétrio), Fernando Otávio da Mota (que animava as festas no alto-falante), o casal Hélio Frederico (diretoria atual) e Marisa Zambaldi Frederico (catequista), a sua irmã Maria Tereza Zambaldi Fernandes e o marido Zelindo Fernandes (da diretoria atual), além de Flora Duarte (pioneira).



“Conheço a história aqui do Saltinho desde 1940. Vim para cá com 15 anos e só saí em 75. Quando cheguei aqui era tudo mato. Onde hoje ficam a igreja, a escola e o campo era uma reserva do Estado. Meu pai, Sebastião Inácio Pinto, aproveitou na época (1940) e comprou um terreno aqui do lado. Pegou uma área de 10 alqueires. Primeiro veio o engenheiro [do Estado] demarcar as terras e depois chegaram as famílias para derrubar o mato. O Antonio Emílio Pereira, que era um líder aqui, disse assim pro engenheiro: “Vamos tirar [reservar] um pedaço aqui para o campo de futebol de amanhã, para a igreja de amanhã e também para a escola, porque senão, depois que tiver café plantado ninguém vai querer arrancar um pé de café pra construir a igreja. E o que ele falava o engenheiro obedecia. Antes de ter a igreja, nós já tínhamos aqui o campo e o time era muito bom, com o nome de ‘Saltinho’. Ficou famoso aí na região. Lembro que em 1950 ganhávamos dos outros dos times da redondeza e até lá em Ipirorã. Só depois é que saiu a igreja, quando o padre Leone veio aqui dar um palpite e mandou a gente criar uma diretoria. Havia poucas pessoas na época [1958]... Eu, que tinha um certo conhecimento, porque era inspetor de polícia aqui, fiquei de vice-presidente da capela. E coloquei o Antônio Sorgi, que era o ‘vendeiro’ aqui, de presidente. Com ele e mais dois – o Aparecido de tesoureiro e o Rubens Biscaro de secretário – fundamos a 1ª diretoria.” (Basíledes Inácio Pinto, 90 anos)

“Eu era do Estado de São Paulo e vim aqui dar aula, com 17 anos. Fui professora 20 anos neste lugar. Essa escolinha primeiro era de tábua, era chamada Escola da Água do Amâncio. Depois, quando a Prefeitura construiu o grupo, passou a se chamar Escola Padre Vicente Mariani, que era o pároco de Ipirorã na época. Naquele tempo era difícil a vida, mas era gostoso. Na escola, a gente fazia de tudo, até a merenda. E no começo todas as idades eram misturadas; só depois é que começaram dividir. Às vezes o aluno do 4º ano ajudava a tomar lição do aluno do 1º. Era desse jeito... Mas a gente conseguia levar muito melhor que as professoras de agora. E naquele início tinha só a escola, que era de madeira, não havia a igreja. Então a gente dava catequese para as crianças na escola. Porque além de professora eu também fui catequista. Fui a 1ª catequista daqui. Pena é não ter fotografia daquela época.” (Maria Helena Biscaro Pinto)



“Chegamos aqui em novembro de 1958 e eu tinha a Marisa pequeninha. No dia em que chegamos de mudança a imagem da santa que estava na casa de um vizinho foi lá pra nossa casa. Nós tínhamos acabado de desembarcar e a santa chegou logo em seguida. Foi muito bonito, abençoado, foi rezado um terço com os vizinhos. Nós moramos aqui no Saltinho por quase 15 anos. Nossos filhos Adalberto e Célia nasceram aqui. Já os outros, a Maria Tereza, o Irineu e a Marisa eram de colo. Todos sempre ajudaram na igreja. Lembro que às vezes eu ficava brava com a Maria Teresa: ‘Você não vem ajudar a mãe?’ Mas aí eu via que ela estava lá dentro lendo os papéis para ler na missa. Todos eles são muito interessados em ajudar.”

(Mercedes Rando Zambaldi)



“Chegamos aqui em 1958, quando compramos uma propriedade vizinha à igreja. A capela era de madeira, não estava terminada ainda e eu ajudei a pregar as mata-juntas. Participamos da primeira missa que foi celebrada aqui, pelo padre Leone. As missas eram uma vez por mês e nossas filhas Maria Tereza e a Marisa casaram aqui. Eu tenho saudade, era uma comunidade muito unida, sempre fazia festa. Tinha festas de todo tipo: na capela, festa de baile, festa de casamento, leilão de gado... Nas festas, a gente ganhava um bezerro e fazia leilão para ajudar a igreja. Fui presidente dessa capela vários anos. Nós fazíamos um barzinho aqui no barracão da igreja e vendíamos cigarro, doce, refrigerante, cerveja, tudo pra ajudar a igreja... Boas lembranças também do campo de futebol. A gente plantava café naquela época e até hoje mantenho essa propriedade.” (Antonio Cassemiro Zambaldi)

“Era uma capelinha pequena... A primeira vez que eu vim aqui foi com uma senhora que morava no meu sítio. Como era dia de festa, ela me convidou para participar da procissão e quando cheguei aqui, era o padre Leone celebrando. Era muita gente e todos participavam com fé. Isso já faz mais de 50 anos. Quando o padre Leone me viu, me chamou e perguntou se eu podia cantar – porque já tinha me visto cantando no coral da Matriz. Mas só quando os meus filhos começaram a crescer é que eu pude me envolver mais. A gente participava muito das festas e ensaiava a coroação [de Nossa Senhora] com as meninas. Até hoje elas não esquecem! Nós tirávamos os sapatos para preparar as festas, com chuva e tudo. Uma vez trabalhamos com barro até no joelho de tanta chuva que caía. As famílias eram unidas, por isso que dava certo. Pedíamos prendas e íamos aos bazares mais baratos comprar o que faltava. Naquela época a igreja tinha bastante jovens, tanto que conheci o meu marido na igreja. Casamos em 1953, em Ipirorã, e quando eu vim para o sítio aqui, em 1956, a minha filha já tinha sete meses. Moramos aqui 18 anos e depois fomos para a cidade para as crianças fazerem o ginásio, mas até hoje o sítio é nosso.” (Lúcia Grana Frederico)



“Mudamos para a fazenda aqui no ano de 56. Quando a capela foi fundada eu assisti a benção do padre da primeira pedra fundamental. Eu fiz o piso dessa igreja. Fazíamos festa ao menos duas vezes por ano. Teve ano de ter até três festas. Naquela época angariávamos muito frango caipira, leitão, cabrito, até garrote [novilho] que nós ganhávamos para fazer o churrasco. Era muito gostoso, tinha muita gente aqui naquela época [anos 60]. Aqui, quando dava uma seca prolongada, todos falavam: ‘Vamos fazer uma festa lá na Capela do Amâncio que chove’, porque em quase toda festa que a gente fazia, vinha a chuva. Era muito trabalhoso, mas o povo colaborava. Eu fui presidente da igreja na época do padre Rino [Nogarotto]. Quando fui presidente, ela era de madeira. Acho que foi o finado Demétrio [Barbieri] quem fez essa de material.” (Getúlio Frederico)

“Eu cheguei no ano de 1958, tinha 4 anos. Me lembro dos padres que vinham com aquelas batinas pretas e as crianças tinham até medo de chegar perto deles por causa disso. Tudo aqui em volta era café ou mata. Lembro que já tinha um barracão aqui na frente da igreja. Faziam quermesses, torneios, e as festas em volta do coreto eram o dia todo. As famílias tocavam sanfona e cantavam. E sempre alguém gostava de alguém.” (Maria Teresa Zambaldi Fernandes)





"Mudei aqui em 1959 com o meu irmão e morei no sítio até 1970. Tenho muitas lembranças boas. Quando mudamos aqui era tudo estranho, mas foi fácil fazer amizade porque o povo era muito 'chegado'. Tinha campo de futebol, a igreja estava nova e eu fui presidente da capela por quase 10 anos. Só saí porque mudei daqui. A gente pescava no Tibagi, trabalhava muito, carregava sacaria de café nas costas... naquele tempo tinha muito café. Os terços eram aos domingos e fazíamos novena, seguindo os nove dias. Quando tinha festa, de quinta-feira em diante começávamos a trabalhar em torno da festa e na segunda-feira fazíamos o balanço, eu e meus companheiros. Nossa amizade era grande. Geralmente fazíamos festa no mês de maio e outra da padroeira, no dia 15 de agosto. Às vezes fazíamos alguma festinha menor, mas era difícil, porque a lavoura ocupava muito tempo da gente. Nos dias de festa combinávamos com o pessoal de não ter futebol, deixar só para a festa, porque o campo também tinha a barraquinha de vender as cachaças e refrigerantes."

(Francisco Zambaldi)

"Morei 21 anos aqui [de 1957 a 1978]. A missa era uma vez por mês, no segundo sábado do mês. Dávamos graças a Deus quando chegava esse dia. Eu morava a um 1 quilômetro daqui, na Água do Passo Fundo e sempre trazia as minhas crianças. Seis filhos meus foram batizados nessa capela, que era de madeira. Embora a gente fosse pobre de tudo, sempre fazíamos uma roupinha mais bonitinha para as crianças virem na missa, nem que fosse xadrez, porque elas gostavam de vir. Lembro que no mês de maio tinha a coroação e as minhas meninas vestiam de anjo. Elas também estudavam nesta escola aqui do lado. Agora faz 36 anos que não moro mais aqui, mas tenho saudade daquele tempo. Hoje, nesse dia dessa gravação encontrei tantos amigos aqui que eu nem sonhava mais ver. Foi muito bom esse encontro, graças ao bom Deus."

(Flora Duarte)



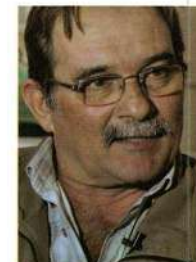
"Quando mudei para cá, em 1963, a gente morava na Água do Mongó. Eu tinha uns 15 anos e morei aqui até os 27. Participava dos cultos dominicais com as irmãs, que vinham dar palestras para a juventude. A gente ficava todo feliz, porque trabalhava a semana inteira na roça e no final de semana ficava apavorado para vir pra cá. Tinha as mocinhas novas... Quando ia ter festa então, ficávamos doidinhos pra ir para a cidade comprar roupa nova. Pra poder vir na festa com camisa 'volto ao mundo' e calça de 'nyeron'. Ah, o meu tempo aqui de Água do Amâncio foi o mais feliz da minha vida. Tem horas que dá vontade de voltar ao passado... Com o tempo, compraram o alto-falante para a igreja e fomos aprendendo a mexer. O presidente era o Francisco Zambaldi. Fiquei como um dos titulares. Naquele tempo chamavam a gente de "locutor", eu e o meu irmão Luiz Carlos Mota. Me botaram o apelido de "o locutor da voz romântica". **(Fernando Otávio da Mota)**

"Meu sogro comprou essa propriedade onde fica a capela faz uns 65 anos. O meu marido, Demetrio Silvío Barbieri, quando mudou para cá com os pais dele, tinha 19 anos. Ele foi um dos pioneiros daqui. Quando construiu essa capela de material, ele era o presidente. Meu marido era aquele que dava ânimo para o povo, corria atrás de programar as festas, fazer coroação... Ele e a Marisa Zambaldi. Tinha ajuda de muitos, mas ele sempre estava presente. Eu morava na Água das Aboboras, perto da Taquara do Reino e conheci o meu marido num encontro de jovens, o TLC. De cada capela vinha um rapaz e uma moça. Eu era da Taquara do Reino e o Demetrio e a Marisa foram os representantes daqui. Saímos de lá namorando. Era 1975. Logo casamos e eu vim para cá. Os meus filhos estudaram nessa escola e todos foram criados aqui. **(Maria Helena Pavanelli Barbieri)**



"A recordação que eu tenho desse lugar nem dá para descrever, porque isso aqui foi a nossa vida. Fiz o primário nessa escola, fizemos a catequese e encontros missionários nessa capela, todo domingo jogávamos bola com os amigos. Aqui, depois da Taquara do Reino, era o lugar mais movimentado da região. Lembro que o meu pai contava que no ano que ele casou, em 1975, a capela ainda era de madeira e naquele ano resolveram desmanchar a antiga para construir essa de alvenaria. E ele falava que entrava dentro da capela com uma Kombi para jogar a terra, aterrar e fazer o contrapiso. As nossas raízes estão aqui... Eu tinha saído de casa aos 17 anos e agora com 36 acabei retornando e estou morando aqui no sítio, ao lado da capela, com a minha mãe, depois da perda do meu pai." **(Márcio Moisés Barbieri)**

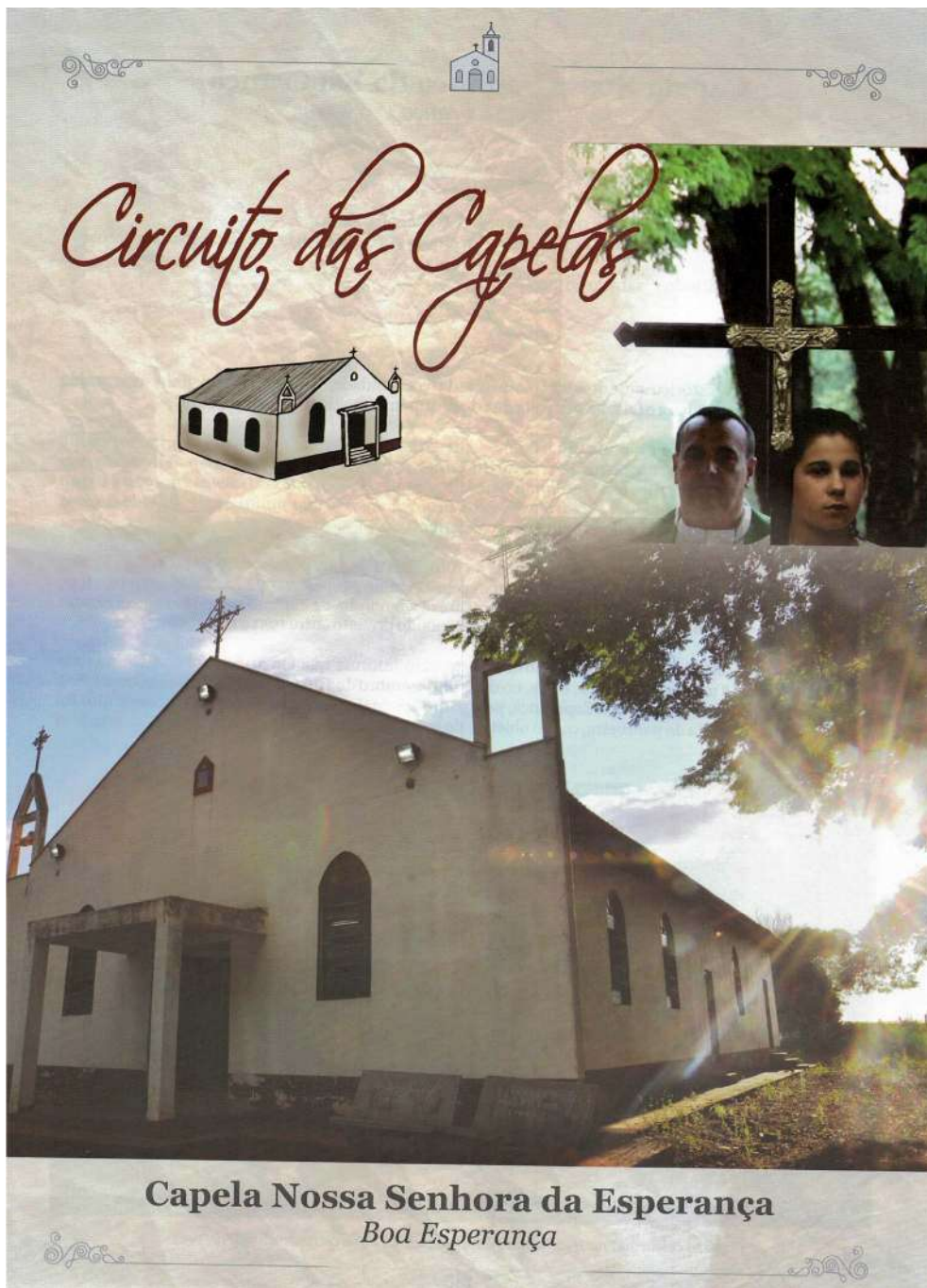
"A nossa reza era sempre aqui na capela e quando tinha festa, era aquele 'trupé'. Era correio-elegante de um lado pro outro e tinha a turma que ficava no som, o Otávio Mota e o Gilão. Tinha os torneios de bola e acontecia bastante briga também. Mas era aquela coisa de molecada... A turma brigava, mas daqui a pouco já tava jogando burquinha junto, jogando pião, brincando ou caçando. Na época, lembro do padre **Antonio Alborghetti**, que era conhecido como o 'padre da Rural' [carro que usava]. Ele gostava de jogar bola com a gente e jogava de batina mesmo. Se acontecia uma briga ele entrava na briga também. Era uma figura..." **(Helio Frederico)**



"Eu tinha 3 meses quando meus pais mudaram para cá, a minha infância foi toda aqui, estudando na escolinha, participando aqui da capela. Eu, desde que me conheço por gente, vínhamos aqui na capela limpar. Era do tempo do escovão ainda. Vínhamos encerer e depois lustrávamos com o escovão. Participava das festas, fazendo bandeirinha, correndo atrás de frangos, porque eram assim as festas de antigamente. Os festeiros saíam pelas propriedades pedindo as prendas e as mães limpavam os frangos e os pais limpavam a leitoa, temperavam, faziam farofa... Nós éramos todos pequenos. Mesmo assim a gente ajudava, pegava uma coisa, trazia outra, buscava lenha. Assavam tudo aqui no formo. No dia da festa, geralmente tinha um torneio de futebol e vinham vários times: da Boa Esperança, da Taquara. Depois vinham todos para a festa, comer um frango assado, tomar uma cerveja e conversar. Os homens geralmente estavam jogando bola e as mulheres ficavam torcendo. Ficava muita gente em volta do campo. Era como os jovens se encontravam. Lembro das irmãs que vinham aqui celebrar o culto no domingo de manhã e depois ensinavam canto e faziam palestras para os jovens. Nas quartas-feiras à noite, a igreja aqui ficava lotada de jovens, porque a zona rural tinha muitas pessoas devido ao café. **(Marisa Zambaldi Frederico)**

"Cheguei aqui por volta de 1967. A capelinha era de madeira e tinha bastante gente. Daí participei da construção da capela de alvenaria. Éramos da diretoria, era aquela luta, angariar fundos, correr pra lá e pra cá, com a colaboração de todo mundo. Eu comecei o namoro aqui, aquelas brincadeiras de leva e traz, e começamos a namorar. Os rapazes ofereciam uma música para a menina que queriam paquerar. E os namorados tinham cada um uma árvore, mais afastados do povo." **(Zelindo Fernandes)**





Capela Nossa Senhora da Esperança
Boa Esperança

Capela Nossa Senhora da Esperança

Boa Esperança

INAUGURAÇÃO: 1958 (construção da 1ª capelinha)

1ª MISSA: 08/12/1961

LOCALIZAÇÃO: **Boa Esperança** (PR 090, saída para Sertãoópolis, Km 3)

FESTIVIDADES: Dia da Padroeira (18 de dezembro) - festividades entre os dias 12 e 18 de agosto e Coroação de Nossa Senhora

HORÁRIO DE MISSAS: todo 1º sábado do mês, às 20h

Histórico

De acordo o histórico descrito por pioneiros da comunidade, a primeira capelinha construída naquela região era de madeira e foi feita por volta de **1958**, próxima ao sítio da **família Fiori**.

Outra versão, de João Zeferino, filho do pioneiro Armando Zeferino, é de que essa primeira capela ficava na Água das Abóboras, nas terras do sr. **Emílio Tomé**, compadre de seus pais. *“Depois é que ela veio para a Boa Esperança e fizeram uma igrejinha perto dessa aqui. Isso foi mais ou menos em 1960 e o meu pai, que era carpinteiro, ajudou a construir. Ela era pequeninha e ficava muita gente do lado de fora porque aqui moravam muitas famílias”*, conta João Zeferino.

Provavelmente a descrição do pioneiro seja da fotografia a seguir, pertencente ao acervo do Museu Histórico e de Artes de Ibiporã (MHAI). Nela aparecem cerca de 60 pessoas da localidade, embaixo de palmitos e em frente a uma pequena casa de madeira ou era a igrejinha de então. Sentados, o padre **Leone Gervasoni** e ao seu lado, Ronat Walter Sodré, que houvera sido prefeito entre 1951 e 1955.

O histórico oficial repassado para constar neste livro informa que em **1960** “foi construída uma pequena capela de 15 metros quadrados, onde, no dia 8 de dezembro de **1961** [dia da Imaculada Conceição], foi celebrada a primeira missa na Boa Esperança, pelo padre Leone Gervasoni”. E em 25 de março de 1961 foi realizada a primeira festa da padroeira, com o objetivo de levantar recursos para a construção de uma capela maior.



1ª missa celebrada na Boa Esperança, pelo padre Leone Gervasoni- 08/12/1961

Além de uma capela maior, os moradores pensaram em construí-la em uma área de mais fácil acesso, para garantir a participação de mais famílias. Foi quando o casal **João Falopa e Angela Vidotto Falopa**, que morava em uma área mais centralizada, fez a doação do terreno para a construção da nova capela – ficava na então chamada “Estrada da Concórdia”, hoje PR-090, saída para Sertãoópolis.

Em depoimento disponível no Museu Histórico de Iporã (MHAI), de 1996, o sr. **João Fermino Falopa**, filho de João e Angela Falopa, conta que a família chegou a Iporã em 1938, na Água das Abóboras, porém, em 1942 se mudou para o município de Santo Inácio (PR). Em 1952 regressaram a Iporã, instalando-se em um sítio na Boa Esperança. “Nossos vizinhos de que me recorde eram Francisco Raimundo, Jacinto Fiori, o Vitório e o Sérgio Velo. Tivemos participação direta na construção das igrejas da Taquara do Reino e também da Boa Esperança, inclusive o terreno da Boa Esperança foi doado por nossa família”, escreveu João Fermino. Anos mais tarde, em 1956, a família se mudou para a Taquara do Reino, onde ficou até 1971.

Nova capela na fazenda de John Miller Hay

Em 1962 aconteceram as primeiras missões, período em que a capela maior já estava sendo construída, com metragem de 280 m², em outro terreno, pertencente à Fazenda Boa Esperança, do sr. **John Miller Hay** (falecido), escocês que havia se estabelecido na região em 1944. Mas como a capela ainda não tinha cobertura, nas missões de 1962 foi necessário cobri-la com lona preta, para acolher os padres e moradores que vinham para as celebrações, utilizando bancos improvisados.



O escocês John Miller Hay: capela fica na fazenda que foi sua

Dois registros importantes sobre a localidade são fotografias disponíveis no acervo do MHAI que mostram duas escolas que funcionavam na Fazenda Boa Esperança, de John Miller Hay. A primeira, de 1957, é anterior à existência da primeira capela da Boa Esperança. Mostra a professora Nair Dantas com alunos próximos a duas casas de madeira. Já a segunda, de 1962, traz uma imagem da escola maior de alvenaria, que levava o nome do fazendeiro, e em frente a ela cerca de 80 alunos.



Antes de haver a capela, já havia uma escola na Fazenda Boa Esperança. Na foto, a professora Nair Dantas com alunos – 14/11/1957



Escola John Miller Hay, que ficava na sua fazenda, próxima à capela - 1962

A igreja de alvenaria atual

No final da década de 1980, a capela da Boa Esperança foi reformada e ampliada, ganhando o prédio de alvenaria atual (foto abaixo). A reforma foi possível graças às doações de grãos que os agricultores da região faziam no período da safra e também com recursos levantados em quermesses realizadas pela comunidade. A comunidade já tem mais de 50 anos de caminhada e muitas famílias que fazem parte dessa história permanecem participando das celebrações.

Entre as famílias que colaboraram com a capela podem ser citadas: **famílias Bianco e Borsato** (Henrique Del Bianco e sua esposa Amélia Borsato Del Bianco; o casal Atilio Bianco e Tereza Borsato Bianco, que chegaram à região em 1937); **família Falopa** – doação da primeira área à capela; **família Bianchini** – casal Antônio Bianchini e Clarice Minzon Bianchini (Antônio foi durante muitos anos ministro, catequista e presidente da capela), casal Nelson Bianchini e Desolina Brugin Bianchini, casal João e Joana Isabel Bianchini; **família Calegari** (Isabel Calegari Bianchini); **família Brugin** (Nelson e José Brugin, irmãos de Desolina, foram presidentes da capela); além das **famílias Violin e Moura**.

Atualmente, de acordo com levantamento dos moradores, a comunidade da Boa Esperança conta com **72 famílias** (é o número de propriedades na região), porém, efetivamente participam das celebrações mensais em média 10 a 15 famílias.

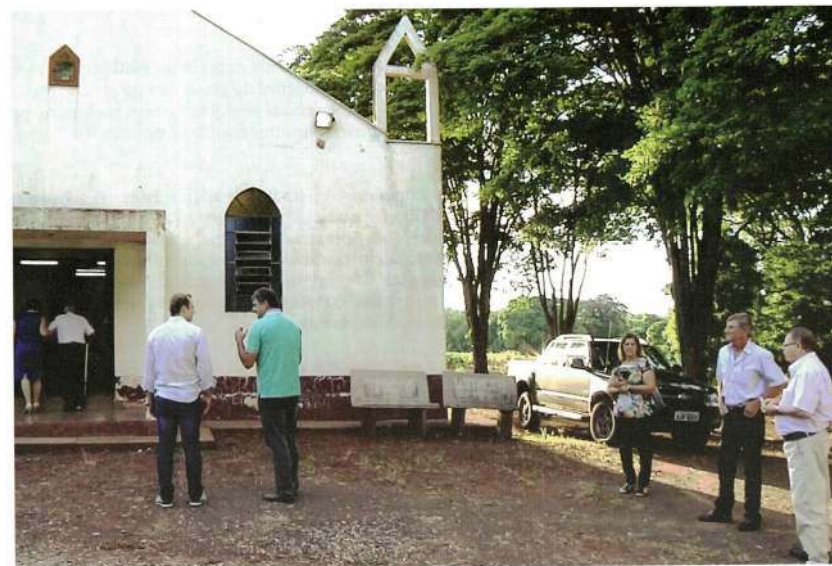


Para a capela atual foi escolhido local de fácil acesso, às margens da rodovia (foto: Shoiti Rondem)



Há dois registros importantes nas paredes da capela: um diploma dos Congregados Marianos de 1966 e foto de coroação na igreja de madeira, em 1987

(Colaboração: Ester de Moura e Romilda Aparecida Conradi de Meira)



Moradores se reunindo para mais uma celebração



Procissão de entrada com padre Mauro Pedrinelli.



Painel de fotos na igreja tem essa coroação, em 1990. À dir., a imagem de N. Sra. da Esperança



Gravação de entrevistas com os pioneiros antes e depois da missa, que reuniu três gerações



Ester de Moura, filha de D. Aparecida, ajuda a animar as missas na capela

Depoimentos

*no dia da visita à comunidade: 07/02/2015



“A primeira capelinha era no sítio do Emilio Tomé. Lembro do meu finado marido [Armando Zeferino] que gostava muito de construir casa, de fazer telhado, essas coisas. Ele ajudou muito no começo... Depois, no fim, eu não sei quem terminou. As minhas crianças vinham na catequese, que era aqui ao lado, e depois o meu filho José Valdir é que veio dar aula de catequese. Conforme as minhas filhas foram crescendo também deram catequese.”
(Jacira Fiori Zeferino)

“Eu vinha com o meu pai ajudar nas festas, eu tinha uns 6 pra 7 anos e ele era o assador de carne. Fazia aquela valeta no chão e o pessoal ia cortar bambu pra fazer os espetos da festa. Era carne de boi e frango caipira, e o churrasco era na lenha. Eu lembro que nessa igrejinha veio um missionário e fizeram um “barraco” de lona. Ele implantou o cruzeiro e foi onde começou a igreja. Mas a igrejinha velha, antiga, ficou lá no sítio do seo Emilio Tomé, na beira da estrada. Eu lembro quando a igreja daqui era de madeira, chão de terra, depois fizeram piso de “vermelhão”, não cabia quase ninguém e o povo ficava lá fora nos dias de missa. Meu pai ajudou a construir, ele era carpinteiro.”**(João Zeferino)**



“Chegamos no sítio aqui em 1937. Naquela época não tinha nada, isso era puro mato. Ficamos um ano sem saber de ninguém na volta. Um dia nós estávamos em uma mina onde fomos pegar água na bica e apareceu um homem com espingarda, um caçador. Começamos a conversar e vimos que ele era nosso vizinho. Depois foi passando o tempo e foi juntando mais pessoas. A minha esposa, Teresa Borsato, ajudava aqui na capela, fazia parte das vicentinas. O primeiro padre que eu me lembro foi o padre José [Zanelli]. Naquele tempo a missa era em latim, não entendíamos nada. Mas tinha missa todo o mês e a festa era boa, vinha gente de longe, lotava esse lugar.”
(Atílio Bianco)



"Vimos de Pirassununga (SP) quando eu era menina ainda. Tinha uns 10 anos quando cheguei ao Paraná. O meu tio pegou uma terra aqui, chamou o meu pai para vir e ele veio com a família. Meu pai trabalhava de pedreiro e essa igreja aqui foi o meu irmão Pedro Borsato que ajudou a construir. Ele e o meu cunhado. Mas quando comecei a vir aqui na igreja ainda era a de tábuas e vínhamos a pé. Vínhamos todo sábado. Aquilo era tão gostoso! Nos dias de festa e de missa eu lembro – era menina ainda – que as moças andavam, todas pegadas pelas mãos, em volta da igreja. Comecei a namorar com 12 anos, namorei e casei com Henrique Del Bianco. Hoje sou viúva."

(Amélia Borsato Del Bianco)

"Sou filho de Ângelo Bianchini e Santina Bianchini. Foi o meu finado pai que montou essa capela em 1962 para as missões e cobriram ela com lona. Os meus irmãos são: Mariquinha, Luzia, Alice, Jose, Antonio (falecido), Ana, Leonice, Anésio, Nelson e Marlene. Estou sempre ajudando aqui, só não sei fazer leitura na missa, a minha esposa é que faz. Mas se for preciso abrir uma parede para por concreto ou fazer qualquer outra coisa, eu faço."



"Quando iniciou a capela eu tinha 11 para 12 anos, éramos crianças ainda. Mas para nós foi uma dádiva do céu, pois precisávamos dessa comunidade. Não tínhamos nenhuma por perto. Até quando pedíamos para ir na capela São Pedro o meu pai não deixava, porque era muito longe. Então foi uma benção que Deus nos presenteou e ela iniciou pequenininha, lá embaixo, nos Fiori. Era daquelas capelinhas de sítio mesmo, sabe? Nós éramos vizinhos deles e os meus pais são Cesarino Calegari e Maria Pinheiro Calegari, uma família de 12 irmãos, 7 mulheres e 5 homens. Na época o Augustinho Fiori era o titular do sítio que morava com os filhos e sua esposa era Aparecida Fiori. Foram meus padrinhos de casamento. Também tinha a família Falopa e os Violin. Eles resolveram doar esse terreno para aumentar a capela e ficou próxima da estrada."

(Joana Isabel Calegari Biachini)

"Sou quase o caçula dos 9 irmãos: Armando, Lucinda, Geni, Vera, Maria, Edna, Paula e Irineu. A gente vinha junto com a mãe, para ajudar a limpar a capelinha para as festas, para a missa e ela era um pouco menor. Fiz o catecismo aqui e na época não tinha nem o salão ainda. O Sr. Antonio foi o meu catequista e tinha a Geni Bordin é que animava as missas. Anticamente, nas quermesses, sábado e domingo, vinha todo o povo que morava por aqui. Tinha um barracão de madeira do lado e o interessante é que a cerveja era gelada com aqueles cubões de gelo e palha de arroz, para manter fria. Fiquei até os 23 anos, depois mudamos para a cidade, mas continuamos vindo para cá para manter a lembrança viva. É sempre trago meu pai."

(Mauro Bianco)



"Nasci e fui criado aqui. Fiz catecismo aqui e depois dei aula de catecismo. Fui Congregado Mariano. Todos os domingos tinha terço e no 1º e no 3º sábado do mês era a missa. Essa capela quase lotava, a maioria jovens, mas tinha alguns casados que tomavam a frente do terço. Era muito gostoso. Eu fui um dos locutores do alto-falante que tinha aqui... A gente só vinha à noite aqui porque jogávamos muita bola naquela época. Tinha um campo de futebol no sítio do meu tio, que era o time dos Bianchini. Quando íamos jogar par fora, a gente voltava lavava a mão e vinha para o terço, ia namorar sujo mesmo, não dava tempo de tomar banho, só colocávamos outra calça limpa. Sei que fomos nos conhecendo e nos casamos aqui. Estamos com 43 anos de casados e os nossos filhos cresceram aqui também."

(Nelson Bianchini)

"Eu, na juventude, fui Filha de Maria aqui na capela, conheci o meu esposo aqui também. Todo domingo vínhamos no terço e cuidávamos da limpeza da capela. Tinha um grupo escalado para cada final de semana fazer a limpeza e arrumar para a missa. O meu irmão, José Brugin, foi um dos que construiu essa igreja de material, ele era presidente na época. Reuniu um grupo e fizeram uma campanha de soja para construir. Tinha ele, meu outro irmão Nelson, o meu marido Nelson Bianchini, que também foi presidente da capela, e o Nelsinho da fazenda. Já o meu irmão mais velho, Arlindo Brugin, que é falecido, ajudava na parte de assar, nos dias de festa... Era a família toda trabalhando."



(Desolina Brugin Bianchini)

"Eu estudei na escola aqui do lado, que se chamava João Miller Hay, que é o dono da fazenda. Lembro que em 1968 o meu tio Pedro Borsato, que é irmão da minha mãe, e o meu tio José Benedito Borsato fizeram o forro da igreja de madeira e até hoje é esse mesmo forro. Em 79, tinha um alto-falante aqui e eu era o locutor da Boa Esperança. Também em 79 fui presidente da capela, até 83. Fui catequista durante 10 anos e me lembro de muitas histórias. Nessa época que eu falei para você do alto-falante, ela o tempo do LP, do disco compacto e os rapazes faziam dedicatória de uma música para uma moça vestida de vermelho, ou de azul..."

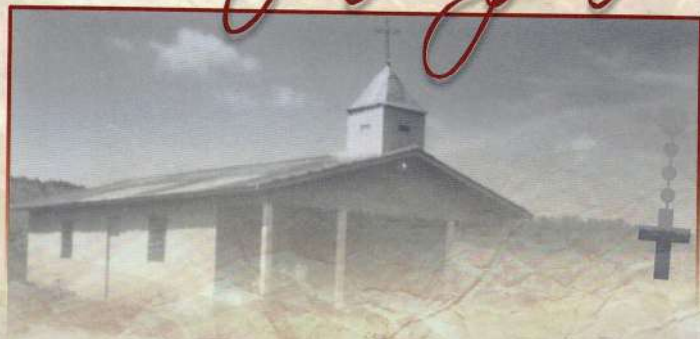
(Orivaldo Del Bianco)

"Eu sou coordenadora com a minha equipe, temos o pessoal da catequese e a nossa comunidade é pequena de participantes, mas tem muitos moradores. Estamos mantendo a capela, celebramos o culto todos os sábados e a missa no 1º sábado do mês. A gente quer mais participação do povo, pois são oito famílias que carregam a comunidade nas costas, as que sempre estão por aqui. Seria bom que voltasse a ser uma comunidade grande. Porque às vezes quando falo para as pessoas que moro na Boa Esperança elas dizem: 'Nossa! Aquele lugar já foi muito bom, muita gente, muito participativo.'"

(Romilda Aparecida Conradi de Meira)



Circuito das Capelas



Capela Nossa Senhora Aparecida
Água dos Cágados



Capela Nossa Senhora Aparecida
Água dos Cágados

1ª CELEBRAÇÃO: Década de 60 (na capela antiga)

INAUGURAÇÃO: 1975 (no local da capela atual)

LOCALIZAÇÃO: **Água dos Cágados** – entre a Água das Abóboras e Sertanópolis

FESTIVIDADES: Terço das crianças no Dia da Padroeira (12 de outubro), Festa Julina (sempre num sábado de julho) e a confraternização todo final de ano.

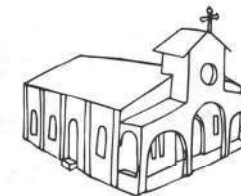
HORÁRIO DE MISSAS: todo 4º sábado do mês, às 20h

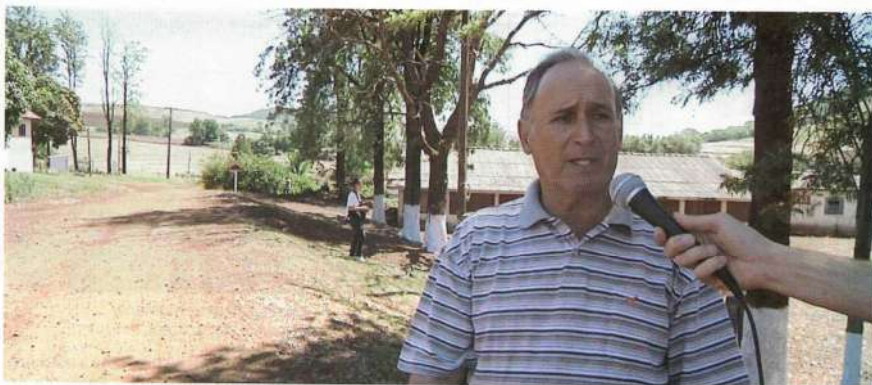
Histórico

A primeira capela da Água dos Cágados ficava cerca de 2 km para baixo da atual (em direção a Sertanópolis) e quem celebrava as missas eram os padres de Sertanópolis, como o **padre Giovanni Pontarolo**, do PIME, que se lembra que em **1966** já visitava mensalmente essa comunidade. Ele afirma que o nome original dela era Capela Sagrado Coração de Jesus.

Como os pequenos sitiantes foram se mudando do local, a região no entorno dessa primeira capela foi ficando deserta e foi formado um pasto ao redor.

Surgiu então uma discussão de onde deveria ser construída a nova, “pois éramos em duas comunidades, uma na parte de baixo (rumo a Sertanópolis) e outra mais para cima (em direção à Água das Abóboras)”, relatam os moradores.





"Essa estrada era boieira. As boiadas vinham de vários lugares e passavam aqui na frente", conta Antônio Bulter

Foi então decidida a construção da capela na parte mais alta, pois já havia ali uma escola rural e uma venda, a antiga 'Venda dos Milani' (onde **Mauro e Adélia Milani** residem até hoje). De início, foi construído um barracão de madeira com a ajuda de todos.

Outras famílias daquela época que ainda hoje participam são as de **Antônio e Alice Giroldo Bulter, Osvaldo e Anésia Gibin, e Reinol e Terezinha Giroldo**. Reinol aparece na fotografia a seguir, da década de 70, em frente ao barracão, com pioneiros.



Barracão de madeira próximo à Venda dos Milani (década de 70)



Integrantes das famílias Ferraz, Giroldo e Bulter



Segunda capela de madeira, construída onde está a atual, em 1975

A segunda igreja de madeira, construída no local atual, é de 1975. Na época, foi aproveitada a madeira daquela primeira capela, que ficava distante 2 km. Nesta época, a capela ainda pertencia à Paróquia de Sertanópolis.



Dia de festa. Década de 80



Padre Cláudio Romano, num dia de 1ª comunhão

A partir de 1985, a capela dos Cágados passou a ser atendida pelos padres de Iporã, da Paróquia Nossa Senhora da Paz. Na fotografia acima aparece o **padre Cláudio Romano**, em dia de 1ª Eucaristia ao lado de crianças e de uma catequista da comunidade. A foto é uma lembrança de Roberval José Bulter, de 1985.



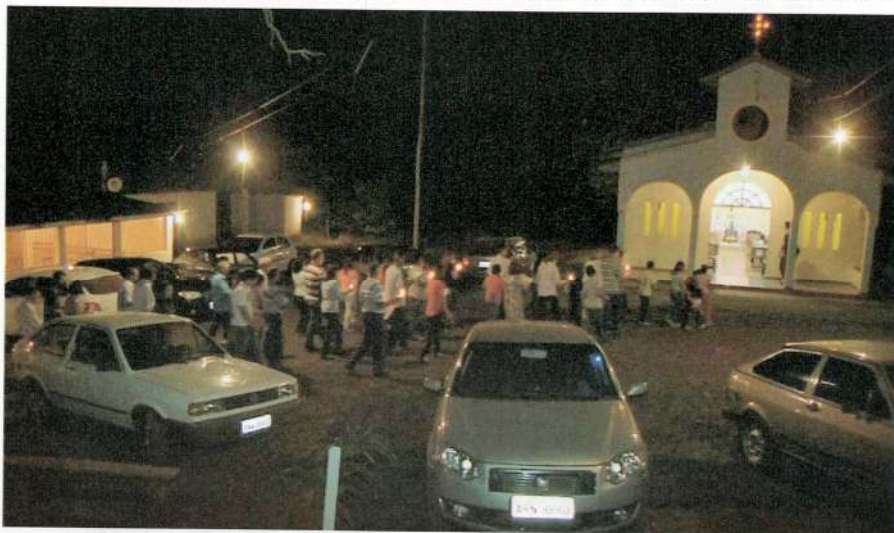
Recebendo a imagem de Nossa Sra. da Boa Viagem, de Sertanópolis

Havia grandes quermesses no dia 12 de outubro, de Nossa Senhora Aparecida (a padroeira) e os moradores se recordam das festas de casamento, que uniam o povoado.

** Colaboração com o histórico: Jucélia Aparecida de Camargo Milani*

A capela atual

No ano de 2001 a comunidade construiu a sua nova igreja (*fotos a seguir*), no mesmo local, mas agora de alvenaria, "pois a anterior estava muito velha". A obra foi executada pelo construtor Nilson Lourenço, irmão de Sebastião Lourenço, o "Tião", cuja família se criou num sítio na Água dos Cágados. O projeto da igreja atual foi feito em 2000 por Julio Dutra (atual secretário de Cultura e Turismo de Ibiporã) quando era arquiteto recém-formado. Ao revisita-la em 2014, por ocasião da visita da equipe do *Circuito das Capelas*, Dutra se emocionou: "É uma alegria muito grande rever hoje essa capela. Está bonita e muito bem cuidada".



Procissão no dia de Nossa Senhora Aparecida



Os fiéis entrando na igreja



Capela atual foi projetada em 2000



Capela cheia em dia de celebração



As festas acontecem no barracão ao lado da igreja



Aquí, confraternização no Dia da Padroeira



Casa onde funcionou por muito tempo a Venda dos Milani



Adélia Milani, Jucélia Camargo Milani e Márcia Bulter ajudam a manter hoje a igreja

A mudança mais recente é que a partir de **2005**, a capela passou a fazer parte da Paróquia São Rafael, que continua sendo a única na cidade mantida pelos padres do PIME.

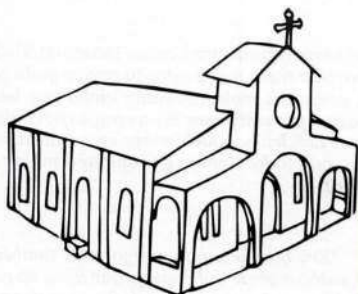
"Hoje mantemos a catequese, atividades para as crianças e as missas. Em termos de festas, além de comemorarmos o Dia da Padroeira e o Dia das Crianças, no 12 de outubro, fazemos quadrilhas em julho e a confraternização de final de ano", relata Jucélia Milani, que integra a equipe que ajuda a manter a capela, juntamente com outras vizinhas.

Depoimentos



**no dia da visita à comunidade: 25/10/2014*

"Nós éramos todos pequenos, lembro que íamos na missa e no terço na capelinha que ficava lá embaixo, indo pra Sertanópolis. Sempre tinha novena de Natal e não perdíamos nada. Uma vez por mês tinha missa e lembro que vinha o padre de Sertanópolis, padre Vicente [Mariani]." **(Anésia Milani Gibin)**

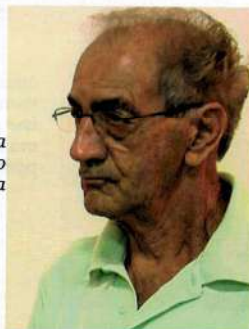


"Quando viemos pro Paraná eu tinha uns 4 anos. Não tinha nada aqui. Meus pais derrubaram o mato, plantaram café, milho e arroz. Lembro que para vir na igreja a gente passava por um trilho no meio do mato. Vinha o pai, a mãe e toda a molecada." **(Oswaldo Gibin)**



"A missa era só uma vez por mês e morávamos longe. À noite quase não tinha festa, porque não tinha luz. Era mais à tarde, lembro do alto-falante, e eu ajudei muito quando passou pra cá [local atual]. Trabalhávamos na cozinha, nas festas, fazíamos salgadinho." **(Teresinha Vitorino Giroldo)**

"Lembro de uma festa na capela lá embaixo, era uma procissão e tinha uma fita azul, que cortávamos um pedaço e levávamos embora, era a fita de Nossa Senhora. Depois construiu essa capela. Terminava o terço e a comunidade inteira ficava ali conversando, até meia-noite, a mulherada, os homens... A moçada mais nova pegava uma condução ia passear em outros lugares. E os mais velhos ficavam por aqui." **(Adélia Gibin Milani)**



"Eu lembro de muitas coisas boas, aqui foi um lugar sempre abençoado, muita gente, tudo gente honesta, os pais criavam bem os filhos, os filhos respeitavam os pais. Era uma maravilha, tudo gente trabalhadora. Aquele tempo era lamparina, era fumaça no nariz, tudo escuro. Não existia essas lâmpadas. As luzes eram a motor. As estradas eram ruínas também. O lugar onde nós vínhamos era a vendinha, um dos vendeiros está aqui até hoje. E nunca teve briga." **(Reinoldo Giroldo)**

"Passavam boiadas aqui nessa estrada, vinham do Estado de São Paulo. Essa estrada aqui era boiadeira. Não tinha outra estrada para o gado passar, então era por aqui mesmo. A gente era moleque, então vinha pra beira da estrada ver o gado passar. Levavam pro embarque lá na estação ferroviária de Iporã ou para os matadouros de Londrina. Aquele tempo era muito divertido. Vínhamos na véspera das festas, pois todos tinham que ajudar a matar leitão, frango..." **(Antonio José Bulter)**



"Era bom o tempo antigo, mas também muito trabalhoso. Não tinha água, então a gente tinha que pegar água no rio pra lavar a igreja. Na hora de matar frango, pegava a bacia de frango e tinha que ir nos vizinhos lavar... Tudo isso enfrentamos com amor. Sinal é que estou aqui até hoje. As missas eram de manhã, porque não tinha energia. Era às 8h ou às 10h, conforme a hora que o padre chagava." **(Alice Giroldo Bulter)**



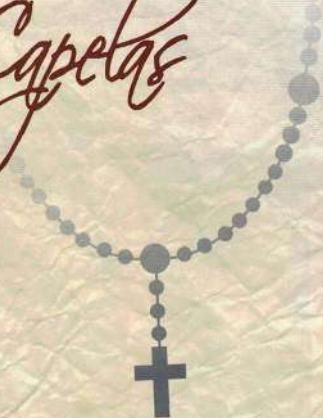
"Quando eu era moleque era aquela capelinha de madeira, mas dava gente assim que nem formiga, porque na época era só café, tinha família pra todo lado. Era uma fartura, sobravam as coisas e tinha um coreto. Só vendo... Saía cada farra ali que dava medo. Aquele tempo era difícil, não tinha dinheiro e a gente trabalhava o dobro, só na enxada." **(Mauro Milani)**



"Eu cheguei em Sertanópolis, como padre do PIME, em 1966, e desde aquele ano passei a visitar todo mês essa capela dos Cágados. Fiz isso mais de oito anos. As estradas eram muito estreitas e como não tinham pedra, o jipe escorregava. O povo era muito bom, me acolhia e me doava sacas de café e outros produtos para ajudar na construção da Matriz de Sertanópolis. Lembro das grandes festas do Sagrado Coração que havia aqui. Eu vinha no sábado e passava a noite confessando o povo, as pessoas rezavam o terço, novena... Ai eu dormia aqui e no outro dia tinha missa solene, procissão, leilão e festa." **(Padre Giovanni Pontarolo)**



Circuito das Capelas



"Era uma propriedade bonita, com muita mata",
recorda padre João Giomo



Fazendas Diamante e Santa Rosa
Água do Diamante



Fazenda Santa Rosa, onde até 2014 foram realizadas missas, na casa de Odete Dias Batista

1ª CELEBRAÇÃO: O 1º registro encontrado foi de 1964.

LOCALIZAÇÃO: Fazendas Santa Rosa, Ana Rosa e Diamante - **Água do Diamante**, com acesso pela Estrada dos Pioneiros, entre Ibioporã e o Rio Limoeiro.

Histórico

As celebrações nas fazendas dessa região (Ana Rosa, Diamante e Santa Rosa), próximas à entrada da atual Fazenda Itaúna, datam do início da década de 1960, quando os padres da Matriz visitavam essas propriedades em missões ou datas festivas e nelas permaneciam por três dias, atendendo o povo, ouvindo confissões e rezando missas.

Um registro encontrado na Matriz sobre elas é um folheto de maio de 1964, em que o padre Vicente Mariani convida o povo para celebrações nessas três fazendas, entre os dias 22 e 28 de maio de 1964.

As visitas continuaram nas décadas seguintes, sempre com os padres do PIME. A partir de 1973, com a construção da Escola Municipal Santos Dumont, as celebrações passaram para a escola, com missas mensais.

Escola Santos Dumont

As crianças das fazendas passaram a frequentar a nova escola (*imagens a seguir*), que recebeu o nome de Santos Dumont em razão do centenário de nascimento do "pai da aviação", nascido em 1873. Porém, devido ao nome do córrego da região, a comunidade a conhecia mais como "Escola Diamante".



Recorte de jornal do dia da inauguração da escola, em 1973



A fachada da Escola Municipal Santos Dumont, inaugurada na Fazenda Ana Rosa. O prédio é todo de alvenaria.

Fachada da escola, que ficava na Fazenda Ana Rosa, ao lado da Santa Rosa

Essa comunidade pertenceu à Igreja Matriz até 2005, quando passou para a Paróquia São Rafael, criada naquele ano. Sempre foi atendida pelos missionários do PIME. Com a desativação da escola (fotos a seguir), em razão da migração das famílias para a cidade, as missas passaram a acontecer na Fazenda Santa Rosa, na casa da sra. **Odete Dias Batista** e de sua filha **Maria Aparecida Batista**. A propriedade fica Estrada do Diamante, que liga Iporã ao Rio Limoeiro a partir da Estrada dos Pioneiros.



Em 2014, a escola onde eram rezadas as missas. Numa parede, a placa em homenagem a Santos Dumont



As missas na fazenda



Galpão da Fazenda Santa Rosa, onde houve celebrações até 2014

O padre **João Giomo**, que trabalhou em Iporã de 1966 a 1990, lembra das celebrações na fazenda: "Acho que o nome era Fazenda Diamante ou Santa Rosa. Tinha também a Fazenda Ana Rosa, perto dali. Nós celebrávamos em várias fazendas, porque naquela época tinha muita gente no sítio. Íamos lá de vez em quando. A Santa Rosa era uma propriedade bonita, com muita mata... Gostava muito de celebrar lá", disse Giomo, em entrevista à equipe do *Círculo das Capelas*, em outubro de 2014, no Seminário do PIME.

A fazenda (hoje um sítio) produzia café e a família Batista foi arrendatária por 30 anos. O último padre que celebrou no local foi padre **Giovanni Pontarolo**, pároco na São Rafael em 2014. Durante visita que a equipe fez, no dia 14 de abril de 2014, a coordenadora Maria Aparecida disse que o local "era muito movimentado". "Hoje infelizmente vêm poucas famílias na missa, só as vizinhas", lamentou.

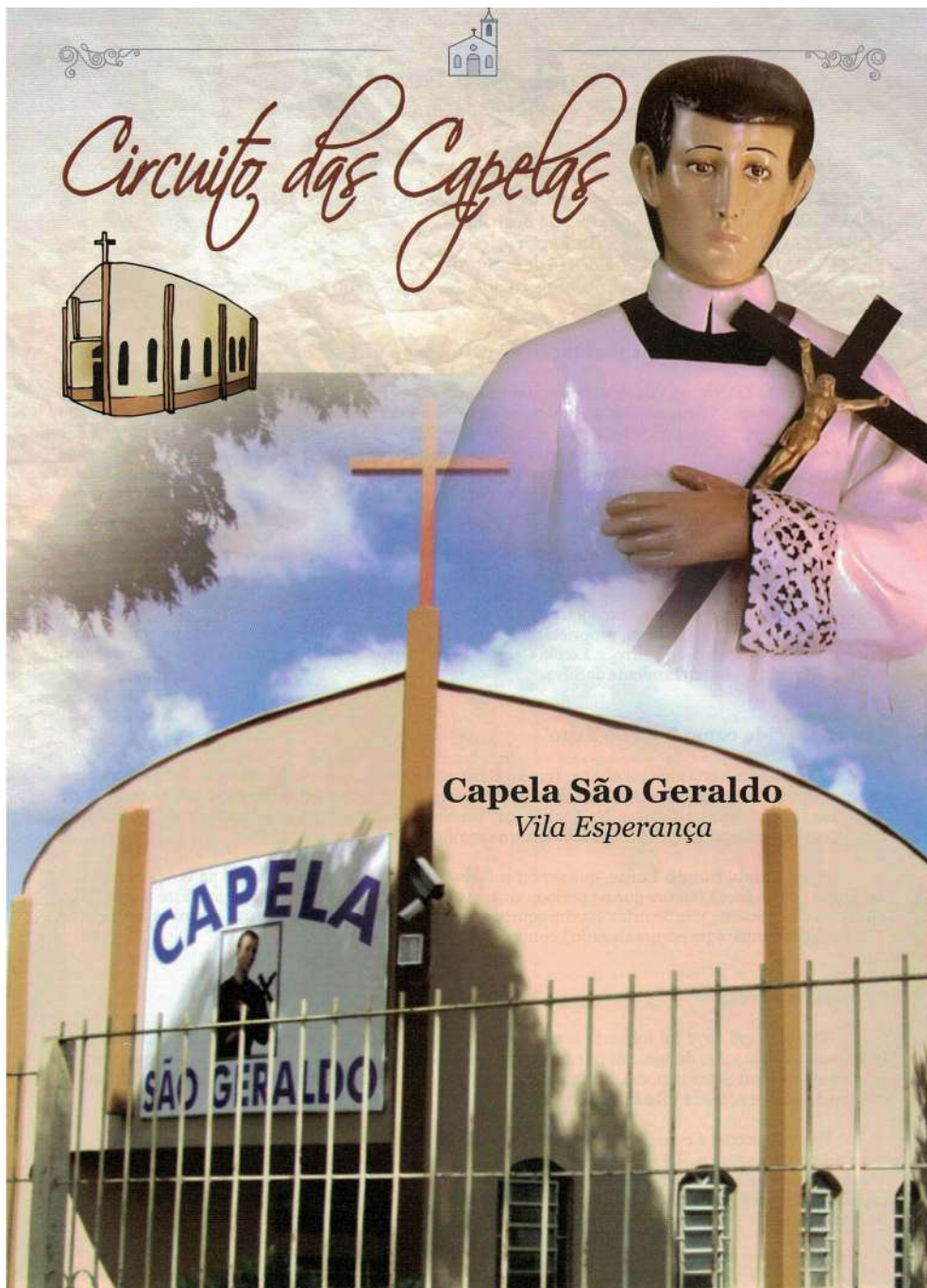
No final de 2014, dona **Odete Dias Batista** faleceu. Diante da tristeza da família, decidiram se mudar todos para Londrina e desde então não há mais as celebrações. Fica a lembrança de quem viveu aqueles bons tempos na fazenda.



"Era uma propriedade bonita, com muita mata", recorda padre João Giomo



Visita da equipe em 2014 à casa de Odete Dias Batista (sentada), entre a neta Larissa, a filha Aparecida e Soninha, da Paróquia São Rafael



Capela São Geraldo Vila Esperança

1ª CELEBRAÇÃO: 1975 (primeiras encontros com os seminaristas do PIME)

INAUGURAÇÃO: 1977 (capelinha na Vila Beatriz)

LOCALIZAÇÃO: Rua Lindóia - Vila Esperança

FESTIVIDADES: Dia de São Geraldo (16 de outubro)

HORÁRIO DE MISSAS: no 1º e 3º domingo do mês, às 10h; e no 2º e no 4º domingo às 18h

No início, chácaras e uma plantação de café

Por volta de 1975, na Vila Beatriz, havia cerca de 12 casas, rodeadas por chácaras, sítios e uma grande área plantada de café. "Deus semeou a fé nesses poucos moradores, que se reuniam inicialmente embaixo de uma grande Santa Bárbara onde hoje é a Rua Sabãozinho", recorda **Elizete de Oliveira Souza**, uma das primeiras moradoras. Ali, em frente à casa de um senhor chamado **José Jonas da Silva**, alguns seminaristas do PIME, entre eles **Dom Pedro Zilli** (na época estudante de Teologia e hoje bispo de Bafatá, na Guiné-Bissau, África), reuniam as crianças para falar de Deus, acompanhados do **padre Rino Nogarotto**. Uma dessas crianças era Elizete.

Como os seminaristas mudavam constantemente de lugar, a catequese das crianças não chegava a ser concluída. Foi quando uma jovem chamada **Fátima**, moradora de uma chácara nas redondezas, começou a rezar o terço nas casas nos meses de maio e outubro (meses marianos). Esse movimento resultou na construção de uma capelinha de madeira na Vila Beatriz, em 1977.

Nessa época, sr. **Richieri**, proprietário de um sítio, doou um pedaço de terra onde foi construída a primeira escola primária do bairro, a Escola Galdina Ferreira Gonçalves, que funcionava ao lado do atual CAIC, na Avenida Ibrahim Prudente da Silva.

Era conhecida como 'Vila do Sapo'

Como agora havia uma capelinha, **Irmão Bruno**, do PIME, assumiu a catequese definitivamente e como era muito brincalhão, transmitia o amor de Deus às crianças. Dessa forma começou a atrair pessoas até de outras denominações religiosas. No final de 1977 concluiu-se enfim a primeira turma de 1ª Eucaristia na capela, com 25 crianças, e a celebração aconteceu na escolinha.

A sra. **Luzia Bueno Leme**, que serviu em três capelas de Ipirorã e também na Igreja Matriz (foi catequista por 52 anos), lembra que no período em que participou da Capela Bom Pastor, entre 1973 e 1985, vinha dar catequese na Vila Beatriz. "Eu vim aqui bem no início, naquele tempo em que chamavam o lugar de Vila do Sapo, porque aqui era um alagado", conta.

Grupos de Jovens

Também em 1977 foi formado o primeiro grupo de jovens da comunidade, CAME, e neste ano iniciaram as celebrações dominicais na capela. **Fátima** se mudou mas os jovens continuaram com o terço e passaram a ser realizadas também novenas de Natal. Com o passar do tempo, um novo bairro se formou e a lavoura de café tornou-se a **Vila Esperança**,

Em 1985, como a comunidade estava sem organização para preparar as celebrações, formou-se um novo grupo de jovens: o JUPAC (Jovens Unidos por Amor a Cristo). E as lideranças convidaram as sras. **Maria Rossato** e **Lourdes Semprebom**, que vinham da Matriz para animar as missas com canto. Como a capelinha ruiu, as missas passaram a ser celebradas na escola e os ensaios eram num pequeno paiol, na casa de Elizete Souza.



Jovens do grupo JUPAC em rua da Vila Esperança (1985), acima, e no PIME, com padre José Marchesi

A fotografia acima traz jovens do grupo de JUPAC no PIME, dia 26/12/1992: Aparecida, Mara, Daniela, padre José Marchesi, Elizete Souza, Dulce e José Nivaldo.

Elizete conta que “na época era uma comunidade bem carente, mas até mais fervorosa que hoje”. “Não tínhamos muitos recursos, porém a participação era maior, as pessoas se reuniam para fazer terço o mês de maio inteirinho, faziam novena de Natal e tínhamos também o apoio da irmã Benta, que morava onde é a Prefeitura hoje [na época era o Colégio Maria Imaculada].

Início do salão e a 1ª diretoria

A paróquia adquiriu um terreno na Vila Esperança onde, por meio de mutirão, construiu um salão e formou o primeiro conselho comunitário, por volta de 1985. A diretoria na época tinha **José Julio Ponceano, Sebastião Pedro, Damiana Alvarenga e Matilde**. Depois assumiu o casal **Reinaldo Almeida Marques e Maria Emilia Marques**. É desta época a 1ª ata de reunião da capela, de 16 de junho de 1991, com a presença dos padres **Antônio Palermo e José Guerini**, que anunciava Reinaldo Marques como presidente e **Luiz Martins** como vice.

Igreja em formato de um olho

A construção iniciou-se em 1991 e um frei que estava na paróquia de Ibiporã na época foi quem projetou a capela atual, em formato de um olho, denominado “o olho de Deus dentro da comunidade”. O formato lembra também a proa de um barco. “Tem gente que olha de fora e diz que parece uma arca de Noé, mas não foi esse objetivo de quem a projetou”, comenta a participante Simone da Silva Cardoso, da diretoria atual. O formato da igreja, bem como uma escultura de São Geraldo trazida da Itália (*ver box*) – que hoje é uma relíquia da comunidade – são parte da história e das memórias da capela.

Durante a construção e nos anos seguintes passaram pela diretoria os srs. **Celso Oliveira, Nilson Idalino Diarcizio** (duas vezes), **Waldir Saviski e Dirço Jacone** – ministro da Eucaristia que no período de 1990 a 2002 celebrava os cultos dominicais. Sr. Dirço também participou com o padre Rino Nogarotto da troca do terreno da antiga capela, que ficava na Vila Beatriz, pelo terreno atual na Vila Esperança. Outros colaboradores daquela época foram **José Nivaldo de Almeida, Almiro de Araújo e Tomé Soares Neto**.



Iniciada em 1991 e concluída em 1997, igreja tem o formato de um olho. À direita, coroação de N. Sra.





Cruzeiro colocado nas missões, em 1990. À esq. Narciso, Nascimento, que foi presidente na época da construção

A construção foi em frente porque quando esteve em missões na capela, em 1990, o **Frei Hermelindo Damião** “havia reacendido a chama da fé da comunidade”, afirmou Elizete Souza. Sua motivação fez surgir vários movimentos e pastorais, entre eles a Associação de Recuperação de Alcoólatras (ARA), Pastoral da Solidariedade (que atendia famílias enlutadas) e os grupos de reflexão.

Durante a construção foram realizadas muitas quermesses, shows de prêmios, promoções, e com isso a igreja foi terminada em 1997 e o salão, ampliado, tornou-se centro catequético. Ao fim da construção, os presidentes seguintes, **Moacir da Silva Cardoso, Narciso Marco Nascimento e Milton Santana** continuaram os trabalhos de acabamento e pintura, não descuidando da dimensão espiritual.

Houve muitos outros colaboradores da capela, entre eles: **Paulo Soares, Dulce, Aristeu, Mário, Emília Saviski, Patrícia, Orides Soares, Claudécir da Silva, Pedrina Nascimento, Simone Cardoso, Renato Pelisson e Carlos Alberto dos Santos.**

Hoje, **Jonas dos Santos**, atual presidente do conselho, e a sua esposa **Maria Aparecida de Lima dos Santos**, com a ajuda das lideranças, mantêm as atividades em dia. Recentemente os fiéis se animaram com a chegada do novo pároco da região, **padre Antônio Acir Squarcini**, que celebra missas na comunidade todos os domingos.

** Fontes: livro-ata da capela e Elizete de Oliveira Souza*

Imagem de São Geraldo vinda da Itália

Durante o período de construção da capela, na década de 90, o padre Antônio Palermo recebeu doações de um grupo de italianos devotos de São Geraldo, que deram o nome à capela. Provavelmente também seja dessa época a doação de uma estátua do santo do tamanho de um adulto, vinda da Itália. A escultura ficou muito tempo no centro do altar, no alto, mas foi retirada porque chamava muita atenção e porque liturgicamente sua localização estava incorreta, explicou Simone da Silva Cardoso.

“A batina do santo originalmente era toda preta, mas quando chegaram a Ibitiporã, o padre Antonio [Palermo] e o padre Severino [Crimella] acharam que ficava esteticamente muito pesada para a capela, que ainda não era rebocada. Daí decidiram pintar a roupa do santo de branco. Mas se você for procurar em algum histórico, não vai encontrar ele vestido assim, vai encontrar vestido com a batina preta. E ele ficava no centro do altar. Você entrava na capela e já via ele lá em destaque. Porém, como na concepção do Concílio Vaticano II, Jesus Eucarístico é o centro e como o sacrário ficava embaixo dessa imagem, ela acabava aparecendo mais do que o próprio Jesus. Por isso decidimos trazê-lo para a sala de catequese, onde pode ser apreciado pelos visitantes”, relatou Simone.

Abaixo, na fotografia da esquerda, em uma missa de dia do padroeiro, em outubro de 1995, aparece a grande imagem de São Geraldo no altar e os seguintes fiéis: Paulo Soares, Nilson Diarcizio, Ismael, Mara, Elizete Souza, Asselirio, José Roberto e Dirço Jacone.



Imagem de São Geraldo, vinda da Itália, ficou um tempo no centro do altar...



... depois foi transferida para a catequese, explicou Simone Cardoso

Visita e depoimentos da comunidade

* No dia 03/08/2014



“Eu vim para cá com 4 anos de idade e quando tinha uns 10 lembro que o padre Rino trazia uns seminaristas do PIME aqui na Vila Beatriz para cantar com as crianças e ensinar a gente a rezar. Um deles era o Dom Pedro Zilli e outro se chamava José. E eu era uma dessas crianças. Por volta de 1977 veio o irmão Bruno e ficou conosco até fazermos a 1ª Comunhão na escolinha, que se chamava Escola Professora Galdina. O irmão Bruno era muito dinâmico e reunia o maior número possível de crianças. Depois que foi transferido para a Amazônia, nós, que tínhamos feito a 1ª Eucaristia, é que começamos a dar catequese. Vinham pessoas da cidade e nós auxiliávamos. **(Elizete de Oliveira Souza)**”

“Cheguei na comunidade em 1985 e comecei na capela em 1988. Eu dava catequese na antiga escolinha porque na época ainda não tinha o salão. Depois iniciamos a construção do barracão, em forma de mutirão. Esses mutirões eram assim: saímos perguntando quem podia ajudar no final de semana e feriados. Vinhamos para cá e para poder segurar os pedreiros, fazíamos almoço e lanche. Porque no final de semana todos estavam cansados e se eles fossem embora não voltavam mais. Então passávamos o dia inteiro aqui, eu, minha mãe, minha sogra e outras mulheres nos reuníamos e trazíamos almoço e lanche pra eles. No mutirão, a maioria dos materiais foram doados, muitas pessoas saíam pedindo e fizemos uma festa para poder pagar os pedreiros. Hoje em dia, a capela serve pra unir a comunidade.”

(Damiana Alvarenga)



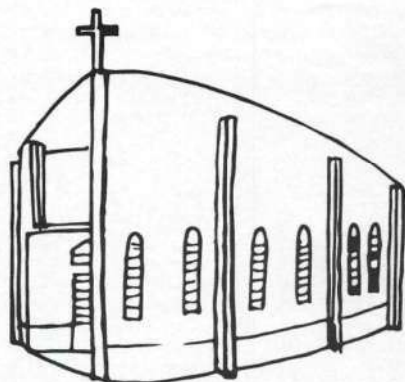
“Quando foi feita a reforma, foi decidido retirar do altar essa imagem enorme de São Geraldo que agora está na sala de catequese. Nosso pensamento era deixá-lo exposto no jardim da igreja, mas ficamos com medo de ser apedrejado ou de pessoas estragarem a obra. E a comunidade comprou um São Geraldo menor, com a roupinha preta original, uma Nossa Senhora das Graças e os deixamos nas laterais da capela. Dessa forma respeitamos uma norma da igreja, que é Jesus no centro e os santos como seus intercessores. Quando chegamos aqui há 17 anos a comunidade já estava estruturada fisicamente e já existia o centro [catequético]. O que precisava era só pintura e reformas. E o que faltava de espiritual era Jesus Eucarístico. A comunidade não tinha os seus próprios ministros, então a Matriz designou um ministro que vinha fazer as celebrações e trazia a Eucaristia. Para nós, era a maior dificuldade. Hoje, graças a Deus, temos sacário na capela.” **(Simone Aparecida Silva)**





“Quando cheguei aqui em 1990, a missa ainda era celebrada na Vila Beatriz, na escolinha ao lado de onde hoje é o CAIC. Depois é que construíram a igreja na Vila Esperança. Primeiro foi uma sala de catequese, um banheiro, uma cozinha e depois o pessoal se uniu para fazer a capela. Havia bastante chácaras, a estrada era de chão e ainda não havia o asfalto até o Centro. Parecia longe, era bem difícil. Não tinha ônibus, então tínhamos que pegar o ônibus lá em cima (na rodovia) para ir trabalhar. Fizemos muito mutirão de final de semana para construir a igreja. O sr. José Julio, dona Matilde, sr. Mario, conhecido como ‘Tauna’, o Nilson, o Clóvis, o sr. José e a dona Maria, já falecidos, muitos colocaram a mão na massa para fazer essa igreja.”
(Maria Ap. Lima dos Santos)

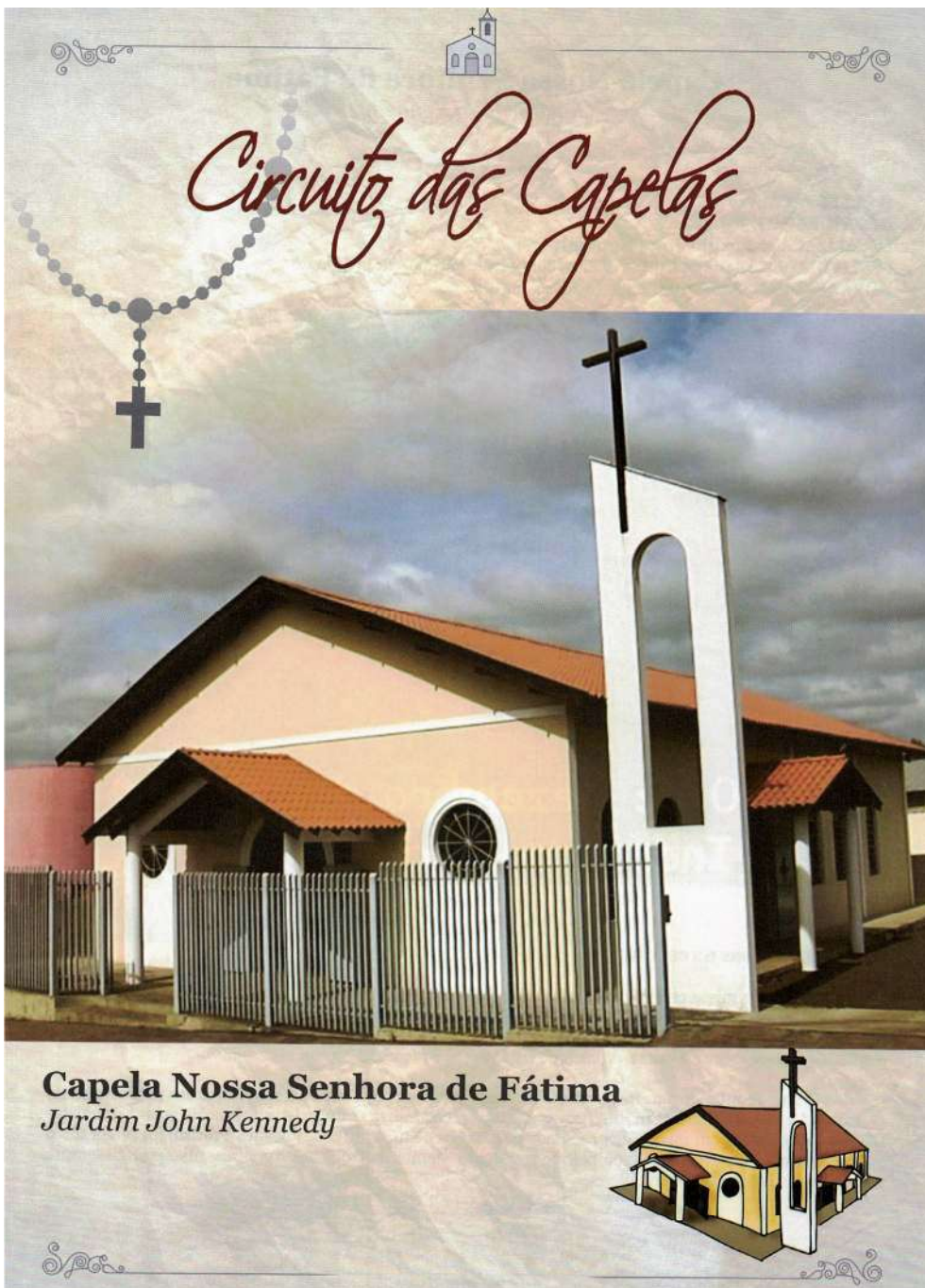
“Quando comecei a participar, essa capela estava apenas no projeto e as primeiras missas eram na escolinha. Depois que parou de celebrar a missa na escola, as celebrações vieram para cá. Temos lembrança do padre Antonio, que participou bastante com a gente. O padre José [Marchesi] também. No meu ponto de vista, a comunidade parece que está indo cada vez melhor.”
(Jonas dos Santos)



“Eu faço liturgia e no momento dou catequese, mas hoje em dia não está fácil. Os jovens nem sempre vêm à catequese para buscar aqui o que realmente importa. Na época em que comecei a dar catequese era chão bruto, não tinha piso e as paredes estavam no reboco.”
(Cleusa Mendes Ferraz)

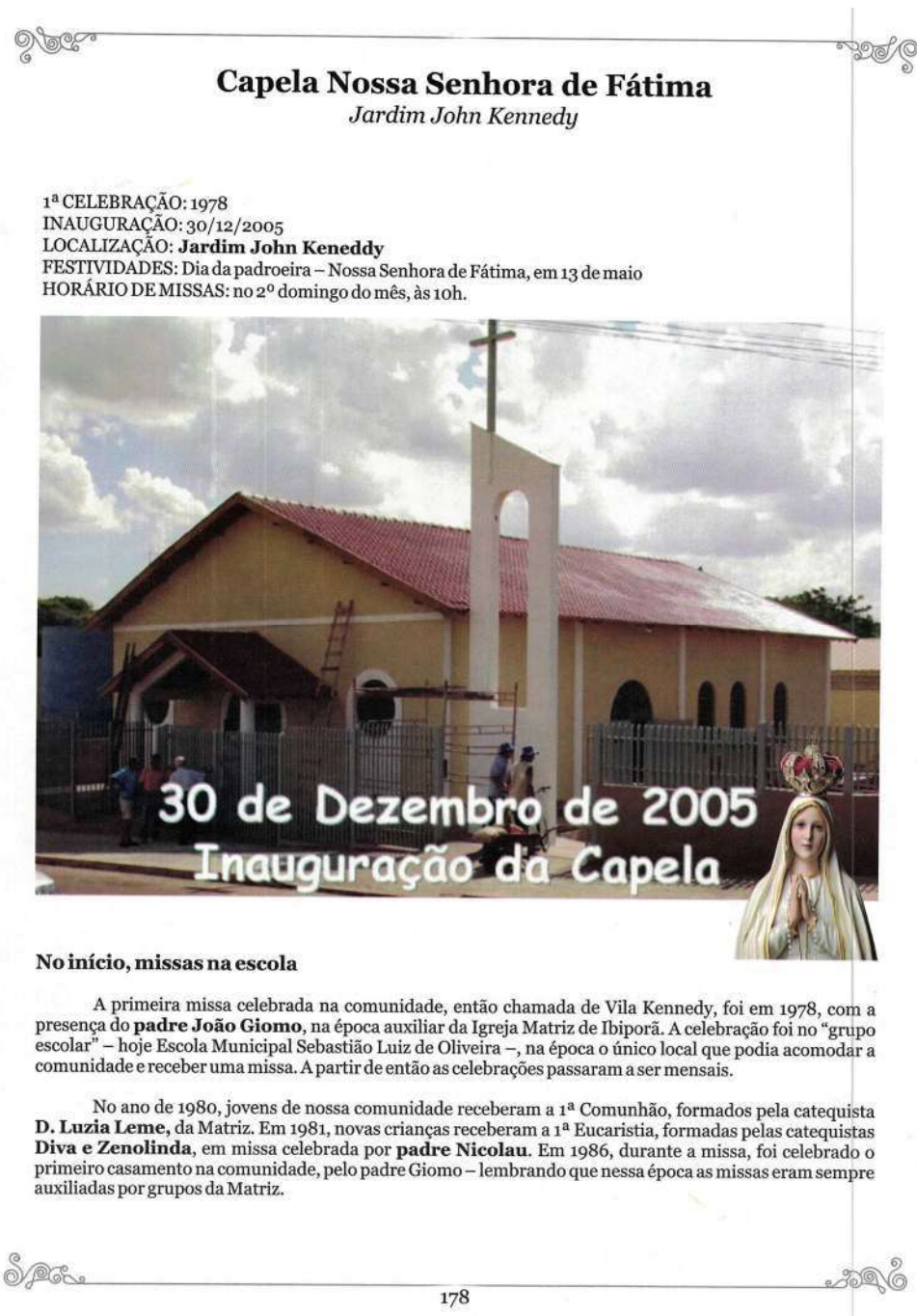
“Sou o secretário da diretoria da capela. Estou aqui em Iporã desde 1983 e naquele tempo quase não tinha casas aqui na Vila Esperança. Tinha só um salão bem pequenininho e eu participava lá na Matriz. Para mim, essa comunidade é muito boa, com bastante jovens.”
(Ademiro Ap. Santana)





Circuito das Capelas

Capela Nossa Senhora de Fátima
Jardim John Kennedy



30 de Dezembro de 2005
Inauguração da Capela

No início, missas na escola

A primeira missa celebrada na comunidade, então chamada de Vila Kennedy, foi em 1978, com a presença do **padre João Giomo**, na época auxiliar da Igreja Matriz de Ibiporã. A celebração foi no “grupo escolar” – hoje Escola Municipal Sebastião Luiz de Oliveira –, na época o único local que podia acomodar a comunidade e receber uma missa. A partir de então as celebrações passaram a ser mensais.

No ano de 1980, jovens de nossa comunidade receberam a 1ª Comunhão, formados pela catequista **D. Luzia Leme**, da Matriz. Em 1981, novas crianças receberam a 1ª Eucaristia, formadas pelas catequistas **Diva e Zenolinda**, em missa celebrada por **padre Nicolau**. Em 1986, durante a missa, foi celebrado o primeiro casamento na comunidade, pelo padre Giomo – lembrando que nessa época as missas eram sempre auxiliadas por grupos da Matriz.

Colocação do cruzeiro em 1990

Em agosto de 1990, sempre com o apoio de padre João Giomo, a Vila Kennedy recebeu as primeiras missões, lideradas pelo frei **José Quaresma**. "Foram dias inesquecíveis de palestras e muitas orações. Neste mesmo mês foi colocado um cruzeiro (foto) para demarcar o local da futura capela. De acordo com **Elza Pereira de Farias**, da equipe atual da capela, "a colocação do cruzeiro foi motivo de festa. As festas eram maravilhosas. Tínhamos muita gente que colaborava, como a **Lenilda Alves Pelisson**, já falecida, o sr. **Walter** e o sr. **Gervásio Pelisson**, que foi o primeiro presidente da capela."



Belanizia dos Santos

Na visita da equipe do *Circuito das Capelas* à comunidade, dia 02/11/2014, a sra. **Belanizia Pereira dos Santos** contou uma história curiosa sobre o nome do local onde hoje está a igreja do John Kennedy. Chamavam de 'Morro do Urubu': "Quando mudamos para cá, logo quiseram colocar umas pedras irregulares na vila, então puseram não sei quantos caminhões de saibro em frente desse antigo cruzeiro. Como a criançada não tinha onde brincar, faziam escorregador naquele morro de saibro e tinha um urubu que ficava ali junto com as crianças. Chamavam ele de Germano. E por causa desse urubu colocaram o nome de Morro do Urubu. Daí quando espararam a terra acabou o morro do urubu.", contou Belanizia.

A primeira diretoria da capela foi formada em 1990, por **Gervásio Pelisson** (presidente) **Valdecir da Silva** (vice) **João Ilário Pelisson** (tesoureiro), **Valdair Tonassi** (vice-tesoureiro) **Elza Pelisson** (secretária) e **Alcides Minervino** (vice-secretário). Em 1991 surgiram as primeiras catequistas da comunidade: **Antonia** e **Tereza Pauleti Pelisson**. E como resposta de gratidão a Deus, a comunidade iniciou a arrecadação do dízimo, tendo como coordenadora **Elza Farias** e **Carmem de Fátima** como auxiliar. Também motivado pelos freis missionários, o bairro montou seu primeiro coral, com 19 participantes, animado por Antonio Carlos, Braz Ribeiro no violão e Mário Semprebom no acordeon.



Lugar onde foi colocado o primeiro cruzeiro (acima) era chamado de 'Morro do Urubu', segundo D. Belanizia

Festas para poder construir o salão

A primeira festa de que se tem notícia na comunidade foi em 1991, com leilões e bingos, para arrecadar verba para a construção de um salão comunitário. Neste dia, houve missa em uma barraca improvisada, presidida pelo padre **Antonio Palermo**.

Em 1996 teve início a ação da Pastoral da Criança, sob a coordenação de **Geisa** e **Lenilda Alves Pelisson** como líderes. No mesmo ano deu-se início à construção do salão, com o trabalho de voluntários. Também em 1996 foi doada por **Edivaldo Rodrigues**, o Divá, a imagem de Nossa Senhora de Fátima que está até hoje na capela. Esse título de Nossa Senhora foi sugerido à capela por frei José Quaresma.

Em 1999 foram realizadas novamente as missões e em 2000 o padre **Daniel Belussi**, do PIME, trouxe para a comunidade cursos de legitimação e preparação para o Batismo. Em 2002, as missas já eram celebradas todo mês no salão.

Entre os muitos benefícios que padre Daniel trouxe à comunidade um deles foi o trabalho dos grupos **Arcanjo** e **Anjo da Guarda**. O objetivo de ambos era motivar os fiéis a retornarem à igreja. Faziam visitas aos doentes, ajudavam as famílias carentes e davam também oportunidade aos adolescentes de fazerem cursos de corte e costura, crochê, tricô e fabricação de bombons. O grupo Anjo da Guarda também promovia brincadeiras com as crianças, o que as motivava a vir às celebrações. Em 2002 a capela recebeu duas imagens da Mãe Rainha, que tinham como zeladoras **Maria** e **Amélia**.

Missões 2004 deram impulso à obra da capela

Em agosto de 2004 voltaram a ser realizadas missões, trazidas pelo padre **Cláudio Romano** e o **Grupo Arcanjo**, com a presença dos freis **Cordeiro** e **Amarildo**, que ficaram hospedados na comunidade por uma semana. No encerramento das missões, em uma missa no dia 4 de setembro de 2004, a comunidade recebeu o desafio e assumiu o compromisso de construir uma capela no prazo de um ano.



Padre Cláudio e as missões com os freis Cordeiro e Amarildo (esq.)



Diretoria da Capela que assumiu o compromisso de tocar a obra. O ano era 2004



Com a nomeação de uma nova diretoria, formada por **Braz Ribeiro** (presidente) **Vilson Henrique de Oliveira** (vice-presidente) **João Ilário Pelisson** (tesoureiro), **Elza Pereira** (vice-tesoureira), **Alcides e Roberto Carlos** (secretários), foi iniciada a construção da capela. "Foram meses de trabalho e dedicação, com a comunidade ajudando nos mutirões, fazendo doações e com grande apoio do padre Claudio", comentou Wilson Oliveira.



O começo da obra era em regime de mutirão. Ao fundo, a creche Menino Deus



A capela já coberta e iniciando o reboco, em 2005



A igreja em fase final de construção: 2005



Pessoas que ajudaram na construção, às vésperas da inauguração

Dia 17/09/2005 a comunidade teve a primeira missa celebrada na capela (que ainda estava em construção), pelo arcebispo de Londrina, Dom Albano Cavallin (próxima página).



Visita de Dom Albano, acompanhado do padre Cláudio Romano



Grupo Arcanjo no dia da visita do arcebispo

Missa inaugural

A celebração de inauguração e bênção da capela (*fotos a seguir*) foi no dia 30/12/2005, dirigida pelo **frei Cordeiro**, o mesmo que fizera o desafio da obra um ano antes, nas missões. O novo conselho foi formado por **Vilson Henrique** (presidente), **João Ilário** (vice-presidente) **Mauro Ferreira** (tesoureiro) **Braz Ribeiro** (vice) **Claudio** e **Andréia Augusta** (secretários). Dando continuidade aos trabalhos na comunidade, que já tinha catequese e pastorais, foi formado na época um coral infantil pela catequista e professora de música **Ina**.



Dia da missa inaugural, 30/12/2005, e a diretoria que ficou de 2005 a 2014 (à dir.)



Atividades atuais

Em 2014 foi formado um novo conselho comunitário, composto por Andréia Augusta, Admir Leite, Elza Pereira Farias, Mário Semprebom, Luciene Faria e Belanzia Pereira. No momento, a comunidade mantém a missa mensal no 2º domingo, às 10h, a Liturgia da Palavra nos demais domingos, às 10h, terço todas as quartas-feiras, às 20h, grupos de reflexão às quintas-feiras e Dia da Palavra toda 1ª quinta do mês, às 20h.

* Colaboração com dados e fotos: *Vilson Henrique de Oliveira*

Depoimentos

*no dia da visita à comunidade: 02/11/2014



"Quando eu cheguei isso aqui era um matagal e o meu marido Gervásio Pelisson, que já tá com Deus, foi o primeiro presidente dessa capela, por 9 anos. Ele falava assim pra mim: 'Tereza, eu quero esse terreno aqui'. Ele, como presidente, queria esse terreno, que era melhor. A gente andava aqui na frente junto com um companheiro, o seo Alcides Pereira. Teve gente que ofereceu terreno lá em cima, perto da fazenda do Dr. Justino, mas o meu marido batia na tecla que queria aqui. Trabalhou um ano para conseguir esse terreno. Conseguimos o terreno com o Dr. Dutra e aí o trabalho começou, o pessoal da igreja roçando e carpindo, para que a igreja fosse aqui mesmo. O meu marido estava muito feliz. Começaram então as festas, com barraca coberta de encerado, feita de bambu. Começou com um bingo para arrecadar dinheiro para o salão. E tinha o Maurinho, vizinho nosso que fazia churrasco de chão para ajudarmos a arrecadar. Essa capela foi feita com muito trabalho e amor." (Tereza Pauleti Pelisson)

No início, aqui não tinha capela e as missas eram celebradas na escola. Após a chegada do frei [José] Quaresma, que deu início à missão no bairro em 1990, o prefeito na época doou o terreno para nós, então demos início ao salão. A comunidade fazia festas para arrecadar dinheiro e a maior parte da obra foi na base doação, tanto o material, quanto mão-de-obra. Todo ano se fazia a festa de Nossa Senhora de Fátima, em 13 de maio. Com isso, a gente levantava um dinheirinho. O que faltava de material nós comprávamos. Daí tomamos coragem de construir a igreja. Na construção eu estive sempre presente, seja no mutirão ou dando um apoio. As mulheres faziam almoço pro pessoal que estava trabalhando e às vezes os homens também colocavam a mão na massa."

(João Ilário Pelisson)



"Minha história aqui começou em 1990, com a vinda do frei Quaresma, quando as missas eram na escolinha. Depois trabalhei no mutirão para a construção do salão. As mulheres trabalhavam na cozinha, mas eu trabalhei na obra mesmo, com os homens. Entre tantas coisas, a que mais me marcou foi a primeira missa, com o bispo Dom Albano. Para nós aquilo foi muito importante, emocionante mesmo, pois a capela ainda nem estava pronta. Depois teve a inauguração, com os freis Cordeiro e Amarildo, que passaram uma semana aqui com a gente, o movimento na igreja foi muito grande naqueles dias." (Elza Pereira de Farias)

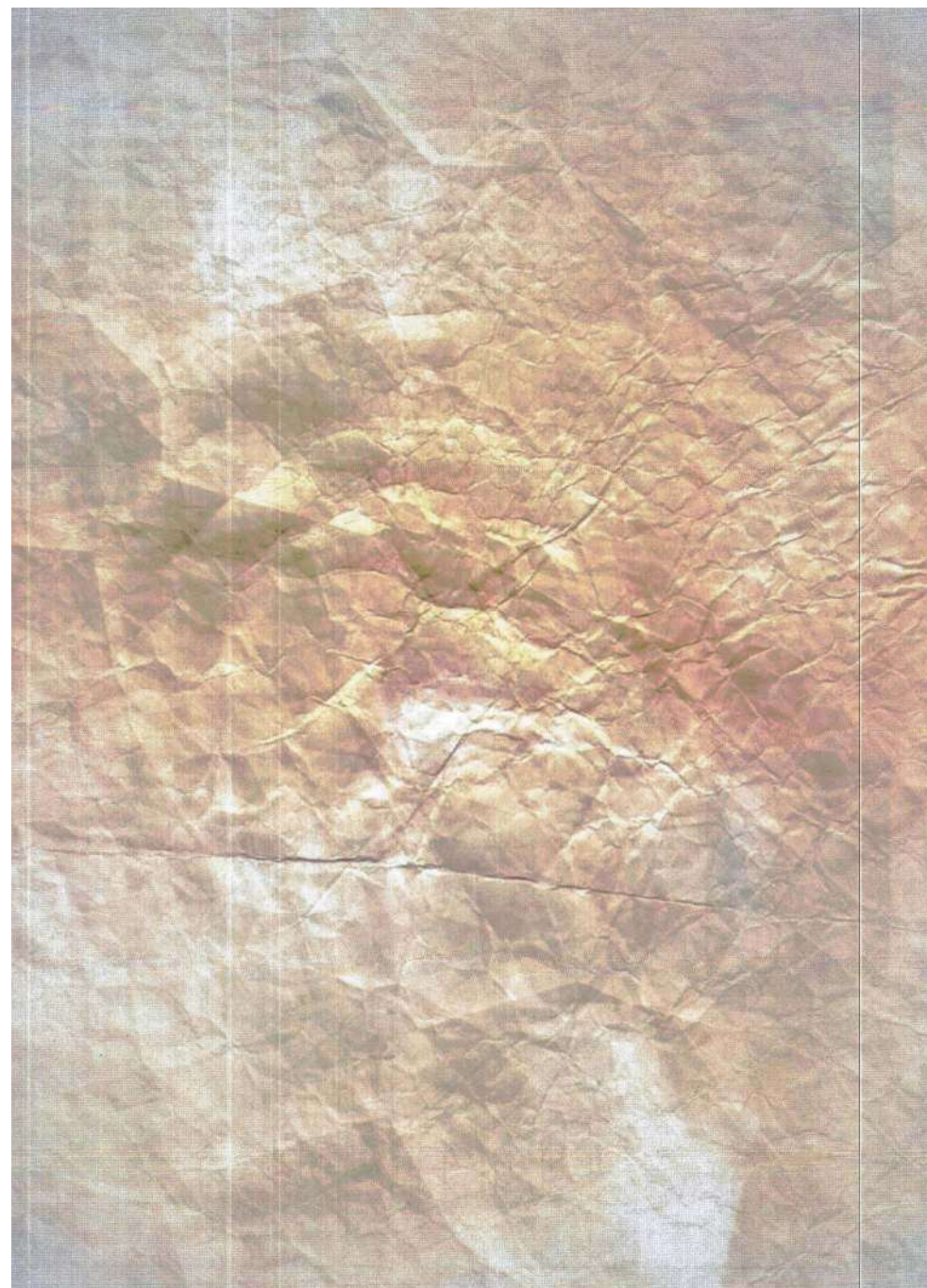
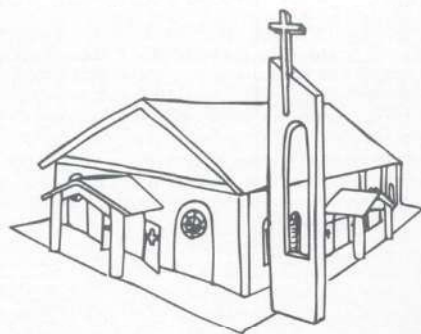


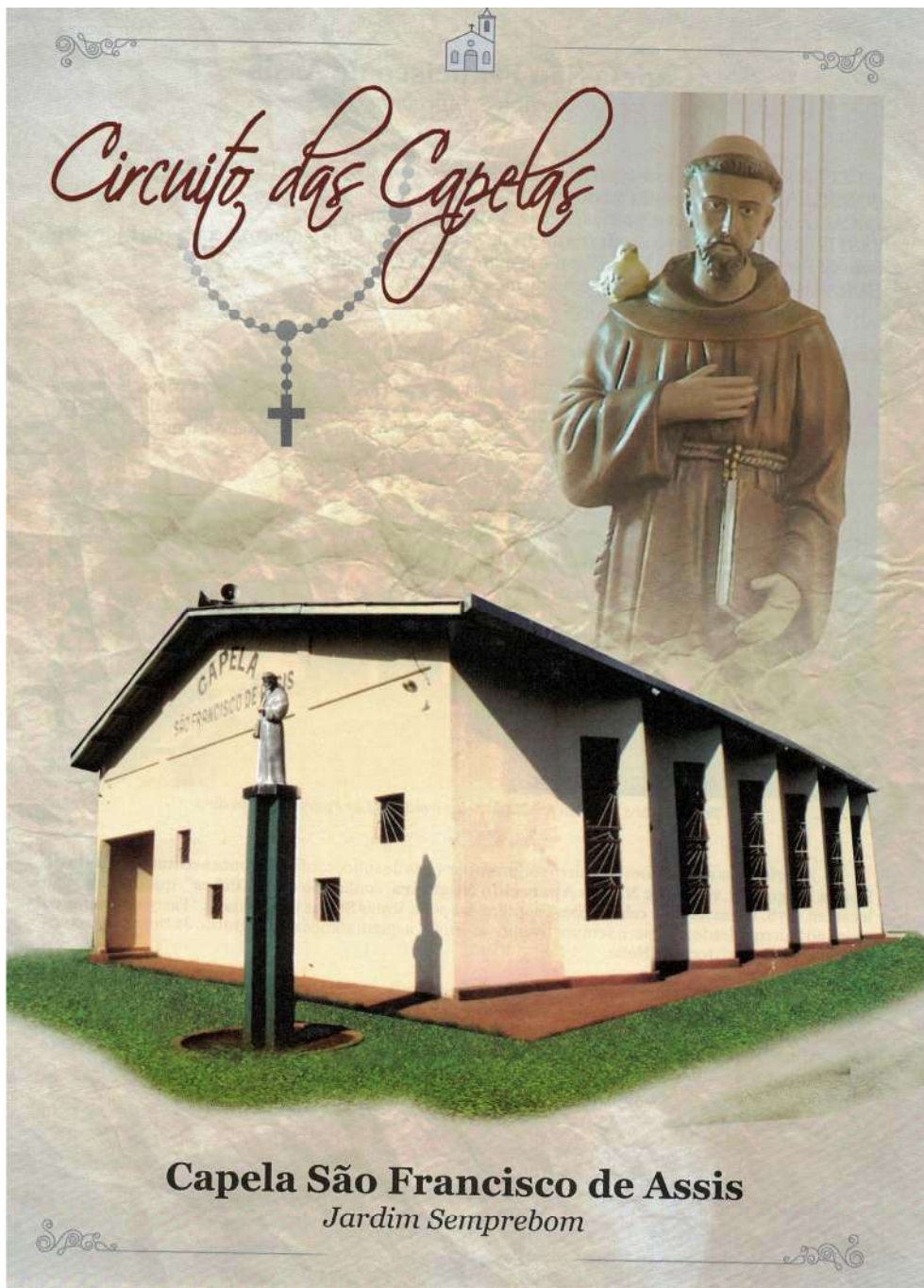
"Cheguei aqui no ano de 1984, com 8 anos. As missas era na escola e fiz a minha Primeira Comunhão em 1985 com a catequista Luzia e o padre João Giomo. Em 1990 quando teve as missões com o frei Quaresma e começou a primeira diretoria, começaram os primeiros passos para arrecadar fundos para construir uma capela. Na época não tinha ministro e vinha um grupo de jovens de Ibioporã fazer a celebração da Palavra. Depois o pessoal da comunidade mesmo assumiu. Cada domingo um fazia a celebração do culto. Fui convidada para fazer a celebração e como o pessoal gostou, passei a fazer todas. O que mais me marcou foi trabalhar nas festas e de uma vez que o padre Daniel, em uma celebração, me ungiu e me autorizou a distribuir a Comunhão. Aquilo me marcou muito, foi no ano de 1988." (Andreia Augusta Rodrigues Pereira)

"Comecei a participar na comunidade do Kennedy em 2003. Em 2004, quando teve as missões populares com os freis, a comunidade fez um pacto com eles de, em um ano, construir a igreja de material, porque ainda nem tinha uma igreja. Em 2004 ia começar a construção, mas como o pároco da época, o padre Cláudio [Romano] não tinha um elo entre a Matriz e a capela, ele me mandou ir para o Jardim Kennedy ajudar. Entrei na diretoria e com o dinheiro que arrecadamos com bingos, leilões e o trabalho voluntário da comunidade, em mutirão, foi levantada a igreja. O pacto era de que em 2005 ficasse pronta e em dezembro daquele ano a igreja foi finalizada. Foi um ano de trabalho forte da comunidade. Isso envolveu muita coisa, porque tínhamos que dar alimentação para esse povo que estava trabalhando, porque senão o pessoal iria embora ao meio-dia e não voltava mais. Construímos uma cozinha no salão para fazer a comida e o pessoal ficava o dia todo lá. Envolvía as crianças, os pais, os avós... Olha que muitas mulheres pegaram nos carrinhos de mão para carregar pedra, areia... Foi a união de toda comunidade que deu o fruto que é hoje essa capela. Fiquei dois anos como vice-presidente e em 2007 assumi como presidente e fiquei até dezembro de 2014." (Wilson Henrique de Oliveira)



"Quando cheguei, as celebrações eram na escola. Depois vieram as primeiras missões e começou a construção do salão. Sempre fizemos festas com o intuito de arrecadar fundos, primeiro para a construção do salão e depois para construir a igreja. Com a vinda dos freis em 1990, começamos a participar ativamente da liturgia e dos cantos. Nas festas, a gente fazia os assados e outras coisas para vender." (Sonia Aparecida Semprebom de Oliveira)





Capela São Francisco de Assis Jardim Semprebom

1ª CELEBRAÇÃO: Década de 1980 (terços e celebrações com as irmãs do Lar Padre Leone)
 CONSTRUÇÃO: 1990 (após as missões franciscanas)
 LOCALIZAÇÃO: Rua Claudina Rios Gomes - **Vila Semprebom**
 FESTIVIDADES: Benção dos animais no dia de São Francisco (4 de outubro), Semana do Padroeiro (em outubro) e coroação de Nossa Senhora Aparecida (12 de outubro)
 HORÁRIO DE MISSAS: 2º e 4º sábados do mês, às 19h30.

Trabalho iniciou com as irmãs

O terreno para a construção da Capela São Francisco de Assis foi doado à comunidade pela Congregação das **Irmãs Servas da Caridade** (*imagem abaixo*), que cuidam do asilo de Ibiporã, o Lar Padre Leone. A capela, aliás, fica no terreno do asilo, que ocupava um quarteirão inteiro do bairro.



Terreno para a capela foi doado pelas irmãs do Lar Padre Leone (à dir.)

As primeiras celebrações no bairro surgiram por volta de 1980, conforme conta a costureira **Hélia de Souza Nogueira**, esposa de **Nilson Aparecido Nogueira**, conhecido como "**Piúca**", que chegaram ao local em 1978. Eram terços e celebrações coordenadas pelas irmãs Servas da Caridade. "Faz 36 anos que eu moro no bairro e desde o começo sempre tivemos as irmãs, a quem somos muito gratas. Já tinha o terço nas casas e a catequese", recorda Hélia.

Quem também é dessa época é o casal **José Sperandio e Izidia Rocha Sperandio**, pioneiros da capela, ele falecido e ela a responsável, há quase 30 anos, pelo terço das senhoras que ainda é realizado toda segunda, quarta e sexta-feira, às 3 horas da tarde. Dona Izidia conta que o pedido partiu do padre **Rino Nogarotto**: "Ele pediu para alguém ter a responsabilidade do terço, para animar a comunidade. Eu assumi e estou até hoje nisso", diz. D. Izidia.

Circuito das Capelas

A vinda dos freis e a construção da capela

O grande impulso, porém, para a construção de uma capela foram as missões dos freis capuchinhos, em 1990. "Já havia aqui aquela luzinha que brilhava, que eram as irmãs e uma comunidade pequena. Quando os freis chegaram foi um 'fogaréu', foi lindo, maravilhoso, tanto a construção da igreja quanto a participação do povo. Porque uma capela sem gente não tem porque existir", diz Hélia. "Os freis, aliás, ficaram um tempo hospedados na nossa casa. Ficavam na casa das famílias porque naquela época ainda não tinha a igreja, que veio depois", contou. Não se tem a data precisa da inauguração, sabe-se apenas que a obra iniciou em 1990.



Frei Toni Coletti nas missões de 1990. Freis deram impulso para a construção da capela, que agora recebe o apoio espiritual das irmãs Servas da Caridade

Em homenagem ao trabalho desses freis a comunidade recebeu o nome São Francisco de Assis. Padre **João Giomo**, que era o pároco da Matriz, recorda da época: "Passaram por Ipororá três estudantes franciscanos de Teologia que vieram criar uma pequena comunidade de inserção no meio mais pobre, uns bairros para baixo da linha férrea. Alugaram uma casa e ficaram três anos trabalhando por aqui, visitando as casas, rezando o terço nas comunidades e um dia me disseram: 'Não poderíamos fazer uma capela aqui no bairro?' Daí pedi um pedaço do terreno do asilo e saiu a igreja. Eu sei que a planta dessa capela e de outras duas foram feitas por um desses freis, que tinha aptidão como técnico em construção e noções de arquitetura. Ele concebeu a planta dessa capela, também a do São Rafael, que tem formato octogonal, e uma que tem o formato de um olho [Capela São Geraldo, na Vila Esperança]", disse Giomo.



Imagens de São Francisco dentro e fora da capela: virou padroeiro por causa das missões

Para levantar dinheiro para a construção da igreja a comunidade começou a fazer promoções. A mais famosa foi a "Festa do Pastel", realizada por mais de 15 anos. "Depois passamos a fazer bingos no Salão Pio XII e aos poucos a construção foi indo", diz o colaborador Mauro Rigate. Entre os que ajudaram a construir a igreja estiveram José e Izídia Sperandio, Nilson "Piúca" e Hélia Nogueira, José Divino Ferreira e Odilma Comin Ferreira, família de Maria Aparecida Barbosa, família Marconi, José Davi Tavares e outros.

Semana do Padroeiro, em outubro

Entre as atividades religiosas da capela, a mais movimentada é a Semana do Padroeiro, em outubro. Há a tradicional Benção dos Animais, feita por freis que vêm de Londrina, no **dia de São Francisco** (padroeiro dos animais e da natureza), em 4 de outubro. A semana tem outros eventos e também uma coroação de Nossa Senhora Aparecida, no dia 12/10 (fotos a seguir).



Imagens externa e interna da capela, que mantém várias atividades



No dia de Nossa Senhora Aparecida, enquanto os homens seguram as velas em torno da imagem...



... as mulheres fazem uma coroação com fitas



No dia de São Francisco (4 de outubro), a tradicional bênção dos animais



Benção em 2014 foi na praça do bairro

As missas acontecem no 2º e no 4º sábado de cada mês, às 19h30, com os padres da Matriz. Há ainda Dia da Palavra toda 2ª quinta-feira do mês; terço dos homens às quartas, e grupo da Renovação Carismática às terças. Essas atividades normalmente iniciam às 20 horas. Além das celebrações na capela, a comunidade também costuma frequentar missas no Lar Padre Leone, que fica ao lado, todos os domingos, às 9 horas, com os padres do PIME.

* Colaboração para o histórico: Mauro Rigate e Zulmira Ferreira

Depoimentos de participantes

*nos dias da visita: 11 e 12 /10/2014



"Faz 36 anos que eu moro aqui no bairro e a minha família chegou primeiro que a capela. Os freis capuchinhos chegaram aqui na comunidade na década de 80, mas antes já tínhamos as irmãs e por causa delas já tinha os terços nas casas e a catequese. Então, quando os freis vieram para o nosso bairro, já havia aquela luzinha que brilhava, que eram as irmãs e uma comunidade pequena. Com a chegada deles foi aquele fogaréu, foi maravilhoso, para a construção da igreja e da comunidade, que são as pessoas, o povo. Foi bastante difícil a obra, pois há 25 anos atrás era tudo muito difícil. Mas com a coragem do povo e dos freis que vieram morar no nosso bairro, todos arregaçaram as mangas. Era velho, era criança, era jovem... todos queriam ajudar. Começamos com os primeiros tijolos, festas juninas, bingo no Salão Pio XII para que a construção saísse." **(Hêlia de Souza Nogueira)**

"Não me lembro a época em que eu mudei no bairro, mas foi uns uns 3 ou 4 anos antes de surgir a capela. O meu marido, José Sperandio, se apegou à igreja, fez o curso de ministro da Eucaristia e depois passou a tomar conta da capela. Ficou muito fervoroso. Os padres gostavam muito dele, porque andava certinho na igreja, era uma pessoa muito responsável. Nós convivemos 30 anos juntos, depois ele ficou doente e faleceu, mas tivemos uma vida boa. No início éramos nós dois e alguns vizinhos. Até hoje a gente olha [cuida] a igreja. Lembro que o padre Rino esteve muito aqui no início e um dia ele nos perguntou: 'O que vocês acham que está faltando nessa capela?' Uma pessoa levantou e disse: 'O terço'. Então ele perguntou: 'Quem vai assumir esse terço?' Fiquei quieta, não falei de primeiro, e como vi que ninguém se manifestou, eu disse pra ele: 'Padre, eu assumo.' Assumi e até hoje sou responsável. Rezamos às 3 da tarde segunda, quarta e sexta, e também antes das missas." **(Izidia Sperandio)**



"A gente está toda semana aqui. Na construção, comecei fazendo buracos, os blocos, junto com os freis. Todo final de semana tínhamos trabalho. Aqui foi um mutirão, foram muitas mãos, graças a Deus. Eu mesmo, no sábado, trabalhava e almoçava correndo para vir aqui ajudar na obra. Buscava cavalete e tambores lá no barracão da prefeitura. Essa foi a nossa luta e continuamos lutando. Até que não demorou muito para sair a igreja..." **(José Davi Tavares)**

"Quando mudei aqui não tinha nada ainda. Trabalhamos bastante para construir essa igreja e o povo se reunia em torno do trabalho. Fazíamos muito pastel. Começávamos no domingo de manhã e íamos até de madrugada fazendo e servindo pastel. Meu finado marido José Divino Ferreira ajudou nessa obra." **(Odilma Comin Ferreira)**





“Aqui não tinha nada, era muito mato, pedra e os caminhos eram de terra. Começamos a construir a capela e fomos arrumando aos poucos. Quando falaram que iam fazer a igreja aqui, a minha mãe se pôs a ajudar, porque naquela época ela tinha saúde. Ajudou a furar os primeiros buraquinhos para a construção dessa capela. Eu também ajudei bastante. Tudo o que podia fazer eu fazia. Ficava carregando água fresquinha para dar para as pessoas que estavam trabalhando, fazia a comida e ajudava nas festas do pastel. Eram várias mulheres trabalhando aqui no barracão da capela. Nós tínhamos uma cozinha lá no fundo, fazíamos tudo lá, colocávamos as mesinhas aqui fora e as meninas iam servindo o povo. Lembro que colocaram um avental em mim com o meu apelido, de “Preta”. Outra coisa que me marcou foi que eu nunca comprei rifa, mas uma vez aqui, na festa do pastel, estavam vendendo rifa e aquela vez comprei e ganhei um bolo no nome da minha filha Amanda.” (Maria Aparecida de Oliveira Barbosa)

“Logo que mudei, em 1998, o sr. Nilson ‘Piúca’ e a dona Hélia me convidaram para o primeiro terço em família na casa deles. Já tinha a capela construída, entrei como participante para ajudar nos terços, festas, sempre apoiando por fora, como voluntário. Tenho muita saudade daquela época em que não tinha tanta violência. Dá emoção só de lembrar. No passado, fazíamos as festas e nos reuníamos nas casas, cinco ou seis famílias. Rezávamos primeiro, o sr. Nilson pregava o Evangelho e depois ficávamos contando histórias.... Lembro também do sr. José Sperandio e da dona Izídia, que ajudaram aqui desde o começo. Ele abria e fechava a capela e quando o alto-falante tocava, era porque era algo muito importante. Eles alavancaram essa capela, junto com os freis franciscanos e a irmã Nália, que foi um braço direito aqui da capela.” (Mauro Rigate)



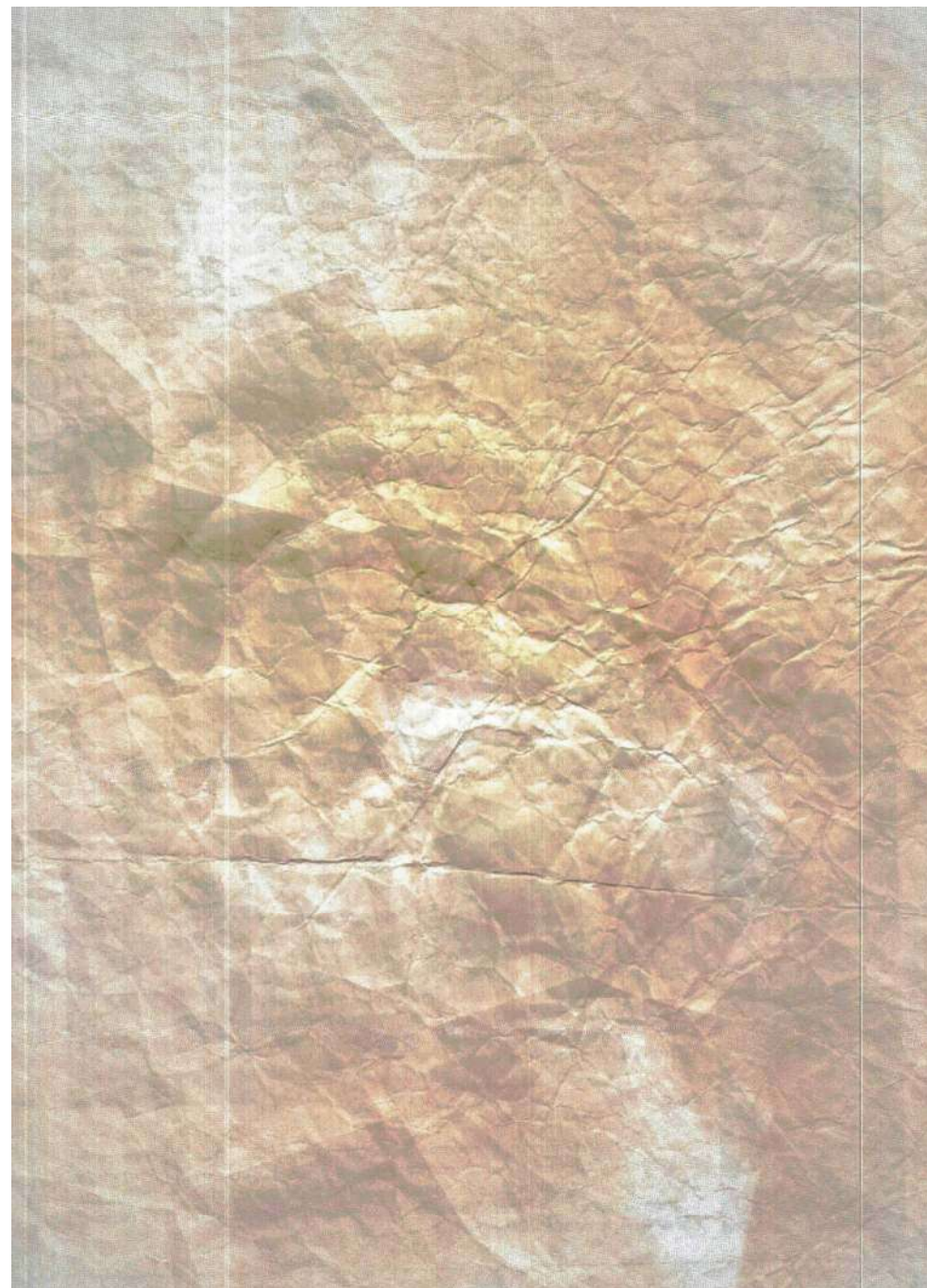
“Quando eu cheguei aqui, era só um pátio e não tinha a capela. Comecei participando dos terços, de segunda, quarta e sexta e continuo até hoje. Tudo o que o meu neto sabe de religião e educação foi aprendido aqui nessa capela, com a irmã Nália, a irmã Ângela.” (Maria Madalena Marconi)

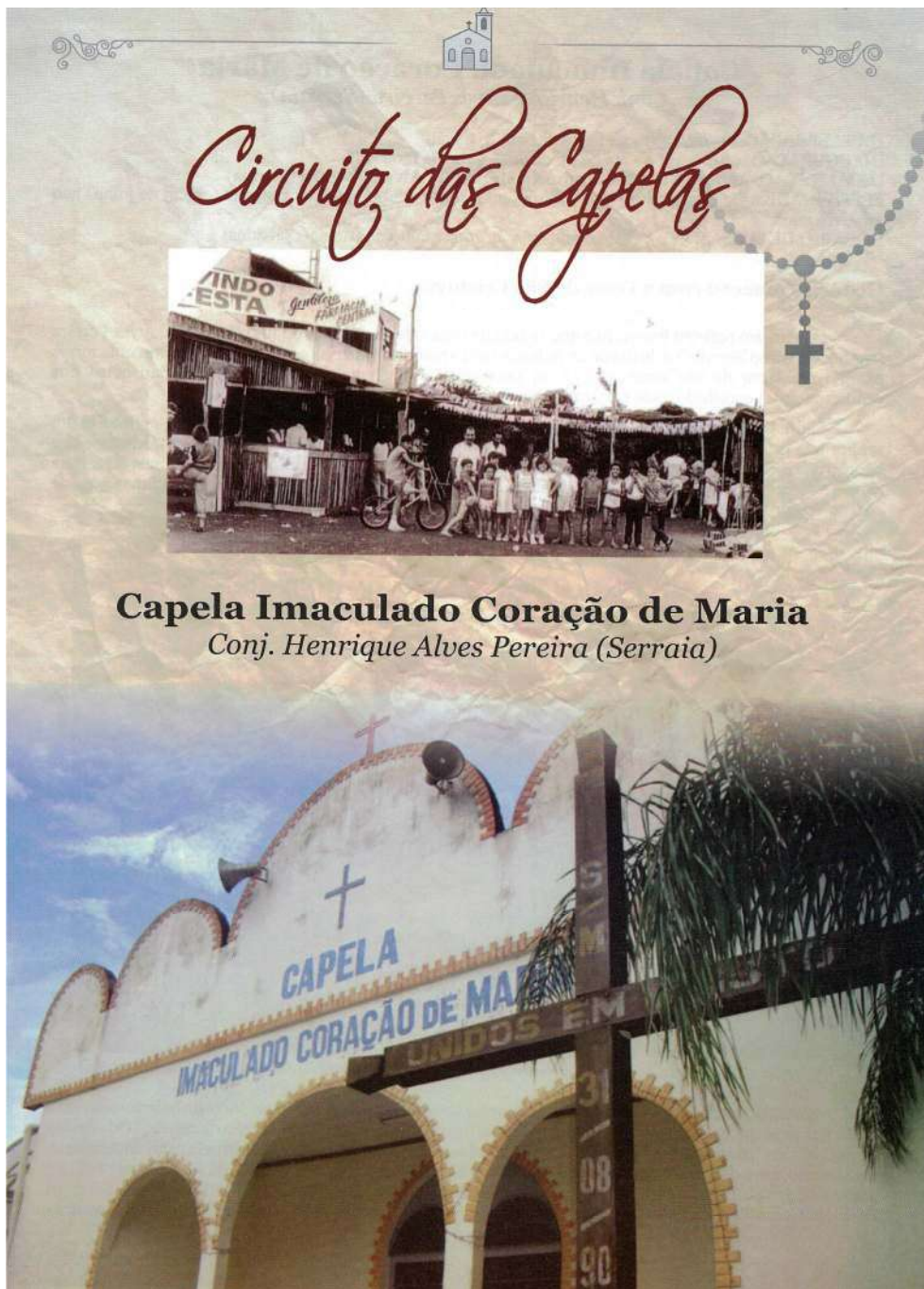


“Estou há dois anos como presidente da capela [entrevista foi feita em 2014], e participo da comunidade há nove anos. No momento, acho que há pouca participação das pessoas, pois o nosso bairro é grande e queria ver mais gente aqui. Hoje é a 12ª Festa de São Francisco. Queremos que as pessoas voltem à capela, para conhecerem melhor a comunidade.” (Márcia Furrier Sanzovo)



“O meu marido foi presidente dessa capela duas vezes. No começo foi tudo bem difícil, mas a população se uniu, foi pedindo doação e foi feita muita festa. A gente vinha bem cedo e passava o dia todo trabalhando na festa, que acontecia aqui neste local. Naquela época não existia nem salão, nem capela.” (Maria Aparecida Ribeiro)





Capela Imaculado Coração de Maria
Conj. Henrique Alves Pereira (Serraia)

Capela Imaculado Coração de Maria

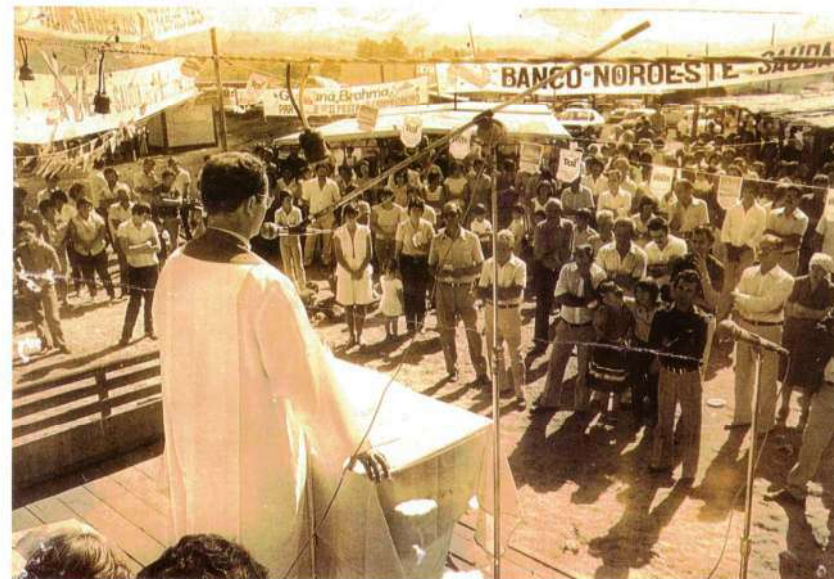
Conj. Henrique Alves Pereira (Serraia)

1ª CELEBRAÇÃO: 25/07/1981 - na Festa de São Cristóvão
 INAUGURAÇÃO: 09/09/1984 - ata de posse do terreno da igreja
 LOCALIZAÇÃO: Av. Souza Naves - **Conjunto Henrique Alves Pereira** (Serraia)
 FESTIVIDADES: Coroação de Nossa Senhora (em junho); a Festa de São Cristóvão (em 25 de julho) não acontece mais.
 HORÁRIO DE MISSAS: 2º e 4º sábado do mês, às 20h (e culto nos demais sábados)

História começou com a Festa de São Cristóvão

O primeiro registro fotográfico que se tem de uma celebração no Conjunto Henrique Alves Pereira (conhecido como 'Serraia') é do dia de 25 julho de 1981, quando o **padre João Giomo** celebrou uma missa campal em cima de um caminhão (*foto*) por ocasião da Festa de São Cristóvão (padroeiro dos caminhoneiros), escolhido como o patrono pela recém criada comunidade.

Padre Giomo se lembra desta época: "Essa capela era dedicada a São Cristóvão, porque tinha lá um senhor que promove várias romarias, o Furtado [**Abelardo Furtado**], que quis que eu introduzisse lá a bênção dos caminhões e dos motoristas. Tem fotos aí que mostram isso. Aí ele me pediu: 'Vamos fazer uma capela e dedicar a São Cristóvão?'. Foi daí construímos que essa capela. Ela foi levantada na minha época de pároco", recorda Giomo.

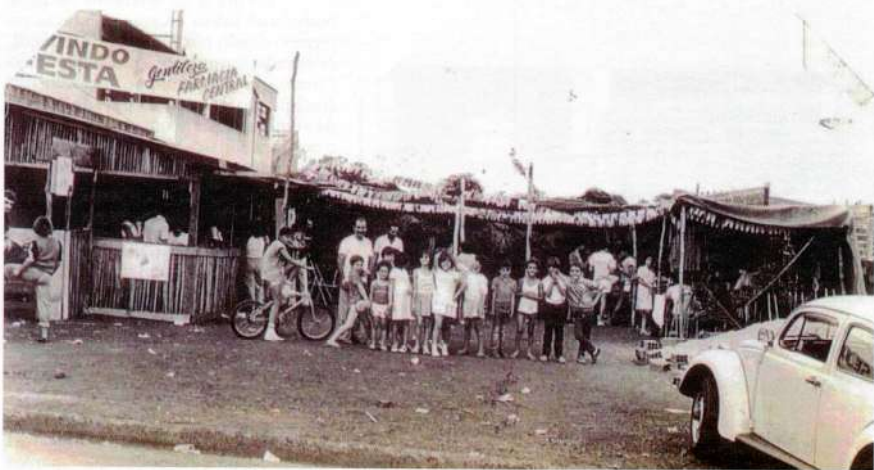


Padre João Giomo celebrando a 1ª missa no bairro durante a 1ª Festa de São Cristóvão - 25/07/1981

Em 1981, **Abelardo Furtado**, na época presidente da associação de moradores do bairro, solicitou a todos que se empenhassem para conseguir a doação de um terreno para a construção da capela. "Pelas mãos da providência", descreve ele, "apareceu o sr. **Francisco Zambaldi** [que dirigiu a capela rural do Amâncio, no Saltinho, até a década de 1970], e se dispôs a fazer a doação do terreno". No dia 9 de setembro de 1981 foi assinada a doação da área para a construção. Em outubro de 1981 foi realizada a 1ª Festa dos Caminhoneiros de Ibiporã, com direito a desfile e quermesse no terreno onde seria construída a igreja (*fotografias a seguir*).

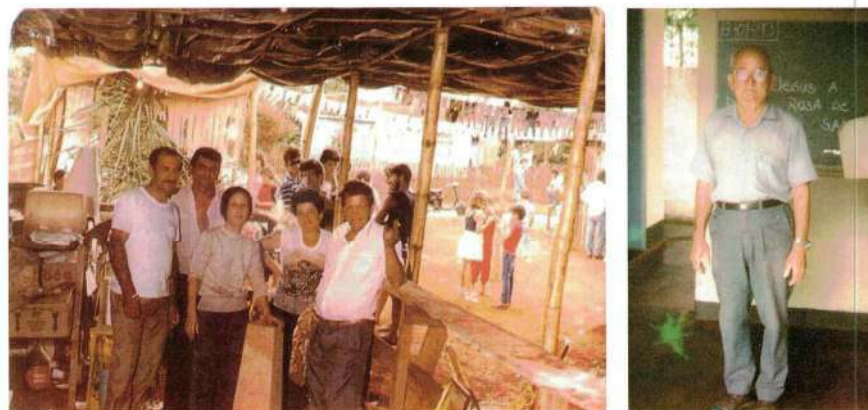


Desfile na 1ª Festa dos Caminhoneiros – outubro de 1981



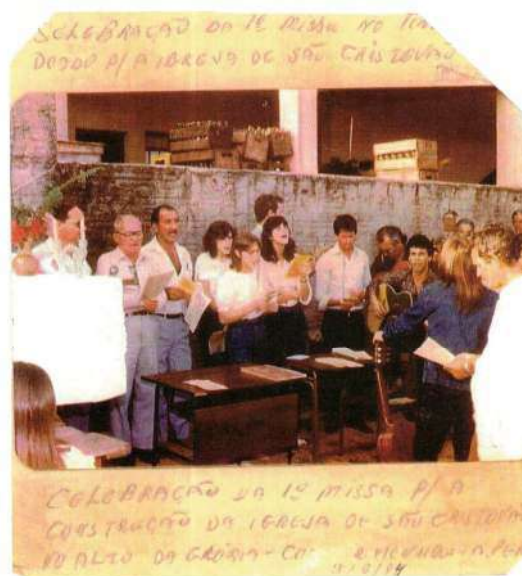
1ª quermesse no pátio da futura igreja – outubro de 1981

Um mês depois, em 13 de novembro 1981, houve a primeira reunião com registro em ata, para a posse do terreno onde seria construída a Capela “Sagrado Coração de Maria”, o nome mudou por sugestão de **Irmã Benta** (hoje o nome é Imaculado Coração de Maria). No dia seguinte (14 de novembro), **padre João Giomo** celebrou uma missa no terreno da futura capela, auxiliado pelo primeiro ministro da Eucaristia da comunidade, **Sr. Lino Zilli**. A partir daí começariam a ser realizadas no local várias quermesses e festas, tais como a Festa do Caminhoneiro (em outubro) e a de São Cristóvão (em julho). Tudo o que se realizava ali era em prol da construção da igreja.



Abelardo Furtado e fundadores da capela em dia de quermesse. À dir., o 1º ministro da Eucaristia, Sr. Lino Zilli

Conquista do terreno e a 1ª missa



“1ª missa no terreno da Igreja de São Cristóvão, no Alto da Glória (09/09/84)”

No dia 9 de setembro de 1984 houve a 1ª missa de ação de graças no terreno doado por Francisco Zambaldi, celebrada novamente pelo padre João Giomo. Apesar do nome sugerido por Irmã Benta (Sagrado Coração de Maria), dá a entender que a comunidade preferia o nome de São Cristóvão. Basta observar na legenda da **fotografia**, que traz, escrita a mão pelos fundadores, a seguinte anotação: “**Celebração da 1ª missa no terreno doado para a Igreja de São Cristóvão, no Alto da Glória - Conj. Henrique A. Pereira (09/09/84)**”.

No mesmo dia da missa festiva, foi feita a leitura da ata de posse do terreno e colocada a pedra fundamental para o início das obras. Abelardo Furtado (de bigode) aparece nas duas fotografias anteriores e também na colocação da pedra fundamental (abaixo). Outra liderança que aparece nas imagens é o ministro sr. Lino Zilli (de óculos). Na leitura da ata, segurando o microfone, está o sr. **José Dutra**, tradicional locutor das festas das comunidades e também assessor e cerimonialista da Prefeitura na época.



Leitura da ata de posse do terreno (09/09/1984). No mesmo dia, sr. Abelardo coloca a pedra fundamental

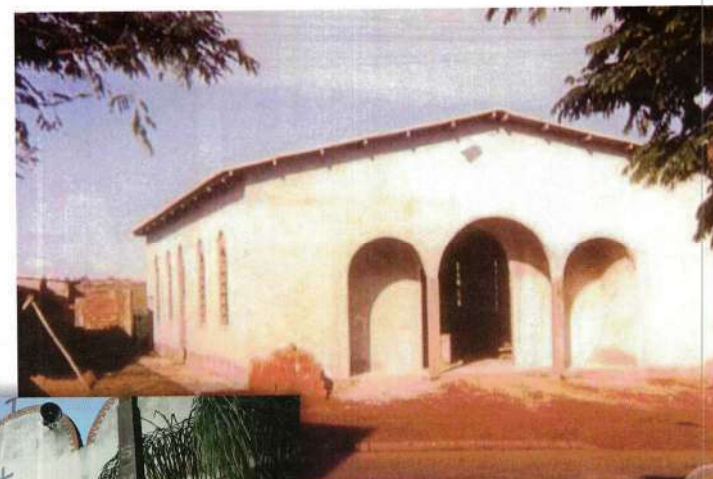
Começam as obras



Padre João Giomo celebraria várias missas no terreno (esta foi em 1984)

Em 07/12/1984, tiveram início as obras da capela, numa área medindo 600 m², na data "C", desmembrada do lote nº 424, da Planta de Ibiporã. Seria uma construção de 340 m², de alvenaria, com projeto assinado pelo engenheiro Élcio Rubens Vercesi. Até 1987, enquanto se aguardava o término da capela, as missas eram celebradas no Colégio Estadual Basílio de Lucca.

Em 1990 aconteceram missões em Ibiporã, com um grupo de freis franciscanos percorrendo as várias capelas. Eles permaneceram um período na comunidade e nessa época, mesmo estando ainda em construção, a igreja começou a receber missas. A data de passagem dos freis pela capela está inscrita no cruzeiro colocado no pátio de entrada: **dia 31 de agosto de 1990.**



A capela ainda em construção (acima) e a data anotada no cruzeiro: 31/08/1990

"A construção da capela sempre foi um anseio de toda a comunidade que, com dedicação, trabalho, união, perseverança e, acima de tudo, fé em Deus, realizou este sonho", diz a coordenadora atual, **Marli Gouvea Talizin**. Uma obra que, juntamente com as salas de catequese e de reuniões, "favorece a evangelização e oferece à comunidade um espaço adequado para os seus encontros e confraternizações", diz Marli.

Algumas datas marcantes

A comunidade relacionou alguns eventos importantes da sua trajetória: a 1ª Coroação de Nossa Senhora, em maio de 1989, coordenada pela sra. Rosa Edna; 1ª celebração de Primeira Eucaristia, em 20/12/1998, com 37 catequizandos; 1ª celebração de Bodas de Ouro, do casal Iraci e Antonio Zapparoli, celebrada em 19/09/1998; e 1ª Bodas de Prata - casal Marta Maria Sargentin e Antonio Bonasse Gimenes, celebrada em 17/01/2000. Além do Sr. Zilli, a comunidade teve como ministros Nita, Zélia, Nicolau e Anésio Honório.

A coordenação da capela tinha em 2014 os seguintes membros: Marli Gouvea Talizin (presidente), Mônica Alvarenga (secretária) e Antônio Galipi (tesoureiro). Atividade atuais: Equipes de Liturgia, Catequese, Terço dos Homens, grupo da Renovação Carismática, movimento da Mãe Rainha de Schoenstatt, Pastoral da Criança, Dia da Palavra e Palavrinha, grupos de reflexão, grupo de jovens, coral infantil e coral adulto.

* Colaboração para o histórico: Marli Gouvea Talizin



Coral Adulto Manto Celeste (acima) e o terço dos homens, com padre Cláudio



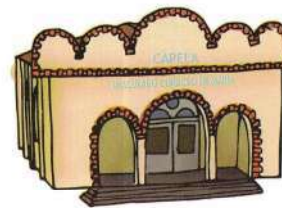
Srs. que participam do terço dos homens em dia de celebração



Um dia de missa, em 2015



1ª Eucaristia em 2014, com padre Paulo Alencar e as catequistas Suzana e Marli



Depoimentos

*no dia da visita à comunidade: 28/03/2015

A gente morava num sítio aqui no fundo, perto daqui, no Sugava, um japonês que tinha um sítio e que já faleceu. Aqui onde está igreja era tudo 'capoeira', depois 'tocou' casa em tudo [construíram]. Tinha umas 200, 300 casas. Já tá com mais de 30 anos que eu estou aqui. Fizeram uma alternada de casas por baixo e aí nós perdemos o direito à nossa casa. O meu marido ficou bravo e lembro que ele falou: 'É assim mesmo que acontece com o pobre'... Depois começaram a fazer essa rua onde a gente mora, aí saiu para nós a casa, é aqui pertinho, do lado de lá da escola [Vera Lúcia Casagrande]. Aqui na igreja lembro que todo ano tinha festa, no mês de julho, do São João, depois foi acabando. Nas festas, tinham muitas barraquinhas para vender as coisas, festas boas, as pessoas doavam os dias de serviços que levantaram essa igreja. Aqui é um pedacinho do céu!" (Geraldina Maria Rodrigues, 87 anos)



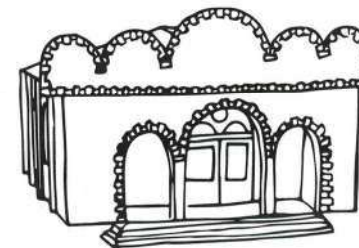
"Sou morador do bairro há 35 anos. Estou aqui desde 1980, quando começamos a estrutura para ser realizado esse sonho da capela. O seo Aberlardo, que foi o primeiro presidente do bairro, e nós conquistamos esse terreno com o Zambaldi. Depois fomos começando a construção e, graças a Deus, tudo correu bem. Fomos amontando, amontando, então, veio um anúncio abençoado de que a capela deveria se chamar São Cristóvão. Foi onde conseguimos montar a Festa dos Caminhoneiros. Trabalhamos muito, fomos ganhando os espaços e as fundações da obra, na base da força divina. Trabalhávamos de sábados, domingos, feriados e assim essa nossa capela está concretizada. O padre João [Giomo], uma lembrança que nunca mais vamos esquecer, foi do apoio que ele deu para levantarmos essa igreja. O que fazemos para Jesus Cristo e para São Cristóvão, que é protetor dos motoristas, nunca vamos esquecer. Outra coisa importante para mim é que depois de alguns anos o irmão Sebastião resolveu criar o terço dos homens. Esse terço está fazendo muito sucesso, na força do Movimento Apostólico de Schoenstatt e da Mãe Rainha [de Schoenstatt] nós estamos progredindo." (José Geraldo Milani)

Rainha [de Schoenstatt] nós estamos progredindo." (José Geraldo Milani)

"Faz mais ou menos uns 20 anos que me mudei para cá. Comprei uma casa e montei um comércio aqui no bairro, que com o tempo foi melhorando. Depois que foi implantado o Conjunto Pedro Splendor ali embaixo foi melhorando em todos os aspectos. Mas antes de mudar para cá eu já havia começado atuar aqui na capela do Serraia, porque eu era coordenador no ministério de música da Renovação Carismática na Matriz. Depois começamos a implantar grupos em todas as capelas, nos bairros. E quando me mudei para cá o padre Antonio Palermo era o pároco de Ibiaporã e todo o dinheiro que arrecadávamos aqui, inclusive com o dízimo, tinha que ser levado para a Matriz. Daí não ficava nada para nós investirmos em melhorias aqui na capela. Lembro que foi um período muito difícil... Daí na época do padre Cláudio ficou tudo melhor, porque o coração dele era de amor, de misericórdia. E a partir da época dele, quase tudo o que era arrecadado aqui começou a ficar na comunidade. Daí melhorou bastante. Todo ano fazíamos uma reforma, uma pintura, comprávamos microfones, alto-falante, som, bancos, cadeiras e todas as coisas que eram necessárias." (Laércio Calsavara)



"Essa capela era dedicada a São Cristóvão, porque tinha o Sr. Furtado, que quis que eu introduzisse no bairro a bênção dos caminhões e dos motoristas. Aí ele me pediu: 'Padre, vamos fazer uma capela aqui e dedicar a São Cristóvão?'. Lembro que ela foi levantada na minha época de pároco em Ibiaporã." (Padre João Giomo)



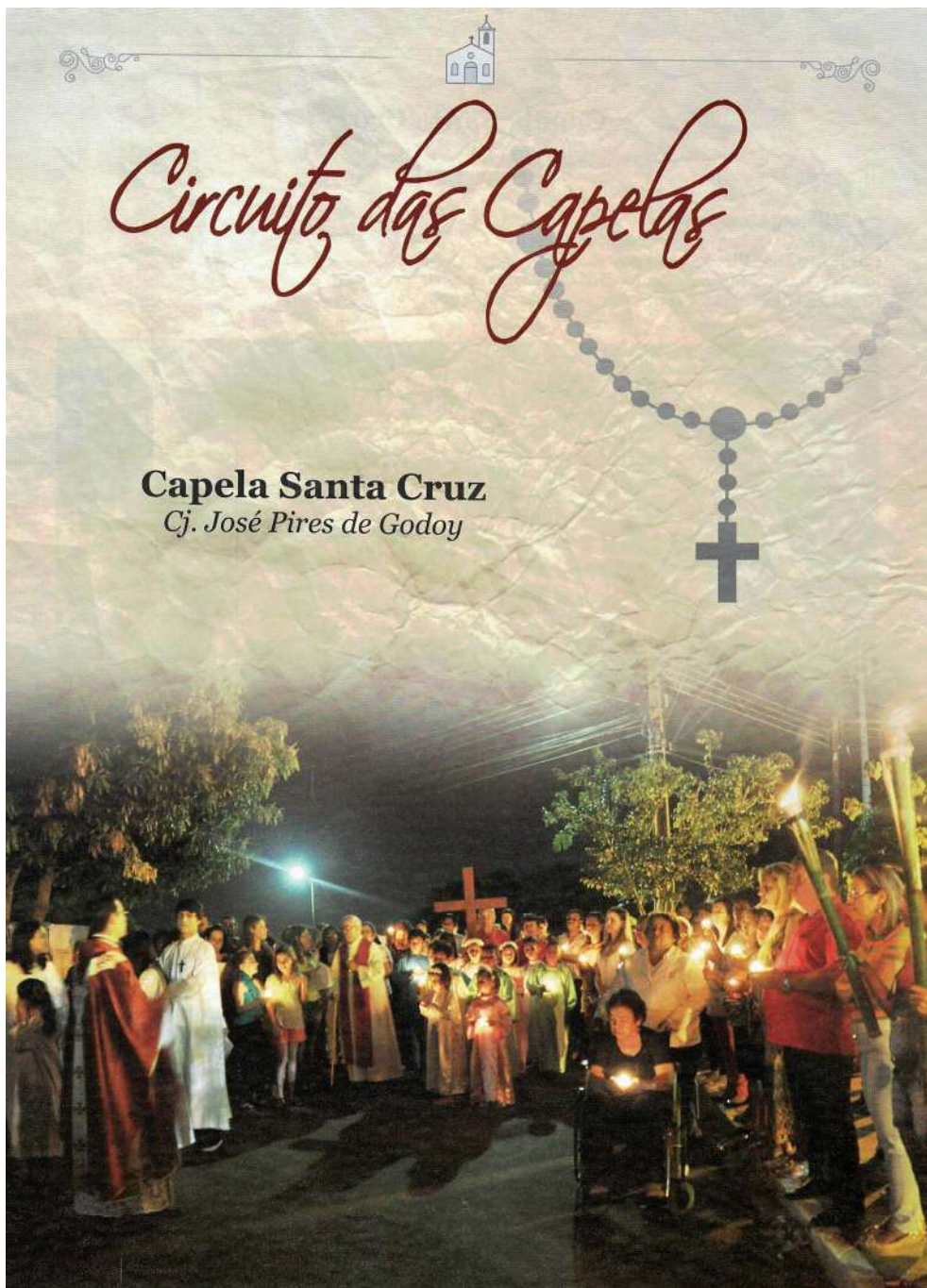
"Moro no [conjunto] Pedro Esplendor e ajudei a construir as casas lá em regime de mutirão. A gente trabalhava com os pedreiros, serventes e lembro que os bombeiros carregavam a água para a turma. Trabalhei lá uns dois anos e meio e depois que construí a minha casa me mudei para lá também. Foi gostoso, aprendemos muitas coisas... O Pedro Esplendor tem uns 19 anos, já o Serraia aqui é mais antigo. Lembro que comecei vir na capela porque os meus filhos precisavam fazer a catequese. Eu era aquele tipo de católica 'light', mas nessa direção de colocar os filhos na igreja foi tudo certinho. Daí fui chamada pra ser catequista e comecei a participar mais. Fui vindo, conhecendo aos poucos, participando da Renovação Carismática, fui fazendo de tudo um pouco na capela, sou ministra já há 4 anos e tenho 18 anos de catequista. Hoje está bem melhor a comunidade. O presidente, seo Anésio, trabalhou muito pela capela, pelas pessoas, pois é uma pessoa muito íntegra e honesta. Ele já foi ministro aqui, a Vani era coordenadora da Liturgia, as filhas trabalharam no coral e eu aprendi com essa família. Cada coisa que eu sei, devo a eles, até arrumar a toalha do altar aprendi com a Vani." (Marli Gouvea Talizin)



"Moro no [Conjunto] Pedro Splendor desde 1996 e sempre participei dessa capela. Depois casei e fiquei três anos lá em cima [Centro]. Mas logo voltei para cá. Sempre gostei daqui, coordeno grupo de reflexão onde eu moro e participo sempre das celebrações aqui." (Maria José da Silva Alves)



"Fui convidada a participar da Pastoral da Criança na capela e a implantação foi através da Dona Sebastiana, que nos convocou. Fizemos o curso, e estamos aqui à disposição para ajudar as mães e cuidar das crianças. A capela hoje está muito boa, mudou muito, cada vez tem mais reformas. Veja essa sala maravilhosa de catequese!" (Luzia da Silva)



Capela Santa Cruz

Cj. José Pires de Godoy

1ª CELEBRAÇÃO: 12/02/1984
LOCALIZAÇÃO: Rua Aparecido Antônio de Deus
Conjunto José Pires de Godoy
FESTIVIDADES: Missa da Exaltação da Cruz, dia 14 de setembro
HORÁRIO DE MISSAS: toda 3ª quarta-feira do mês, às 20h



Padre Domenico Rotunno na celebração de 2015 no dia da visita à comunidade

Histórico

O Conjunto Habitacional José Pires de Godoy foi fundado em 1981, mas demorou para receber missas ou celebrações no local, o que só ocorreu em 1984, quando alguns moradores se organizaram para este fim. A primeira missa aconteceu em 12 de fevereiro de 1984, celebrada pelo **padre Rino Nogarotto**.

Como não havia capela, entre os anos de 1984 e 1990, as missas eram celebradas no primeiro Centro Comunitário do bairro, onde hoje é o Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) **Cantinho Feliz** (foto).

Circuito das Capelas



CMEI Cantinho Feliz foi o 1º local das missas

Quem organizava as missas era o **sr. José Francisco da Silva Junior** e sua esposa **Joana**, além de outros moradores, como **sr. Francisco, dona Izolina e dona Geni**. Naquela época (1984), a comunidade e o pároco da Matriz de Ibioporã, **padre João Giomo**, já lutavam para a construção de uma capela no conjunto, mas enfrentavam dificuldades para encontrar um terreno adequado.



Centro Comunitário André Rossato: local das celebrações a partir de 1991

Em maio de 1991 foi construído o **Centro Comunitário André Rossato**, local onde as missas passaram a ser celebradas. Em 2014, quando começou a ser redigido este histórico, como ainda não havia capela, as missas eram sendo realizadas nas casas das famílias. Esta realidade, porém, está prestes a mudar, pois está sendo construída (aos poucos) a Capela Santa Cruz, na Rua Aparecido Antônio de Deus.

O sonho da construção iniciou em 2010, por iniciativa da Paróquia Nossa Senhora da Paz (Matriz) e de uma comissão já formada, que fez uma visita ao bairro à procura de um terreno.

“Após muitas lutas e orações e graças ao apoio dos párocos, padres **Rino, João Giomo, Antonio Palermo, Claudio Romano e Giancarlo Vecchiato**, e com a providência divina e a participação importante de dois 'servos' da comunidade, os senhores **Armando Longhi e José Francisco da Silva Junior**, foram adquiridos dois terrenos, um ao lado do outro, na época custeados pela Paróquia Nossa Senhora da Paz”, conta o atual líder da capela, **Uberman Antônio Lima**.



Início das fundações da futura igreja, em 2010

A partir daí foi iniciada, com a ajuda da comunidade, uma campanha para a construção da futura Capela Santa Cruz, nome escolhido por meio de votação entre os fiéis e sugerido pelo **padre Domenico Rotunno**.

Em 2014 foi iniciada a construção, com a instalação das colunas, as vigas pré-moldadas e a cobertura. “Com a graça de Deus, a obra acontece e em breve todas as missas serão realizadas neste local”, diz Uberman.



Barracão em 2014: o esqueleto da capela



Sra. Aparecida, esposa de Armando Longhi, recebendo a equipe na 1ª visita

**Colaboração com dados: Uberman Antônio Lima*

Procissão luminosa e Exaltação da Cruz

O dia escolhido pela comunidade para a gravação de entrevistas com os mais antigos – 13 de setembro de 2014 – não foi ao acaso. No dia seguinte (14) seria a festa da Exaltação da Santa Cruz. E para marcar a data, houve procissão luminosa pelas ruas do bairro (fotos) em direção ao terreno onde está sendo construída a capela e foi celebrada ali a primeira missa no barracão.



Primeiro as entrevistas com os pioneiros...



Em seguida o povo saiu em procissão

Mãos à obra

Nas entrevistas, os moradores mais antigos e os responsáveis por liderar a obra da igreja se emocionaram ao falar das conquistas, mas pediram a ajuda de todos para que seja viabilizada a sua construção.

Em 2014 foram concluídas as primeiras salas de catequese, no fundo do terreno, e a comunidade se movimentava para dar prosseguimento à construção, que deve levar cerca de dois anos. Entre os que tem auxiliado neste tarefa foram mencionados os srs. Armando Longhi (da atual diretoria), Renato, Cleverson, José da Silva e Uberman Lima.



1ª missa no barracão onde está sendo construída a igreja. No fundo, já há salas de catequese

Depoimentos

*na visita à comunidade: 13/09/2014



“Quando chegamos em Ibioporã a Igreja Matriz de ainda era de tábuas, tinha muita poeira e não tinha asfalto... Aqui onde hoje é o bairro havia um pasto e faziam rodeio. Aos poucos foram acabando os rodeios e chegaram as casas [do conjunto]. Eu sempre vinha nas missas, que aqui eram uma vez por mês. Era rezada onde é o posto de saúde. A igreja que vai ser construída vai ficar um pouco longe pra mim, mas é bom que levante essa igreja, para a gente poder participar.” (Aparecida Ceranto Pauleti)

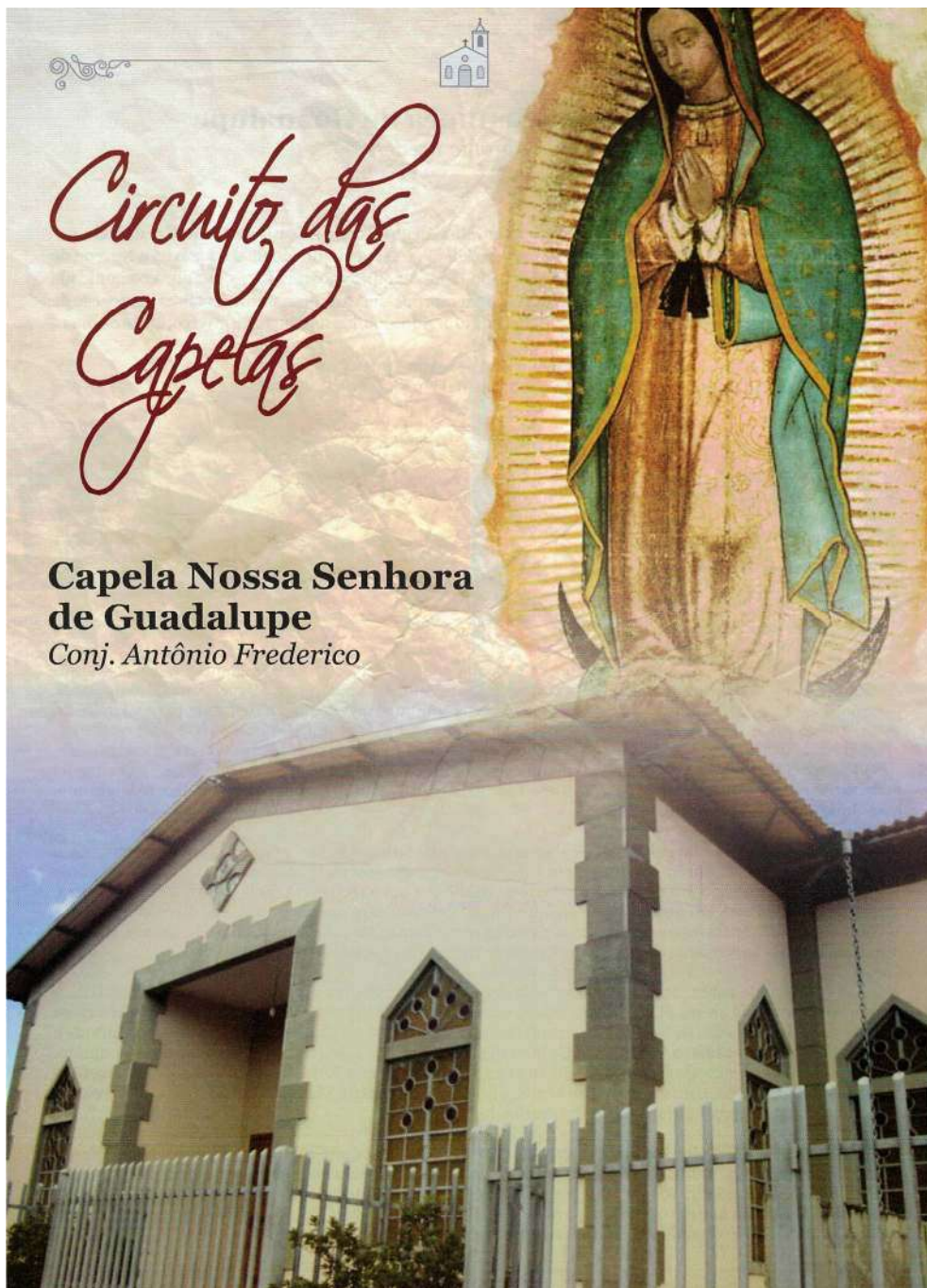
“Eu moro aqui há 32 anos. Desde quando eu era moleque, mexia com boi aqui na região e por toda a cidade. São 50 anos em Ibioporã. Nós conhecemos isso aqui como a palma de mão, desde quando iniciou a construção dessas casas [1981]. Um ano depois eu vim morar aqui, porque antes morava no sítio, na Água do Jacutinga e frequentava as missas lá. Casei, comecei a trabalhar com caminhão e quando cheguei à cidade vim morar aqui nessa casa. Sempre frequentei a Matriz e também a capela do Bom Pastor. O pessoal aqui do Pires de Godoy se divide um pouco. Uns vão no Bom Pastor, mas a maioria ainda frequenta a Matriz. Agora com a capela aqui vai melhorar muito... Já tava na hora de construir, né? A cidade foi crescendo e o bairro já estava precisando de uma capela.” (Orelino Pródromo)



“Estou aqui há uns 35 anos. Assim que inaugurou o bairro nos mudamos para cá e até hoje estamos aqui. Era um bairro que não tinha muita gente, depois foi aumentando e ficamos como se fosse uma família. Somos muitos amigos e com isso acabamos conquistando muita coisa boa. Inclusive estamos lutando para fazer a igreja, que todos nós precisamos, principalmente os mais novos, que estão indo para outro caminho. Se tiver a igreja mais próxima, incentiva eles a participarem com a gente. Como sou um morador antigo, faço questão de dar uma força, estando sempre junto. Lembro que quando começaram as celebrações, primeiro eram ali posto de saúde, no [ginásio] Munhequinha. Ficamos muito contentes de ver a evolução que está acontecendo hoje, os amigos tem que se unir e participar de coisas boas. Inclusive tenho comentado com o Armando [Longhi]: ‘vamos lutar para trazer mais amigos para conquistarmos mais coisas para a nossa igreja.’” (José de Souza)

“Estamos aos poucos tentando construir a capela. Já tem a cobertura e foram construídas as duas salas de catequese, que inauguramos essa semana. Faz tempo que começamos as reuniões e vamos caminhando. A gente se sente muito feliz, fazendo o possível para se manter nessa caminhada. Moro aqui há 24 anos e naquela época as missas eram rezadas na creche. Todo esse tempo houve missas e a gente sempre esteve unido à comunidade. Depois que foram compradas as duas datas pela paróquia, iniciamos as reuniões, com o José da Silva, o Uberman, o Cleverson e o Luiz. Fizemos esse muro [lateral] com as doações do conjunto e também um mutirão para tentar fechar, mas ainda precisamos terminar. Para fazer a cobertura, tivemos mais doações dos padres, o dízimo. Penso que a comunidade precisa se unir mais para podermos construir, só assim nós vamos conseguir.” (Armando Longhi)





Capela Nossa Senhora de Guadalupe

Conj. Antônio Frederico

1ª CELEBRAÇÃO (no bairro): fevereiro de 1987

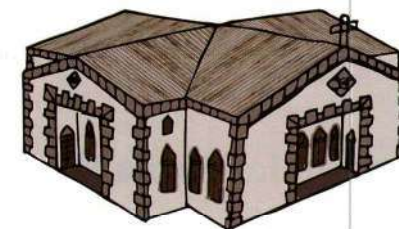
INÍCIO DA CAPELA: 03/03/1992

LOCALIZAÇÃO: Rua 19 de Dezembro, esquina com Rua Alcides Tonon - **Conj. Antônio Frederico**

ATIVIDADES IMPORTANTES: Durante a Quaresma, há Via-Sacra às 20h; no final do ano há a Novena de Nossa Senhora de Guadalupe (presidida pelo diácono Jaime Sípoli), às quartas-feiras, às 20h. A comunidade promove a Festa do Porco no Rolete no meio do ano e sempre no dia 12 de dezembro há a missa e coroação de Nossa Senhora de Guadalupe (a padroeira). Há ainda um tríduo luminoso, com reza do terço, antes do dia 12 de dezembro.

HORÁRIO DE MISSAS: no 1º, 2º e 4º domingos do mês às 10h

Todo dia 12 de cada mês há missa em honra a N. S. de Guadalupe, às 20h



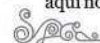
Histórico do bairro

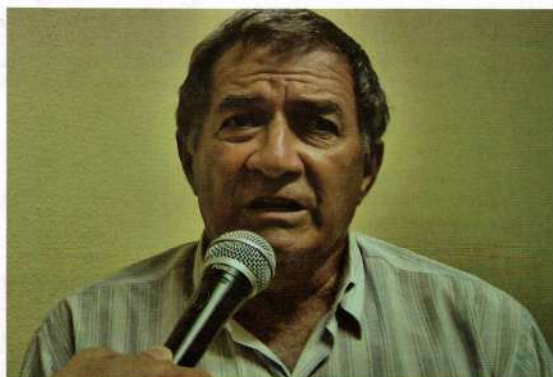
A história da Capela Nossa Senhora de Guadalupe tem relação com a implantação dos conjuntos habitacionais ao seu redor: Ângelo Maggi, Padre Rino, Antonio Frederico e Miguel Antico. **Nelson de Oliveira**, um dos fundadores da capela, conta que o Conjunto Ângelo Maggi, de frente para a igreja, foi construído em 1981 e teve a sua primeira associação de moradores em 1983. Nelson a dirigiu duas vezes e era um líder da região. Em fevereiro de **1987**, recorda que foi celebrada pelo padre João Giomo a primeira missa no bairro. "Foi celebrada na frente da minha casa [na Rua Clóvis Ferreira, no Ângelo Maggi]. O altar foi montado na frente da minha sala e o povo ficou na rua. Alguns que ainda moram por aí podem se lembrar: o sr. Julio, o Almeida, sr. Carlos."

Após a missa, surgiu entre os jovens a ideia de formarem um grupo para movimentarem a comunidade. Faltava, porém, um lugar para se reunirem e para serem realizadas as missas "O local onde hoje é o centro comunitário era na época um terreno baldio e o povo reclamava, pois jogavam ali muito lixo. Entramos então com um pedido ao ex-prefeito Daniel Pelisson para que construísse no terreno um centro comunitário. Assim foi feito e esse centro aí passou a servir para tudo: culto, missa, aula de capoeira, reunião, dança, festas de aniversário, de casamento", recorda Nelson de Oliveira.

A partir de então, as missas passaram a ser celebradas uma vez por mês no centro comunitário. A criação do grupo de jovens JUAC se concretizou dia 19 de julho de 1987, tendo como responsável **Emerson José de Oliveira**, filho de Nelson e hoje professor da rede pública em Ibitiporã. Em julho de 1990, durante a vinda das missões ao bairro, o **frei Toni Coletti** sugeriu aos jovens a construção de uma capela no conjunto. Na época, já despontavam lideranças religiosas na localidade, como Nelson de Oliveira e o sr. **Anselmo Massi**. Fábio Giroldo, neto de **Anselmo Massi** e filho de **Esmeralda Massi Giroldo**, conta que o seu avô começou rezando terços no terreno que foi destinado à capela.

Nelson de Oliveira lembra que o pedido de construção foi endereçado a ele por ser na época o presidente do bairro. "O frei Toni foi almoçar na minha casa e perguntou quem era o presidente da associação de moradores. Respondi: 'sou eu'. Daí perguntou quem era o coordenador do grupo de jovens no qual ele tinha ido. Respondi que era o Emerson, o meu filho. Então ele me falou: 'Pois vocês têm uma grande missão aqui no bairro. Essa comunidade está pedindo uma igreja católica.', anunciou.





Nelson de Oliveira: "O frei Toni foi almoçar lá em casa me falou: 'você têm uma grande missão aqui no bairro; essa comunidade está pedindo uma igreja'"

1ª diretoria em 1991

A partir de 1991, tiveram início então as reuniões para construção da capela, juntamente com o padre **Antonio Palermo**, que havia assumido a paróquia em 1990. Foram sugeridos alguns nomes para comporem a 1ª diretoria em prol da construção da capela, que foi formada pelos moradores dos conjuntos: presidente - Sérgio Aparecido Ferrari, vice-presidente - José Rogério Lopes Machado, 1º tesoureiro - José Cândido Ferreira, 2º tesoureiro - Sebastião Sarábia Filho, 1º secretário - Edson Roberto da Silva, 2º secretário - Valdemar Philipini, conselheiros - Ailton Firmino da Silva, José Dirceu Cândido, Luiz Pereira Lopes, Mauro Cazzaro e Nelson de Oliveira.

As reuniões eram sempre presididas pelo padre Antônio. Quanto ao nome para a nova capela, foram sugeridos vários em uma reunião e, por coincidência ou não, era dia **12 de dezembro de 1991** e um dos nomes sugeridos foi o de Nossa Senhora de Guadalupe. Padre Antônio levantou e lembrou que justamente naquele dia (12 de dezembro) se comemorava Nossa Senhora de Guadalupe, a Padroeira da América Latina. Todos gostaram do nome e ficou assim denominada a nova capela como *Nossa Senhora de Guadalupe*. Nome que depois ganhou uma música composta por David Negrão, "Senhora de Guadalupe".

O primeiro terreno que seria doado pela Prefeitura, na gestão do então prefeito José Maria Ferreira, ficava entre os conjuntos Ângelo Maggi e Padre Rino, mas devido ao desnível, o custo do alicerce ficaria muito alto e o da obra também. O prefeito disse que só a Câmara Municipal poderia aprovar a mudança. "O padre Palermo determinou então às lideranças que fizessem um abaixo-assinado para solicitar um terreno mais plano, onde está hoje a igreja. "Essa foi a parte mais difícil: recolher assinaturas. Fomos de casa em casa, suamos, mas conseguimos 682 assinaturas se não me engano. Até evangélico assinou em favor da nossa igreja", lembra Nelson Oliveira. A ação deu resultado e foi então doado o outro terreno no Conjunto Antônio Frederico.

O "milagre" da construção – 1992

As obras para a construção se iniciaram no dia 3 de março de **1992**, com a celebração de uma missa campal pelo padre Antônio Palermo. Os trabalhos começaram em forma de mutirão, com os próprios moradores fazendo as vezes de pedreiro, servente e carpinteiro. Mesmo com a obra em andamento, eram celebradas missas no terreno todo 1º domingo do mês, com bancos e altar improvisados.

O pioneiro **José Antônio Tonon**, morador no bairro há 40 anos [antes frequentou a Capela do Guarani, onde também contou as suas histórias relativas ao local] relatou à nossa equipe durante a gravação alguns 'milagres' em forma de doações, que viabilizaram a construção da igreja da Guadalupe. Tonon liderou a construção e disse ter recebido uma visão de Nossa Senhora para não desanimar da empreitada. Veja o seu relato:

"Mandamos fazer o projeto da igreja e o Zé Maria [prefeito] falou que quando fôssemos marcar a obra, ele queria estar presente. Quando os caras vieram, liguei e ele veio aqui. Lembro que ele me disse: 'Puxa 6 metros mais para lá, porque vai sobrar muito espaço aqui'. Fiquei preocupado com o tamanho que ia ficar, pois essa igreja era para ser menor. Mas no outro dia, ele mandou 5 mil tijolos para começarmos a capela.



José Antônio Tonon contando os 'milagres' que aconteceram para a construção

Começamos fazendo a fundação, alicerce, tentamos fazer em mutirão, mas não funcionou. Um não queria vir, o outro tinha compromisso... Ficou uma

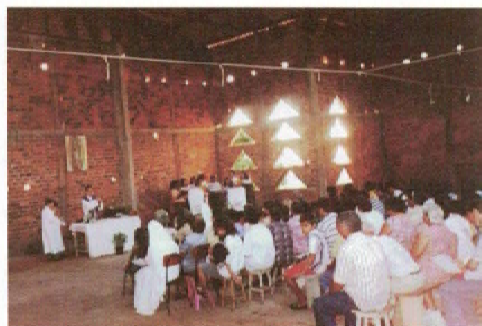
mureta e o mato para cima da mureta. Daí o padre Antônio ia para Itália e eu perguntei se ele me autorizava erguer a igreja. Ele autorizou e falou para a secretária bater as fichas para eu pedir doações. E era uma época de uma crise feia, tinha tido seca em 1990/91. Mas conseguimos erguer as paredes, passamos a 'cinta' e daí demos uma parada.

Mas vou te revelar uma coisa: um dia eu estava dormindo e clareou o teto do meu quarto. Apareceram muitas nuvens e três arco-íris. No meio dos três, apareceu Nossa Senhora, do jeito que ela está na parede da nossa capela. Ela falou: 'filho, olha pra mim, eu sou Nossa Senhora, vim aqui, porque eu escolhi você e quero ver a minha igreja, a minha casa coberta. Você pode ir, onde você for, estarei junto com você e tudo o que pedir, vai conseguir. Levantei da cama, olhei no relógio e eram 3 horas da manhã.

No outro dia eu levantei e fui pedir cimento, porque a igreja ainda estava na terra, não tinha contrapiso, não tinha nada. Até o meio-dia, eu ganhei 90 sacos de cimentos. E tinha falado antes com o Jailson, na Betontex, que me disse: 'Se você me der o cimento, eu te dou o concreto triturado, na porta da igreja'. Ai levei o projeto, ele calculou e me disse que iam 65 sacos para fazer o contrapiso. 'Então vai dar, porque eu já tenho 90 sacos'.

Fui comprar na Casa Rosan. Depois fui falar com o Dorival, que era o prefeito, e pedi ajuda para esparramar o concreto na igreja. Levei o cimento lá na Betontex e no outro dia cedo, era um sábado, tive que levar duas pessoas só para abrir os sacos e jogar na bica [do caminhão]. Olha, naquela noite, de sexta pra sábado, eu não consegui 'fechar o olho'. Quando foi 8 horas da manhã, chegamos com o primeiro caminhão de concreto no terreno. E quando deu meio-dia o contrapiso da igreja estava pronto! São coisas que emociona só de lembrar...

Depois tive um novo sonho com Nossa Senhora me pedindo que a igreja fosse coberta. E eu tinha na época muita amizade com o seo Américo Bergamin, dono da Infibra. Levei o projeto a ele e falei que precisava de telhas para cobrir a igreja. Ele pediu para o contador dele calcular e me disse: 'Amanhã cedo as telhas estarão lá'. Dito e feito. Daí precisava da armação e a gente não tinha dinheiro pra nada. Fui na Arcos e fizeram o preço de custo dos ferros e nos deram a igreja com a estrutura montada. Foi dessa forma que conseguimos cobrir; foi tudo uma benção! Eu tenho muitas outras histórias, mas prefiro guardar em segredo, em respeito a Nossa Senhora", disse Tonon.



Padre Antônio Palermo celebrando, com a construção ainda em andamento



O desafio iniciou em 1992



Mutirão para a construção: no centro, de branco, José Antônio Tonon



A igreja coberta aqui já com as janelas desenhadas por Henrique Aragão

Em abril de 1992, houve alterações na diretoria. O tesoureiro passou a ser David Negrão, o 2º secretário, José Tarcísio Ramos e como conselheiro assumiu Maurício Semprebom. Em agosto de 1993, nova alteração: Lucia Aparecida Zaqueo Lopes Machado passou a ser a tesoureira e Paulo da Silva, conselheiro.

Adequações artísticas a partir de 1995

Em dezembro de **1994** foi eleita uma nova diretoria, composta por: presidente - Aílton Firmino da Silva, vice-presidente - Nelson de Oliveira, 1º tesoureiro - Luiz Giroldo da Silva, 2º tesoureiro - José Gomes, 1º secretário - José Antonio Tonon, 2º secretário - Luzia Bueno Leme e 3º secretário - Francisco Leme. Em 1995, foram substituídos dois membros: Emerson José de Oliveira entrou como 2º secretário no lugar de Luzia Bueno e Arlan Cruz como 3º secretário no lugar de Francisco Leme.

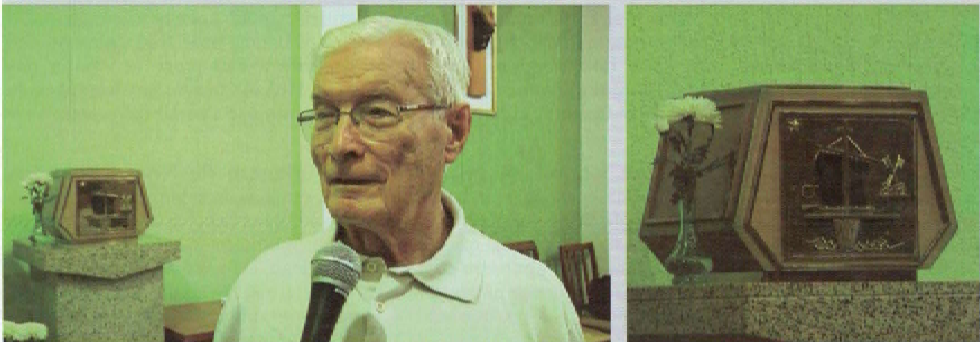
O desenho da capela, segundo o histórico informado pela diretoria, foi concebido pelos freis que vieram na missão de 1990, entre eles o frei Toni. O projeto é de estilo barroco. Seu formato é de uma cruz (como também é o da Igreja Matriz de Ibiporã). Pode-se verificar esse desenho com o auxílio de imagens aéreas ou olhando as plantas baixas do projeto, de autoria do engenheiro Edson Schimitt.

Porém, a capela inicialmente se assemelhava a um barracão e carecia de detalhes arquitetônicos. Por isso, em 1995 o padre Severino Crimella pediu que fosse contratado o artista plástico **Henrique de Aragão** (que morreu em 2015) para fazer um projeto e novos desenhos dos vitrôs, portas, janelas e detalhes que agregassem beleza à construção.

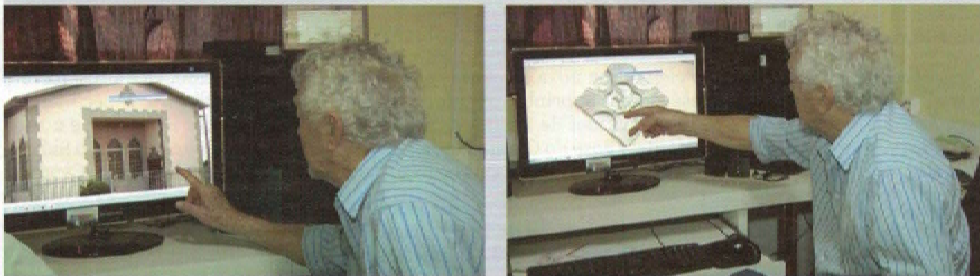
Obras de Henrique de Aragão

Em entrevista à equipe do *Circuito das Capelas*, dia 12 de fevereiro de 2015, padre **Severino Crimella**, do PIME, contou que quando chegou a Ibiporã a Capela Guadalupe ainda não era pintada e não tinha detalhes. “Os primeiros vidros eram pequenos triângulos e aquilo não era artístico. Começamos então a renovar o presbitério. Colocamos primeiro o crucifixo e depois foram feitas essas duas colunas [na parede atrás do altar]. Depois colorimos de verde. Pedimos então para o Henrique melhorar a parte externa e ele começou fazendo essas janelas maiores”, relatou.

“Elas deram um aspecto mais de igreja ao salão. Também foi aberta uma porta grande na entrada, centralizada, que ficou bem melhor. Certamente é uma capela muito bonita, não somente do ponto de vista artístico, mas pelo seu formato para as celebrações, pois aqui o padre abraça com o olhar todos os que estão na missa. É bem diferente da Matriz, onde têm aquelas colunas...” Padre Severino projetou o altar e o sacrário, que tem o desenho de uma vela de navio: “Essa vela representa o trabalho do missionário, pois quando cheguei ao Brasil vim de navio. Foram mais de 20 dias de viagem da Itália até aqui.”

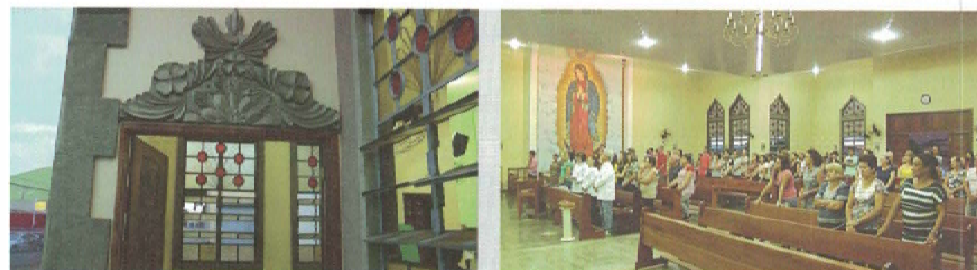


Padre Severino e detalhes do sacrário que projetou



Henrique mostrando as portas que desenhou e detalhes em concreto, no alto da fachada

Henrique Aragão fez primeiros novos vitrais e janelas e depois detalhes em concreto nas colunas e em torno das portas de acesso. “Cada detalhe desse contorno das portas principais, que é repetido também nas colunas, cada bloco é feito separado e depois é aplicado na alvenaria. Veja se não é harmoniosa a frente dessa igreja? Todos esses detalhes externos fui eu que concebi para que a igreja ganhasse uma beleza”, disse Aragão. “Já esses detalhes [losangos] no alto das duas entradas representam um sol e ao mesmo tempo uma cruz para lembrar Jesus. Olha aqui também a bandeirinha de Jesus e Ele está representado por um cordeiro, pois é “o cordeiro imolado”, como está na Bíblia. E o cordeiro está cima de um livro, a Bíblia. Nessa obra você nota que há toda uma preocupação com a harmonia, você vê imediatamente que isso dá trabalho. E tem essas portas de madeira, entalhadas, os moldes de concreto acima delas. Também fui eu que esculpi”, acrescentou o artista. Essas portas novas foram encomendadas pela capela em 2010.



As portas, detalhes e vitrais, vistos de dentro da igreja, tiveram a mão de Henrique Aragão

Quadro de N. Sra. de Guadalupe

Em dezembro de 1996, realizou-se a primeira quermesse no pátio da capela, onde hoje existe o salão de festas. Houve uma extensa programação que incluía novenas, passeio ciclístico, procissão e almoço. Em 1997 foram inauguradas duas salas de catequese, pois anteriormente a catequese acontecia nas dependências do Colégio Estadual Teotônio Vilella, sob a coordenação de Mirian Clarice. Em dezembro de 1999 foi realizada a primeira missa de 1ª Eucaristia, celebrada por padre Antônio, e a partir daí passou a ser realizada todos os anos.

Nesta época foi adquirido no México um **quadro com a imagem de Nossa Senhora Guadalupe**, doado pelo sr. Mário Danna, que hoje se encontra no hall de entrada da catequese. O quadro é réplica do original que há no Santuário de Guadalupe, no México. Padre Severino destaca a importância da obra: “Esse quadro para mim é o mais fiel ao original que há no México. É uma memória histórica desta capela. É a foto da Nossa Senhora, assim como apareceu ao índio Juan Diego. Dá para ver que dentro das pupilas dos olhos dele se vê quando foi ao bispo e este não queria construir a igreja. Foi quando aconteceu um milagre. Era inverno e Nossa Senhora pediu a Diego que subisse a uma montanha e fosse buscar rosas. O índio encontrou rosas que não crescem no inverno, colocou dentro do seu manto e foi aí que se imprimiu a imagem de Nossa Senhora”, explicou padre Severino.

Diretorias até 2006

Em fevereiro de 1997 foi eleita uma nova diretoria: presidente - Wilson Salgado, vice-presidente - Marcelio Vital, 1º tesoureiro - José Gomes Sobrinho, 2º tesoureiro - Emerson J. de Oliveira, 1º secretário - José Antônio Tonon, 2º secretário - Benildes de Paula e conselheiro - Antonio Acácio. Em abril de 2000, assumiram outras pessoas: presidente - José do Carmo Pereira Pimenta, vice-presidente - Geraldo Sidney de Souza, 1º tesoureiro - Noel Josemir da Cruz, 2º tesoureiro - João de Lucas, 1º secretário - José Cândido Ferreira e 2º secretário - Luzia de Andrade.

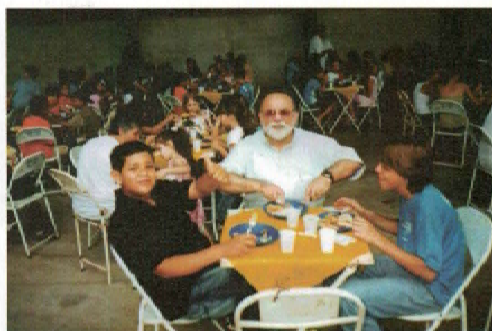
Em agosto de 2000, foi iniciada a **pintura da imagem de Nossa Senhora de Guadalupe** numa das paredes da Capela, pelo pintor e artista Beto, de Ibiporã. A imagem tem 6 metros de altura por 4 de largura.



Pintura da imagem da virgem, feita pelo artista Beto em 2000

Dom Albano e padre Antônio Palermo

No dia 2 de fevereiro de 2002, foi eleita outra diretoria: presidente – João Correia dos Santos, vice-presidente – Carlos dos Santos, 1º tesoureiro – Aparecido dos Anjos Stocche, 2º tesoureiro – Rosilda de Lima dos Santos, 1º secretário – Rosa Venâncio Assmann, 2º secretário – Maria de Fátima dos Santos e conselho fiscal – Marli Egídio Stocche e Francisco Assmann. Em 30 de fevereiro de 2004, remanejamento da diretoria, com novo presidente: Aparecido dos Anjos Stocche, vice - Carlos R. dos Santos, tesoureira – Rosa Assmann, vice-tesoureira – Rosilda dos Santos e secretária – Maria de Fátima dos Santos. Em 12 de março de 2006, assumem novos membros: presidente – Elias Lopes da Silva, vice-presidente – Luiz Carlos Benato (depois Darci Camargo), 1º tesoureiro – Fábio Alessandro Giroldo, 2º tesoureiro – Paulo Cesar da Silva (Valdomiro de Caires), 1º secretário – Izabela A. de Oliveira Silva, 2º secretário – Luci Maria Silva e conselheiros – Angélica Giroldo, Evaldo Cruz de Souza e Helena de Souza.



Padre Cláudio em um dos almoços festivos na Guadalupe

A partir de 2010, 'Conselho da Comunidade'

A partir de 2010, o nome "diretoria" foi modificado para **Conselho Pastoral da Comunidade (CPC)** quando foram eleitos os novos membros, que permaneciam os mesmos até o final de 2014 (quando foi finalizado o histórico): presidente - José do Carmo Pereira Pimenta, vice-presidente - João Correia dos Santos, 1º tesoureiro - Carlos Roberto dos Santos, 2º tesoureiro - Almir Rossato, 1º secretário - Lucia Aparecida Zaqueo Lopes Machado, 2º secretário - Elias Lopes da Silva. E os seguintes representantes da comunidade: catequese - Rosalba (Balba) e Fátima; grupo de jovens - Brendoll Zaqueo Lopes Machado; Mãe Peregrina - Maria de Lourdes Susigan; MESC - Rosa, Luzia, Maria Glatz, Elenice e Valdinéia; terço dos homens - Elias da Silva; dízimo - João Correia; RCC - Almir Rossato e Conselho Fiscal - Evaldo C. de Souza.



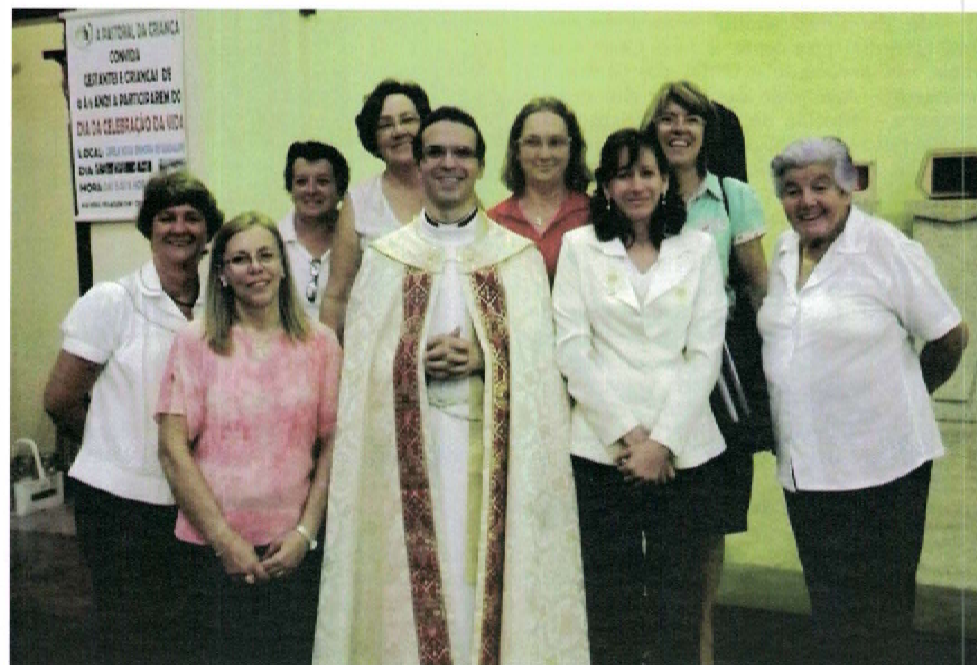
Lançamento de selo em homenagem a Nossa Senhora de Guadalupe - 2010

Desde 2010 houve muitas melhorias e novas atividades na capela. Algumas delas:

- * Mudança das portas laterais para uma grande porta central, com estudo feito por Henrique Aragão e executado pelo construtor Nilson Lourenço da Silva.
- * Foram restauradas as pinturas originais interna e externa da capela, retornando ao estilo barroco.
- * Fechado o salão de festas com portas de ferro e vitrais em cima em todas as laterais, colocação de ventiladores, foi reformulada toda a rede de energia elétrica do salão.
- * Foram colocadas a mesa da Palavra e a pia batismal em mármore.
- * Em 2010, o prefeito José Maria doou uma imagem em madeira de Nossa Senhora de Guadalupe, trazida da Bahia.
- * Em 2010 foi lançado um selo dos Correios em

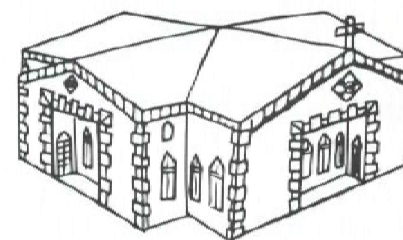
homenagem a Nossa Senhora de Guadalupe.

- * Em 2012, houve Crisma pela primeira vez na capela.
- * Em 2012, início da Pastoral do Batismo na comunidade. A cada dois meses são realizados batizados.
- * Em 2014 foram realizadas pela primeira vez na capela todas as celebrações da Semana Santa.
- * A catequese passa a ter 20 catequistas que se dedicam à evangelização de mais de 200 catequizandos.
- * Salão de festas é equipado com mesas, churrasqueiras, freezers e fogões para locações.



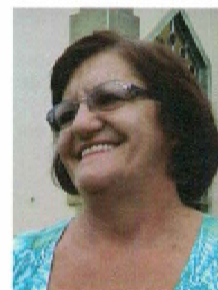
Padre Paulo Alencar com ministras e coordenadoras - 2014

* Colaboração com o histórico e fotos: Lucia Zaqueo Lopes Machado



Depoimentos

*no dia da visita da equipe à comunidade: 12/02/2015



"Nós morávamos aqui, mas íamos na Matriz. Então a comunidade se reuniu para ter uma igreja aqui. Vinham toda semana aqui rezar e não tinha nada. Colocávamos um tijolinho para acender a vela em cima. A 'velharada' vinha tudo aqui rezar e o meu pai, Anselmo Massi, não saía daqui. Ele tinha o sonho de ver a capelinha construída, mas infelizmente Deus o chamou primeiro. Só consegui ver as paredes erguidas, mas tenho certeza que hoje ele está muito feliz, porque temos a igreja na nossa porta. Lembro de quando cobriu a igreja e teve a primeira missa lá dentro, isso me marcou." (Esmeralda Massi Giroldo)

"Sou morador aqui desde o início do conjunto. Quando começou a construção da capela, celebrávamos a missa no terreno e só tinha um concretinho no altar do padre. Nada mais. Todos os meses tinha missa ali. E se fazia duas festas por ano para juntar dinheiro, embora o forte mesmo eram as doações, de tijolo, de areia, cimento. Por isso foi levantada rápido a capela. Eu trabalhei bastante na construção. E uma coisa que me marcou foi quando estávamos fazendo o piso. Nós tínhamos um presidente que comprava uma costela com mandioca e assava. O objetivo era juntar o pessoal para cavarmos o chão e nivelarmos o chão da capela para depois colocar o concreto. Aquilo ficou marcado porque aglomerava o pessoal, não só para comer, mas para ajudar. Na inauguração, eu lembro que tinha aqueles bancos simples, sem encosto, o piso era bruto e as paredes sem reboque. As festas eram com música caipira e nas barraquinhas vendiam doces, salgados, batatinha e na época também se podia vender uma cervejinha." (Almir José Rossato)



"O meu marido Mauro Cazzaro, quando deram início à construção da capela no terreno, veio o Padre Antonio e o pessoal da comunidade e foi o meu marido que deu a primeira enxadada para o padre poder abençoar a pedra fundamental, porque naquela época o padre abençoava a pedra. Estavam presentes a Lúcia Frederico, o Serginho [Ferrari], o Ailton Firmino e outros. Depois fizemos uma comissão para fazermos as festas para arrecadar dinheiro. Eu cedia a minha casa para fazermos coxinhas, quibes e saíamos vendendo. A Dona Luzia [Bueno] sempre esteve na frente também. No começo a missa era no Conjunto Ângelo Maggi, depois a Dona Lúcia iniciou os terços aqui e o pessoal vinha de sombrinha e ficava embaixo de umas árvores para rezar. A Dona Luzia Bueno sabe de toda a história... Hoje sou ministra de Eucaristia, há 6 anos, com muita alegria e carinho." (Helenice Dias Ávila Cazzaro)

"Aqui era um terreno vazio. Eu ia trabalhar de manhã e passava a pé por dentro. Não tinha a capela, estava em construção. Esse terreno era para ser um posto de saúde, mas o pessoal ficou em cima e acabou saindo uma capela. Foi rápida a construção. O sr. Tonon saiu pedindo as coisas para todos, pegávamos as verbas e saiu a igreja. Saíam festas boas aqui, o barracão era aberto e lembro que todo ano eu doava uma caixa de óleo para a festa." (Jorge Fausto Batista)

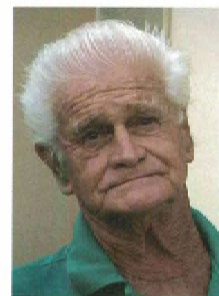


"Eu vi quando tudo começou, desde a primeira pedrinha. Lembro que não tinha essa rua e era puro mato. Hoje temos essa igreja linda. Nossa Senhora de Guadalupe para mim é tudo. Tudo o que eu peço pra ela e para o meu Deus, Ele me concede. É só ter fé. A pessoa tendo fé tem tudo." (Maria dos Santos)

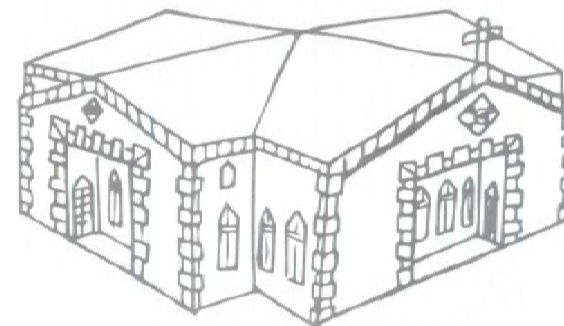


"A gente tem lembrança de quando começamos a fazer a igreja, o povo vinha trabalhar e colaborávamos com a carne, o pão e refrigerante para eles que estavam fazendo o começo do alicerce, para depois levantar a igreja. Meu marido, José Maria Abrantes Camargo, que hoje é falecido, colaborou muito, igual às pessoas que trabalhavam aqui, eles sempre vinham me pedir alguma coisa, porque ficavam sempre até depois do almoço trabalhando, de sábado e domingo. Vínhamos em todas as festas e hoje estamos tristes porque não têm mais as festas da Nossa Senhora de Guadalupe como havia no final do ano, em dezembro. Tenho saudade. Vínham todas as famílias almoçar aqui depois da missa." (Maria Olívia Nogueira Camargos)

"Começamos a ajudar a comunidade com as quermesses, de uns oito anos para cá. Começamos com a festa do porco no rolete e a região toda participava, vinha quase umas 3 mil pessoas aqui no nosso salão." (João Correia dos Santos)

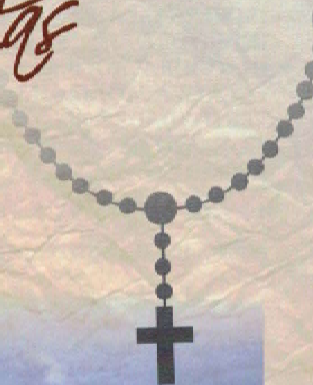


"Na igreja eu participei mais da Capela da Boa Esperança. A gente morava lá no sítio e eu era tesoureiro na época do Antônio Bianchini presidente. Vim para cá há uns 14 anos e começamos a participar na Guadalupe. Não deixo de vir na missa e venho rezar o terço todas as terças. Tenho vários amigos aqui: o Jorge, o Antônio, o Tonon [José Antônio]. Das festas, a que eu mais gosto é a do porco no rolete." (Hermínio Surmani)





Circuito das Capelas



Paróquia São Rafael
Jardim San Rafael



Paróquia São Rafael

Jardim San Rafael

1ª CELEBRAÇÃO: Final de 1988 (rezas de terço)

INÍCIO DA OBRA: Dez. / 1989 (constituição da 1ª diretoria)

INAUGURAÇÃO: 1992

LOCALIZAÇÃO: **Jardim San Rafael**

FESTIVIDADES: dia 29 de setembro: Festa do Padroeiro – São Rafael; dia 16 de agosto: Festa de São Roque; dia 13 de dezembro – Festa de Santa Luzia

HORÁRIO DE MISSAS:

Histórico do bairro

O sr. **Manoel Zacarias dos Santos**, um dos mais antigos do bairro e fundador da Capela São Rafael, relata que quando chegou ao local com a sua esposa **Olga Zanuto Santos** e os filhos, no final de 1988, havia ali menos de 20 casas. Ele lembra de morarem na localidade "a viúva **Francisca** e os seus filhos, o sr. **Alcides Marçal** e o **José Marçal** do bar, a família do **Rafael do Nascimento** (o Rafael da 'Farmácia Comunitária'), o sr. **Antônio do Prado**, a esposa dele **Marli** e o seo **Lazinho** (Lázaro da Costa)."

Seo Manoel e Dona Olga logo perceberam que não havia igreja e que os moradores da localidade (conhecida antigamente como Água da Irara, devido ao nome do córrego) não se reuniam para nenhuma atividade. Ofereceram então a casa deles para a reza do terço e iniciou-se assim a união dos poucos moradores nesses momentos de oração.

As duas fotografias a seguir apresentam um panorama de como era o Jardim San Rafael no início. Avistam-se poucas casas e as barracas montadas no meio da praça, para as festas em prol da construção da igreja, em 1990. O local é a esquina da Avenida Londrina com a Avenida dos Estudantes. "Mas quando cheguei aqui, em 1998, não tinha nem essas casas. Primeiro era um cafezal e nas baixadas um capinzal, era tudo quiçaça! Não tinha nada. E para convidar as pessoas para a gente se reunir com o objetivo de construir a igreja, às vezes tínhamos que andar o dia inteiro, porque as casas eram uma longe da outra. Por isso, as coisas foram feitas aqui pela boa vontade desse povo", enalteceu Zacarias.



Avistam-se poucas casas e as barracas da festa em prol da igreja na esquina da Avenida Londrina com a Avenida dos Estudantes – 26/01/1990

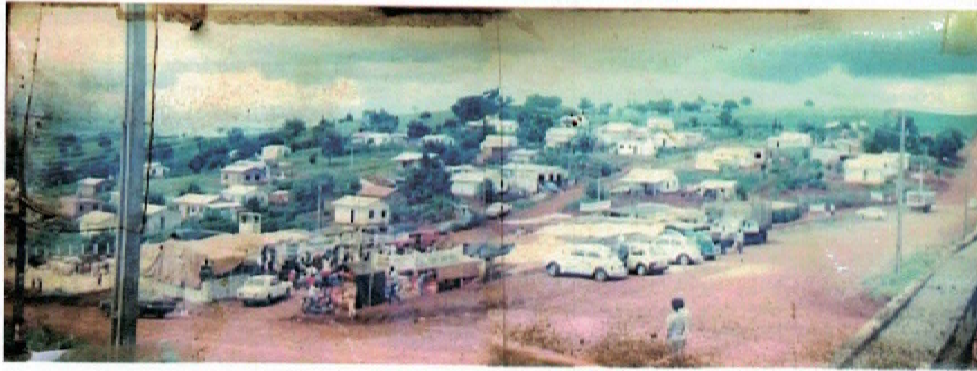


Imagem de outro ângulo: neste dia, 26/01/1990, aconteceu o 1º rodeio na praça do San Rafael

Contato com os padres

Manoel Zacarias conta que uma semana depois de se mudar para o bairro, sua esposa queria voltar para Londrina, devido à falta de uma igreja perto. "Fui então ao PIME (Pontifício Instituto das Missões para o Exterior, que fica ao lado do San Rafael) falar com o padre Bruno Turato. Mas ele me disse que só celebravam missas ali para os seminaristas e padres e que eu deveria fazer o pedido na Matriz. O pároco na época era o **padre João Giomo**, que estava na Itália. Quando voltou, me disse que estava em construção uma escola no Jardim San Rafael e que iria falar com o prefeito e com os dirigentes da Secretaria de Educação para ver se poderia usar a escola para missas enquanto não houvesse igreja", recorda Zacarias. Naquele mesmo mês chegou ao PIME o **padre Benedito Libanio de Souza**, que, ao tomar conhecimento da situação, se propôs a celebrar a missa na escola aos domingos.

Começam as festas para a construção



Equipe trabalhando na barraca do San Rafael para angariar recursos: 26/06/1990

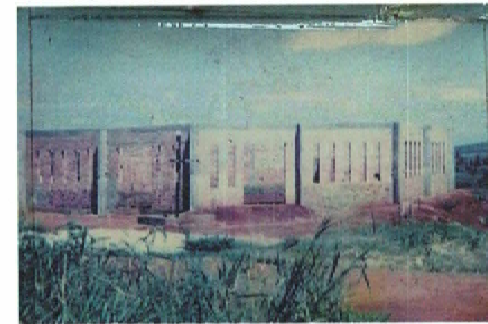
Vendo a movimentação dos moradores, a Paróquia Nossa Senhora da Paz tratou de providenciar um terreno. "Com o terreno conquistado, mão na massa", escreveu Zacarias no seu histórico. "Vamos então arrecadar dinheiro fazendo quermesse", prosseguiu. "Convidei idosos, jovens e muitos colaboraram. Destaco o sr. Geraldo, falecido, o sr. Geraldo, pai do Zezão, sr. Lazinho, o 'Rafael da Farmácia', o Antonio do Prado, José Miguel, Onofre Pimenta, Alcides Marçal, José e a Lúcia Marçal, a Tereza Marçal, Antonio Rocco, Cleuza Rocco, Valdivino, Margarida, Pedro Ramalho, Luci Aneli, eu e a minha esposa Olga dos Santos e muitos outros que não me lembro. Nós promovíamos festa direto. Em dia de chuva vinha o vento, derrubava tudo e tínhamos que parar com a festa", conta ele.

No meio dessas promoções surgiu o interesse da Matriz de construir uma grande capela no Jardim San Rafael. "O padre Libanio resolveu fazer conosco uma festa de 30 dias na praça da vila. A renda foi pouca, mas mesmo assim decidimos começar a obra, sempre com ajuda da Matriz", diz Zacarias. Em novembro de 1989 formou-se a 1ª diretoria para construção da igreja e em dezembro foi celebrada uma missa de bênção da pedra fundamental.

Terreno inclinado e 500 caminhões de terra

Conta o sr. **Antonio do Prado Rosa**, pioneiro e topógrafo que acompanhou todas as fases da obra, que para chegar ao terreno da igreja foi preciso abrir uma "picada", tanto era o mato no local. "O engenheiro entrou no matagal e lançou a pedra fundamental", recorda. "Em 1989 fizemos a topografia do local, sobre o declive do terreno. Essa igreja aqui tem uma fundação profunda, em alguns lugares com 4 a 5 metros de altura de aterro. Começamos pela limpeza, porque aqui tinha muitas árvores e muito capim. Depois o aterro foi feito pela Prefeitura. Foram mais de 500 caminhões para que a igreja tivesse o nível da rua, não tinha outro jeito. Essa obra demorou mais de dois anos para receber a primeira missa. Mas ainda estava na terra, faltavam vidros, reboco, faltava o teto, o forro..."

Até hoje líder comunitário no bairro, Antônio do Prado recebeu a equipe do *Circuito das Capelas* e apresentou uma coleção de fotos antigas que mantém em sua casa. Fotos do Jardim San Rafael e da construção da igreja (a seguir).



A igreja saindo no meio do mato: o ano era 1990

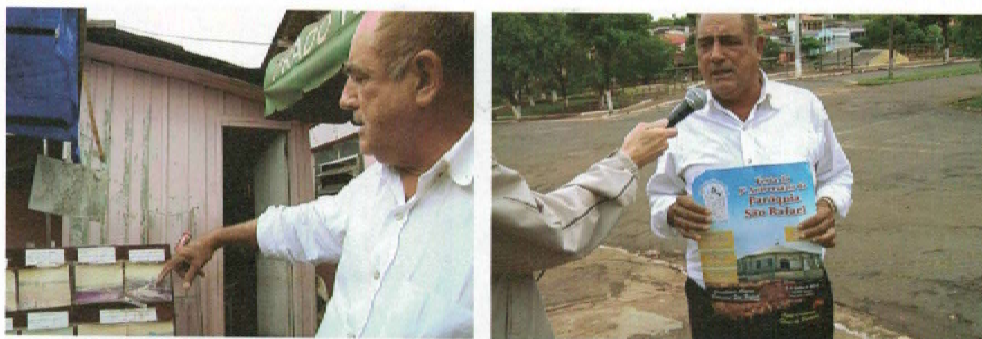


VISTA SUPERIOR DA CAPELA DE SÃO RAFAEL

ETAPA DE COBERTURA

07/09/91





Antônio do Prado mostrando suas fotografias da obra e em frente à praça do bairro

A comunidade cresce e o padre Benedito Libanio ia escolhendo lideranças. Todos estavam motivados e envolvidos com a obra e com as festas. Crianças, jovens e idosos, homens e mulheres. Em julho de 1990 aconteceram as missões e foi fixada uma cruz no terreno da igreja, no dia 22/07/1990.

Além dos párocos, **João Giomo** e **Antônio Palermo**, os seus vigários e vários outros padres do PIME colaboraram para o crescimento material e espiritual da capela. São mencionados pela comunidade no histórico os **padres Bruno Turato, Luis Viganó, Benedito Libanio, Pedro Facci, Carlos Valentim Rusconi** (foto abaixo), **Jorge Pecorari** e **Jorge Pedemonte**. Sem esquecer a **Irmã Paula Ibarra Diaz**, que se dedicou à comunidade de junho de 2001 a 2014.

“Com certeza ninguém ficará ofendido, entre todos os que aqui trabalharam, se dermos um destaque especial ao **padre Valentim**, pelo o seu zelo apostólico no trabalho pastoral e também material. Afinal nos deixou o Centro Pastoral Paulo VI”, afirma o histórico, escrito em 2005. “Todos estamos admirados com a estrutura material e a caminhada espiritual dessa comunidade”, encerra o texto.

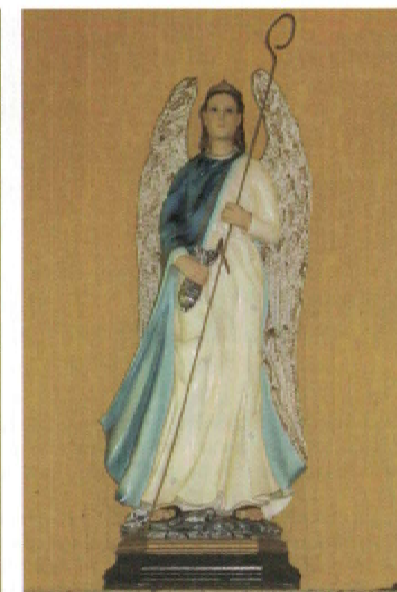
É paróquia desde 2005

No dia 4 de setembro 2005, foi celebrada uma missa solene pelo arcebispo **Dom Albano Cavallin**, que marcou a criação da nova Paróquia São Rafael e a tomada de posse do primeiro pároco, **padre Jorge Pedemonte**, auxiliado por **padre Mauro Moculam**.

São subordinadas atualmente à Paróquia São Rafael as seguintes capelas: rurais – São Sebastião (Guarani), São Pedro (Água das Abóboras), Nossa Senhora Aparecida (Cágados) e São Bento (Três Figueiras); urbanas – Santa Paula (Jardim Santa Paula) e **Comunidade Jesus Misericordioso** (Residencial Terra Bonita). Esta última foi formada em 2015 e como ainda não existia quando foi realizada a coleta de dados, não consta como capítulo deste livro. Porém, está registrada na página seguinte a fotografia da recém-construída capela Jesus Misericordioso.



Placa em homenagem ao padre Valentim Rusconi



Imagens que a paróquia guarda: o padroeiro, o Arcanjo São Rafael, e o crucifixo do altar



Comunidade Jesus Misericordioso, no Terra Bonita, construída em 2015



Procissão no dia de São Rafael

A equipe do *Círculo das Capelas* gravou entrevistas com os pioneiros do bairro dia 28 de setembro de 2014, na missa do padroeiro, São Rafael. A celebração, seguida de procissão, foi dirigida pelo padre **Giovanni Pontarolo**. No final de 2015 o pároco passou a ser **padre Gabriel Than Win Aung**, do PIME, que veio da Birmânia (antigo Mianmar), na Ásia.

Celebração com padre Giovanni e à esq., o padre Gabriel, que veio da Birmânia



Comunidade sai em procissão pelas ruas carregando o andar com a imagem de São Rafael

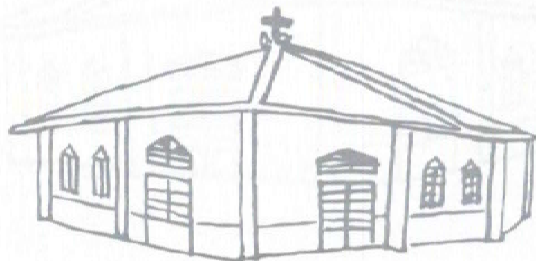


Depoimentos



arroz, feijão, maionese, salada e uma 'carminha' para a gente comer, fornecida pelo Santos Coração [açougueiro]." (Manoel Zacarias dos Santos)

"Em 1989, a Avenida Londrina e a Avenida dos Estudantes eram só um corredorzinho com muito capim e muito barro. O pessoal tinha dificuldades para sair daqui. As primeiras missas eram rezadas na Escola Estadual San Rafael. Em 1989 foi lançada a pedra fundamental para começar a construção. No local onde é hoje a capela tinha muito matagal, muitas árvores e tivemos que abrir uma picada para poder marcar o lugar. Daí fizemos a roçada e a medição. Depois foram necessários mais de 500 caninhões de terra para a paróquia ficar no nível que está a rua hoje. Então começamos a fazer as festas naquele local mesmo para arrecadar recursos para a construção. E antigamente era difícil se locomover, por causa da situação do local, tinha muito capim e terra e a entrada do bairro não era boa. A Igreja Matriz ajudava com recursos, mas nós tínhamos obrigação de arrecadar com as festas para sair a obra. Muitas pessoas ajudaram. Eu e a Marli, as minhas filhas, o Rafael de Nascimento, o sr. Manoel Zacarias, o Zé Marçal, a família dele e a esposa Lucia, o Pedro, a Luci, a Sonia, o Lázinho do bar, foram tantas pessoas que eu nem me lembro." (Antônio do Prado Rosa)



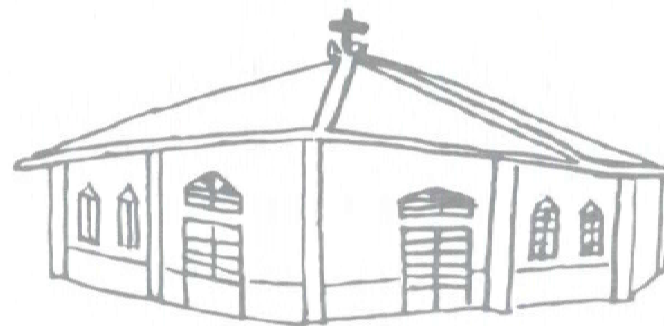
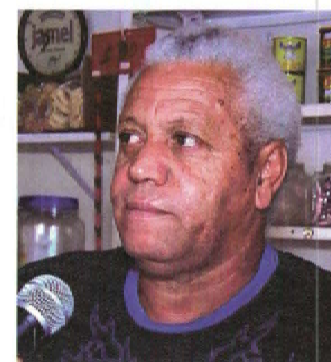
* no dia da visita à comunidade: 28/09/2014

"Quando cheguei, o bairro não tinha 20 casas. Mas logo foi chegando mais gente e se enquadrando e conseguimos levantar essa linda igreja, que hoje é paróquia, com a boa vontade desse povo. Quando eu iniciei com as festas aqui, tinha poucas famílias. O sr. Lázinho (falecido) ajudou muito. Também recebemos doações e muita ajuda da Prefeitura, de um senhor que tinha uma fábrica de carrocerias de caminhão, do Zapelini que tinha uma serraria, e de outras empresas da cidade. Nós fazíamos umas barracas cobertas com pano, ali onde hoje é a creche e o estacionamento da igreja. Fazíamos as festas e quando chovia, vinha ventania e acabava com tudo. Para cuidar das barracas dormíamos no terreno da igreja. Depois, quando a igreja começou a ser levantada, dormíamos dentro dela. Essa igreja foi feita assim: eu fiquei desempregado e fui lá falar com o prefeito e ele disse que pagaria três meses para eu ajudar na construção da igreja do San Rafael. O nosso pedreiro foi o Alberto. Chegou o material doado e não sabíamos o que fazer. Eu sugeri que fizessemos mutirões aos sábados à tarde e todo domingo até meia-dia. Convidávamos os corajosos e eles vinham. Após ver tanta boa vontade, pois aqui existia muita gente bondosa, as mulheres faziam



"Chegamos aqui em 1982. Aqui era horrível, não tinha nada, era mato e não tinha rua. Só tinham duas casas aqui embaixo. Uma era a do sr. Assis. Depois começamos limpar, rezávamos nas casas, nas ruas até embaixo dos postes de luz e os padres do PIME iam com a gente e os cachorros vinham atrás. Era divertido, um povo unido. Rezávamos também no PIME e as nossas reuniões de final de ano, nos domingos, eram todas lá. Já a catequese era na escola. As pessoas lutaram muito para construir, já hoje não são mais as mesmas. Eu lembro quando a minha filha dormia nas barracas quando tínhamos as festas. Fritávamos batata, atendíamos as pessoas, desmontávamos as barracas quando vinha a chuva, trabalhamos até lá no Centro para arrecadar." (Maria Lúcia Souza Silva)

"Quando eu mudei para o San Rafael era só estrada de chão, depois vieram o Mimo e o pai dele, que já é falecido. Resolvemos fazer uma capelinha. Começamos com uma barraquinha, fomos no PIME e falamos com o padre Benedito, que disse que se nós quiséssemos ele iria ajudar. Começamos então a fazer mutirão na cidade inteira, pedindo ajuda. Iniciamos com o alicerce e fomos na Prefeitura que ajudou fazendo aquele aterro da igreja. Sempre quando se constrói uma capela, se faz uma coisa pequena. Já nós começamos fazendo grande. Fizemos, pensando em tornar a capela em paróquia. E de fato é paróquia hoje. Eu, meu pai e a minha mãe ajudamos. Fui coordenador do dízimo por 9 anos, todos os dias trabalhando. Agora colocamos nas mãos dos mais novos." (José Marçal da Silva)



Circuito das Capelas

Capela Santo Alberico Crescitelli Jardim Éden

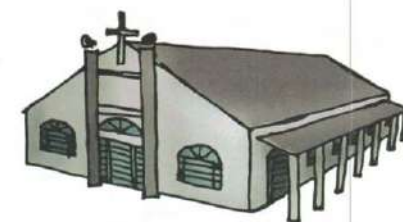


Capela Santo Alberico Crescitelli Jardim Éden



Imagem do padroeiro e mártir Santo Alberico fica na entrada da igreja

1ª MISSA: 1991 (no salão)
INAUGURAÇÃO DA CAPELA: 27/04/1997
FESTIVIDADES: 22 de julho - Dia do Padroeiro Santo Alberico; dia 18 de maio - coroação de Nossa Senhora
LOCALIZAÇÃO: Rua Primavera, esquina com Rua Jasmin - no Jardim Éden
HORÁRIOS DE MISSA: 1º e 3º domingo do mês, às 10h



Histórico

A Capela Santo Alberico Crescitelli, cujo nome homenageia um missionário do PIME (Pontifício Instituto das Missões Exteriores) que morreu como mártir na China, foi construída no Jardim Éden em regime de mutirão, recebendo doações de toda a comunidade de Ibiporã. Foi iniciada em 1991 e concluída em 1997. Porém, muito antes de se ter a igreja, havia reuniões e celebrações nas casas desde 1991.

Os primeiros trabalhos de evangelização no bairro eram feitos na casa dos coordenadores **Armando Pavan** e **Maria Terezinha Ponce Pavan**, juntamente com o padre **Antônio Palermo** (então vigário da Igreja Matriz) e mais dois seminaristas: **Marcelo** e **Edivan** (este último hoje é padre em Londrina). Eram estudos bíblicos, um trabalho que durou cerca de um ano até que se construísse um salão no terreno que fora doado à comunidade pelo padre **Domenico Rotunno**, do PIME. O salão passou a ser o local de encontro dos fiéis que se reuniam para dar continuidade ao trabalho.

O salão passou a ser também o local da catequese das crianças, pois antes de se ter a pequena construção, a catequista **Luzia** realizava os encontros com as crianças na Escola Municipal Almerinda Felizete do Nascimento, com a autorização da Prefeitura na época.



Primeiras reuniões aconteceram na casa de Armando e Terezinha Pavan



Salão onde aconteciam as reuniões e a catequese



Padre Antônio Palermo realizando estudo bíblico - 1991



Primeiras aulas de catequese eram na Escola Almerinda

No salão, foi celebrada uma missa em 1991 por padre Antônio Palermo, que marcou o nascimento da nova comunidade. Na ocasião, ele convocou os participantes e membros da comunidade a uma missão de grande responsabilidade, que seria a construção da capela. Uma placa então foi colocada no terreno com as seguintes palavras: "Esta obra será construída no sistema de mutirão. Contamos com a sua colaboração naquilo que puder. Doação de materiais de construção e também sua mão-de-obra. Unidos venceremos."

Padre Antônio solicitou que a construção fosse iniciada pelos banheiros. A coordenadora Terezinha Ponce orou, "pedindo a Deus sabedoria e a força do Espírito Santo" a toda a equipe de trabalho e "que Jesus fosse o Mestre desta obra tão esperada". Ela conta que Jesus lhe mostrou uma visão: a capela em fase de construção e muitos fiéis acenando a Deus, com ramos verdes nas mãos. E o Espírito Santo indicou que se começasse a obra pelo templo. Terezinha contou o fato ao sacerdote, que decidiu então iniciar a construção pela capela.



Placa no terreno onde ficaria a capela e início do muro de arrimo - 1991



Padre Antonio convocou então a comunidade do Jardim Éden e bairros próximos, juntamente com o presidente da associação de moradores, na época o sr. **Vicente** (pedreiro), a darem início à obra. Foi iniciado o muro de arrimo e depois o aterro, entre 1991 e 1992 (*imagens a seguir*).



O muro de arrimo pronto, em 1992



Como o sr. Vicente mudou-se para outra cidade, os padres **Antônio e Severino Crimella** fizeram uma reunião na casa de **Armando e Maria Terezinha**, em junho de 1996, e os nomearam coordenadores da construção. A comunidade apoiou a decisão e como novo pedreiro foi chamado o sr. **Joaquim**. "No dia **29 de julho de 1996** começamos a pedir doações para essa 'casa do Senhor'. Foram tantas que não precisamos fazer uma promoção sequer. Foi tudo providência divina", diz Terezinha. "Eram caminhões de pedra, areia, tijolos, cimento, cal e foi bênção sobre bênção. Até toalhas para o altar, castiçais, cadeiras e vasos de flor nós ganhamos", recorda.



Aqui a construção já com cara de igreja - 1997

E a visão que ela havia tido se cumpriu: no dia **27 de abril de 1997**, num Domingo de Ramos, foi celebrada a primeira missa na capela, ainda em construção, sem reboco e sem janelas. "Apenas parede e telhado. A capela estava cheia e os fiéis, com ramos nas mãos, louvavam a Deus", relembra Terezinha. Nos anos seguintes o trabalho prosseguiu, com os acabamentos, jardim, a formação dos grupos e novas lideranças. O 1º ministro da Eucaristia foi o sr. **Sebastião Sarábia** e a 1ª ministra, a própria Terezinha.



O pessoal fazendo o jardim da Capela Santo Albino.

Primeira Missa.

Terminada a obra, os fiéis foram fazer o jardim da igreja



Sr. Sarábia e D. Terezinha, os primeiros ministros. Luíz e Angelita (ministros atuais)

Circuito das Capelas



1ª novena de Natal, com padre Franco, 1997



Imagem de Santo Alberico, padroeiro da comunidade

Atualmente, além da festa do padroeiro (Santo Alberico, dia 22 de julho), a comunidade tem como datas importantes a coroação de Nossa Senhora (18 de maio) e várias celebrações na Semana Santa: missa do lava-pés, adorações, procissão da cruz pelas ruas do bairro e a missa da Vigília Pascal. "O padre Antonio não está mais entre nós, mas a chama viva do amor de Deus, a fé, a esperança foram sementes que ele plantou e que produziram muitos frutos por aqui", finalizou Terezinha.

* Colaboração com dados e fotos: Maria Terezinha Ponce Pavan

Festa do Padroeiro

A comunidade marcou o dia da festa do padroeiro, 22 de julho de 2014, para receber a equipe de gravação do *Circuito das Capelas*. Os pioneiros atenderam ao chamado e compareceram em peso, sendo homenageados na procissão de entrada. Coube ao casal fundador, Armando e Terezinha Pavan, trazer ao altar a imagem de Santo Alberico Crescitelli, que trabalhou como missionário na China e morreu mártir numa época em que os católicos eram perseguidos naquele País.

Com a capela cheia, a missa foi celebrada pelos padres André Luis Oliveira (pároco) e Carlos Antônio da Silva, o padre Carlinhos, do PIME. Padre André ressaltou que "celebrar a memória do padroeiro é olhar para trás e buscar um exemplo para caminharmos." Após a celebração houve uma festa e entrevistas com os moradores mais antigos, que recorreram à memória e lembraram bons momentos na comunidade ao verem uma exposição fotográfica que foi organizada pela atual coordenação da capela. Vejam alguns momentos da celebração:



Padre Carlinhos e os coordenadores Zilda, Terezinha e Paulo Klaysn



Capela estava lotada



Exposição fotográfica no dia da festa e a procissão de entrada do padroeiro



No final, confraternização no pátio

Depoimentos

*no dia da visita à comunidade: 22/07/2014



"Santo Alberico foi um dos nossos primeiros missionários. Ele foi para a China, onde foi martirizado e morto, e depois disso, nós do PIME, continuamos essa missão que ele iniciou. A cidade onde morava a família dele, na Itália, pediu que fizéssemos uma igreja em sua homenagem. Então, os nossos padres aqui de Ibiporã, padres Severino [Crimella], Antonio Palermo, João Giomo e outros, escolheram essa comunidade, por ser uma comunidade missionária em Ibiporã, onde ainda não havia nada na época. E esse é o nosso carisma: ser missionário e começar onde ainda não tem igreja, ajudando a comunidade local a se desenvolver e a caminhar. Por isso é que foi escolhido para a capela o nome desse santo [Alberico], que foi um mártir que deu a vida pelo Evangelho."
(padre Carlos Antonio da Silva, do PIME)

"É muito importante celebrarmos aqui o Dia do Padroeiro da capela, justamente porque mártir quer dizer 'testemunho'. Assim foi com Santo Alberico, que foi um mártir. Ele foi um padre do PIME enviado para a China e lá foi brutalmente torturado e morto pelos 'boxers' que eram os perseguidores dos cristãos. E celebramos o testemunho que ele deu de fé, estando com os mais pobres, os mais necessitados, anunciando como a semente de mostarda. Porque se hoje somos um país de maioria católica e manifestamos a nossa fé livremente, em muitos países não acontece assim. Com toda certeza, a presença desses santos mártires foi justamente aquele grão de mostarda. Então, hoje, celebrarmos o padroeiro Santo Alberico é termos essa visão também, de que precisamos continuar semeando na vida de Ibiporã a palavra de Jesus Cristo, e se for preciso, que derramemos o nosso sangue, talvez não brutalmente como foi com os mártires, mas cada um a seu modo, se doando."
(padre André Oliveira, pároco da Matriz)



"Ter hoje essa igreja representa um sonho para nós, porque a gente vem lutando há anos, fazendo o possível para arrebatar esse pessoal. A gente convida, vai nas casas, faz círculo bíblico, fazemos visitas a quem precisa e assim vamos progredindo nessa abençoada capela. Tudo começou lá em casa e naquela época eu quase não participava, porque trabalhava com caminhão. Viajava bastante e muitas vezes chegava em casa muito cansado da viagem e encontrava sábado a sala da minha casa repleta de gente e muitas vezes a minha esposa acolhia essas pessoas que estavam viciadas na bebida eu muitas vezes disse pra ela: 'Você fica aí com essa turma dentro de casa, esses bêbados, a gente não sabe o que fazer'. Porque eu não sabia o que estava acontecendo. Mas graças a Deus, Ele foi colocando no meu coração, mostrando para mim o porquê daquilo tudo. O catecismo muitas vezes aconteceu na nossa casa. O coordenador da capela hoje foi aluno da minha esposa. Quer dizer que a semente foi plantada, germinou e deu fruto. Durante a obra eu ajudei no que pude. Trabalhava de sábado e domingo, então o que é o que podia fazer... Daqui da comunidade teve o Paulo que nos ajudou muito. Não consigo lembrar de todas as pessoas, mas quero agradecer a todas que colaboraram."
(Armando Pavan)



“Eu vim para cá por volta de 1980. Desde o tempo do padre João Giomo ele já mandava as pessoas na minha casa, pessoas que não eram casadas, nem batizadas. Então comecei a dar catequese em casa, preparando essas pessoas para o Batismo, mesmo que fossem casadas, inclusive o coordenador, o Paulo, que não era casado, nem tinha feito Primeira Comunhão. E como não tinha onde reunir o pessoal, era na minha casa. Depois fui chamando a Luzia, que me ajudou nesse trabalho. Vários nos ajudaram nesse trabalho de oração antes de haver a capela: a dona Sebastiana, a dona Nena, que Deus levou, a dona Luiza, o sr. Valdomiro e o Claudemir, que hoje é do Jardim Santa Paula. Fazíamos um trabalho de orar pelos doentes e por pessoas com tribulações. Nos reuníamos nas casas para fazer orações, íamos nas chácaras, para todo lado, fazíamos procissão e todo mundo ia junto. Era muito gostoso, íamos orando, cantando e não tínhamos vergonha de cantar pelas ruas. E como não tínhamos um lugar para nos reunir, o padre Antônio decidiu fazer uma reunião na minha casa e pediu para construirmos uma capela aqui. A casa encheu tanto, que não havia lugar.” **(Maria Terezinha Ponce Pavan)**

“Em 1969 fiz o primeiro curso de ministro de Eucaristia e fiquei uns 30 anos como ministro na paróquia. Sempre tomei a frente desse trabalho de celebrar aqui na capela, porque o padre Antônio Palermo me pedia. Quando vim para cá, tinha um pequeno salão, onde se rezava terço. Com a Terezinha e o Armando, pessoas muito dedicadas, começamos do zero e aos poucos fomos crescendo. Fico com bastante saudade daquela época. Hoje quando cheguei aqui, porque já faziam 6 anos que eu não vinha na capela, me vieram as lembranças. Eu fiquei muito feliz com essa comunidade, crescente, bastante atenciosa, tinha sábado que vinham 20 pessoas, no outro vinham 50, mas sempre esse povo firme que nós já estávamos acostumados.” **(Sebastião Sarábia)**



“Comecei a dar catequese na minha casa, pois não tinha a escola ainda. Comecei com umas 40 e poucas crianças e queríamos dar a catequese, porque aqui era longe da Matriz, tinha muito mato, mas queríamos levar essas crianças para o caminho do Senhor. Depois de dois anos ficou pronta a escola do bairro e fomos conversar com o Dr. Dorival [Martins, prefeito] e a dona Lenice [diretora], se eles poderiam arrumar uma sala para nós. Eles cederam aos sábados uma sala para mim. Nisso ficamos mais dois anos até que o salão da nossa capela ficasse pronto. Fiquei 10 anos nessa caminhada com as crianças.” **(Luzia da Costa Carvalho)**



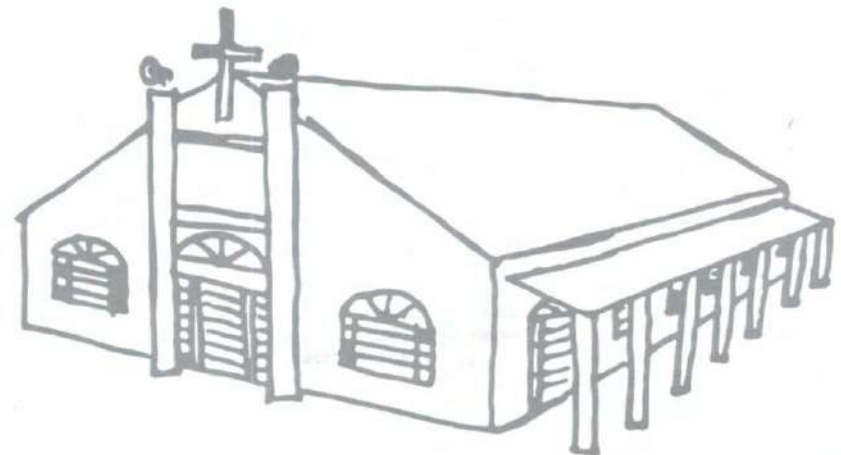
“Quando eu entrei aqui, não tinha água e luz. Não tinha quase casas. Participo desde o começo do bairro, há mais ao menos 45 anos. E sempre ajudei aqui no trabalho, junto com a dona Ana e a dona Terezinha, desde quando se rezava nas casas. Eu sempre limpei a igreja.” **(Sebastiana do Carmo Santana)**



“Faz 23 anos que moramos aqui e a partir do momento que começaram a fazer essa igreja a gente começou a participar. Ajudo aqui há dez anos mais ou menos e tudo que eu faço na igreja é com muito amor. Já fui catequista, faço parte da liturgia, ajudo aqui na limpeza, na arrumação do altar, sou a coordenadora de coroação de Nossa Senhora, que fazemos com umas 30 crianças aqui da capela mesmo.” **(Nadir da Silva Gomes)**



“Minha mãe é Francisca de Araújo Silva. Ela ajudou no começo da comunidade e ajuda na limpeza desde quando a dona Terezinha Ponce começou, ela fez uma cirurgia recente e estou aqui para representá-la. Muito importante esse exemplo de doação da minha mãe, pois graças a ele, toda a nossa família participa da igreja, da comunidade, é muito bom.” **(Maria de Lourdes Silva)**



Circuito das Capelas

Capela Santa Maria Crucifixa di Rosa Jardim Pinheiro



Capela Santa Maria Crucifixa di Rosa Jardim Pinheiro

1ª CELEBRAÇÃO: 05/02/1994

LOCALIZAÇÃO: Rua Sebastião Freitas, quadra 41, lote 8 - Jardim Pinheiro

FESTIVIDADES: Dia 15 de dezembro (Dia da Padroeira) e festa julina, em julho.

HORÁRIO DE MISSAS: 2º e 4º domingo do mês, às 10h, e no 3º sábado às 19h30

Histórico

A sra. **Marlene Chagas Borges**, uma das pioneiras do bairro, conta que quando ela e o seu marido, sr. **Arnaldo Júlio Carvalho Borges**, chegaram à Vila Eliane, entre 1967 e 1968, havia "umas seis casas" na localidade e eram apenas chácaras. "Não havia ainda o loteamento, as ruas não tinham nome, não tinha asfalto, água, nem luz. Tínhamos que pegar água de poço e usávamos luz de lampião. O Jardim Pérola e o Jardim Beltrão, que são mais novos, eram só cafezal. A ligação com a cidade era pela Rua Olavo Bilac, pois ainda não havia a [Rua] João Barreto. Só chegou água e luz quando fizeram os loteamentos novos", conta Marlene. Os bairros aos poucos foram surgindo, como a Vila Ribeiro, e os jardins Eldorado e Pinheiro. Neste último foi construída a capela.

Por muitos anos as famílias frequentavam as missas e a catequese na Igreja Matriz, até que o **padre Antônio Palermo** decidiu, por volta de 1990, construir uma capela no bairro. De acordo com Marlene, o pároco anterior, **padre João Giomo**, já havia feito a doação de quatro datas para a construção. A comunidade tratou de limpar o terreno e construiu ali um salão para as primeiras atividades. "O salão foi iniciado em mutirão, mas com o tempo foram contratados pedreiros. Quando desanimávamos, a **Irmã Graziela**, do Lar Padre Leone [que acompanhou a comunidade desde o início], nos incentivava a continuarmos e assim conseguimos terminar o salão", relata Marlene.



Salão de catequese foi a primeira construção, em 1995



Foto atual do salão



Coral Menino Jesus se apresentando em uma barraca de lona - 1995



Lembrança da 1ª missa no salão - 01/02/1995

“O Salão Pio XII (da Matriz) nos doou 50 banquinhos a começamos a ter missas no nosso salão [denominado Salão Padre Rino Nogarotto]. Fizemos também uma promoção de pizza e conseguimos comprar 50 cadeiras. Foi aí começamos a ter também catequese”, diz Marlene. O próximo passo seria construir a igreja. Foi feito o alicerce, doado pelo **padre João Giomo** e na fase seguinte o sr. **Arnaldo Borges**, que se mostraria incansável nas obras da capela, começou a sair pela cidade pedindo doações de materiais de construção.

Começa a construção da igreja



1ª missa no salão, celebrada no dia 01/02/1995



Terreno foi doado pelo padre João Giomo e a igreja foi subindo

“Lembro que ganhamos 28 mil tijolos de empresas, fizemos uma campanha de cimento e ganhamos 150 sacos da comunidade. Ganhávamos também a areia e o sr. **Mário Dana** (dono de uma pedreira na cidade) doava caminhões de pedra. O **José Maria**, que tinha sido prefeito, doou as telhas para cobrir a capela”, acrescenta Marlene. Além dos doadores, ajudaram muito nas festas promocionais os srs. **Pedro Terqueli**, **Joaquim Orozimo** (pai de Manoelino de Carvalho), e **Antônio Spalonce**.

Para arrecadar dinheiro para a obra se faziam bingos e duas festas por ano. “Uma em junho, quando tínhamos uma barraca na Festa Junina da Praça Pio XII, e outra em dezembro (dia 15), na festa da Padroeira da nossa capela, Santa Maria Crucifixa di Rosa, que era uma santa [italiana] que ajudou muito os pobres e doentes”, diz Marlene.

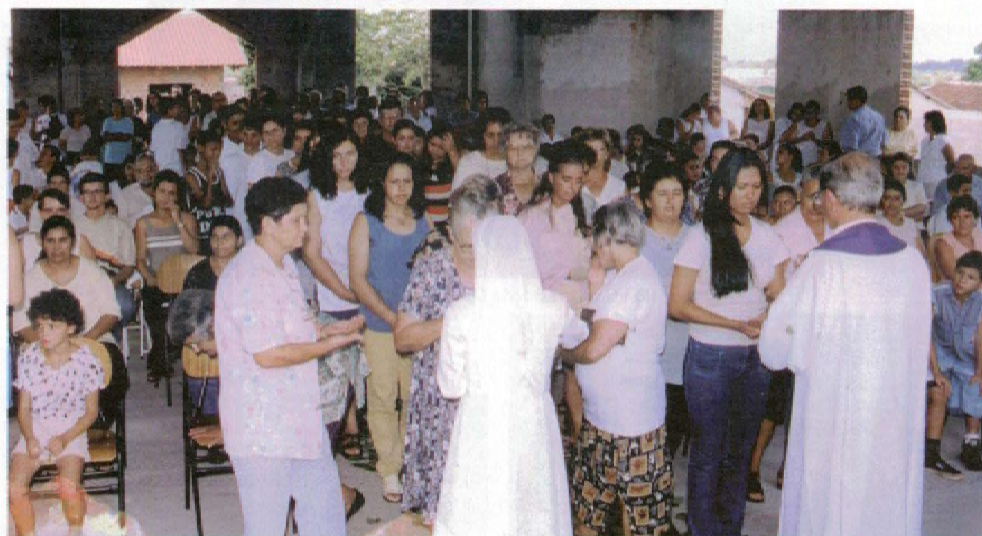


Promoções na barraca em frente ao salão e também na Festa Junina na Praça - 1996



A igreja começou a ser construída em 1995 e teve a primeira missa somente em 1998. Sr. Arnaldo lembra que nesta missa a capela já estava coberta, mas não tinha paredes. "Carregamos os bancos do salão e o padre celebrou a missa em cima do contrapiso."

1ª missa celebrada na capela, pelo padre Antônio Palermo, com as paredes ainda inacabadas - 1998

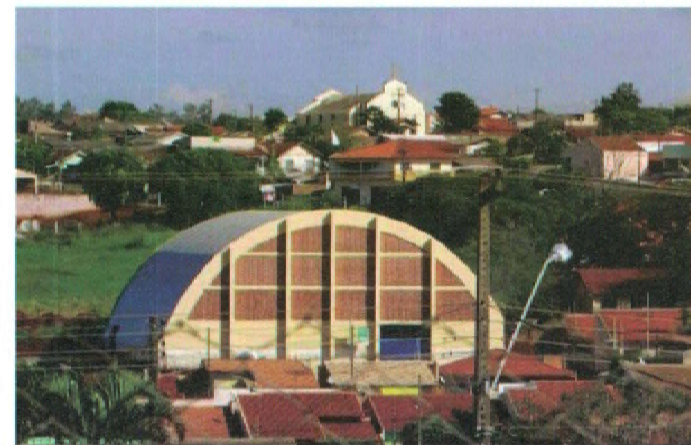


Crianças se apresentando na missa inaugural de 1998 e o Coral Menino Jesus

"Depois, para a compra dos bancos, fizemos carnês para a comunidade pagar. Cada cinco famílias doavam um banco. E com mais doações fomos conseguindo os vitrôs e os pisos. Já a mão-de-obra nós pagamos", relata Arnaldo.

"Atualmente, com a capela pronta, temos catequese e três missas por mês. Tudo aqui foi feito com muito sacrifício, amor e luta, mas vencemos!", comemora o sr. Arnaldo. Ele diz que do Coral Menino Jesus, que cantava na época da construção "as moças já estão todas casadas", porém continuam participando das atividades realizadas na capela. "Tenho orgulho e paixão por esta obra. Cada morador ajudou a construir essa casa de Deus", completa.

* Colaboração: Arnaldo Borges e Marlene Chagas Borges



A capela vista da estação ferroviária, e no detalhe



Equipe do Circuito das Capelas com dona Marlene no dia da gravação

Quem foi Santa Maria Crucifixa?



Nome da capela é em homenagem à santa italiana (esq.) que ajudava os pobres e doentes. À dir., o Cristo Crucificado (imagem no altar da capela) que inspirou a vida da santa.

Débora Borges, filha do casal fundador, conta um pouco sobre a história da santa que dá o nome à capela. No pé da imagem que há no interior da igreja, em Ibiporã, o nome dela está em italiano: 'Santa Maria Crocifissa di Rosa'.

A devoção à santa foi trazida à comunidade pelas irmãs do asilo de Ibiporã, o Lar Padre Leone. Afinal, Santa Maria Crucifixa di Rosa (que viveu de 1813 a 1855) é a fundadora e padroeira da Congregação das Servas da Caridade, que está em Ibiporã desde 1963, quando as irmãs começaram a atender no Hospital Cristo Rei. Hoje são responsáveis por cuidar dos idosos no asilo e auxiliam a Capela São Francisco de Assis, na Vila Semprebom.

Irmã Graziela, que mantinha contato direto com as lideranças da Capela Crucifixa di Rosa, foi quem trouxe para a comunidade a história da santa e o padre Antônio Palermo aprovou o nome, pois já tinha o desejo de montar em Ibiporã uma capela em homenagem à santa e acabou sendo ali, devido à proximidade do bairro com o asilo, que, aliás, é também a casa das irmãs.

"Fomos tendo contato com a história de Santa Maria Crucifixa di Rosa e aos poucos fomos nos apaixonando", revela Débora. "Hoje procuramos vivenciar a memória da padroeira, fazendo todos os anos peças teatrais sobre a sua vida. Nosso objetivo é que as pessoas conheçam e não se esqueçam do que ela viveu, o porquê de ser chamada de Nossa Senhora Crucifixa, que é em razão da sua história", diz Débora.

Morreu atendendo os doentes

Ela conta que Maria Crucifixa nasceu em uma família muito rica e perdeu a mãe aos 11 anos. "Sem sua mãe na Terra, teve Nossa Senhora como mãe do Céu e desde então teve esse desejo no coração de ser freira, de receber Jesus, tanto que recebeu Jesus [na comunhão] muito jovem. Não tinha idade certa para fazer a Primeira Eucaristia, mas o padre da localidade atendeu esse seu desejo. Foi muito jovem ajudar seu pai na tecelagem da família, que era rica, mas ela tinha mesmo o desejo de servir ao próximo. Deixou a família e entrou num convento. Foi ajudar os pobres em uma época que havia muita cólera, acabou contraindo a doença e em razão disso morreu aos 42 anos. A história dela é muito bonita e cheia de detalhes. Mesmo com o pouco de tempo de vida que teve, conseguiu servir ao próximo e tinha três intuítos no coração: a **Cruz**, pois sempre enxergava Jesus na cruz e via nEle o próximo, por isso seu nome, **Crucifixa di Rosa**; a **Bíblia** e a **Eucaristia**. E a base da sua vida era ajudar o próximo. Foi aí que surgiu sua congregação, das Servas da Caridade", relata Débora Borges.

Depoimentos

*no dia da visita à comunidade: 10/08/2014



"Moro na Vila Eliane há 46 anos. O padre Antonio chegou lá em casa com mais dois padres do PIME, bateram palmas e até me assustei quando vi os três. Eles falaram assim: 'Arnaldo, viemos fazer uma visita para você e um compromisso. Você foi contemplado para erguer uma capela no Jardim Pinheiro'. Falei: 'Eu? Mas padre Antonio, será que eu vou conseguir?' Ele disse: 'Vai sim e a única pessoa indicada é você'. E disse que eu tinha que arrumar um mutirão de homens para ajudar. Então viemos ver o terreno, ele me mostrou aquela data onde está o salão e depois essas duas aqui onde teria que sair a igreja. Arrumei uma turma e começamos a fazer. Tudo colega, pra não ter que pagar mão-de-obra. Pedi para um pedreiro riscar certinho para a gente fazer o alicerce, levantar as paredes e tudo. Daí sai a pedir mercadoria pela cidade. Naquela época eu tinha um Fusca e andava a cidade inteira. Ganhamos tijolo, cimento, pedra, cal, areia, telha, os vitrões do salão eu lembro que comprei num ferro velho em Londrina... Para dizer bem a verdade pra vocês, naquela época não tinha dízimo, não tinha nada. Fizemos o salão e a capela com doações e com festas aqui. Tudo quanto é tipo de festinha nós fazíamos aqui na frente. Eu e a Marlene chegamos a dormir dentro da capela, erguida só as paredes, sem o telhado e sem os vitrões, para tomarmos conta de uma festa que a gente fazia aqui na frente. Ela dormia um pouquinho, eu ficava na barraca, depois eu vinha deitar um pouco. Foram muitas festas que fizemos. Pegamos também festas juninas na Praça e a Festa do Caminhoneiro [Conjuncto Serraia]. Esses vitrões que hoje estão na capela foram doados pelos irmãos Pedro Terquelli e Nelson Terquelli, já falecidos. Eles me doaram até a mão-de-obra. Já esse piso que está aí eu ganhei da Dona Teresa Seto, que tinha vindo do Japão e deu esses 300 metros [quadrados] de piso da igreja. Eu pedia tanto pela cidade que o comércio de Ibiporã já não podia me ver mais. Me viam e perguntavam: 'Arnaldo, o que você veio pedir hoje?' Quando foi pra fazer esse contrapiso, fiz uma promoção do cimento. Foi o Dilson, o Lourenço, que eram construtores, e me disseram quanto ia gastar aqui. Ganhei a pedra, a areia e 110 sacos de cimento. Hoje agradeço à minha esposa, à comunidade que eu tenho aqui, que é valente, que é guerreira, não tenho nada a reclamar dessa comunidade. Toda vida nos ajudou, nos prestigiou, em tudo que fazíamos aqui na capela." (Arnaldo Júlio Carvalho Borges)

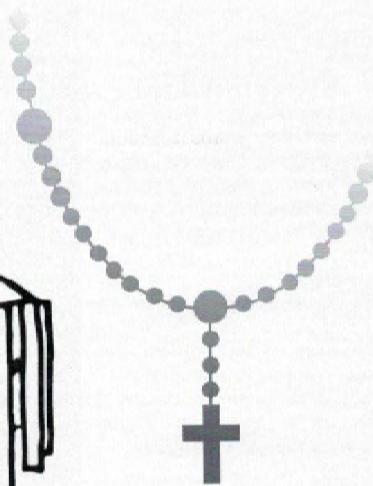
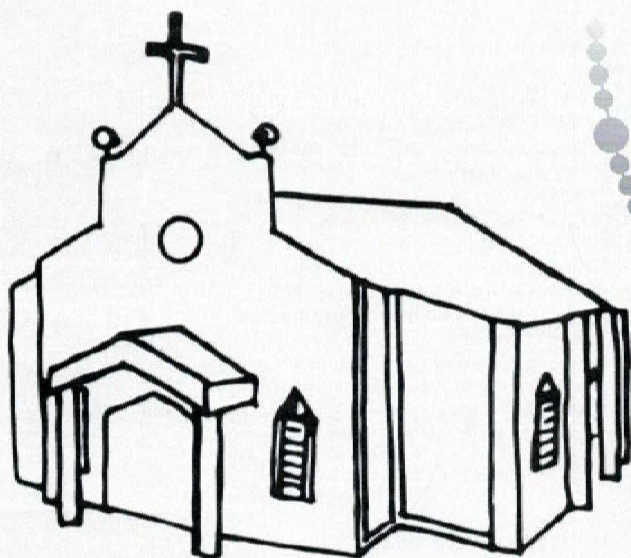
"Quando eu mudei há 47 anos na casa que eu moro hoje, aqui era tudo sitio. Morei cinco anos sem água e sem luz. Usávamos lampião a gás e água de poço. Passamos muitas dificuldades. Aos poucos a comunidade foi aumentando e surgiu a capela, que foi entregue para o Arnaldo e os outros companheiros dele construírem, muitos já falecidos. Aqui era só pasto e terreno baldio, onde pastavam cavalos, cabritos. O terreno foi doado pelo padre João e são quatro datas. Começamos a fazer aquele salãozinho, rebocamos por dentro, era piso bruto e começou a ter missas ali e a catequese. Depois, para a igreja, tivemos que fazer muita festa e bingo. A festa era nessa rua inteira. Começava lá de baixo, fazíamos palco e a festa era na frente da igreja. Era no mês de dezembro, que é o aniversário da padroeira. Teve três pessoas que ajudaram muito a gente nas barracas: sr. Pedro Terquelli, que foi o braço direito, sr. Joaquim Orozimo e o sr. Antonio Spalonce. O sr. Terquelli ficava no caixa e era ótimo contador. Não sobrava e não passava, sempre dava certinho. Hoje a igreja está aí, graças a Deus. Quando chego aqui dentro, me sinto muito bem... Aqui eu cuido muito melhor que a minha casa, porque é a casa de Deus." (Marlene Chagas Borges)

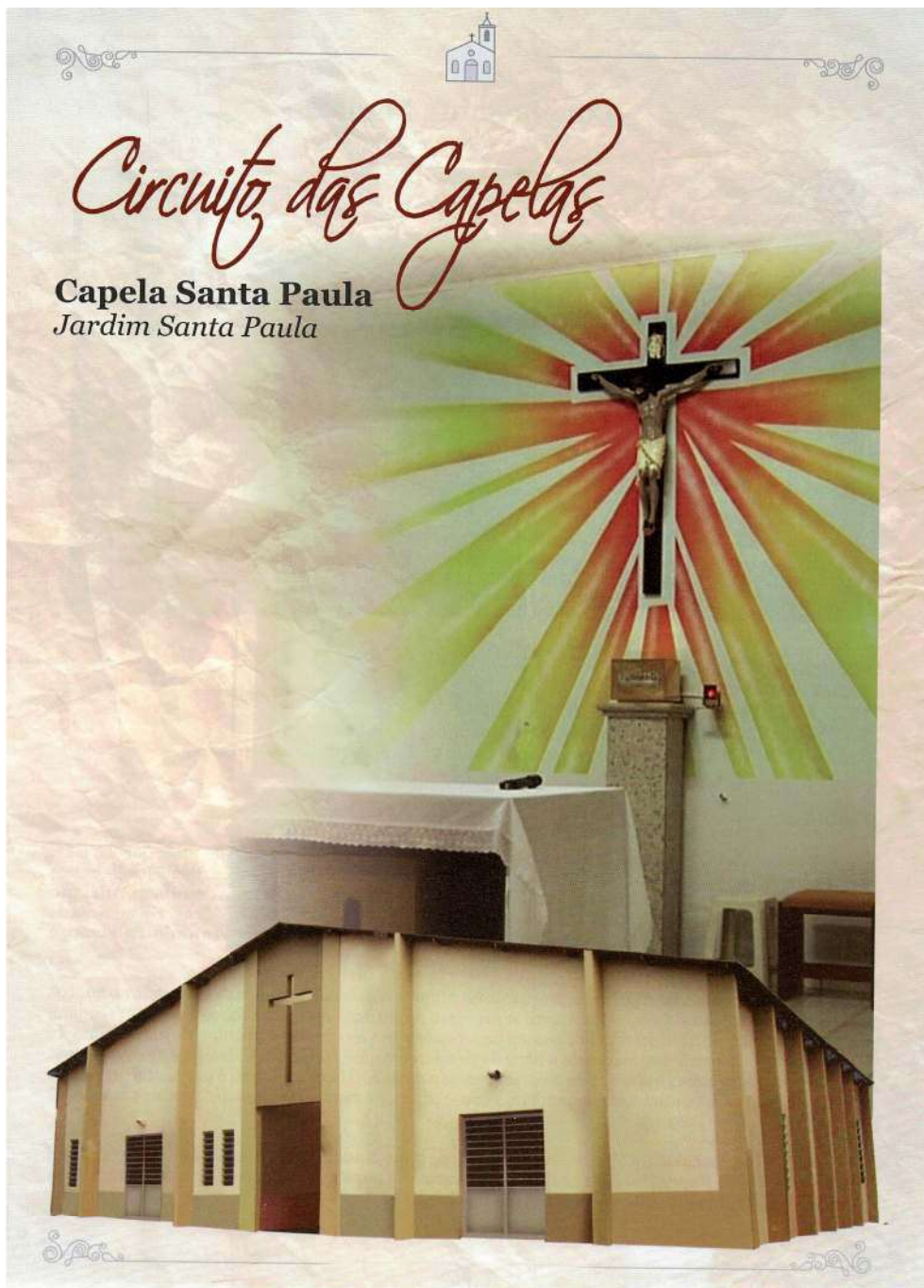




"Participo da capela há uns 20 anos. Começamos com os jovens ajudando nas festas e lembro que teve vez de posarmos nas barracas. Vários jovens colaboravam e ainda hoje colaboram conosco. Lembro de quando as celebrações eram aqui ao lado, onde hoje é o centro catequético, muito pequeno. Eram muitas pessoas e não cabiam no salãozinho. Afinal, a comunidade em si é grande, mesmo sendo próxima do Centro. Sentimos que a comunidade participa bastante das atividades e procuramos todos os anos vivenciar a memória da nossa padroeira, fazendo peças teatrais sobre a vida dela. Nosso objetivo é que as pessoas conheçam e não se esqueçam do que ela viveu, o porquê de ser chamada de Nossa Senhora Crucifixa di Rosa, nome que foi escolhido por causa da sua história." **(Débora Borges)**

"Eu tinha 9 anos quando comecei no Coral Menino Jesus. Ensaivamos num salãozinho ali no fundo e cantávamos também na rua em dia de celebração. Depois que o sr. Arnaldo começou a construir a igreja, passamos a cantar na capela. Hoje participo do grupo de oração e toco na missa ou nos cultos aqui. O Coral Menino Jesus já não temos mais, se encerrou, mas temos várias pessoas daquela época participando e novos grupinhos que hoje cantam nas missas. Essa capela teve e tem uma importância muito grande na minha vida. Comecei as coisas aqui. O meu coração está fundado junto com a capela." **(Patrícia Maria de Melo)**





Capela Santa Paula

Jardim Santa Paula



1ª CELEBRAÇÃO: 01/01/1999
INAUGURAÇÃO: 20/09/2003
LOCALIZAÇÃO: Rua Santa Luzia – Jd. Santa Paula
FESTIVIDADES: 11 de junho – Dia da Padroeira (Santa Paula Frassinetti)
HORÁRIO DE MISSAS: sextas-feiras, às 20h, e todo 2º domingo do mês, às 10h.

Histórico

A comunidade católica do Jardim Santa Paula começou a se reunir no final de 1998, quando o **sr. Francisco Sena**, verdureiro no bairro, resolveu fazer uma Novena de Natal nas casas. Daqueles encontros surgiu a 1ª equipe de coordenação da futura capela, que tinha o sr. **Francisco Sena, Ademilson, Adriano e Roberta**. Dias depois foi celebrada a 1ª missa na comunidade, na casa de Francisco Sena. Foi num dia de Ano Novo, 1º de janeiro de 1999, celebrada pelo então pároco da Matriz, **padre Antônio Palermo**, e concelebrada pelo **padre Daniel Belussi**, do PIME.

Hélio Carvalho de Aguiar lembra daqueles primeiros tempos. “Quando cheguei aqui, no final de 1988, as missas eram celebradas nas casas. A primeira foi na casa do sr. Francisco Sena. Em seguida, compramos o terreno aqui da capela e passamos a celebrar no terreno ou no campo de futebol. Isso foi durante uns dois anos até que iniciamos a obra da capela, com ajuda do padre Valentim e de quermesses. Depois o povo foi se conscientizando de contribuir com o dizimo. O padre Antônio é que rezava as missas campais. A gente improvisava um caminhão, fazia o altar em cima e quem podia sentar, sentava, os demais ficavam de pé”, recorda.

Mais tarde, formou-se a 1ª diretoria da capela, de 2000 a 2002, com os seguintes membros: **João Artur, José Félix, Expedito, Acir, Adauto e Silvana**. Na sequência, de 2002 a 2004 entraram **José Luiz, Sérgio, Reginaldo, Margarida, Sérgio Paulo e Braz**.



Missa campal de 1ª Comunhão, com o padre Antônio Palermo

Primeiro foi construído o salão

“No início não tínhamos bancos nem lugar para fazer reuniões e catequese. Foram rezadas várias missas no campo de futebol, em cima de caminhão”, conta Sérgio Paulo dos Santos, atual presidente. “Reunimos doações das pessoas e com a ajuda dos padres **Antonio Palermo** e **Valentin Rusconi** fomos conseguindo tudo”. A catequese iniciou na casa do sr. Francisco, onde havia sido a 1ª missa, e a partir de 2000 as celebrações começaram a ser todos os meses.

Depois a comunidade batalhou por um terreno para construir a igreja e primeiro levantou um salão, onde aconteciam todas as atividades (foto a seguir). Em 2004 o **padre Valentin Rusconi** transformou o salão em igreja.



Capela iniciou com o salão, onde aconteciam as missas e festas. Tinha apenas essa parte acima



Padre Valentin Rusconi, do PIME, em dia de casamento comunitário na capela

Em 2014, quando foram coletados os dados, a diretoria em era formada por **Sérgio Paulo dos Santos, Claudemir Rodrigues Pereira, Edmilson, Reginaldo e Braz**.

Com o mesmo nome do bairro, a comunidade tem como padroeira **Santa Paula Frassinetti** (v. imagem), uma santa italiana que viveu no século XIX. Nasceu em 1808 em Gênova e morreu em 1882, em Roma, sendo a fundadora da Congregação de Santa Dorotéia. Inicialmente sua congregação tinha o nome de Filhas da Santa Fé, com o propósito de evangelizar por meio da educação (mantinha colégios), com preferência pelos jovens e os mais pobres.



Santa Paula Frassinetti



Após a ampliação, capela e salão ficaram sob a mesma cobertura



Interior da capela em dia de missa

* Colaboração (dados e fotos): Sérgio Paulo dos Santos e Lúcia Bandeira

Depoimentos

Na visita à comunidade, dia 07/11/2014:



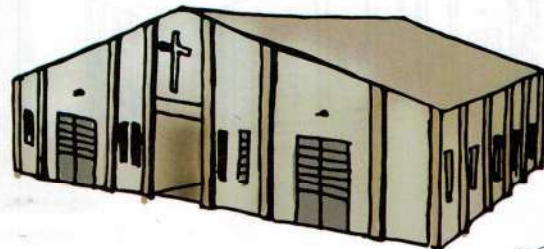
“Quando cheguei aqui, no final de 1988, não tinha a capela e as missas eram celebradas nas casas. Depois, durante uns dois anos foi num terreno vazio. Normalmente, era o padre Antonio que rezava as missas campais. A gente improvisava um caminhão, fazia o altar em cima e quem podia sentar, sentava, os demais ficavam de pé. Daí quando começou a construção, a missa passou a ser na rua aqui em frente. Uma coisa que eu achava legal era quando estávamos celebrando a missa, armava um tempo de chuva e o padre dizia: 'tomara Deus que não chova'. Não é que o tempo logo limpava? Isso foram várias vezes... Nunca aconteceu de tomarmos chuva.” (Hélio Carvalho de Aguiar)

“Quando a gente mudou aqui ainda era mato e havia só algumas casinhas populares. Na época, ninguém dava nada para esse bairro. Aí começaram as celebrações, com o padre vindo rezar no meio da rua. Eram umas quatro, cinco, seis pessoas, na rua ainda de terra. Mas era divertido e aquela união do início deixava a gente muito animado.” (José Francisco de Oliveira)



“No ano de 1988, quando cheguei aqui, não havia capela e eu me lembro de ir procurar o pessoal que fazia parte da igreja. Lembro que naqueles dias eles estavam cercando esse terreno com balaústres. Me coloquei à disposição e entrei nessa caminhada. Aqui seria um salão para festas e ao lado seria a capela, mas como esse lado foi construído primeiro, tivemos a bênção do padre Valentim, que transformou esse salão em capela. Depois é que surgiu o outro salão, que é usado para catequese e reuniões. Foi muito difícil conseguirmos ajuda do pessoal para levantar e pagar a mão-de-obra. Fizemos quermesses, promoções com barraquinhas na rua e alguns padres da Itália trouxeram arrecadações de fora. Todos nos ajudaram nessa luta, senão não teríamos conseguido. Foi uma luta boa... Sentimos saudades das primeiras missas, que eram num salãozinho pequeno, o padre mal tinha como se mexer, como toda a comunidade dentro daquele espaço, que chegava a ter 100 pessoas.”

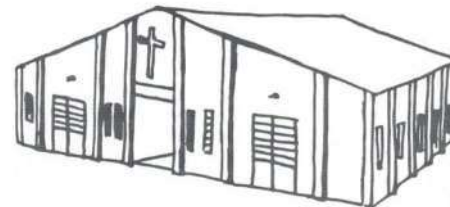
(Claudemir Rodrigues Pereira)



“Ajudei a cavocar os primeiros buracos aqui da igreja, junto com a comunidade. Doamos um pouco do nosso trabalho, da nossa vontade e estamos caminhando sempre nesse sentido, com um ajudando o outro. O sr. Francisco Sena é muito conhecido aqui no bairro, era o nosso verdureiro e é o ministro da Eucaristia, uma pessoa muito importante para nós. Além dele, temos outros ministros: o Hélio, o Denilson, a dona Tereza e o Claudemir. Nossa comunidade evoluiu bem. Eu até acho que poderia ter feito mais, mas estou procurando ajudar, sempre pedimos a colaboração das pessoas para melhorar a nossa capela.” (Wilson Martins)



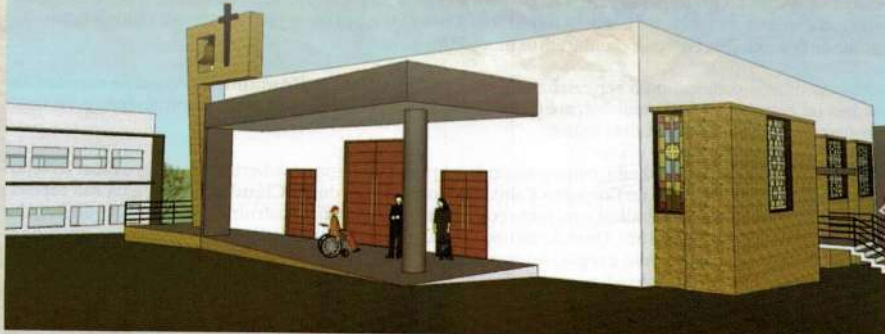
“Me mudei para o Jardim Santa Paula no dia 1º de novembro de 1999 e a partir de 2000 comecei a trabalhar na comunidade. Quando o padre disse para construirmos uma capela nesse terreno, construímos primeiro esse salão, que, devido à situação financeira da época, acabou se transformando em igreja, e ficou bom. Adequamos para capela e colocamos o Santíssimo. De lá, para cá, com a ajuda das pessoas e dos padres, a comunidade foi crescendo.” (Sérgio Paulo dos Santos)



Santa Paula Frassinetti atuou na área da educação



**Paróquia
Nossa Senhora
das Graças**
Jardim Kaluana



Paróquia Nossa Senhora das Graças
Jardim Kaluana



Projeto da futura igreja, que ficará ao lado do Centro Pastoral, na Rua Ibrahim Prudente da Silva

1ª CELEBRAÇÃO: 2005 (missa campal com padre Cláudio Romano)
INAUGURAÇÃO: 2009 – Centro Pastoral (a igreja ainda não foi construída)
LOCALIZAÇÃO: **Jardim Kaluana**
FESTIVIDADES: Dia de Nossa Senhora das Graças – 27 de novembro
HORÁRIO DE MISSAS: todos os domingos, às 8h. e no 1º sábado do mês, às 19h.

Inicialmente, uma gruta em agradecimento por uma graça

Comunidade de história recente, que abrange os novos conjuntos da região Sudeste de Iporã, abaixo do CAIC, a capela do Jardim Kaluana surgiu de uma gruta construída em 2005 na casa de **Ezalfino e Cristiane**, em agradecimento por uma graça recebida e por terem enfim conseguido “a casa própria”. Construíram no local uma pequena gruta com a imagem de Nossa Senhora das Graças.

Meses depois, um casal da comunidade, **Roberto e Aparecida**, tiveram a sua filha recém-nascida “desenganada” pelos médicos, devido a um problema sério de saúde. As famílias da redondeza passaram então a se reunir na gruta para rezar o terço, pedindo pela criança. “No auge da sua fé, o pai da menina entregou a vida da filha a Nossa Senhora das Graças. Como a criança conseguiu recobrar a saúde, deram-lhe o nome de **Bianca das Graças**”, contaram os moradores no histórico.

As missas começaram a ser celebradas pelo **padre Cláudio Romano**, em cima de carretas de tratores ou carrocerias de caminhões, até que a comunidade conseguiu um terreno emprestado e fez uma barraca coberta com lona para ali se reunir.

Padre Cláudio, empenhado, conseguiu junto ao prefeito da época, Alberto Baccarim, o atual terreno para a construção da capela, no Conjunto Kaluana. “Com a ajuda do sr. **Cláudio Motta** e da sua esposa **Lúcia**, que começaram os trabalhos aqui junto com a **Emilia Saviski**, construímos um barracão aberto, de madeira, somente com cobertura. Quando começou a surgir essa comunidade, eu fazia parte da Capela São Geraldo (Vila Esperança). Como a região foi crescendo, o padre pediu que eu descesse para cá, para somar forças com os que já haviam iniciado o trabalho”, conta **Paulo César Soares**.



Apesar dos primeiros sinais visíveis de Nossa Senhora das Graças na comunidade, “pensamos em chamar a capela de Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos”, contaram os fundadores. Porém, num certo dia de reunião do CPP (Conselho de Pastoral Paroquial), **padre Cláudio** trouxe uma imagem de Nossa Senhora das Graças que havia ganhado de um doador. Então disse: “Vamos sortear entre as capelas que estão surgindo em Ibiporã e que ainda não possuem padroeiro.” Aí veio a confirmação: a imagem (foto) foi sorteada justamente para o Jardim Kaluana.

Padre Cláudio enviou então **Paulo César Soares**, que trabalhava na capela da Vila Esperança para formar o 1º Conselho e iniciar os trabalhos litúrgicos na comunidade. Seus pais, **Tomé Soares Neto e Orides Luzia Soares**, também auxiliaram a nova capela naquele início e a frequentam até hoje.



À esq. a imagem sorteada para a capela do Kaluana. Acima, dona Orides e o sr. Tomé, sitiantes pioneiros da região e pais de Paulo Soares

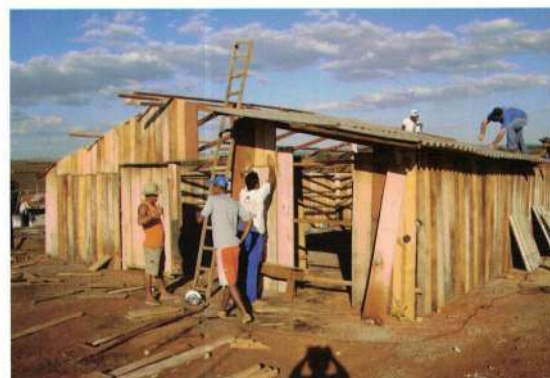


Procissão de fiéis na coroação da padroeira, em 2014

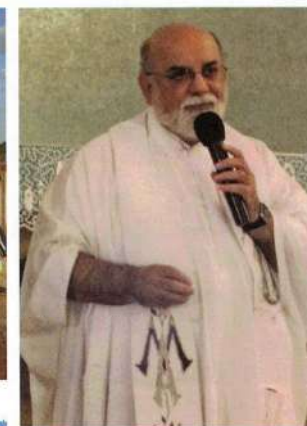
Começa a movimentação para a construção

Com a primeira diretoria, presidida pelo **sr. Cláudio Motta**, foi feito o fechamento do barracão com tábuas, e iniciou-se uma sequência de quermesses, show de prêmios e promoções para iniciar uma construção em alvenaria.

Surgiram muitos movimentos e pastorais, a fé aumentava, mas a comunidade diz ter sofrido a sua primeira derrota com a morte do padre Cláudio, em 26/08/2007. “Seu sucessor nos deu mais ânimo. Era o **padre Jorge Pecorari** (o qual homenageamos com o nome do centro pastoral). Veio com força total e sugeriu que iniciássemos a obra com esse centro pastoral, que serviria para celebrarmos a Eucaristia, a catequese, e continuarmos com nossas promoções para angariar fundos para a futura igreja”.



Fechamento do barracão com tábuas



Depois de fechado, barracão passou a ser o local das missas



Padre Cláudio (no alto) iniciou com as missas e padre Jorge (acima) deu impulso para a construção do Centro Pastoral

Então **padre Jorge**, com grande empenho e ajuda de seus compatriotas italianos, destacando aqui o **padre Luizinho**, realizou um ambicioso projeto, visionário. Ele sabia que a comunidade cresceria muito e projetou o atual centro pastoral, que leva o seu nome.

“Então veio a nossa segunda derrota: o padre Jorge faleceu um ano depois [em 10/10/2008]. Assim como havia ocorrido da última vez, o seu sucessor, **padre Giarcarlo Vecchiato** chegou e nos animou com um espírito de jovem, e juntos erguemos o prédio de dois andares, de alto padrão, um amplo salão na parte de baixo, com banheiros e cozinha, e na parte de cima, salas de catequese, de reuniões, banheiros, secretaria e escritório”.

Passou a ser paróquia

Na sucessão da diretoria do conselho, veio **Emília Saviski** e já com o novo pároco, **padre Delcídes de Souza**, iniciaram a nova fase da capela transformada em paróquia em 2014 pela Arquidiocese de Londrina. A nova Paróquia Nossa Senhora das Graças, que tem como pároco **padre Antônio Acir Squarcini** passou a abranger as capelas do Engenho de Ferro, Poço Bonito, Jardim Bom Pastor, Vila Esperança e Jardim Pinheiro. Também em 2014 assumiu um novo conselho paroquial tendo à frente o sr. **Alécio**, e o padre Acir (popular 'João de Barro', segundo os paroquianos), que tem a missão de liderar a construção da igreja, dedicada a Nossa Senhora das Graças.



temos nossa igreja pronta. Agora vamos trabalhar para iniciar a construção da Matriz Nossa Senhora das Graças, que também requer que continuemos fazendo festas, promoções para levantar dinheiro. Não será fácil, mas teremos muita ajuda.” (**Vladimir Antônio dos Santos**)



O Centro Pastoral: projeto ambicioso do padre Jorge



O prédio concluído – foto de março de 2014

“Cheguei aqui há 6 anos e moramos no Conjunto Agenor Barduco. A construção desse Centro Pastoral se iniciou há uns 3 anos. O padre Cláudio Romano iniciou toda essa movimentação para a construção. Depois, com o falecimento dele, o padre Jorge continuou, mas também faleceu. O padre João Carlos, o padre Nerela fizeram parte da comunidade, participando com a gente e hoje temos a construção, que seria o nosso salão de festa e a nossa sala de catequese, mas usamos o salão de festa como igreja, porque passamos a paróquia, mas ainda não

Dia da Padroeira

No dia da visita à capela (em 27/11/2014), quando houve a Coroação da Padroeira, entrevistamos as seguintes lideranças: **Vladimir Antônio dos Santos**, ministro da capela; **Marta Pereira Benevides**, que falou sobre o início do bairro e a história da menina Bianca; **Orides Luzia Soares**, dona do sítio onde hoje ficam a capela e os bairros do entorno; e **Paulo César Soares**, líder comunitário que veio da Capela da Vila Esperança e dirigiu o 1º Conselho da Comunidade do Kaluana.

* colaboração com dados e fotos: Paulo César Soares e Emilia Saviski



Missas são no salão enquanto não se inicia a igreja



Coral infantil no dia da coroação



Pároco é o padre Acir Squarcini

Depoimentos

No dia da visita à comunidade: 27/11/2014



“Antes da capelinha (gruta) aqui era só a lavoura, quando eu entrei, não existiam esses conjuntos e o meu marido arrendava essa terra e tocava lavoura. De primeiro plantava algodão, depois trigo e soja. Quando foi vendido este sítio e construídos esses conjuntos, as novas famílias começaram a rezar na gruta, e de lá surgiu um milagre de Nossa Senhora das Graças e depois coincidiu que fizeram na paróquia um sorteio da imagem de Nossa Senhora das Graças, que veio para nós. Daí começou a luta, de ir na prefeitura pedir terreno e os padres rezavam as missas em cima de caminhão ou de trator, até que surgiu a idéia da capela, que no começo foi um barracãozinho de madeira. Surgiram os conjuntos, veio a luz elétrica, o ônibus e foi crescendo. Eu tenho muita lembrança dos padres Cláudio e Jorge, que se foram. Foram fundadores daqui, eles lutaram para construir esse Centro Pastoral. Fizeram carnês, espalharam pela cidade, cada um ajudou um pouquinho, faziam festas e os padres também trouxeram dinheiro de fora, porque se gastou bastante aqui e a comunidade é pobre.” (Orides Luzia Soares, pioneira)

“Quando iniciou a comunidade, as primeiras celebrações eram no chão mesmo ou em carretas de tratores, ou em carrocerias de caminhões. Aos poucos foi aumentando a comunidade, ganhando vida, até que conseguimos este terreno pela prefeitura, onde construímos o primeiro barracãozinho de madeira, todo aberto, apenas com telhado. Mas viu-se a necessidade de construir uma paróquia. Os nossos párocos da época viam essa necessidade, por causa quantidade de conjuntos novos e de pessoas que estavam vindo morar para o lado de cá. Então, deu-se início a esse projeto do Centro de Pastoral, com ajuda do PIME, que na época administrava aqui, juntamente com os nossos esforços, nossas festas e trabalhos, com toda a comunidade empenhada. Com o empenho de todos e ajuda dos padres, conseguimos construir esse Centro Pastoral, que é motivo de glória. Hoje celebramos as missas aqui, temos o centro catequético, o espaço de reuniões e já estamos com planos de iniciar a nossa igreja propriamente dita.” (Paulo César Soares)



“A Cristiane, que é colega minha, queria que a Emilia fizesse uma gruta na casa dela porque ela havia recebido muita graças de Nossa Senhora das Graças. Depois na frente da casa dela, nasceu aquela criança chamada Bianca, que ficou entre a vida e a morte, a comunidade se juntou e fizeram novena a Nossa Senhora das Graças. No último dia da novena, a criança saiu da UTI e até hoje é uma criança saudável, inteligente. Um fato que me marcou bastante foi quando eu vi o marido da Emilia Saviski passando nas casas pegando um abaixo-assinado para que nesse lugar aqui fosse feita uma igreja. Nunca me esqueço. E hoje eu vejo isso aqui e penso: ‘Que legal, isso surgiu de apenas um ato.’ (Marta Pereira Benevides)

